



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**  
**MESTRADO EM PSICOLOGIA**

**FELIPE FOOK BASTOS**

**A PSICOLOGIA E AS INTERVENÇÕES ASSISTIDAS POR ANIMAIS COMO  
RELAÇÃO DE CUIDADO: um estudo fenomenológico da literatura**

São Luís – MA

2021

**FELIPE FOOK BASTOS**

**A PSICOLOGIA E AS INTERVENÇÕES ASSISTIDAS POR ANIMAIS COMO  
RELAÇÃO DE CUIDADO: um estudo fenomenológico da literatura**

Dissertação apresentado ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Maranhão para a Linha de Pesquisa 1: Avaliação e Clínica Psicológica, como requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia

Orientador: Prof. Dr. Jean Marlos Pinheiro Borba;

Co-orientador: Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>o</sup>. André Vinicius Dias Senra.

São Luís – MA

2021

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Fook Bastos, Felipe.

A PSICOLOGIA E AS INTERVENÇÕES ASSISTIDAS POR ANIMAIS  
COMO RELAÇÃO DE CUIDADO: : um estudo fenomenológico da  
literatura / Felipe Fook Bastos. - 2021.  
315 f.

Coorientador(a): André Vinícius Dias Senra.

Orientador(a): Jean Marlos Pinheiro Borba.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em  
Psicologia/cch, Universidade Federal do Maranhão, São  
Luís, 2021.

1. Cuidado. 2. Ética. 3. Fenomenologia. 4.  
Intervenção Assistida por Animais (IAA?s). 5. Psicologia.  
I. Marlos Pinheiro Borba, Jean. II. Vinícius Dias Senra,  
André. III. Título.

**A PSICOLOGIA E AS INTERVENÇÕES ASSISTIDAS POR ANIMAIS COMO  
RELAÇÃO DE CUIDADO: um estudo fenomenológico da literatura**

Dissertação apresentado ao Programa de Pós-graduação em  
Psicologia da Universidade Federal do Maranhão para a Linha  
de Pesquisa 1: Avaliação e Clínica Psicológica, como requisito  
para obtenção do título de Mestre em Psicologia

Examinada e aprovada em: 30 11/2021 /

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Dr. Jean Marlos Pinheiro Borba (Orientador)

Doutor em Psicologia

Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Prof. Dr. André Vinícius Dias Senra (Co-orientador)  
Doutor em História das Ciências, das Técnicas e Epistemologia

Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ)

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Valéria Marques de Oliveira

Doutora em Psicologia

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Fernanda Peixoto Martins

Doutora em Biologia

Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA)

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Dayse Marinho Martins (Suplente)

Doutora em Políticas Públicas

Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por ter-me permitido todas as oportunidades e condições de exercer esta pesquisa, e por ter zelado pela saúde de todos durante os tempos difíceis que a humanidade vivenciou.

Agradeço ao meu caríssimo Orientador, Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>o</sup>. Jean Marlos Pinheiro Borba, pela paciência, orientações e liberdade, mas principalmente, pela presença, pelas conversas, pela abertura, disponibilidade, amizade, inspiração e confiança.

Agradeço também ao meu co-orientador, Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>o</sup>. André Vinícius Dias Senra, pelas discussões, sugestões, orientações e incentivos. O contato com suas perspectivas fenomenológicas levaram-me à reflexão e enriqueceram esta pesquisa de um modo ímpar.

Agradeço a todo Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Maranhão, especialmente aos professores que compõe o Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPSI). Agradeço também à comunidade universitária em geral pelos momentos felizes e agradáveis desta que foi uma segunda casa por oito anos.

Agradeço aos meus pais, pela determinação e exemplo, por terem me transmitido os valores, a bondade e a firmeza necessária para conduzir a minha vida em direção a melhor vida possível. Agradeço especialmente a minha mãe pela compreensibilidade diante das dificuldades deste processo, pelo acolhimento, carinho e amor. Agradeço ao meu pai pelas conversas, palavras de sabedoria, e por sempre me estimular a ser curioso e instigar meus gostos por aventuras.

Agradeço aos meus irmãos, Larissa e Gustavo, pelo amor, carinho e paciência. Pelas risadas, honestidade, leveza e por carregarem muitos fardos juntamente comigo.

Agradeço enormemente à minha namorada, Nathyelle, por todo amor, estímulo e suporte. Por me mostrar o mais puro e sincero amor. Sou grato pelo seu dom em fazer dos maus momentos, bons; por dar cores aos meus dias, pelos sorrisos que pôs em meus lábios, pela leveza que trouxe aos meus dias

Agradeço a minha família mais ampla, minhas tias e tios: Klauber, Karla, Inaldo, Rachid, Lucivanda, Karol e Danilo, que sempre me receberam e acolheram com todo o amor. Uma dedicação especial à minha avó Bitá, falecida este ano, cuja alegria, o gosto por samba e pela cor dourada lhe habitaram o espírito, mesmo em seus momentos finais.

Agradeço aos colegas de mestrado, que tantas vezes compartilharam suas dificuldades e risadas, e em quem encontrei amizades sinceras e diálogos profundos. Um agradecimento especial ao Thiago Linhares, a Brenda Machado e a Thaísa Privado.

Agradeço aos amigos que a vida me deu, e que, apesar de minhas ausências, displicências e atrasos, insistem em buscar minha companhia. Dedico esta mensagem à Gabriel Matos, Davi Santiago, Vito Junqueira Ayres, Gustavo Santos, Luana Ely, Roque Fiquene, Ana Beatriz Adler, Guilherme Rayol, Guilherme e Gabriel Almeida, Lucas Christiano, Anselmo Jansen, Luanda Queiroz e João Pedro Gomes.

*“Quem estará nas trincheiras ao teu lado?  
- E isso importa?  
- Mais do que a própria guerra”.*

Ernest Hemingway

*“Não há nada na escrita.  
Tudo que você precisa fazer é sentar-se  
diante da máquina de escrever e  
sangrar”.*

Ernest Hemingway

## RESUMO

Essa pesquisa investigou as Intervenções Assistidas por Animais (IAA'S) como prática emergente da Psicologia por meio da Fenomenologia de Edmund Husserl (1859-1938). Desse modo, entende-se por Intervenções Assistidas por Animais as seguintes práticas interventivas: Educação, a Terapia e a Atividade Assistida por Animais. Configura-se como uma intervenção interdisciplinar caracterizada pela presença de um animal não humano, e visam benefícios para a pessoa. Considerando a congruência do referencial epistemológico, teórico e metodológico, a Fenomenologia permitirá compreender o sentido do conhecimento publicizado por profissionais de Psicologia sobre essa temática. Investigou-se as produções técnico-científicas sobre as IAA's, produzidas por profissionais da Psicologia por meio de uma análise fenomenológica. Portanto, a questão norteadora é: quais as evidências reveladas por uma análise fenomenológica das produções técnico-científicas sobre as IAA's produzidas por profissionais da Psicologia? Alcançando, então, o objetivo de compreender as relações éticas e de cuidado evidenciado por meio destas produções. Ademais, discute-se a possibilidade das Intervenções Assistidas por Animais (IAA's) no processo de avaliação e intervenção psicológica; problematiza-se as intenções destes profissionais, evidentes nas produções levantadas, ao realizar avaliações e intervenções mediadas por animais; e sistematizar os modos como os fenômenos do cuidado e da ética estão evidenciados na literatura das Intervenções Assistidas por Animais.

Palavras-chave: Fenomenologia; Intervenção Assistida por Animais (IAA's); Psicologia; ética; cuidado.



## **ABSTRACT**

The investigation intends to know how Animal Assisted Interventions as an emerging practice of Psychology through the Phenomenology of Edmund Husserl (1859-1938). Thus, the following interventional practices are accepted as Animal Assisted Interventions: Education, Therapy and Animal Assisted Activity. It is understood as an interdisciplinary intervention characterized by the presence of a non-human animal, and aimed at benefits for humans. It expects a congruence of the epistemological, theoretical and methodological framework, a phenomenology that allows us to comprehend the meaning of knowledge published by Psychology professionals about this theme. It will investigate the technical-scientific productions on Animal Assisted Interventions, produced by Psychology professionals through a phenomenological analysis. Therefore, the guiding question is: what are the meanings revealed by a phenomenological analysis of technical-scientific productions about Animal Assisted Interventions produced by professionals of Psychology? Reaching, then, the evidence of ethical relationships and care in these productions. Furthermore, the possibility of Animal Assisted Interventions in the process of psychological assessment and intervention is discussed; the intentions of these professionals are problematized, evident in the productions raised, when carrying out evaluations and interventions mediated by animals; and systematize the ways in which the phenomena of care and ethics are evidenced in the literature on Animal Assisted Interventions.

**Keywords:** Phenomenology; Animal Assisted Intervention; Psychology; ethic; Care

## **LISTA DE FIGURAS E QUADROS**

QUADRO I – Quadro contendo critérios de exclusão e inclusão dos artigos revisados.....	144
FIGURA I – Diagrama Prisma demonstrando o fluxograma da pesquisa.....	146

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

AAA – Atividade Assistida por animais.

AAAs – Atividades Assistidas por animais.

EAA – Educação Assistida por Animais.

EAAAs – Educações Assistidas por Animais.

IAA – Intervenção Assistida por Animais.

IAAs – Intervenções Assistida por Animais.

TAA – Terapia Assistida por Animais.

TAAAs – Terapias Assistidas por Animais.

HUA – Obras Husserlianas, organizadas por subseqüentes algoritmos romanos (ex: HUA XXXVI).

“Um gato tem honestidade emocional absoluta: os seres humanos, por uma razão ou outra, podem esconder os seus sentimentos, mas o gato não”.

Ernest Hemingway

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO I</b>	<b>13</b>
<b>Histórico da pesquisa:</b> percurso acadêmico	<b>13</b>
<b>O Problema de Pesquisa:</b> o que se almejou pesquisar?	<b>16</b>
<b>Relevância social e científica da pesquisa</b>	<b>22</b>
<b>Os caminhos seguidos:</b> considerações preliminares sobre o método	<b>30</b>
<b>A Metodologia da Pesquisa</b>	<b>32</b>
<b>Apresentação dos demais capítulos:</b> a estrutura da dissertação	<b>39</b>
<b>Advertências e considerações sobre a escrita</b>	<b>42</b>
<b>CAPÍTULO II</b>	<b>44</b>
<b>A fenomenologia de E. Husserl:</b> história, desenvolvimento e conceitos.	<b>46</b>
<b>Propostas, críticas e possibilidades para pensar a ética</b>	<b>55</b>
<b>Das Obras Husserlianas que tratam Especificamente da Ética</b>	<b>61</b>
<b>O fenômeno do Cuidado na Psicologia e nas IAA's:</b> uma visada fenomenológica	<b>69</b>
<b>CAPÍTULO III</b>	<b>71</b>
<b>Vínculo, humanidade e animalidade:</b> o especismo enquanto questão.	<b>72</b>
<b>Um olhar fenomenológico sobre a situação da animalidade e da humanidade</b>	<b>84</b>
<b>Considerações sobre as Intervenções Assistidas por Animais:</b> aspectos relevantes e o olhar fenomenológico.	<b>98</b>
<b>CAPÍTULO IV</b>	<b>114</b>
<b>Uma fenomenologia de ....</b>	<b>114</b>
<b>A fenomenologia enquanto ciência de essências e a questão do outro</b>	<b>116</b>
<b>A quinta meditação:</b> desdobramentos fenomenológicos sobre o outro	<b>119</b>
<b>A relação homem-animal diante da quinta meditação</b>	<b>130</b>
<b>Uma fenomenologia do cuidado</b>	<b>136</b>
<b>Uma fenomenologia do cuidado e algumas questões para a Psicologia.</b>	<b>140</b>
<b>Reflexões do Capítulo</b>	<b>146</b>
<b>CAPÍTULO V</b>	<b>148</b>
<b>Do Processo de Pesquisa: o que foi encontrado, como foi encontrado e algumas apresentações gráficas dos achados.</b>	<b>150</b>
<b>Caracterização dos achados:</b> uma primeira descrição dos conhecimentos produzidos	<b>154</b>
<b>Uma classificação descritiva dos artigos analisados</b>	<b>156</b>
<i>Os artigos empíricos</i>	<b>156</b>
<i>Os artigos teóricos</i>	<b>161</b>
<i>Revisões Bibliográficas</i>	<b>163</b>

<i>Demais Artigos</i>	164
<b>Síntese das tendências de pesquisa e publicações na área das IAAs</b>	<b>166</b>
<b>CAPÍTULO VI</b>	<b>168</b>
<b>O cuidado evidenciado: um compromisso ético e os limites epistemológicos.</b>	<b>169</b>
<i>A seleção dos animais</i>	171
<i>A compreensão sobre o bem-estar animal</i>	173
<i>O que um Psicólogo entende sobre animais não-humanos?</i>	176
<i>Sobre o funcionamento das Intervenções Assistidas</i>	178
<b>Fenômenos ocultados e abertura para novas possibilidades nas IAAs</b>	<b>184</b>
<b>Os objetivos alcançados e respectivas conclusões e inconclusões</b>	<b>188</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>192</b>
<b>APÊNDICE</b>	<b>204</b>

## CAPÍTULO I

### APRESENTAÇÃO DA PESQUISA

#### Prolegômenos e considerações iniciais

Esta pesquisa analisou a produção acadêmica de psicólogos sobre o tema das Intervenções Assistidas por Animais (IAAs), evidenciando o fenômeno do cuidado. Tarefa que hoje possui grande importância e relevância diante das questões éticas que se fazem presentes no modo como nós, enquanto comunidade, temos lidado com os demais animais.

Dito isto, situo que a finalidade deste capítulo é apresentar a pesquisa: sua proposta, importância e estrutura. Deste modo, iniciarei apresentando meu percurso acadêmico, para que seja clarificado os caminhos pelos quais me dirigir ao meu atual objeto de pesquisa. Consequente, apresentarei o que foi pesquisado, distinguirei os fenômenos envolvidos na pesquisa apresentando-os conceitualmente, e como eles se correlacionam.

Ademais, será apresentada as razões que nos levaram a estudar tais fenômenos, compreenderemos então a crítica epistemológica que nos propusemos a realizar, e a sua relevância social e científica. Em seguida, serão abordados alguns aspectos iniciais sobre o método. Afinal, como me propus a estabelecer tal crítica epistemológica? Por quais meios? E, finalmente, abordarei como a pesquisa será apresentada ao longo desta dissertação, a divisão de seus seis capítulos e o que há em cada um deles.

Assim, resta-me dizer que é preciso, inicialmente, justificar e apresentar com bastante clareza a proposta desta pesquisa, em todas as suas nuances, dos incômodos aos *insights*, que levaram a sua escrita; descrevo as motivações e a história dessa pesquisa, para que possamos compreender o que está realmente em questão com este trabalho. Deste modo, os derradeiros motivos para a execução desta pesquisa estão centrados em anos de pesquisas anteriores, que demarcam minha caminhada acadêmica.

#### **Histórico da pesquisa:** percurso acadêmico

Portanto, ao traçar minha trajetória, é oportuno demarcar ciclos, projetos e seus resultados. Assim, é importante registrar das inúmeras conversas e debates, dos encontros e discussões, dos diálogos que compuseram minha trajetória acadêmica, ao longo de cinco frutíferos anos de graduação, acrescidos do tempo necessário para a finalização do mestrado. Devo ratificar a importância que o Grupos de Estudos e Pesquisas em Fenomenologia e Psicologia Fenomenológica (GEPFPF), e o Grupo de Estudos e Pesquisas em Psicologia e Intervenções Assistidas com Animais (GEPIAA) tiveram, tanto nas atividades de estudo, quanto nas de pesquisa e nas organizações e participações de eventos.

Também devo muitíssimo aos conhecimentos e aprofundamentos obtidos no âmbito da fenomenologia husserliana, por meio do Ciclo de Estudos Husserlianos, cujos encontros ocorrem online. Que aqueceu as noites de terça com leituras e conversas amigáveis, apesar da distância geográfica dos membros.

Devo rememorar também os tempos de atividade do Grupo de Trabalho sobre Intervenções Assistidas por Animais, vinculados ao Conselho Regional de Psicologia do estado do Maranhão, das rodas de conversas e das propostas de ação ali pensadas. Embora nem todas tenham, efetivamente, sido alcançadas.

Ademais, não posso me esquecer de relatar as vivências que trouxeram as Intervenções Assistidas por Animais para o campo prático e que clarificaram, de modo bastante direto e evidente, a questão do vínculo homem-animal na atividade profissional do Psicólogo. Devo lembrar sempre das atividades voluntárias desenvolvidas no Lar de Idosos de São Luís, situado no bairro do São Francisco, na região metropolitana de São Luís – MA. Vivência na qual o contato com os animais presentificavam, para os idosos, memórias, muitas vezes longínquas dos seus respectivos tempos de infância e mocidade; ou ainda daqueles cujo animal suscitava algum ânimo ou humor específico, que por sua vez, predispunha o idoso à fala e a significação dos fenômenos de sua existência. Atividades estas realizadas com a presença e supervisão do orientador deste trabalho e de colegas de graduação.

Houve também o acolhimento de protetoras e defensoras da causa animal. Nessa experiência, foi proposta uma roda de conversa sobre os sofrimentos vivenciados por essas pessoas e as dificuldades de lutar por esta causa. Novamente, o voluntariado demonstrou fenômenos que, de algum modo, motivaram esta pesquisa. Perceber como estas pessoas enfrentavam os estigmas sociais, as pressões familiares, o endividamento, o sofrimento e a impotência diante de certos resgates; tomar consciência de toda esta dor gerada por uma atitude ética, uma escolha de não ignorar outro ser vivo em sofrimento e abandonado, sem dúvidas trouxeram reflexões e inquietações pertinentes.

Além disso, houve também as visitas que realizei, na companhia dos colegas do grupo e do Professor Jean Marlos, ao CENTRO POP, órgão que presta serviço especializado para população em situação de rua, mantido pela Secretaria Municipal da Criança e Assistência Social (SEMCAS) de São Luís. Lá, mas uma vez intui de modo muito claro o que é a vivência desse vínculo entre homem-animal, o que se está disposto a mobilizar nessa relação interespecífica. Muitos moradores de rua adotam animais, também em situação de rua, de modo que muitos compartilham do pouco que tem, ou ainda, para não abandonarem seus



companheiros, recusam a proposta de irem para o aluguel social, que é uma iniciativa do governo para alocar estas pessoas em um espaço físico mais adequado, longe das intempéries.

Também devo fazer menção às atividades de pesquisa, ao trabalho realizado durante três anos de iniciação científica, iniciados em 2015, que consistiram em um ano de pesquisa financiada pela CAPES, por meio do programa Jovens Talentos para a Ciência, e dois anos de pesquisa financiada pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). Esses primeiros anos tiveram como resultado algumas apresentações orais em eventos, e um artigo como principal resultado (BASTOS; BORBA, 2018). Neste artigo já começava a delimitar alguns aspectos sobre o vínculo homem-animal, desde sua história até algumas práticas que me puseram a pensar sobre os aspectos mais gerais e problemáticos que advinham desta relação.

Algumas questões, portanto, permaneceram abertas e foram aprofundadas em um ano de pesquisa e escrita do trabalho de conclusão de curso (BASTOS, 2018), apresentado ao Programa de Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Maranhão. Nesse trabalho algum avanço foi feito, em especial, acerca das considerações dos aspectos que dizem respeito à animalidade e à humanidade, sendo este o fundamento capital que permitiam que suas relações se estabelecessem dos modos correntes: o limite entre as concepções de humanidade e animalidade, mas principalmente as suas convergências.

É oportuno situar que, durante ambos os trabalhos, o vínculo homem-animal e as considerações sobre a animalidade e a humanidade permaneceram como pano de fundo para pensar e refletir sobre um conjunto muito específico de práticas: as Intervenções Assistidas por Animais, nas quais a questão animal encontra a Psicologia enquanto ciência, mas também enquanto prática profissional. Deste modo, a presente pesquisa deve ser considerada um aprofundamento e ampliação das pesquisas anteriores, ao passo que busca refletir ainda mais sobre o tema das Intervenções Assistidas por Animais, e assim, continuar uma investigação na qual tanto recursos e tempo já foram, e continuam sendo investidos.

Desse modo, situo que no primeiro artigo, oriundo das pesquisas realizadas, encontrei vários modos de estabelecer vínculos homem-animal nas Terapias Assistidas por Animais, que por sua vez, são uma modalidade de Intervenção Assistida por Animais. O que a pesquisa encontrou e discutiu foi que há duas principais modalidades de exercer a Terapia Assistida: ou o animal é posto na relação enquanto objeto, e na qual o que tem a maior importância são os benefícios adquiridos para os seres humanos, e o que a literatura apresenta como ganho terapêutico desta prática; ou o animal é compreendido como outro, o que permite um enlace afetivo diferenciado, que não necessariamente está presente na outra modalidade, e que seria,

neste caso, esse caráter afetivo, empático e de alteridade que possibilitaria os ganhos terapêuticos, que ensinaria o indivíduo assistido a cuidar de si, quando cuida do outro (BASTOS; BORBA, 2018).

Já no que tange à monografia de conclusão de curso, a proposta alterou-se. O que realize foi uma interlocução entre o Acompanhamento Terapêutico e a Terapia Assistida por Animais, partindo da compreensão da importância de novos modos de intervenções terapêuticas, como alternativa ao modelo clínico tradicional herdado do modelo psicoterápico vigente, de inspiração no modelo médico. Nesta produção, algumas articulações foram feitas sobre a possibilidade de o ser humano encontrar companhia em um animal de outra espécie, e compreender como essa companhia possibilita vínculo afetivo e os resultados terapêuticos desse vínculo. Por mais que o animal não-humano não possa exercer o papel de acompanhante terapêutico nos mesmos termos do humano (BASTOS, 2018).

E essas são questões que permanecem para a pesquisa atual: diante das pesquisas realizadas, clarifico que o conhecimento produzido acerca das Intervenções Assistidas por Animais deveria levar em consideração duas concepções éticas primordiais. A primeira dela tem relação com o especismo, que diz respeito ao caráter violento que a crença da superioridade humana gera diante dos demais animais (SINGER, 1975). Enquanto a segunda tem relação com a atitude natural, que consiste em abordar todos os fenômenos pelo método das ciências naturais, como a Física, ocultando outros sentidos, transformando as Intervenções Assistidas como um fazer apenas técnico (HUSSERL, 1911/1965; BORBA, 2015). Desse modo, oponho-me à postura naturalista, que reduz o organismo a meras reações físicas e químicas, é impedir que a vida seja compreendida como fisiologia (MERLEAU-PONTY, 1942/1975; TOADVINE, 2007). Ambas implicariam em certo nível de objetificação e violência com o animal.

### **O Problema de Pesquisa:** o que se almejou pesquisar?

Assim, situo o que são as Intervenções Assistidas por Animais e o que é a fenomenologia de Edmund Husserl (1859-1938), para prosseguir com a apresentação desta pesquisa.

Então, começo pela definição das Intervenções Assistidas por Animais, de modo que seja compreendido que estas são um conjunto de práticas com objetivos estabelecidos, que visam benefícios para os seres humanos e com metodologia interdisciplinar. Deste modo, são consideradas como Intervenções Assistidas: as Terapias Assistidas por Animais (TAAs), a Atividade Assistida por Animais (AAAs) e a Educação Assistida por Animais (EAAs). Distintas pelo objetivo a ser alcançado e pelo tipo de benefício que almejam propiciar ao

humano. Outro aspecto importante das Intervenções Assistidas por Animais, e talvez o mais característico, seja, justamente, o envolvimento de um animal não humano no processo (DOTTI, 2014; JEGATHEESAN et al., 2018).

Uma vez conceituadas, é oportuno apresentar uma primeira ideia de fenomenologia, tal qual esta foi fundada por E. Husserl. A fenomenologia consiste em uma corrente filosófica e em uma postura, que serve de fundamento metodológico para esta pesquisa. É suficiente, por enquanto, identificar que ela nos serve de crítica epistemológica, então, permite-nos refletir sobre a condição de produção do conhecimento e de seu sentido (HUSSERL, 1900/2014; 1911/1965; 1936/2012).

Assim, destaco que a pesquisa contou com meu interesse em permanecer nesta linha de pesquisa, mediante os resultados já obtidos, e mediante o interesse em poder clarificar as questões remanescentes, antecipadas de algum modo, nas produções anteriores (BASTOS, 2018; BASTOS; BORBA, 2018). Durante a execução das pesquisas anteriores verifiquei uma grande variedade, dentre as produções analisadas, de manifestações dos fenômenos do cuidado e de seus modos de compreensão. Destarte, posso apresentar algumas dessas variações, para que consiga ilustrar qual a preocupação desta pesquisa.

No que tange aos humanos, algumas produções priorizam o afeto e o vínculo homem-animal como aspecto primordial na promoção de saúde, por exemplo (NOBRE et al., 2017); enquanto outros estudos focalizaram-se nos aspectos métricos, preocupados em apresentar e quantificar o processo e, assim, evidenciar a eficácia desse modelo interventivo (NOGUEIRA et al., 2019).

Enquanto no que diz respeito aos cuidados com os animais encontrei ainda mais variações, a saber: a) menção às escalas que visam a seleção do animal para o trabalho (ULIANA; CUNHA, 2020); b) breves menções acerca das características do animal (MARQUES et al., 2015); c) ênfases nos procedimentos de preparo do animal, como o preparo higiênico (NOBRE et al., 2017), que em alguns momentos foram mais evidenciados como uma preocupação com a pessoa que terá contato com o animal do que com o próprio animal. Afinal, não há menção se a pessoa foi preparada ou instruída antes de ter contato com o animal. Ademais, as menções sobre o quanto o terapeuta deve estar atento ao estresse e à disponibilidade do animal para a intervenção também variam, mesmo sendo um ponto importante, como lembra-nos Nogueira et al. (2019).

Alguns autores chegam a apresentar protocolos de ação caso o animal sofra alguma violência durante o processo (DOTTI, 2014), enquanto outros eram limitados a informar quais protocolos e certificações “garantiram” o “bem-estar animal” durante a pesquisa (MARQUES

et al., 2015; ULIANA; CUNHA, 2020). Alguns atentam-se e baseiam-se em aspectos fisiológicos para comprovar o bem-estar animal (YAMAMOTO, 2012), enquanto a proposta da fenomenologia seria relativamente próxima a de Nogueira et al. (2019), e seria da própria intuição direta da disponibilidade do animal à intervenção, um retorno à coisa mesma (BORBA, 2015).

Também houve variações importantes sobre os lugares dos tutores e dos veterinários durante as sessões (MARQUES et al., 2015; NOBRE et al., 2017). Tais variações acerca dos lugares dos veterinários e tutores dos animais envolvidos nas produções de conhecimento da área da Psicologia é particularmente preocupante. Afinal, o veterinário é o profissional que, por excelência, deve estar ocupado da saúde e do bem-estar dos animais, ao passo que o psicólogo é responsável por acolher e cuidar da saúde mental e do bem-estar humano.

Tal aspecto é de fundamental importância devida estreita relação entre a saúde e bem-estar do humano com a saúde e bem-estar dos demais animais; especialmente nas práticas das Intervenções Assistidas. E isto tem implicações para além da transmissão de doenças, mas também no que implica ao estresse, e aos acidentes que possam resultar em agressões ou outros tipos de danos físicos (JEGATHEESAN et al., 2018). Eis que emerge a pergunta, se nas produções há menção à necessidade de uma prática multiprofissional, e com metodologia interdisciplinar?

Mas, afinal, o que a produção científica acerca desse tema almeja? Apresentar as Intervenções Assistidas por Animais como uma possibilidade de propiciar vivências e casos de melhoras e de cuidados (NOBRE et al., 2017)? Outra possível pergunta é se o objetivo é apresentar evidências de que há melhora, por meio de marcadores hormonais ou registros de comportamentos, e assegurar, mediante a comunidade científica, a validade e eficácia desta prática (BACHI; PARISH-PLASS, 2017; NOGUEIRA et al., 2019)? Há uma proposta de compreender teoricamente como o contato com os demais animais propicia saúde para os seres humanos (BELLETATO; BENHATO, 2019)?

Todas as perguntas supracitadas são importantes, e estão de certo modo interligadas, mas é preciso que saibamos e verifiquemos o que se tem feito, que conheçamos os sentidos dessas produções, para que possamos refletir e discuti-los. Do mesmo modo como é necessário conhecer o sentido da inserção do animal neste contexto: ele está ali para que, por meio da própria interação, propicie algum ganho ao humano; ou para permitir que, por meio dele, seja estabelecido um vínculo terapêutico entre o psicólogo e a pessoa atendida (BACHI; PARISH-PLASS, 2017; NOGUEIRA et al., 2019)? O animal está no lugar de recurso ou de coterapeuta

(SILVA, 2019)? Ele é entendido como um meio de satisfazer necessidades de socialização no humano? (BELLETATO; BENHATO, 2019)

O próprio modo como essas questões estão evidenciadas no texto, juntamente com a compreensão de qual referencial epistemológico e teórico sustenta esse modelo de produção de conhecimento, foram analisados nesta pesquisa. Assim, o destaque dado aos cuidados com o animal, por vezes bem desenvolvidos, outras vezes apenas citados e descritos em curtos parágrafos, e em certos casos, ausentes, tornam-se pontos de suma importância. E, também, variações no modo como os resultados são apresentados: certas vezes, a preocupação com aspectos métricos como níveis hormonais das pessoas ou seus desempenhos em testes e escalas comparece com mais destaque e ênfase que a própria vivência de bem-estar e demais ganhos terapêuticos que possam ser propiciados pela relação com o animal.

Logo, diante do exposto, é necessário situar que não se trata de desmerecer o valor sobre as produções acerca das Intervenções Assistidas por Animais, mas, compreender os objetivos de tais publicações e seus sentidos; almejo evidenciar os modos e as compreensões sobre cuidado e ética sustentados pelos seus referenciais teóricos, para que possamos levá-los à crítica da fenomenologia husserliana (HUSSERL, 1911/1965; 1936/2012) e para também dialogar com a crítica do especismo (SINGER, 1975).

É evidente que cada modelo de publicação almeja um objetivo diferente, que devem ser coerentes com seus métodos e com determinado referencial teórico. Desse modo, cada artigo analisado apresenta uma compreensão subjacente sobre o lugar do animal no processo, e sobre a importância daquilo que se desejou publicar. Destarte, a pesquisa trata de evidenciar as relações de cuidado e éticas, que possam porventura, estar presente nestes textos.

Afinal, a pesquisa buscou um olhar crítico acerca da relação e do vínculo homem-animal por meio do referencial metodológico da fenomenologia, e acarreta implicações de caráter ético e científico na prática dos profissionais da Psicologia. Portanto, denuncia uma preocupação central com o bem-estar de todos os envolvidos na prática das Intervenções Assistidas, sejam eles humanos ou não. E principalmente, na relação do conhecimento, em especial àquele constituído sob o paradigma das ciências naturais, e o quanto isto pode dizer sobre uma postura de cuidado para com os envolvidos neste processo.

Para isto, rememoro que a pesquisa conta com o rigor metodológico da fenomenologia, e com a crítica husserliana às ciências naturais, como meio de evidenciação das relações éticas e de cuidado que comparecem na literatura.

Destarte, o que se realiza nesta pesquisa é uma investigação de caráter bibliográfico, na qual levantei produções acadêmicas que abordem as Intervenções Assistidas por Animais

dentro do campo da Psicologia. Desse modo, objetivei compreender que conhecimentos têm sido produzidos acerca desta prática, para compreender também que sentidos e práxis podem dela advir, ou que são representadas nesta literatura.

O que tem suma importância, levando em conta que se percebe grande interesse dos leitores, e conseqüentemente das revistas científicas, em artigos cujo tema seja as Intervenções Assistidas por Animais. Porém, “essas intervenções foram romantizadas, e frequentemente são referidas como terapia, mesmo que, na maioria dos casos, nenhum terapeuta capacitado estivesse envolvido” (BACHI; PARISH-PLASS, 2017, p.1, tradução nossa). Assim, profissionais inexperientes e sem o devido preparo teórico, podem acabar induzidos a recorrer às Intervenções Assistidas.

Logo, recorro a um entendimento fundamental, de que a prática não pode ser desvinculada da teoria e da produção de conhecimento, por se tratar de um fazer científico. Assim, é o sentido do conhecimento que está sendo posto em xeque nesta pesquisa, e com isso, os seus paradigmas, *a priori* e compreensões. Portanto, posso atribuir a esta pesquisa a característica fundamental de crítica epistemológica, e por isso mesmo fenomenológica, no sentido de visar seus fundamentos, e na medida em que tais fundamentos são analisados, abro novas possibilidades de reflexão sobre as práticas que neles se baseiam.

Assim, é necessário esclarecer também que, por se caracterizar como uma pesquisa fenomenológica, especificamente de base husserliana, não trabalhei com hipóteses durante a realização desta pesquisa, que teve sempre como ponto de partida a própria apoditicidade das evidências imediatamente intencionados pela consciência (HUSSEERL, 1911/1965). Afinal, na concepção husserliana ilustro que: “[...] que nos são diretamente dadas na *intuição*. Nós as tomamos exatamente como se dão ali, sem nenhuma exegese hipotética ou interpretativa, sem nelas imiscuir nenhuma interpretação advinda daquilo que nos pudesse ser sugerido por teorias [...]” (HUSSEERL, 1913/2006, p. 59).

Portanto, não houve expectativas prévias sobre os possíveis resultados que poderiam ser alcançados, ou sobre os resultados que, de algum modo, pudessem vir a ser almejados pelo pesquisador durante o processo de pesquisa. Nem sequer houve a garantia prévia de que as múltiplas questões apresentadas anteriormente pudessem ser completamente respondidas; de mesmo modo, houve abertura para que novas perguntas, questionamentos e indagações pudessem se evidenciar durante o processo da pesquisa. Neste sentido, nenhuma possibilidade foi tomada de antemão, ou de modo precipitado no decorrer da pesquisa.

Desse modo, não houve expectativa sobre o que seria encontrado, e nem na minha postura, enquanto pesquisador, durante o processo de investigação e descrição dos fenômenos.

O que efetivamente houve, seguindo o rigor fenomenológico, foi abertura para visar diretamente os fenômenos, tal qual estes se evidenciavam de maneira imediata, por meio de suas evidências. Tudo isto enquanto parte do método descrito por Husserl (1931/2001; 1913/2006).

Diante disto, compreendo que os artigos elegidos podem não evidenciar os fenômenos do cuidado e da ética. Entretanto, nesses casos, a ausência de evidências desses fenômenos em determinados artigos, também foi algo a ser analisados, pois implicou em uma produção de conhecimento sem menção à aspectos éticos ou preocupações com o cuidado dos animais humanos e não-humanos.

Tais peculiaridades são pertinentes à própria fenomenologia enquanto método de pesquisa, visto que, ao contrário dos métodos das ciências naturais, não se partiu de uma postura cética acerca do objeto desta pesquisa, mas sim, propôs-se tomá-lo tal qual ele se evidencia, da maneira mais originária à consciência. Em especial, as minhas próprias hipóteses ou expectativas, caso venham a comparecer, foram postas em suspensão, conforme prevê o próprio método fenomenológico (HUSSERL, 1907/2000).

Uma vez clarificadas tais questões, é oportuno explicar que tudo isso não implica na concepção de que a pesquisa fenomenológica não possua um problema de pesquisa, ou que não parta de uma questão a ser respondida. Apenas pontua que o modo de se questionar e de visar o objeto de interesse é o mais direto possível, delimitando suas estruturas essenciais e compreendendo os seus sentidos (HUSSERL, 1913/2006).

Desse modo, nesta pesquisa evidenciei e descrevi a manifestação dos fenômenos da ética e do cuidado em artigos científicos produzidos por profissionais da Psicologia, e que tratassem das Intervenções Assistidas por Animais, ao passo que descrevi tais fenômenos e seus modos de evidenciação. Efetuei assim uma crítica da razão, analisando se as produções de conhecimento no campo da Psicologia sobre as Intervenções Assistidas por Animais consideravam os aspectos éticos e as relações de cuidado, e caso o fizessem, como o faziam.

Logo, a grande questão investigada por esta pesquisa buscou compreender se as produções acadêmicas sobre as Intervenções Assistidas por Animais estão ou não reproduzindo e apresentando relações tecnicistas, utilitaristas e objetificantes, como pressupõe a postura naturalista. O que acarretaria, então, em sérias complicações de natureza ética e, conseqüentemente, poderiam vir a comprometer as relações de cuidado, que são, por fim, um dos objetivos dessa intervenção, visto que nem o animal humano e nem o não humano devam sofrer durante o processo.

Assim, a questão norteadora da pesquisa foi: *Quais as evidências reveladas por uma análise fenomenológica das produções técnico-científicas sobre as Intervenções Assistidas por Animais, produzidas por profissionais da Psicologia?* O leitor deve ficar atento ao fato de que não há explicitação ou menção aos fenômenos da ética e do cuidado nesta pergunta, com a finalidade de não os tomar de maneira apriorística, uma vez que tais fenômenos poderiam não se evidenciar nos artigos analisados. De mesmo modo, visou manter-nos abertos para outras possibilidades de fenômenos que pudessem se evidenciar no decorrer do texto.

Ademais, é oportuno percebermos também que a pergunta fundamental da fenomenologia consiste em indagar “o que” está evidente, de modo a conhecer os predicados do fenômeno manifesto e suas evidências (BORBA, 2011). Destarte, é possível realizar a correta intuição de essência, descrita por Husserl (1913/2006). Concepções que serão mais bem esclarecidas quando abordarmos de modo mais aprofundado a metodologia aplicada.

### **Relevância social e científica da pesquisa**

Assim, diante disto, cabe agora apresentar de modo mais direto a justificativa social e científica desta pesquisa, embora ambas estejam, de um modo muito particular, interligadas. Logo, esclareço que esta interligação se deve ao caráter ímpar que é possibilitado pelo método fenomenológico, ao não dissociar a produção de conhecimento do sentido que este deve ter um estatuto de cientificidade próprio ao mundo-da-vida, na sua condição de conduzir a humanidade para a razão, para uma humanidade mais autêntica (HUSSERL, 1936/2012); sendo, portanto, a crítica sobre o sentido do conhecimento (HUSSERL, 1907/2000).

Portanto, posso apresentar a justificativa social, ao passo em que destaco duas perspectivas sob as quais essa pesquisa demonstra sua relevância. A primeira perspectiva aborda a importância das Intervenções Assistidas por Animais, tanto enquanto alternativa para a Psicologia, como ciência e profissão; quanto no que diz respeito a sua possibilidade de promover de saúde e educação, por exemplo. A segunda perspectiva aborda a importância de promover tais práticas como uma relação de cuidado, para todos os animais envolvidos, sejam eles humanos ou não, e aqui situo a primazia ética desta pesquisa.

O encontro das Intervenções Assistidas com o campo da ética pode ser compreendido também, por exemplo, mediante os seguintes questionamentos, que serão esmiuçados no terceiro capítulo: o que dá a uma determinada espécie de animal, no caso aos seres humanos, o direito de usar os demais animais em uma prática que visa o próprio benefício (SINGER, 1975)? Ao passo de como alguém poderia negar a possibilidade das Intervenções Assistidas a tantas pessoas que encontram nelas meios de aliviar seu sofrimento (JEGATHEESAN et al., 2018)?



Dito isto, destacamos, de maneira oportuna, a abrangência, a história e a relevância das Intervenções Assistidas por Animais enquanto procedimento, e alguns benefícios terapêuticos que esta tem propiciado à saúde, educação e bem-estar. Desse modo, demarco que as Intervenções Assistidas têm um longo percurso histórico, mas que ela, no seu sentido mais formal e mais amplamente reconhecida pela ciência, tem uma história recente (CAETANO, 2010).

Logo, é oportuno situar que os animais sempre fizeram parte do cotidiano e da existência dos seres humanos, uma vez que estes compartilhavam um espaço comum conosco, de modo que estar em relação com eles sempre foi inevitável, por mais que essas relações tenham se alterado com o passar dos séculos e nas diferentes civilizações (ROCHA; MUÑOZ E ROMA, 2016).

É bastante evidente que os demais animais sempre fizeram, e ainda farão parte de nosso cotidiano, e que há uma clara relação de dependência, especialmente no âmbito ecológico. Mas o que é importante evidenciar também, de modo mais sucinto, pois este será um tema aprofundado no terceiro capítulo, é que a nossa relação com eles sempre foi demasiadamente controversa.

Controversa no sentido em que alguns são eleitos como companhia, e outros como alimento. Outros ainda, mesmo aqueles com maior proximidade taxonômica são usados em experimentos. O ser humano busca se compreender por meio deles (SINGER, 1975); mas em certas ocasiões, parece esquecer a já comprovada proximidade biológica, resultante das pesquisas de Darwin (MORIN, 1973). Além disso, usualmente no âmbito histórico, outros seres humanos foram postos no lugar de animal para privá-lo de seus direitos, vítimas de tratamentos cruéis que já se estendiam sobre as outras espécies (SINGER, 1974; 1975).

Assim, mesmo dentro do ocidente é observada uma diferença acentuada sobre o julgamento acerca da conduta direcionada aos demais animais. Desse modo, enquanto alguns pregavam a benevolência para com eles; outros tinham sobre eles uma visão utilitária, e de fato, a humanidade pôde sobreviver, ao longo dos milênios, por certo caráter técnico, utilitário e predatório nesta relação; e outros, para além do utilitarismo, desfrutavam do sofrimento animal, como eram os casos dos animais massacrados nos coliseus romanos (SINGER, 1975).

Em geral, a sobrevivência humana está e esteve sempre relacionada à existência dos outros animais, que ocuparam funções das mais distintas em nossas sociedades e culturas. Dentre esses vários modos de relacionamento estabelecido entre os seres humanos e os demais animais, houve desde as funções mais técnicas e ligadas, assim, a nossa própria subsistência, como alimento, guarda, locomoção, vestimenta e força de trabalho; até funções ligadas a

aspectos religiosos e ritualísticos, como aqueles que representavam poderes divinos, ou os totens protetores familiares. Muitas são as referências às religiões e sociedades nas quais o animal é dotado de um poder, ou ligado de modo particularmente próprio ao sobrenatural (CHELINI; OTTA, 2016).

Então, é compreensível que diante de tantas formas distintas de relações e usos, o vínculo com o animal possa, finalmente, ter sido descoberto, em alguns momentos, como um modo de lidar com os sofrimentos humanos (CHELINI; OTTA, 2016). Como ocorreu com o exemplo de Hipócrates, na antiguidade, como um dos primeiros a apontar os benefícios da companhia animal para os seres humanos. Contudo, o primeiro registro de uma proposta que objetivou valer-se da relação entre seres humanos e demais animais com finalidade exclusivamente terapêuticos remete ao ano de 1699, no qual animais foram utilizados para auxiliar no desenvolvimento de sociabilidade em crianças. Esta talvez seja a primeira investida para a constituição das Intervenções Assistidas por Animais do modo como é conhecida atualmente (DOTTI, 2014).

Entretanto, a quantidade de casos documentados aumentou com o passar dos anos, especialmente nos séculos XVIII e XIX. Como exemplo desses aumentos, temos o caso do projeto York Retreat, que ocorreu na Inglaterra. O projeto consistiu em propor que os idosos e pacientes acometidos por psicopatologias, que se encontravam neste hospital, assumissem a responsabilidade pelo cuidado de um grupo de diversos animais (CHELINI; OTTA, 2016).

Foi diante dos sucessos deste exemplo que demais instituições, que se localizavam nos Estados Unidos da América e na Europa, decidiram adotar práticas semelhantes, valendo-se do vínculo homem-animal como forma de promoção de saúde. Desde então, houveram vários desses exemplos, como o Hospital Bethuen, que no ano de 1830 valeu-se de animais para o tratamento de pacientes com diagnósticos psiquiátricos; ou no Hospital Saint Elizabeth, no ano de 1919. Um exemplo curioso foi o da Cruz Vermelha, que se valeu de uma variedade de animais para propiciar a reabilitação dos soldados americanos que voltavam da guerra. Nem mesmo Sigmund Freud (1856-1939) esteve imune à ideia de integrar um animal ao *setting* terapêutico, visto que em 1930 seu cão participou de algumas sessões psicanalíticas.

Contudo, é notável que apenas em meados do século XX é que as Intervenções Assistidas começam a ganhar um espaço mais amplo, e começam as produções científicas sobre o tema, especialmente dentro do campo de saber da Psicologia (CAETANO, 2010). Diante disto, cabe ressaltar alguns eventos importantes dessa história específica.

Conforme as pesquisas desenvolvidas por Silva (2019), o primeiro artigo científico escrito sobre a relação entre a interação homem-animal e a saúde mental foi o artigo *The mental*

*hygiene of owning a dog*, de autoria de James Bossard (1944). Apenas alguns anos depois dessa primeira publicação, ocorreu o caso do psicólogo junguiano Boris Levinson (1908-1984), considerado pioneiro da Terapia Assistida por Animais (DOTTI, 2014; HINES, 2003; MALLON, 1994).

Assim, situo que Boris Levinson foi um psicólogo lituânio, naturalizado nos Estados Unidos, doutor em Psicologia Clínica (MALLON, 1994). Destarte, o caso que o levou a interessar-se pelas Intervenções Assistidas por Animais ocorreu na década de 1960, e de modo inesperado, durante o atendimento uma criança, Johnny, com dificuldades intelectuais e comunicativas. A inserção ocasional de seu cão, Jingles, no *setting* terapêutico favoreceu o engajamento da criança no processo; o cão havia se tornado o centro das atenções da criança, permitindo, inclusive, que o afeto direcionado ao cachorro pudesse ser, em seguida, destinado ao próprio terapeuta (LEVINSON, 1969/1997).

Desde momento em diante, ele se interessou pelo tema e pelos potenciais ganhos terapêuticos advindos dessa nova modalidade terapêutica, nomeada por ele na época de *Pet Therapy*. Diante deste entusiasmo, sucederam-se vários artigos sobre o tema (LEVINSON, 1962; 1965; 1978; 1984), também livros (LEVINSON, 1969/1997; 1972). Dentre suas empreitadas acerca do tema, posso citar um questionário realizado por ele e alguns colegas:

De fato, Levinson e colegas, aplicaram um questionário em uma amostra aleatória de 435 psicoterapeutas (50% dos membros) da divisão clínica do Associação Psicológica do Estado de Nova Iorque, o quanto animais domésticos eram recomendados por psicoterapeutas como ajudantes terapêuticos. 33% dos 319 que responderam aviam utilizado animais domésticos como assistentes terapêuticos. Dentre eles, 91% considerou-os uteis (MALLON, 1994, p. 226)

Contudo, dificuldades também foram encontradas. Como exemplo, Hines (2003) rememorar de Boris Levinson contar-lhe que colegas psicólogos faziam piadas e chacotas, perguntando se o animal de estimação também recebia parte dos honorários pagos. E é precisamente diante destas dificuldades que surge a necessidade de organizações que pudessem validar e promover boas práticas dentro do campo das Intervenções Assistidas.

Assim, ainda nos referindo ao contexto internacional, situo a importância de determinadas organizações, instituições e associações que prezam pelas Intervenções Assistidas por Animais. Destarte, após as primeiras publicações de Levinson (1962; 1969/1997), na década de 60, os primeiros esforços para compor organizações e instituições destinadas a prezar pelas Intervenções Assistidas iniciaram-se na década de 70 (HINES, 2003). Desse modo, elegi como instituição de interesse o caso da atual *Pet Partners*, fundada em 1977, sob o nome de *Delta Foundation*, e posteriormente nomeada de *Delta Society*, em 1981, até receber o nome atual (HINES, 2003; PET PARTNERS, 2017).

Ao tomar o caso da *Pet Partners* como exemplo, compreendo que, mesmo dentre veterinários, explorar as implicações do vínculo homem-animal sempre foi um desafio. A ciência se apresentou, neste sentido, fechada ao tema, devido aos preconceitos dos próprios cientistas. Isto verifica-se tanto pelo menosprezo que os veterinários que se ocupavam de animais domésticos pequenos sofriam de seus colegas; quanto pela dificuldade de inserção de profissionais de outras áreas a interessarem-se pelo tema (HINES, 2003).

Portanto, foi no mínimo curioso que um psiquiatra, Michael J. McCulloch, tenha sido um dos fundadores da *Pet Partners*, junto com seu irmão William McCulloch e Leo K. Bustad, ambos veterinários (HINES, 2003; PET PARTNERS, 2017). Dada a sua importância para a história das Intervenções Assistidas vai para além da fundação da *Pet Partners*, inclui também importantes estudos demonstrando os impactos dos animais de estimação sobre as manifestações psicopatológicas (DOTTI, 2014; HINES, 2003). Sendo importante também frisar que “Michael J. McCulloch, MD, da década de 1970 até sua morte prematura em 1985, foi uma voz firme, mas às vezes solitária, educando profissionais de medicina humana sobre o valor das interações homem-animal, especialmente as de sua especialidade em psiquiatria” (HINES, 2003, p. 11, tradução nossa).

Após apresentados os casos de Levinson e da *Pet Partners*, é possível compreender o cenário nacional acerca das Intervenções Assistidas. Desse modo, convém abordar os trabalhos realizados por Nise da Silveira (1905-1999), durante a década de 1950, no Hospital Psiquiátrico Pedro II, situado no Rio de Janeiro. Seu trabalho consistiu em intervenções com pacientes psiquiátricos, e em pesquisa e publicações relatando avanços, não só no tratamento pessoas que estavam sob seu cuidado, mas também teóricos, sobre a compreensão de como a inserção de animais neste contexto poderia ajudar no processo terapêutico (SILVA, 2020; SILVEIRA, 1981).

Na sua obra *Imagens do Inconsciente*, Nise da Silveira (1981) conta um pouco sobre o trabalho realizado com seus pacientes, especialmente aqueles esquizofrênicos, e os animais inseridos dentro do hospital psiquiátrico, na ala de terapias ocupacionais, onde ela trabalhava desde 1946. Abordarei de modo mais aprofundado o tema no terceiro capítulo, aqui resta situar a importância do caráter afetivo do vínculo homem-animal, e do conceito de afeto catalisador, muito bem demarcados em sua obra.

Ademais, um detalhe interessante é que os experimentos e intervenções conduzidos por Nise da Silveira ocorreram na década de 1950, embora B. Levinson tenha sido considerado o pioneiro na prática, com seus trabalhos referentes à década de 1960. Outra curiosidade é o fato

de que ambos se correspondiam por cartas, e partiam do mesmo referencial teórico, a analítica junguiana (DOTTI, 2014).

Ainda no Brasil, há também o exemplo proeminente das pesquisas conduzidas pela Dr<sup>a</sup>. Hannelore Fuchs, que em seus anos de pesquisa interessou-se pelos aspectos psicológicos envolvidos nas relações dos tutores com seus animais de estimação. Sendo este inclusive o tema de sua pesquisa de doutoramento (FUCHS, 1987).

Ademais, além da sua história, que demonstra o peso das Intervenções Assistidas por Animais, é oportuno frisar também o seu reconhecimento atual, como uma prática legitimada e praticada em diversos países, e que vem crescendo nos últimos anos. Após o início dos primeiros estudos científicos sobre o tema, ainda no século passado, as Intervenções Assistidas obtiveram um crescimento considerável. Um exemplo disso, são as informações apresentadas por Dotti (2014), nos quais ele informa que havia 6.400 grupos de trabalhos atuantes em 50 estados estadunidenses, e em outros quatro países, que já haviam beneficiado mais de 1 milhão de pessoas.

Contudo, a expansão das Intervenções Assistidas deve-se também às organizações e associações internacionais que visam promover boas práticas e expandi-las. Como exemplo de organização com este fim têm-se a *Pet Partners* (2017), fundada em 1977, que como visto, teve dentre seus fundadores o psiquiatra Michael McCulloch. Assim, é oportuno situar algumas informações disponíveis no relatório de atividades da *Pet Partners* (2017), referente ao ano de 2017. Dentre as atividades, posso citar o projeto Leia Comigo (*Read with Me*), que contava já na data da publicação do relatório, com um número aproximado de 4.200 equipes de Educação Assistida por Animais, registradas em diversos países, que contribuem para alfabetização de pessoas em todo o globo. No que tange à expansão das Intervenções Assistidas, ainda neste mesmo ano, a *Pet Partners* (2017) ainda registrou mais 11 empresas que trabalham com Intervenções Assistidas ao redor do mundo.

Outro exemplo de instituição que visa direcionar bastante atenção para as Intervenções Assistidas é a Associação Internacional das Organizações de Interação Homem-Animal (*International Association of Human-Animal Interaction Organization – IAHAIO*). Sobre essa associação, é mister situar que “desde os primeiros anos, muitas outras organizações de vínculo homem-animal apareceram – centros universitários, comitês de organizações veterinárias, comunidade e a primeira Associação Internacional de Organizações de Interação Humano-Animal” (HINES, 2003, p. 8, tradução nossa). Sobre a IAHAIO é ainda oportuno informar que segundo dados publicados em 2003, a associação contava com organizações membras de 22 países, ao passo que o segundo o seu Livro Branco (*White Paper*) que dispõe algumas diretrizes

acerca das Intervenções Assistidas, atualizado em 2018, informa mais de 90 organizações membras no mundo (JEGATHEESAN et al., 2018).

Ademais, é importante situar acerca das organizações que, por mais que na literatura científica seja possível identificar algumas evidências de preocupação e cuidado para com os animais humanos e não-humanos (MARQUES et al., 2015; NOBRE et al., 2017; ULIANA; CUNHA, 2020), as organizações, de uma maneira geral também tem demonstrado estarem atentas a esta questão. Tanto a *Pet Partners* (JEGATHEESAN et al., 2018), por meio da disponibilização de *guidelines* que auxiliam no cuidado e tentam garantir o bem-estar animal durante o processo, frisando na conexão entre o bem-estar dos animais coterapuetas e dos seres humanos envolvidos; quanto a IAHAIO (2018), que possui campanhas e atua de modo ativo contra a violência e maus tratos direcionados a animais não-humanos.

Posso fazer uma breve menção ainda aos diversos benefícios que essa prática pode proporcionar aos beneficiários, narrados atualmente na literatura sobre o tema. Principalmente benefícios ligados intimamente ao campo da Psicologia, como: diminuição do nível de ansiedade, estresse e de sintomas depressivos; melhor desempenho da memória, concentração, cognição e interação social; e maior adesão ao processo terapêutico (BELLETATO; BENHATO, 2019; NOBRE et al., 2017). De modo semelhante, também é bastante ampla a população que pode usufruir destas intervenções, visto que a literatura aponta para benefícios nas seguintes populações: transtornos mentais que incluem esquizofrenia, bulimia, ansiedade, depressão, transtornos bipolares e dependência de álcool e outras drogas (KRUG et al., 2019); idosos, incluindo os institucionalizados (SILVA, 2018); crianças, incluídas àquelas vítimas de violência (PEREIRA, 2017); nos casos demenciais, como o Alzheimer (MARTINS, 2019); e no transtorno do espectro autista (NOGUEIRA et al., 2019).

Desse modo, ao passo que reconhecemos, diante dos dados e informações supracitadas, e de sua história, que as Intervenções Assistidas por Animais possuem um potencial para promover tantos benefícios, considero justificada e compreendida a necessidade desta pesquisa, visto que esta objetivou uma reflexão crítica, por meio da fenomenologia, sobre a produção científica que trata dessas Intervenções. Assim, compreendo que foi de suma importância ter realizado uma análise crítica acerca do estatuto do conhecimento produzido, no que se refere ao seu sentido.

Portanto, resalto a importância da validade técnica e científica das intervenções psicológicas, que servem para corroborar o compromisso ético da profissão, conforme orienta o seu código de ética (CFP, 2014). Afinal, é dever do Psicólogo manter uma postura ética na promoção de saúde e bem-estar das pessoas beneficiárias de seus serviços. Este primeiro ponto,

de imediato, apresenta-nos a importância de investigar o conhecimento produzido sobre as Intervenções Assistidas por Animais, especialmente enquanto possibilidade prática da Psicologia, e evidenciar o lugar dos fenômenos da ética e do cuidado nesta produção de conhecimento, que inclui delimitar e analisar também riscos e benefícios, limites, indicações, contraindicações, protocolos, modos de manejo, indicadores de saúde do animal e da pessoa atendida, passagem por comitês de ética, dentre outras coisas.

Porém, para além de pensar apenas no bem-estar das pessoas, aspecto já subentendido da própria premissa da prática psicológica, mas também garantido pelo código de ética profissional do psicólogo (CFP, 2014), é necessário pensar no bem-estar e no cuidado dos animais envolvidos. Aqui a preocupação é primeiramente ética, uma vez que os estudos mais recentes vêm reafirmando o caráter de senciência dos animais, e as implicações no campo da ética que advém desta constatação (SINGER, 1975), e que adentram também o âmbito legal, na exata medida em que começamos a entender a sua vulnerabilidade mediante o domínio técnico e científico que a humanidade hoje tem perante a natureza, o que os inclui (TREVISAM; CRUCIOL JUNIOR, 2020).

Tais mudanças de compreensão têm levado, por exemplo, a inovações no campo do direito, como o princípio Ruggie, que busca responsabilizar os indivíduos, os estados e as empresas na garantia de dignidade aos demais animais (TREVISAM; CRUCIOL JUNIOR, 2020). De modo que a tomada de tais posturas e de novos paradigmas sobre a nossa relação com os animais não-humanos, devem também impactar as Intervenções Assistidas por Animais e a Psicologia, de uma forma mais ampla.

Especialmente tendo em vista que, no que tange à ética e ao cuidado, ainda há muito o que se discutir dentro do campo das Intervenções Assistidas por Animais. Particularmente naquilo que diz respeito à instrumentalização dos animais durante o processo interventivo (BORBA, 2015). E é sobre este ponto que se sustenta a justificativa científica, e que sustenta o interesse durante a realização desta pesquisa.

Portanto, evidenciar se há realmente uma preocupação com o bem-estar animal e com a sua saúde; se tal preocupação comparece nas produções científica. Também compreender de que modo essa preocupação comparece; quais parâmetros são utilizados para mensurar este bem-estar; quais condições um profissional da Psicologia tem para lidar com tais questões, de que modo tem lidado; qual a compreensão homogênea sobre saúde e terapêutica; e qual a relação entre esta compreensão e o vínculo entre animais humanos e não humanos. Todas estas questões são pertinentes para que se efetue uma crítica fenomenológica, em especial mediante

uma compreensão fenomenológica acerca do vínculo homem-animal e seu lugar nas Intervenções Assistidas, como será efetuada no segundo e quarto capítulo.

Assim, são muitas perguntas e inquietações acerca das intervenções. Algumas respostas já encontraram seu primeiro esboço na monografia (BASTOS, 2018), e são retomadas diante de novos desdobramentos por meio da pesquisa realizada. Desse modo, e aqui situo como a justificativa científica e social se interligam, quando realizo um movimento para elucidar tais questões foi, em certa medida, por buscar aprofundamentos e problematizações acerca dos conhecimentos técnicos e das questões éticas que impactam de modo bastante direto a prática dos psicólogos, e a sua proposta de exercer uma profissão que visa empregar o cuidado, aqui estendido, desde animais humanos até animais não-humanos.

Logo, torna-se bastante claro que a justificativa científica deste trabalho, sustentada pela produção de conhecimento que deve advir dele, está intrinsecamente conectada à crítica epistemológica realizada pela fenomenologia. Afinal, analisei a produção científica, partindo primeiro da descrição daquilo que foi evidenciado pela redução eidética das produções elencadas, para então, diante do que foi evidenciado, realizar a crítica acerca do sentido do conhecimento.

Deste modo, explicito que, apesar da fenomenologia possuir um caráter também descritivo “a atividade do fenomenologista não se limita a uma descrição ‘ingênua’ do objeto intencional como tal” (HUSSERL, 1931/2001, p. 64). Mas baseia-se antes disto, em compreender o sentido do conhecimento produzido, e reconduzir-nos de volta ao mundo-da-vida, onde o plano da reflexão encontra, finalmente, seu derradeiro propósito e razão.

Portanto, constituir uma crítica epistemológica tão séria acerca do papel das ciências na condução da humanidade, de modo a refundar o seu sentido. Almejando assim levar à humanidade um novo estatuto de cientificidade, aberto aos vários sentidos provenientes do mundo da vida, e que nos conduzisse a entelúquia (HUSSERL, 1936/2012). No tópico seguinte, abordei algumas considerações preliminares sobre o percurso metodológico, apresentados aspectos pertinentes ao método fenomenológico.

### **Os caminhos seguidos:** considerações preliminares sobre o método

O método é abordado de modo mais aprofundado posteriormente, contudo, é oportuno e necessário que compreender, minimamente, como será realizada esta pesquisa. Que o leitor entenda de que modo busquei as respostas às inquietações já apresentadas; também como encontrei os artigos a serem analisados, de modo que possamos constituir um panorama



adequado das produções recentes acerca das Intervenções Assistidas por Animais, para que possamos analisá-las.

Assim, a pesquisa buscou compreender o que e de que modo foi feito, assim como a relação das Intervenções Assistidas por Animais com a Psicologia nas produções mais recentes. E para isto, a metodologia se aproxima, em determinados aspectos, às pesquisas de Borba (2011), e de Silva (2019), apesar de também encontrar similaridades com as pesquisas anteriores (BASTOS, 2018; BASTOS; BORBA, 2018), da qual esta pesquisa é, de certo modo, uma continuidade.

O que significa que um processo de produção de conhecimento original por meio do levante da literatura, e de sua análise por meio da fenomenologia husserliana, consistindo operacionalmente na sua organização, na realização da *epoché* husserliana, e nas demais reduções fenomenológicas: psicológica, eidética e transcendental (HUSSERL, 1913/2006); que serão melhor apresentadas no próximo capítulo, no qual discuto de modo mais aprofundado o método fenomenológico e suas implicações.

Portanto, esta pesquisa visou a) conhecer o que foi produzido; b) compreender quais fundamentos estas produções podem dar às práticas; c) entender como profissionais da Psicologia que produzem sobre o tema das Intervenções Assistidas por Animais compreendem-nas. Porém, visou também, para além de tudo isso, evidenciar e descrever os aspectos supracitados para que possamos estabelecer uma crítica epistemológica central, em especial à atitude natural, e suas consequências (HUSSERL, 1936/2012); sobretudo acerca da adequação do método aos objetos estudados (HUSSERL, 1900/2014; 1911/1965).

Afinal, pode o cuidado, nas IAAs, objeto central desta pesquisa, ser compreendido apenas do ponto de vista natural ou histórico? Que modos de cuidado seriam possíveis de serem sustentados pelas ciências naturais? Podem os sentidos de o vínculo homem-animal serem elucidados do modo mais amplo, por meio das ciências naturais? De que modo podemos, enquanto humanos, garantir uma atitude ética e um cuidado para aqueles que nos são mais próximos, outros humanos, e aqueles demais animais que se apresentam em um determinado e maior grau de diferença do nosso próprio ser? Resgatando a crítica endossada por Derrida (1930-2004) (2002), e que encontra uma ressonância na quinta meditação cartesiana de E. Husserl (1931/2001): Como podemos, sendo homens, supor que conhecemos a natureza dos demais animais? E se não estivermos seguros acerca deste conhecimento, como poderemos garantir-lhes o bem-estar e o cuidado? Como cuidar do que não conheço? Tais questões se elucidarão, na medida em que nos for possível, nos capítulos seguintes.

De tal modo, antecipo que as questões relativas aos sentidos do vínculo homem-animal, e a apresentação da compreensão deste vínculo enquanto vivência, na sua relação com o mundo da vida; e a passagem desta compreensão para as possibilidades terapêuticas daí advindas, serão encontradas, de modo transversal e enquanto discussão, no terceiro capítulo. Àquelas questões relativas ao cuidado e a sua relação com o conhecimento, e de como poderíamos cuidar de um outro, ainda mais este outro existindo em determinado grau de diferença de nós mesmos, serão retomadas de maneira mais objetiva no quarto capítulo, igualmente de modo transversal e enquanto discussão que ali será efetivada.

Os artigos analisados são resultantes de uma busca realizada no portal de Periódicos da CAPES, e totalizam 54 artigos, dos quais 52 foram acessíveis. Assim, cada artigo foi lido, por meio da atitude e do método fenomenológico, e em cada um deles foram evidenciados os fenômenos do cuidado e da ética, nas produções sobre IAAs. Assim, ocorreu a análise na qual os textos foram compreendidos, e seus sentidos e conteúdos foram intencionados de modo direto, tal qual se apresentam. Desse modo eles puderam ser discutidos, tomando de base a crítica fenomenológica ao naturalismo (HUSSERL, 1911/1965), e ao estatuto de uma cientificidade do mundo da vida Husserl (1936/2012), dialogando com a crítica ao especismo e com os direitos dos animais (SINGER, 1975).

### **A Metodologia da Pesquisa**

Com base em Edmund Husserl (1859-1938), a base epistemológica e metodológica desta pesquisa foi situada na fenomenologia. Portanto, o método de análise das informações foi subsidiado de acordo com o método fenomenológico, especialmente na redução fenomenológica em seu momento suspensivo (epoché), nos movimentos descritivos e na redução transcendental (GUIMARÃES, 2013; HUSSERL, 1936/2012; 1927/1992).

Assim, esta pesquisa é uma revisão sistemática da literatura, considerando que existiu um procedimento específico para a coleta do material a ser analisado, e o método de análise é fenomenológico. Ademais, temos a responsabilidade de conceituar a pesquisa bibliográfica como uma análise crítica da literatura para investigar determinados temas (SABADINI; SAMPAIO; KOLLER, 2009).

No entanto, esta não é apenas uma descrição geral do que foi desenvolvido. Porém, sim, como nos lembram Lakatos e Marconi (2003, p. 183), inclui uma leitura crítica da análise original: “Dessa forma, a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras”.

Complementemos que a pesquisa bibliográfica, mais necessariamente a revisão sistemática de literatura “implica em um conjunto ordenado de procedimentos de busca por soluções, atento ao objeto de estudo, e que, por isso, não pode ser aleatório” (LIMA; MIOTO, 2007, p. 38). Desse modo, obtemos uma visão geral para que possamos compreender e delimitar o que é uma visão sistemática de literatura.

Entretanto, entendamos de antemão que a leitura, realizada pelo método fenomenológico não é, e nem poderia ser, uma leitura enviesada, ou realizada de qualquer modo. Pelo próprio rigor husserliano, ler “é ler com a intenção de deixar o autor falar, seguindo seus pensamentos como estes se configuraram em sua mente” (ALES BELLO, 2000, p. 252, tradução nossa).

Portanto, em relação à etapa de revisão, é necessário destacar que a pesquisa foi realizada em meio digital, na plataforma de Periódicos da CAPES. Três buscas foram realizadas. Primeiramente, pesquisei os termos: “animal-assisted”, presente no título, e “psychology”, em qualquer parte do texto; conseguinte pesquisei os termos: “assistida por animais”, presente no título, e “psicologia”, em qualquer parte do texto; e na terceira busquei os termos: “assistido por animales”, presente no título, e “psicologia” em qualquer parte do texto.

Todas as buscas restringiram os resultados apresentados pela plataforma a artigos científicos, publicados no período delimitado entre primeiro de janeiro de 2017, até trinta e um de dezembro de 2019. Essa delimitação ocorreu com o propósito de evidenciar e descrever um retrato fidedigno sobre a produção mais recente, e com o intento de limitar o número de artigos para serem lidos e discutidos, de modo que o trabalho pudesse ser exequível no período que compreende o mestrado.

Considerarei apenas os resultados da revisão por pares em qualquer um dos seguintes idiomas: Português, Inglês e Espanhol. A justificativa para a pesquisa nos seguintes idiomas ocorreu devido ao meu maior domínio sobre estes idiomas; e interferência que o idioma dos termos exercia sobre os resultados apresentados. Desse modo, quando os termos eram pesquisados em Inglês, a plataforma apresentava resultados diferentes do que quando a pesquisa era realizada com os termos em Português, por exemplo.

O uso dos termos “Animal-assisted”, “assistida por animais” e “assistido por animales” foi intencional, e teve como objetivo proporcionar uma maior abrangência de Intervenções Assistidas por Animais, visto esse termo comum comparece nos seguintes modelos interventivos: Terapia Assistida por Animais, Educação Assistida por Animais e Atividade Assistida por Animais (JEGATHEESAN et al., 2015). Desse modo, quando pesquisei o termo

“Animal-assisted” e seus correlatos em português e espanhol, pude identificar na base de artigos que versavam sobre vários modelos interventivos diferentes: da terapia à atividade e educação assistidas.

Desse modo, os critérios de inclusão dos materiais estudados podem ser sintetizados: analisei artigos de 2017 a 2019; submetidos a revisão por pares; que apareceram em buscas na plataforma de periódicos da CAPES com base nos critérios aqui listados; português, inglês ou espanhol. Além disso, apenas materiais envolvendo as seguintes intervenções foram considerados: Terapia Assistida por Animais, Educação Assistida por Animais e Atividades Assistidas por Animais.

Portanto, outro critério de seleção dos textos incluiu: que sejam produzidos por, ao menos, um profissional da Psicologia, e que apresentem aspectos relevantes das IAA's para o campo da Psicologia. Ademais, as IAA's são comumente tidas como uma área de atuação multiprofissional (DOTTI, 2014), o que faz com que hajam artigos produzidos sobre este campo e sua relevância para outras ciências, como a enfermagem, a medicina e a fisioterapia, por exemplo. Logo, considerar produções de outros profissionais, direcionados para outras ciências, foge à proposta desta pesquisa.

Também explícito que apenas produções escritas por vários autores precisaram ter pelo menos um psicólogo entre os autores para que fossem consideradas, e para isso, pesquisas com o nome dos autores e suas instituições ajudaram a dirimir dúvidas sobre suas respectivas formações acadêmicas. Ademais, a plataforma LinkedIn (<https://www.linkedin.com>), que consiste em uma rede social com foco no âmbito acadêmico e profissional, foi muito útil para as pesquisas pelos autores e suas formações.

Para sistematizar os artigos publicados pelos profissionais da psicologia acerca das IAA's, foi utilizado o programa Excel para a construção de uma tabela geral de organização. Em seguida, foram elaborados quadros descritivos para cada artigo, inspirado nos realizados por Borba (2011), também semelhantes aos quadros de Silva (2019). Os quadros possuíam caráter descritivo, visando explicitar e apresentar os seguintes aspectos do texto: autor; país; ano de publicação; título; assunto; área da Psicologia (hospitalar, clínica infantil, clínica e jurídica); desafios enfrentados ao trabalhar com IAA's; benefícios das Intervenções e seus riscos; menção à equipe multidisciplinar (caso houver); menção a protocolos, organizações e legislações pertinentes; e evidenciar as relações de cuidado com animais humanos e não-humanos, como também focalizar nos aspectos éticos. Finalmente, visaram auxiliar a compreender e clarificar se o artigo possui uma fundamentação naturalista ou ingênua na constituição dos saberes sobre as IAA's no campo da Psicologia.

Uma vez tendo visto as etapas, posso aprofundar de modo mais detalhado sobre a análise fenomenológica que foi realizada sobre os artigos selecionados. De modo central, entender como a crítica do sentido do conhecimento, pela via fenomenológica, pôde ser realizar nesta pesquisa. Destarte, além da orientação de Ales Bello (2000), em ler o texto conforme os sentidos e as direções apresentadas pelo próprio autor, vale-me também frisar o lembrete de Husserl (1931/2001), quando este aborda sobre a possibilidade epistemológica em construir um conhecimento sobre a vivência de um outro:

[...] ao mundo da experiência pertencem objetos com predicados espirituais, que remetem, segundo a sua origem e sentido, para sujeitos [...] e para a sua intencionalidade ativamente constituinte: assim acontece com todos os objetos culturais (livros, utensílios, toda espécie de obras, etc) (HUSSERL, 1931/2001, p. 107).

Desse modo, o método fenomenológico, em uma exposição didática consiste em três momentos diferentes, preconizados por Husserl, e pelo movimento suspensivo da *epoché*. Assim, ao ter contato com os textos, durante a leitura dos artigos, foram suspensos temporariamente a validade de qualquer conhecimento prévio, tido *a priori*, o que inclui a suspensão da validade das teorias, conhecimentos prévios, opiniões e juízos que pudessem, porventura, existir acerca do fenômeno. Corriqueiramente, alguns autores costumam abordar este movimento suspensivo como correlato exato da primeira redução, mas tal compreensão é equívoca (CASTRO; GOMES, 2011).

Uma vez que tenhamos realizado esta primeira exposição sobre a *epoché*, dentro da fenomenologia husserliana, é preciso retomar alguns aspectos para abordarmos as reduções de modo a evitarmos equívocos. Deste modo, é preciso mais uma vez retomarmos àquilo que já foi dito: que a fenomenologia é uma ciência universal das essências, que se oferece, enquanto disciplina eidética, enquanto crítica de outros modelos epistemológicos (HUSSERL, 1910/1965; 1934/2009).

Especialmente, conforme Husserl (1934/2009) demonstra em sua obra *A Ingenuidade da Ciência*, uma pressuposição de racionalidade nas ciências naturais. Mas o que busquei criticar então, ao abordarmos a racionalidade naturalista como pressuposta? Ora, denunciar os sentidos dos conhecimentos, o esquecimento do mundo e de tudo aquilo que, para o ser humano, é o mais importante.

É mister para a fenomenologia que haja sempre uma direção ao sentido originário do conhecimento, que está sempre na própria manifestação do fenômeno, de modo direto, e menos nas articulações teóricas que possam vir a serem traçadas mediante as relações causais implicadas. Busquei, portanto, um retorno às vivências, aos sentidos originais dos autores que

escreveram os textos, de modo direto aos sentidos que os fenômenos originariamente têm na consciência que os intenciona. Não busquei um vazio explicar, mas sim compreender.

Destaco que o acesso aos fenômenos, tal qual estes se manifestam à consciência intencional, é possibilitado pelas reduções fenomenológicas. Assim, são as três reduções fenomenológicas que possibilitam o acesso às essências destes fenômenos, aos seus sentidos originários e as vivências intencionais. Logo, cabe apresentar novamente as três reduções: a redução psicológica, que compreende a *epoché*; a redução eidética e a redução transcendental.

A redução psicológica, corresponde a primeira “etapa”, é o primeiro movimento suspensivo, mas também descritivo, acerca da evidenciação do fenômeno. Ou seja, em seu caráter suspensivo, que podemos compreender como *epoché*, a validade do mundo, compreendido como previamente dado em caráter ingênuo, é posto entre parênteses. Uma vez que a validade dos *a priores* é suspensa, sejam teóricos ou opiniões e valores, o fenômeno pode ser diretamente descrito do modo como aparece à consciência (CASTRO; GOMES, 2011; GUIMARÃES, 2013).

Consequente, é oportuno que seja abordada a redução eidética, que visa clarificar as estruturas essenciais do fenômeno, aquilo que são seus predicativos invariáveis e que permitem sua distinção dentre os demais fenômenos. Desse modo, é possível também contar com o método da variação imaginativa, que consiste em alterar as qualidades do fenômeno por meio de atos imaginativos, de modo que se possa distinguir efetivamente aquelas características verdadeiramente indispensáveis, sem as quais o fenômeno não poderia ser o que é, desconfigurar-se-ia (CASTRO; GOMES, 2011).

Logo, é evidente que a visada fenomenológica é ímpar, na medida em que se orienta para os conteúdos eidéticos. Portanto, cabe diferenciar os tipos de intuições possíveis: a intuição empírica ou individual e a intuição de essência, conforme delimitadas por Husserl (1913/2006). Lembro, de modo a precavido, que intuição é um termo filosófico, e não deve ser tomado com o sentido comumente atribuído no senso comum, como pressentimento; mas sim no sentido de visada.

Dito isto, é importante frisar que a intuição de essência é, portanto, visar seus aspectos universais; enquanto a intuição empírica, também chamada individual, é perceber, ater ao que se apresenta no objeto em si, enquanto um objeto individual e particular, mas que, mesmo particularmente, apresenta seus predicados eidéticos, que podem ser intuídos pela intuição de essência. Assim, Husserl (1913/2006, p 35) alega: “‘Essência’ designou, *antes de mais nada*, aquilo que se encontra no próprio indivíduo como *o que ele é*”.

Destarte, a intuição empírica e de essência se relacionam na medida em que cada objeto particular visado pela intuição empírica é também, necessariamente, portador das características essenciais que, por sua vez, constituem um objeto eidético, denunciando a inseparabilidade entre fato e essência. Delimitemos, pois, que “A essência (eidos) é uma nova espécie de objeto. Assim como o que é dado na intuição individual ou empírica é um objeto individual, assim também o que é dado na intuição de essência é uma essência pura” (HUSSERL, 1913/2006, p.36).

Portanto, podemos abarcar e apresentar a última redução fenomenológica, do modo como propusemo-nos a explicitá-la: chegamos então à redução transcendental, na qual o fenômeno é evidenciado ao nível da consciência transcendental. Ou seja, visa alcançar a estrutura essencial do fenômeno na vivência, em sua relação com uma consciência que lhe doa sentido (GUIMARÃES, 2013).

É oportuno que compreendamos, assim, o conceito de ego transcendental, trabalhado durante esta redução. Desse modo, podemos compreender como ego transcendental aquele ego puro, *res cogitans*, descoberto por Descartes (HUSSERL, 1931/2001), e que toma o mundo como fenômeno, aplicado um distanciamento *sui generis* do mundo. Afinal, quando Husserl (1936/2012, p. 123-124) conta como “A ‘epoché’ transcendental genuína possibilita a ‘redução transcendental’”, ele justifica que:

[...] mostra que pela *epoché* aquele que filosofa abre para si uma nova espécie do experimentar, do pensar, do teorizar, na qual, situando-se *acima* do seu ser natural, e *acima* do mundo natural [...] O mundo, porém, [...] válido nos modos sempre subjetivos, não desapareceu, mas apenas é visto, durante a *epoché* levada a cabo de modo consequente, puramente como correlato da subjetividade para ele doadora de sentido de ser, subjetividade por cuja validade em geral “é”. Esta não é, contudo, uma “uma concepção”, uma “interpretação” atribuída ao mundo. Toda a concepção de..., toda a opinião sobre o “o” mundo tem o seu solo no mundo pré-dado (HUSSERL, 1936/2012, p. 124).

Ademais, não devemos negligenciar que o intuito de Husserl (1913/2006) foi o de compor uma nova cientificidade, comprometida com o mundo da vida. Assim, quando se fala deste distanciamento do ego transcendental e do mundo, não se trata de, mais uma vez, separar sujeito e objeto. Afinal, tal movimento seria incoerente com o que preconiza a fenomenologia. O que se busca, na verdade, com a redução transcendental, é tomar o mundo enquanto fenômeno manifesto para uma consciência. Desse modo, apresentamos a abertura de um campo reflexivo nos quais os fenômenos são evidenciados em suas próprias essências.

o terceiro momento, o da redução transcendental, as essências desveladas no segundo momento, são vivenciadas e evidenciadas na ordem da consciência transcendental, ou seja, na sua simplificação, na ordem da subjetividade do “eu penso”. Essências são

sempre essências dos objetos, das “coisas”, que são levadas à instância transcendental, à instância do “eu penso”, como tribunal da evidenciação. Nesse tribunal funciona a reflexão em torno das evidências extraídas do mundo da vida. A pretensão é evidenciar o mundo da vida. Essa pretensão só pode se dar no espaço transcendental, enquanto lugar privilegiado da evidenciação – aliás o único lugar – em que o sujeito está diante de seu objeto, numa correlação de dependência recíproca, tendo em vista que um não existe sem o outro (GUIMARÃES, 2013, p. 5-6).

Enfim, na obra *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental*, §42, com título *A tarefa da indicação concreta de caminhos para uma execução efetiva da redução transcendental*, Husserl (1936/2012, p.124-5), disserta:

Como pode, então, ser tornada mais concretamente possível a realização indicada – denominá-la “redução transcendental -, possibilitada pela *epoché* e as tarefas científicas que assim se abrem? [...] Como se tornará possível, graças à *epoché*, mostrar esta subjetividade no seu realizar, na sua “vida da consciência” transcendental, que estende até os subsolos ocultos, no modos determinados como esta “gera” o mundo em si como sentido de ser – como trazer na evidência à luz do dia, sem inventar nem construir miticamente? Se se fala aqui de uma nova espécie de cientificidade, de uma nova espécie de questionar teórico e de decidir as questões, então o solo tem também de estar preparado para este questionar”

Logo, entendamos que esta pesquisa se valeu das reduções fenomenológicas, que serviram de caminho para um acesso direto aos fenômenos aqui intencionados: a ética e o cuidado, dentro do escopo dos textos selecionados para análise. Ademais, é importante situar que a fenomenologia não comparece neste trabalho apenas fornecendo um referencial metodológico, mas também consiste no seu caráter de crítica que nos permitiu um respeito ao objeto investigado, na medida em que nos impõe o não apriorismo e a crítica ao naturalismo e ao historicismo (HUSSERL, 1911/1965), permitindo fomentar as discussões aqui realizadas sobre o sentido do conhecimento produzido.

Especialmente, e isso pode ser antecipado, a crítica ao naturalismo parece-nos mais coerente com o trabalho, na medida em que os textos levantados evidenciam muito mais uma naturalização dos fenômenos do cuidado e de uma teorização prévia sobre aspectos éticos, do que uma relativização histórica acerca desses fenômenos. Portanto, as críticas husserlianas acerca da naturalismo, de seu caráter “doutrinador, pregador, moralizador, reformador” (HUSSERL, 1911/1965, p. 11) da visão dos fenômenos pelo seu caráter estritamente materialista, de seu empirismo ingênuo, da chamada “ética naturalística” (HUSSERL, 1911/1965, p. 10), da psicologização da ética (HUSSERL, 1924/2020), e dos demais aspectos que são diametralmente opostos à postura fenomenológica, abrem-nos a possibilidade de novos modos de conhecer, dar sentido e de nos posicionar, diante de uma relação epistemológica rigorosa, mediante as práticas das Intervenções Assistidas por Animais.



### **Apresentação dos demais capítulos:** a estrutura da dissertação

Uma vez apresentado o primeiro capítulo, e que estejamos familiarizados com a proposta desta pesquisa, bem como os problemas que busquei elucidar, admitamos a pertinência de uma breve apresentação dos seguintes capítulos. Não com a finalidade meramente antecipatória dos conteúdos, mas para demarcar a posição de determinadas discussões e argumentos, apresentando-os de um modo unificado e mais articulado.

Assim, este tópico tem a intenção de situar as discussões e os objetivos de cada capítulo, para que se possa obter uma visão geral da pesquisa. Tópico que, por exemplo, será retomado na sessão Objetivos alcançados e respectivas conclusões e inconclusões, ao final da dissertação, quando as discussões se entrecruzarem e possamos tirar conclusões dos textos analisados, tendo estas mesmas discussões e seus argumentos como plano de fundo.

Tudo isto para que esta dissertação seja um conjunto argumentativo, cuja coerência se dê por meio de sua estrutura interna, e se possa chegar a conclusões e esclarecimentos mais seguros acerca do tema discutido. E não seja apenas uma síntese de discussões desconexas, onde cada capítulo aborda um aspecto de determinado problema. que

Assim, ofereço ao leitor um modo de compreender o que está disposto em cada capítulo. Portanto, no segundo capítulo estão apresentadas algumas noções básicas sobre Fenomenologia, Psicologia Fenomenológica e a metodologia fenomenológica husserliana. Logo, foram abordadas quais as questões epistemológicas que levaram E. Husserl (1900/2014) a fundar a fenomenologia, bem como a sua proposta enquanto ciência de essência (HUSSERL, 1913/2006).

Desse modo, abordei a sua crítica ao naturalismo e ao historicismo (HUSSERL, 1911/1965), bem como os conceitos centrais de intencionalidade e mundo-da-vida (HUSSERL, 1936/2012). Também delimitado a concepção ética de E. Husserl (1936/2012), e o enlace dessa possibilidade ética com o cuidado; além de apresento a visão de homem adotada pela pesquisa, bem como aspectos que dizem respeito ao conceito de Psicologia Fenomenológica.

Este capítulo será importante para que seja possível compreender como ocorre o vínculo homem-animal por meio da fenomenologia, no terceiro capítulo. E, também, que seja compreendido o sentido de uma investigação fenomenológica do cuidado, realizada no quarto capítulo, bem como a apresentação do percurso investigativo realizado por E. Husserl (1931/2001) na quinta meditação das obras *Meditações Cartesianas*, nas suas lições que tratam diretamente sobre a ética (1924/2020), e suas consequências para esta pesquisa.

Conhecer a fenomenologia permitirá que o leitor entenda de que modo foram analisados os artigos selecionados, apresentados e discutidos no quinto e sexto capítulo. Assim como a crítica husserliana ao naturalismo nos forneceu base para discutir a literatura no sexto capítulo, enquanto a postura fenomenológica propiciou a apresentação dos resultados no quinto capítulo.

No terceiro capítulo abordei a questão do especismo, e da justificativa ética de porque o humano deve estar implicado nesta questão (SINGER, 1975), bem como a oposição entre humanidade e animalidade (INGOLD, 1995) e apresentei algumas práticas que são especistas na atualidade. Em seguida, serão apresentadas reflexões de tais questões dentro da fenomenologia husserliana, primeiramente abordando a compreensão de Husserl acerca da situação dos demais animais.

Para tal finalidade, recorri as obras do próprio Husserl, nas quais ele aborda o tema, especificamente em *Ideias II* (HUSSERL, 1913/2005); e à quinta meditação das *Meditações Cartesianas* (HUSSERL, 1931/2001), para abordar a questão da empatia. Também recorri a outros estudiosos da filosofia husserliana, seguindo as orientações de Ales Bello (2006), dialoguei com os textos com o texto *Mundo Humano – Mundo Animal* (ALES BELLO, 2000, tradução nossa) e com *A Estrutura da Pessoa Humana*, de Edith Stein (1932/2003, tradução nossa). Também dialoguei com Painter (2007), especialmente porque este aborda o tema a partir da leitura do livro *Ideias II* (HUSSERL, 1913/2005).

Sobre o ponto de vista da ética, vali-me também de Husserl (1924/2020; 1936/2012), reconhecendo sempre que não posso considerar Husserl como um ativista da causa animal. Porém, seus textos nos dão elementos e condições para pensar sobre a nossa conduta acerca deles, especialmente em termos de reflexões de ordem deontológicas.

Assim, friso que não necessariamente há um acordo perfeito entre a posição dos autores que se posicionam explicitamente a favor da causa animal, como Singer (1975) e Ingold (1995), e a tradição fenomenológica; ressalto que a fenomenologia é capaz de apresentar à causa animal um caminho outro para compreender e evidenciar o caráter senciente dos demais animais, e melhor posicionar, a relação do humano com os demais animais.

Uma vez que foram abordadas tais questões sobre a situação da animalidade e da humanidade, sobre a relação entre o homem e o animal, discuti mais especificamente a situação das Intervenções Assistidas por Animais, tanto acerca dos pioneirismos de Levinson (1962) e de Silveira (1981), quanto das teorizações mais recentes acerca de como a interação e o vínculo homem-animal possam promover efeitos terapêuticos (BEETZ, 2017). É importante situar que

quanto ao momento em que abordei Nise da Silveira, vali-me de aproximações já realizadas entre ela e a fenomenologia (SCHEDLER, HOLANDA, 2015; SILVA, 2019).

Por fim, recorreremos mais uma vez à visada fenomenológica sobre as IAAs, especialmente naquilo que compõe uma crítica à tecnificação e objetificação dos animais não humanos e a primazia pelo vínculo entre ambos, e não a mera interação (BASTOS, 2018; BASTOS; BORBA, 2018; BORBA, 2015; SILVA, 2019).

No quarto capítulo, apresentei duas propostas: a primeira é a de realizar uma apresentação sistemática acerca da questão do outro na obra husserliana, especialmente na quinta meditação das *Meditações Cartesianas* (HUSSERL, 1931/2001); a segunda é a de realizar uma fenomenologia do cuidado, no sentido de uma investigação pelo método fenomenológico, que o tem como fenômeno investigado. Desse modo, foram evidenciadas várias relações de cuidado, com o fim de delimitar a sua estrutura essencial, e o que pode ser construído mediante as formas de cuidado, bem como a questão do outro para a fenomenologia e para a Psicologia.

Realizo no quarto capítulo, portanto, um desenvolvimento mais extenso da quinta meditação, no qual descrevo o caminho investigativo de Husserl, na quinta meditação das *Meditações Cartesianas* (1931/2001). Pois, é somente neste capítulo que a dualidade do corpo na obra husserliana é mais cara para a pesquisa: em sua relação com o cuidado. Assim, enquanto efetuei a explicitação de aspectos mais gerais desta meditação no terceiro capítulo, de modo a apresentar conceitos, como o de emparelhamento; no quarto adentro no caminho investigativo e lógico apresentado e desenvolvido por Husserl (1931/2001), para chegar à tal conceito. Também no quarto capítulo abordaremos novamente as obras husserlianas das quais vali-me para discutir sobre a temática da ética (HUSSERL, 1924/2020; 1936/2012).

Assim, o quinto capítulo consiste na apresentação descritiva do que foi evidenciado pela leitura e análise dos artigos elencados, conforme a metodologia discutida no segundo capítulo. Nele os fenômenos serão descritos e evidenciados tal qual estão manifestos no texto. Uma vez que, durante a análise dos artigos, tive em vista que o necessário “é ler com a intenção de deixar o autor falar, seguindo seus pensamentos como estes se configuraram em sua mente” (ALES BELLO, 2000, p. 252, tradução nossa).

Apenas no capítulo sexto é que está a descrição dos fenômenos evidenciados na literatura, possível graças ao método fenomenológico, pôde ser posta para a discussão mediante os capítulos passados. Então, no capítulo sexto: os fenômenos evidenciados e descritos no capítulo quinto foram discutidos com base na crítica husserliana ao naturalismo, disposta no segundo capítulo; com base na questão do especismo e do vínculo homem animal como uma

questão ética, apresentados no terceiro capítulo; e nas concepções de cuidado apresentadas e evidenciadas no quarto capítulo, bem como a visão da fenomenologia acerca do lugar do outro.

Ao final, seguem em apêndice fichas de análises individuais de cada artigo, evidenciando os fenômenos que foram intencionados por esta pesquisa, e que fomentaram a discussão.

### **Advertências e considerações sobre a escrita**

Um aviso que considero importante sobre esta pesquisa é que o estilo e a pessoa da escrita estão coerentes com a proposta de escrita de um texto. Isso significa que o texto foi escrito em primeira pessoa do singular.

A terceira pessoa, usualmente utilizada para não imiscuir impressões subjetivas e pessoais nas pesquisas científicas (ZAHAVI, 2019), não é utilizada neste trabalho. Assim, a voz em primeira pessoa para os trabalhos realizados a partir da metodologia da fenomenologia não é ocasional. A fenomenologia compreende que há uma indissociabilidade entre a consciência e os conteúdos para os quais se dirige por meio da intencionalidade (HUSSERL, 1913/2006; ZAHAVI, 2019).

Isso significa dizer que há sempre uma consciência no ato de conhecer, e que se há um ato perceptivo, este ato perceptivo é o ato perceptivo de alguém, que não deve estar ausentado do processo de conhecer. O que também indica que as reduções fenomenológicas realizadas, as estruturas essenciais evidenciadas no âmbito da consciência transcendental, ocorrem para aquele que efetua as reduções, e que intenciona tais estruturas eidéticas (GUIMARÃES, 2013; ZAHAVI, 2019). Esse eu, mesmo que seja o eu puro transcendentalmente reduzido, é o eu do pesquisador, nesse caso, o meu.

Portanto, utilizei a primeira pessoa do singular para abordar aquilo que eu realizei no desenvolvimento da pesquisa, o modo como os fenômenos foram evidenciados para mim, no meu contato com a literatura. Dito isto, posso recorrer ao que foi defendido por Zahavi (2019, p. 17-18):

Se os fenomenólogos estavam tão empenhados em descrever e analisar as propriedades fundamentais da subjetividade, entre elas também o modo essencial de sua intencionalidade (do estar dirigido para o objeto), sua corporeidade vital, sua temporalidade, sua historicidade, sua ancoragem intersubjetiva (social e comunitária) etc., então eles o estavam a partir da convicção de que uma investigação exaustiva dos fenômenos, do mundo aparente, necessariamente precisa levar em conta a subjetividade. [...] A ideia é antes a de que todo fenômeno, todo aparecer *de algo para* alguém. Caso se queira compreender como objetos corporais, tais como modelos matemáticos, processos químicos, relações sociais, produtos culturais podem aparecer como aquilo que eles são, e, em verdade, com o significado que eles têm, então é preciso levar em conta o sujeito ou os sujeitos, para os quais eles aparecem. Se

estivermos lidando com objetos aparentes, com objetos, que são representados, experimentados, julgados, avaliados, valorados, compreendidos, lembrados etc., então também estará dirigido para as formas da intencionalidade, para os atos de representação, da percepção, do juízo e do valor, com os quais os objetos aparentes estão necessariamente ligados

## CAPÍTULO II

### A FENOMENOLOGIA HUSSERLIANA:

#### Aspectos teóricos e metodológicos da pesquisa

Reconheço que seria difícil realizar uma primeira apresentação sobre a fenomenologia melhor do que aquela realizada por Maurice Merleau-Ponty, em seu *Fenomenologia da Percepção* (1945/1999). Assim, apresento o que nos é possível dizer, destas primeiras palavras sobre a fenomenologia, e que gostaria que fosse lembrado:

O que é a fenomenologia? Pode parecer estranho que ainda se precise colocar essa questão meio século depois dos primeiros trabalhos de Husserl. Todavia, ela está longe de estar resolvida. A fenomenologia é o estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, resumem-se em definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo. Mas a fenomenologia é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua "facticidade". [...] É a ambição de uma filosofia que seja uma "ciência exata", mas é também um relato do espaço, do tempo, do mundo "vivos". É a tentativa de uma descrição direta de nossa experiência tal como ela é, e sem nenhuma deferência à sua gênese psicológica e às explicações causais que o cientista, o historiador ou o sociólogo dela possam fornecer [...] (MERLEAU-PONTY, 1945/1999, p. 1-2).

Considero a apresentação acima exposta muito tocante acerca da importância da fenomenologia. Portanto, situo que tais palavras foram publicadas originalmente na década de 1940, mas que ainda hoje, refletem com muita atualidade alguns dos motivos sobre o sucesso da fenomenologia, dos encantos e impactos causados em seus leitores. E da advertência aos leitores apresados:

O leitor apressado renunciará a circunscrever uma doutrina que falou de tudo e perguntar-se-á se uma filosofia que não consegue definir-se merece todo o ruído que se faz em torno dela, e se não se trata antes de um mito e de uma moda. Mesmo se fosse assim, restaria compreender o prestígio desse mito e a origem dessa moda, e a seriedade filosófica traduzirá essa situação dizendo que a fenomenologia se deixa praticar e reconhecer como maneira ou como estilo; ela existe como movimento antes de ter chegado a uma inteira consciência filosófica. Ela está a caminho desde muito tempo [...]. É em nós mesmos que encontramos a unidade da fenomenologia e seu verdadeiro sentido. A questão não é tanto a de enumerar citações quanto a de fixar e objetivar esta fenomenologia para nós que faz com que, lendo Husserl ou Heidegger, vários de nossos contemporâneos tenham tido o sentimento muito menos de encontrar uma filosofia nova do que de reconhecer aquilo que eles esperavam. A fenomenologia só é acessível a um método fenomenológico (MERLEAU-PONTY, 1945/1999, p. 2).

Apesar das belas palavras de Merleau-Ponty, considero necessário também delimitar o que se propõe chamar de fenomenologia, ou de um movimento fenomenológico, uma vez que segundo Spiegelberg (1965, p.2, tradução nossa) há uma dificuldade em realizar tal tarefa:

A primeira decisão de um historiador deve tomar é de onde começa a história. A menos que ele queira que a decisão seja completamente arbitrária, ele deve estar preparado para justificar pela concepção clara do tema unificador. Infelizmente, essa demanda não pode ser satisfeita tão facilmente no caso da fenomenologia.

De tal modo que “Mesmo que ele já tenha se estabelecido como um movimento consciente de sua própria identidade [...] De fato, o próprio termo ‘movimento’ aplicado à fenomenologia precisa de uma justificação e explicação” (SPIEGELBERG, 1965, p. 2, tradução nossa). Afinal, a fenomenologia não se trata de uma estrutura muito próxima de uma escola, sendo que as organizações eram estabelecidas na Alemanha em círculos. Então, a leitura de Spiegelberg (1965), permite indagar o porquê do termo movimento, se movimento é mais comumente utilizado em cenários políticos e artísticos?

Para Spielgeberg (1965), o termo fenomenologia se justifica por três fatores: o primeiro pela contraposição à noção de estacionário, por ser uma filosofia dinâmica, cujo desenvolvimento é determinado por princípios intrínsecos; o segundo que como um rio, ele compreende vários braços paralelos, que podem se mover em velocidades diferentes e não são necessariamente homogêneos; e, por fim, eles possuem um ponto de partida em comum, por mais que não possamos predizer com clareza que todos chegarão ao mesmo destino.

Sendo assim, situo que esse ponto de partida em comum seja Husserl e o método fenomenológico, de tal modo ocorra a comparação do movimento de Husserl como uma espiral convergindo sempre para o centro de um tema específico: o fenômeno da esfera subjetiva. E, assim, compreendesse o movimento de seus seguidores como linhas, que partem tangencialmente do movimento espiral de Husserl, dando continuidade a temas que ele próprio abordou durante sua primeira fase, mesmo que este tenha, em seguida, mudado seu curso (SPIELGEBERG, 1965).

Entretanto, mesmo com tal compreensão, é preciso que o leitor se atenha ainda à dificuldade em delimitar o que se pode chamar, propriamente, de fenomenologia. Afinal, até que ponto uma filosofia ou algum filósofo é pertencente a este movimento? É claro que a questão do método e do ponto de partida, já supracitado, são indícios importantes, mas até que ponto o autor pode distanciar-se sem sair do movimento?

É mister compreender que o termo fenomenologia não foi utilizado pela primeira vez por Husserl, mas sim por Johann Lambert (1728-1777), em 1764; sendo posteriormente adotado por Fredrick Hegel (1770-1831), filósofo cuja obra, ao que tudo indica, Husserl teve pouco contato; também foi apropriado pela Física, como termo próprio e em sentido próprio. Logo, é preciso que nos mantenhamos atentos, conforme oriente Spielgeberg (1965), para não agruparmos filosofias extra-fenomenológicas e nem pseudo-fenomenológicas ao movimento.

Assim, é necessária a atenção tanto ao uso do método, de forme implícita ou explícita, no que confere a intuição direta sobre o fenômeno e “*insights*” sobre a estrutura essencial dos fenômenos como uma possibilidade genuína e necessária para o conhecimento filosófico,

quanto um próprio reconhecimento consciencioso, por parte do pensador, de pertencente ao movimento em virtude de estar atento aos princípios metodológicos. Por mais que o próprio Spiegelberg (1965) proponha essas noções, ele também alerta que não são perfeitas, e devem ser associadas a uma compreensão mais profunda da fenomenologia, especificamente definindo-a em seus sentidos mais latos e mais estritos.

Diante dessas primeiras palavras sobre a fenomenologia, e seu impacto enquanto uma tradição de pensamento, cabe realizar uma antecipação sobre os tópicos que serão abordados e trabalhados neste capítulo. Desse modo, antecipo que abordo a história da fenomenologia, desde a sua fundação por E. Husserl, acompanhando o seu percurso junto à matemática até a refutação do psicologismo em as suas *Investigações Lógicas* (1900/2014). Durante este percurso também serão apresentados alguns conceitos importantes, como, por exemplo, consciência, objeto, fenômeno e intencionalidade, e demarcando o lugar da Psicologia Fenomenológica.

Em seguida, abordarei a ética dentro da proposta husserliana (HUSSERL, 1924/2020), englobando também desde sua crítica epistemológica que abrange tanto ao naturalismo quanto ao historicismo (HUSSERL, 1911/1965), e a sua concepção de um novo estatuto de cientificidade voltado para o mundo da vida (HUSSERL, 1936/2012), que denuncia a importância da reflexão acerca do sentido dos conhecimentos produzidos.

Após abordado o encontro da fenomenologia husserliana com a ética, encontrar-se-á com o cuidado, e aqui inseridas as Intervenções Assistidas por Animais enquanto uma atividade que visa o cuidado humano, mas que precisa também garantir o cuidado para com os demais animais envolvidos na prática. Após situadas estas questões, descrevo o método desta pesquisa, explicitando os aspectos mais operacionais da pesquisa bibliográfica e as reduções fenomenológicas como via de análise do material levantado.

**A fenomenologia de E. Husserl:** história, desenvolvimento e conceitos.

Como já demonstrado anteriormente por Merleau-Ponty (1945/1999), a fenomenologia consistiu em um movimento filosófico importante, que emerge no início do século XX, e influenciou enormemente o cenário do pensamento europeu, apesar de ter também alcançado outros países, como o Japão (GOTO, 2015). Desse modo, é oportuno situar que esta pesquisa intenta manter-se o mais próximo e fiel possível às concepções do fundador da fenomenologia.

Assim, situo que a fenomenologia apresenta uma pluralidade de pensamento e de concepções, inclusive com determinadas variações acerca do método. Dentro desta pluralidade posso citar Max Scheler (1874-1928), Maurice Merleau-Ponty (1908-1961), Edith Stein (1891-



1942), Emmanuel Levinás (1906-1995) e Martin Heidegger (1889-1976). Mas, o que nos interessa agora, é conhecer como a fenomenologia pôde ser concebida por E. Husserl, partindo de uma discussão nascida da Matemática, sobre o conceito de número, e chegada à Filosofia. Em especial, o porquê do interesse de Husserl acerca do tema da Psicologia (GOTO, 2015).

Desse modo, é possível apresentar E. Husserl (1859-1938) como um estudioso judeu, nascido em 8 de abril de 1859, na cidade de Prossnitz, Morávia; atual Prostejov, República Tcheca. Interessa aqui demarcar em sua biografia alguns aspectos principais que influenciaram em sua obra, e propiciaram-no chegar nas questões que permitiram-no fundar a fenomenologia (GOTO, 2015).

Deste modo, é necessário demarcar o interesse de Husserl pela Matemática, de modo que decide enveredar por ela em seus estudos universitários, quando iniciados no ano 1876, em Leipzig. Assim, além do estudo desta ciência, campo no qual teve suas primeiras publicações e obterá o seu doutoramento, teve contato prévio também com a Filosofia, e com os problemas que envolviam a Psicologia. Fato curioso é que as aulas de filosofia assistidas por Husserl em Leipzig foram ministradas por W. Wundt, considerado o pai da Psicologia Moderna, e o percussor da psicologia experimental. Desse momento, podemos considerar que nasce o interesse de Husserl pela Psicologia Filosófica (GOTO, 2015).

Concluindo os estudos universitários, Husserl doutora-se em 1882, em Viena, com a tese intitulada: *O Cálculo das Variações*. Assume, conseguinte, o cargo de professor assistente do matemático Karl W. T. Weierstrass (1815-1897), que com suas pesquisas buscava, através do conceito de número, separar o cálculo da geometria. É considerado o pai da análise matemática moderna (GOTO, 2015).

É devida a essa influência que E. Husserl decide se ocupar de uma fundamentação pura e radical para a aritmética, e assume assim uma postura psicologista, ao tentar fundamentar a origem da aritmética em processos psicológicos e cognitivos. Do ponto de vista histórico, é compreensível esse primeiro posicionamento, uma vez que o psicologismo era uma corrente muito difundida e bem aceita nos círculos intelectuais do tempo de Husserl. Dentre exemplos de psicologistas contemporâneos a Husserl naquele período, podemos citar Stuart-Mill (1806-1873), W. Wundt (1832-1920), W. Dilthey (1833-1911), e, aquele que viria exercer uma grande influência em seu trabalho, e o teria como um discípulo: Franz Brentano (GOTO, 2015).

Assim, podemos situar o período de proximidade com Brentano, que em seguida o encaminhou aos cuidados de outro discípulo seu, Carl Stumpf (1848-1936), como um período fecundo e que originou outro momento de compreensão e de produções husserlianas. Por mais que ainda preocupadas com a questão da Matemática e o conceito de número. Cabe sinalizar

que Brentano influenciou Husserl para além da Matemática, mas também o inspira na ideia de uma filosofia racional, uma concepção empírica da Psicologia, e lhe apresenta um conceito que lhe será caríssimo, embora sofra alterações frente às noções brentanianas: intencionalidade (CARDOSO; MASSIMI, 2013; GOTO, 2007; 2015; PEREIRA; MEIRELLES, 2019).

Diante dessas influências, são apresentadas as obras *Sobre o Conceito de Número: análise psicológica*, em 1887, que foi sua tese de habilitação, e o garantiu uma cátedra de professor universitário em Halle, e, propiciou mais tarde, a sua publicação de sua *Filosofia da Aritmética*, em 1891. Nesse primeiro momento psicologista, Husserl compreende que o conceito de número advém do processo de contagem, e este depende de uma possibilidade de abstração dos objetos, permitindo-nos conceber a ideia de um conjunto (GOTO, 2015; HUSSERL, 1887/2012; 1891/2001; SPIEGELBERG, 1965).

Desse modo, o processo de contagem dependeria de um interesse unificador, ou ainda um ato de unificação, para que pudessem-se atribuir uma ideia de conjunto e, conseqüentemente, a ideia de multiplicidade e a possibilidade de contar. Nesse período, o conceito de número dependeria, portanto, exclusivamente das funções cognoscitivas do sujeito, o interesse unificador dependeria da consciência, e não de algo da natureza dos objetos que os permitissem ser agrupados (HUSSERL, 1887/2012).

É importante situar que a psicologia naquele momento era muito influenciada pela psicofísica, e atribuir o caráter de unificação unicamente à consciência incorria em também colocar o conceito de número e as leis da lógica e do pensar como objetos da psicofísica. Destarte, é importantíssima para a constituição da fenomenologia às críticas realizadas por G. Frege (1848-1925) a estes trabalhos (GOTO, 2015; SENRA, 2020; SPIEGELBERG, 1965).

Mesmo antes das críticas de Frege, Husserl já havia percebido os erros de seu trabalho, como admite à Carl Stumpf, ao perceber que a compreensão da aritmética, tal como formulada pela tese psicologista, não pode levar a compreensão da lógica-matemática. Assim, por meio de duras críticas, Frege busca fazer Husserl perceber que as leis da lógica não podem ser compreendidas meras conseqüências do processo de pensamento, e que estas existem enquanto objetos ideais em si. Alega também que como a psicofísica, estava subordinada às leis causais da natureza, e por seu próprio caráter causal, não poderia fundamentar de modo *a priori* (GOTO, 2015).

É diante desta crítica que E. Husserl funda a fenomenologia em 1900, com a sua obra *Investigações Lógicas* (1900-1901), dedicada à Carl Stumpf. Nesta obra há então a refutação do psicologismo como justificação psicológica das leis da lógica, e há a apresentação de uma terceira via dentro da disputa entre psicologistas e logicistas, que adentraremos com mais

profundidade em breve. Podemos então compreender três fases do pensamento husserliano: a primeira que vão dos estudos pré-fenomenológicos até a instauração da fenomenologia em 1900/1901; uma segunda fase marcada pelo seu tempo de docência em Göttingen, caracterizada pela amadurecimento e desenvolvimento da fenomenologia e uma maior profundidade nos estudos dos problemas da filosofia e da modernidade; e uma terceira fase, iniciada pela chegada à Friburgo, na universidade da qual torna-se reitor (GOTO, 2015; HUSSERL, 1900/2014; SENRA, 2020).

Alguns outros marcos da vida de E. Husserl merecem destaque. Dentre estes fatos, há de situar-se o casamento, em 1887, com Malvine C. Steinschneider, que ocupou posição central na vida do filósofo. Este casamento deu-lhe três filhos: Elisabeth; Gehard, que foi um importante professor de filosofia do direito; e Wolfgang, que faleceu na primeira guerra mundial, em 1915 (GOTO, 2015).

A morte de Wolfgang, e de outros, durante o período de guerra tiveram impactos significativos sobre o trabalho e a pesquisa de Husserl. No mesmo ano da morte de seu filho, Husserl mudou-se de Göttingen para lecionar em Friburgo, onde iniciou a ampliação da fenomenologia para além de método, mas também como fenomenologia transcendental que serviria de fundamentação para todas as ciências. Deste modo, é evidente que a obra husserliana, notadamente a que se concentra após 1915, visa denunciar o fracasso da racionalidade científica, e com esta denúncia, estabelecer uma crítica da razão humana (Ibdem).

Anos mais tarde, mas ainda nesta fase, durante a ascensão do governo nazista em 1933, Husserl perde o cargo de reitor da Universidade de Friburgo, cargo assumido por seu discípulo Martin Heidegger. Apesar de Husserl converter-se ao protestantismo, ainda no século XIX, sua origem judaica não o livrou de ser perseguido. Para proteger sua obra, tiveram que enviar mais de 45000 manuscritos, fora as obras publicadas, para Universidade de Lovaina, na Bélgica (Ibdem).

Tais alterações no cenário político, com a Alemanha hitlerista e o seu forte movimento antissemita, é que o conduziu a escrita da sua obra *Krisis (A Crise das Ciências Europeias e a fenomenologia transcendental)*, que é um conjunto de manuscritos e conferências dentre os anos de 1926 e 1937. Como dito anteriormente, Husserl já se encontrava seriamente doente entre 1934 e 1938, ano de sua morte. Deste modo, está presente na obra Husserliana, desde o surgimento da fenomenologia, perpassando por seus primeiros anos mais focados no método e no amadurecimento de sua filosofia, até seus anos finais com a *Krisis*, uma preocupação epistemológica e uma crítica racional (HUSSERL, 1936/2012; GOTO, 2015).

Assim, é necessário e oportuno situar que a preocupação husserliana sempre tangenciou a questão da razão. Seja na sua crise e derrocada, com advento das barbáries vividas no século XX; seja na constituição de um método, o fenomenológico, e sua relação com a teoria do conhecimento; a razão e o sentido do conhecimento foram sempre postos em questão, especificamente naquilo que tange à ética, já demarcada desde as *Investigações Lógicas*, e chegando até a *Crise das Ciências Europeias*, onde aborda-se a possibilidade de uma humanidade mais autêntica e da enteléquia enquanto destino da humanidade (HUSSLERL, 1900/2014; 1935/2008b; 1936/2012).

Mas, abordada a obra completa, é preciso voltar ao início, ao debate instaurado no século XIX entre psicologistas, grupo em que se situa F. Brentano e E. Husserl, antes de 1900; e os logicistas, representado aqui por G. Frege, que como já foi visto, criticou os primeiros trabalhos de Husserl. Esta retomada leva à fenomenologia propriamente dita, uma vez que os aspectos biográficos de Husserl já estão antecipadamente postos (GOTO, 2015; SPIEGELBERG, 1965).

Conforme supracitado, consideremos que E. Husserl inicia seu caminho acadêmico e intelectual fortemente ligado, mas também poderíamos dizer enviesado, e comprometido com uma concepção específica: o psicologismo. Seria justo, conforme também já foi situado, identificar que esse comprometimento intelectual se deu, principalmente, pelas influências recebidas de seus mestres, professores e do próprio cenário europeu vivenciado na virada do século XIX para o século XX (GOTO, 2015; SPIEGELBERG, 1965). Diante disso, resta perguntar, em que consiste o psicologismo?

Sobre o psicologismo, embora seja possível demarcar uma compreensão epistemológica geral e comum sobre ele, também encontramos em seu meio pensadores bastantes diversos, com diferentes concepções epistemológica, cujos psicologismos diferem quanto aos embasamentos. Por exemplo, podemos contrapor o psicologismo de Wundt ao de Brentano, como outrora fez Titchener (1921), que compreendem projetos de fundamentação da Psicologia enquanto ciência mediante compreensões empíricas diferentes: experimental, no caso de Wundt; e no sentido de uma intuição direta e descritiva da vida interior, no caso de Brentano.

Contudo, o psicologismo de ambos está evidente naquilo que Titchener (1921, p. 110), justamente, aponta como um aspecto comum entre os autores: “Eles concordam que a psicologia ocupa um lugar de grande importância na comunhão das ciências, e que é logicamente anterior às ciências naturais”. Clarificada esta compreensão, é exatamente neste ponto: o psicologismo seria a perspectiva em que a Psicologia seria tomada como fundamento epistemológico das demais ciências, especificamente, no campo da lógica, por determinar os processos psicológicos que determinariam as leis lógicas (TITCHENER, 1921).

Então, quais implicações podem ser esperadas das considerações psicologistas? Inúmeras, para diversos campos, da pedagogia à estética, mas as que nos interessam aqui são pertinentes à Psicologia, e à naturalização da consciência, ou seja, tomar a consciência como objeto de estudo e interesse das ciências naturais. Tal movimento é muito bem abordado, especialmente se analisarmos a obra de 1900, *Investigações Lógicas* (HUSSERL, 1900/2014) e a obra de 1911, *Filosofia como Ciência de Rigor* (HUSSERL, 1911/1965), que demonstram, especificamente, como tal processo é incoerente com a própria fundação da fenomenologia, enquanto disciplina eidética.

Desse modo, resta-nos demarcar, portanto: qual a proposta da fenomenologia? E para isso, é necessário que apresentemos algumas concepções husserlianas, o que quer dizer: alguns conceitos e noções. Antes, situo que o psicologismo pertence a um jogo de antíteses epistemológicas, derivadas de demais disputas filosóficas, sempre duais, e para as quais ele (HUSSERL, 1900/2014), apresenta uma saída, apesar de ainda necessitar de desenvolvimentos subsequentes. Dentre essas antíteses filosóficas, discutidas pelo pai da fenomenologia, cito as seguintes: “empirismo e racionalismo; relativismo e absolutismo; subjetivismo e objetivismo; ontologismo e transcendentalismo, positivismo e metafísica; concepção teleológica e concepção causalista” (HUSSERL, 1927/1992, tradução nossa).

Diante dessas antíteses no campo da epistemologia, posso evidenciar a disputa entre racionalistas e empiristas. Evidenciar tal disputa especificamente, porque ela talvez seja a que melhor ilustre como a fenomenologia surge de modo a propor um encerramento deste debate de séculos, como podemos perceber a seguir:

Chega, então, a longa época de uma luta apaixonada, que se estende desde Hume e Kant até os nossos dias, para aceder a uma autoconcepção das verdadeiras razões desse fracasso de séculos; naturalmente, uma luta que se desenrolou numa pequena minoria de vocacionados e eleitos, enquanto a massa dos restantes encontrou e continua a encontrar rapidamente a sua fórmula para se tranquilizar a si e aos seus leitores (HUSSERL, 1936/2012, p. 7).

Desse modo, objetivemos compreender que Husserl (1936/2012) foi um dos poucos pensadores a se impor diante desta disputa de séculos que vinha marcando a modernidade. Assim, temos em Husserl uma possibilidade de saída, entre a constituição epistemológica que ora privilegiava o objeto, ora privilegiava o sujeito diante do ato de conhecer. Apesar de, e isto é necessário pontuar, Husserl não tenha sido um pioneiro neste projeto de uma unidade dentro da Filosofia, pensar em uma fundamentação última desta, de modo que a Filosofia pudesse, então, constituir-se enquanto uma Filosofia Transcendental.

Como exemplo desse pioneirismo unificador, temos Kant (1781/2005), que em sua tese alia sensibilidade e razão, tentando estabelecer uma nova maneira de lidar com a questão do

sujeito e do objeto. Assim, podemos entender o reconhecimento dado por Husserl à Kant, no sentido de compreendermos um certo projeto em comum entre ambos. Destarte:

[...] uma filosofia transcendental é tanto mais autêntica, quanto melhor cumpre a sua vocação como filosofia, quanto mais radical ela é; e, afinal, que ela só alcança em geral a sua efetividade e verdadeira existência, o seu efetivo e verdadeiro início, quando o filósofo conquista para si uma *compreensão clara de si mesmo como subjetividade que funciona como fonte originária*, também teremos, então, por outro lado, de reconhecer que a filosofia de Kant está a *caminho* disso, que está de acordo com o sentido formal-geral de uma filosofia transcendental, segundo a nossa definição (HUSSERL, 1936/2012, p. 80).

Contudo, apesar de que “se descontarmos a filosofia negativista-cética de um *Hume*, o sistema kantiano é a primeira tentativa, levada a efeito, além disso, com uma assinalável seriedade científica, de uma filosofia transcendental efetivamente universal, pensada como *ciência rigorosa* [...]” (HUSSERL, 1936/2012, p. 80), não podemos assumir que estes, Husserl (1936/2012) e Kant (1781/2005), apresentem uma compreensão epistemológica comum. Na realidade, a própria divergência na compreensão do que seria o fenômeno entre ambos, e a forte influência da física newtoniana na filosofia kantiana, impondo um ideal de ciência, permite-nos perceber a diferença entre ambas as considerações como inconciliáveis. Especialmente se tivermos em conta que o modo como I. Kant alia a sensibilidade à razão é uma compreensão psicologista (MOURA, 2006; GOTO, 2007).

Assim, é pelo contraponto com a filosofia kantiana que se almeja apresentar a primeira compreensão necessária e introdutória para a fenomenologia husserliana. Se, para Kant (1781/2005), diante de sua concepção psicologista, a sensibilidade e a razão se aliam na prerrogativa de responder à pergunta sobre o que é possível conhecer, elas também mantêm sempre uma distância entre o sujeito e o objeto. Tal distância pode ser evidenciada pela noção kantiana de fenômeno, como aquilo que é fundado na coisa-em-si, porém adequados às categorias do entendimento humano. A coisa-em-si seria a coisa nela mesma, e que nos é inalcançável, cabendo-nos apenas os fenômenos, que são adequados às categorias do entendimento humano e à sua sensibilidade.

Neste sentido, fica evidenciada que há uma cisão entre o objeto e o sujeito. O ponto de partida da investigação kantiana, poderíamos dizer, seria o modo como os objetos se adequam a nossa faculdade de intuição, para que depois possamos “relacioná-las, enquanto representações, a alguma coisa como a seu objeto, e como devo determinar este último por meio daquelas” (KANT, 1781/2005, p. 29).

Em contrapartida, a fenomenologia propõe uma relação indissociável entre sujeito e objeto, por meio da intencionalidade, que veremos a seguir. De antemão, destaquemos que não

haveria algo para além do fenômeno, sendo o próprio fenômeno, entendido aqui como ponto de partida para as investigações fenomenológicas, em sua relação necessária e obrigatória com a consciência.

Afinal, “toda problemática transcendental gira em torno da relação *deste* meu eu – o ego – [...] e gira [...] em torno da relação deste eu e da minha vida da consciência com o *mundo*, de que sou consciente e cujo verdadeiro ser conheço nas minhas próprias configurações cognoscitivas” (HUSSERL, 1936/2012, p. 79). Diante disto, revela-se que na fenomenologia não há primazia pelo sujeito, consciência, nem pelo objeto, fenômeno, pois estes são interdependentes e necessariamente correlatos (HUSSERL, 1913/2006; 1936/2012).

O conceito que possibilita isso é justamente o herdado de Brentano, anteriormente utilizado na filosofia medieval, conhecido como intencionalidade, que consiste na característica própria da consciência em dirigir-se para um fenômeno, doando-lhe sentido por meio deste ato de visada. Logo, há a compreensão de que os fenômenos apenas podem ser tomados como fenômenos mediante a um ato intencional que lhes confira sentido, em um fluxo de vividos (GOMES, 2004). Portanto, “as vivências subjetivas correspondentes as quais chegam a ser para nós conscientes, nas quais, em um sentido amplo, nos aparecem. Daí que todas estas vivências se chamem também fenômenos” (HUSSERL, 1927/1992, p. 36, tradução nossa).

Assim, “[...] em qualquer outro gênero de vivências psíquicas sucede algo semelhante: a consciência que julga, que valora, que aspira, não é um simplesmente um vazio ter consciência dos respectivos juízos, valores, metas, meios” (HUSSERL, 1927/1992, p. 36, tradução nossa). Desse modo, é possível compreender que a consciência se direciona para objetos externos, sejam eles reais ou ideias, por meio da intencionalidade, que se configura como um ato doador de sentido. Quando estes objetos são intencionados, denominam-se fenômenos. Aqui cabe mais uma vez retomar a diferença entre a compreensão de Husserl e Kant, para fins elucidativos (HUSSERL, 1936/2012).

Se, como supracitado, para Kant (1781/2005) os fenômenos seriam modos de adequação da coisa-em-si acomodadas com a nossa sensibilidade e razão, gerando uma representação possível ao sujeito transcendental conhecer; para a fenomenologia husseliana, embora essa seja uma compreensão fenomenológica também defendida por Merleau-Ponty (1948/2004), a intuição do objeto apresenta-se de maneira a formar uma unidade sintética, e sinestésica, como veremos. De modo que: “para toda a fenomenologia, o termo fenômeno carece do sentido kantiano, segundo o qual o fenômeno é distinto da coisa em si. Aqui fenômeno é simplesmente e plenamente o que aparece enquanto aparece, sem mais nem menos” (FERRER; SÁNCHEZ-MIGALLÓN, 2011, p. 24, tradução nossa)

Desse modo, por mais que se possa tomar como fenômeno alguma percepção de uma característica específica do objeto, como entender a cor como um fenômeno em si, é preciso compreender que as variadas percepções de um mesmo objeto, em sua multiplicidade de aparições, correspondem necessariamente a uma unidade sintética de um mesmo objeto. Portanto, as percepções distintas de um mesmo objeto, mesmo que advenham de vias sensoriais diferentes, não configurariam como modos de adequação deste objeto à nossa sensibilidade, mas sim evidências deste mesmo objeto de modos distintos, mas sempre concordantes (HUSSERL, 1913/2006; 1936/2012).

Para clarificar, convido a pensar em uma pessoa que vê uma mesa, e outra que tateia essa mesa no escuro. É nítido que por meio de ambas os processos perceptivos, não se pode obter uma apreensão absoluta da mesa: assumamos que seja impossível tocar em toda a extensão da mesa ao mesmo tempo; do mesmo modo que, independentemente do ângulo, a mesa sempre manterá um lado oculto à nossa visão. Contudo, a dureza dessa mesa, a sua capacidade de sustentar objetos que lhe sejam postos em cima, assim como sua forma, que são aspectos que tangem às suas características eidéticas, chegam como evidência nos dois exemplos, tanto pelo tato, quanto pela visão.

Assim, o fenômeno é correspondente ao modo como o objeto se evidencia, não apenas como particularidade, mas principalmente, de modo eidético, à consciência. Há, assim, sempre um processo intencional de preenchimento, no qual a face oculta da mesa é compreendida mediante a apresentação da face vista, e no qual a sua dureza é compreendida por meio da intuição de sua forma e de seu material. É verdade também que a percepção tátil da mesa pode ser sinteticamente associada à percepção visual, por meio da natureza sinestésica e cinestésica da própria percepção (HUSSERL, 1913/2006; 1927/1992; 1936/2012; MERLEAU-PONTY, 1948/2004).

Logo, o fenômeno, para a fenomenologia, não seria meramente uma adequação, que geraria uma representação inteligível do objeto, como quis Kant (1781/2005). Seria antes, o modo de própria constituição do sentido de ser daquele objeto, visto que a consciência intencional, por meio da intuição e da percepção apresenta-nos a natureza do objeto, compreendido aqui enquanto fenômeno, em sua validade de ser, mediante as suas estruturas eidéticas. Portanto, cada evidenciação do fenômeno, mesmo que por meio de processos sensíveis diversos, apresenta uma característica do objeto, de modo que nos pode, em uma constituição sintética do objeto, apreender suas estruturas essenciais (HUSSERL, 1913/2006; 1931/2001; 1936/2012).



Uma vez que esteja clara esta diferença, que ressalta a importância da fenomenologia enquanto uma disciplina eidética, cabe adentrar, posteriormente, no que tange ao método, e nessa nova forma de rigor e crítica epistemológica assumida. Assim, urge compreender a importância do entendimento da fenomenologia enquanto disciplina eidética para a crítica epistemológica realizada por Husserl. Afinal, sua proposta é de “[...] uma fenomenologia pura (que, segundo a introdução, deve se tornar uma ciência de essências) e da compreensão de seu lugar em relação a todas as ciências empíricas e, portanto, também em relação à psicologia” (HUSSERL, 1913/2006, p. 59)

Portanto, assumindo a fenomenologia como uma ciência de essências e não de meros fatos, compreende que o mundo, a realidade, não pode mais ser tomada, como outrora quiseram as ciências naturais, como meramente um mundo de materialidade objetiva. Assim, propõe que as coisas não são dotadas meramente de uma materialidade particular e empírica, no sentido estreito do termo, assim o mundo restringido aos fatos é, agora, por meio da fenomenologia, ampliado (HUSSERL, 1913/2006).

Desse modo, as intuições possíveis à fenomenologia husserliana evidenciam que, para além de seu aspecto particular, o fenômeno possui uma estrutura eidética, composta por tudo aquilo que caracteriza o fenômeno como tal, com seus predicativos que não podem ser alterados, sem que com isso, o próprio ser daquele objeto seja comprometido. Uma cadeira, apesar de seus predicativos acidentais, como a sua cor, não pode ser destituída daquilo que faz dela, propriamente, cadeira. Caso o seja, evidentemente aquele objeto particular não mais será cadeira (HUSSERL, 1913/2006).

Logo, a intuição de essência evidencia, assim, uma nova série de objetos eidéticos possíveis de serem intuídos pela consciência, e aos quais, relacionam-se de modo direto com os objetos particulares dispostos no mundo, na medida em que são visados por uma consciência (HUSSERL, 1913/2006). Portanto, estamos a tratar de uma concepção de realidade demasiadamente mais abrangente que a orientação ingênua-natural nos impõe. Resta agora uma incursão sobre as possibilidades, limites e críticas de se pensar uma ética na orientação fenomenológica.

### **Propostas, críticas e possibilidades para pensar a ética**

Diante do anteriormente exposto, é necessário que se compreenda a crítica husserliana como um debate dentro do campo epistemológico, que reverbera de modo muito característico em várias discussões posteriores. Destarte, interessa aqui a compreensão do objetivo da crítica husserliana como o alerta para a necessidade de refundar o sentido do conhecimento, atribuir

assim um novo estatuto de cientificidade, uma crítica, por tanto, da razão (HUSSERL, 1936/2012).

Por isso também, é preciso compreender a importância e a abrangência da fenomenologia para diversas áreas do pensamento, especificamente dentro do ocidente, para além de sua influência nos filósofos supracitados (MOURA, 2006). Especificamente, no campo da psicopatologia, por exemplo, podemos citar a influência da fenomenologia dentre os psiquiatras M. Boss (1903-1990), L. Binswanger (1881-1966), K. Jaspers (1883-1969), A. Tatossian (1929-1995), E. Minkowsk (1885-1972) e etc (MOREIRA, 2011; WERNECK, 2017).

Diante desta influência, cabe compreender que a amplitude das contribuições da fenomenologia para as diversas áreas é devida a sua proposta epistemológica, a qual procuraremos compreender nos termos mais gerais. Desse modo, a fenomenologia será entendida neste momento enquanto crítica e postura epistemológica, antes de ser compreendida enquanto metodologia de pesquisa.

Assim, antes de tratar de aspectos metodológicos, é necessário abordar pontos de críticas à outras modelos epistemológicos, especialmente em sua crítica ao historicismo e naturalismo, demonstrando como a fenomenologia se opõe de modo ferrenho às compreensões relativistas e materialistas, que só poderiam levar o homem ao próprio ceticismo, e assim, abalar aquilo que é essencial à ética e ao ser do homem: a razão enquanto atividade autêntica de si e da humanidade (HUSSERL, 1911/1965; 1936/2012).

Portanto, o ponto de partida são as críticas e considerações de Husserl especificamente ao naturalismo e ao historicismo. Sendo importante situar que ambos os vieses epistemológicos, fundamentais para as ciências modernas que se consolidavam desde o final do século XIX até o início do século XX, exerciam uma forte influência nos meios acadêmicos e nos ciclos intelectuais contemporaneamente à existência de Husserl, sejam o caso de W. Dilthey, dos neo-kantianos ou dos ciclos positivistas (HUSSERL, 1911/1965; 1936/2012; MOHANTY, 1996; GOTO, 2015).

Desse modo, as críticas husserlianas podem ser, primeiramente, situadas à um erro de adequação metodológico dos modelos de ciências que vinham se consolidando em seu período histórico; posteriormente, situadas as suas devidas consequências: a incapacidade dessas ciências fornecerem à humanidade as respostas às perguntas mais necessárias (HUSSERL, 1911/1965; 1936/2012). Isso, no entanto, não impediu que tais ciências pudessem avançar, especialmente no que diz respeito ao seu domínio técnico da natureza. Afinal, no que trata ao

ponto em que há a correta adequação de método ao objeto, pode-se afirmar que “a ciência natural é muito crítica, à *sua* maneira” (HUSSERL, 1911/1965, p. 16).

Logo, urge compreender em como há o equívoco de adequação de método ao objeto. Neste sentido, Husserl denuncia que “[...] o cientista das ciências naturais tende a considerar tudo como natural. E o erudito dedicado às ciências morais, a considerar tudo como histórico [...]” (HUSSERL, 1911/1965, p. 9). Bem como compreender que “o domínio de uma ciência é uma unidade objetiva fechada; não reside no nosso arbítrio como e onde delimitamos o domínio da verdade” (HUSSERL, 1900/2014, p.4), tornar-se-á suficientemente claro que é a natureza do objeto, que de modo algum é submissa aos desejos e vieses do pesquisador, que deve conduzir a escolha do método, e jamais o contrário.

Desse modo, evidencio aqui que esta crítica é possível a Husserl justamente devido ao desenvolvimento de seu método. Afinal, situo desde logo que o método fenomenológico “pertence essencialmente à crítica do conhecimento e, por conseguinte, de toda crítica da razão em geral” (HUSSERL, 1906/2000, p. 87). Portanto, será pela compreensão efetiva do método, que possibilita e sustenta a crítica de adequação do método.

Também é preciso compreender as consequências da inadequação entre os métodos das ciências naturais e do historicismo a determinados objetos. Portanto, primeiro abordo as consequências de abordar objetos que não são eminentemente históricos por meio do historicismo. Em seguida, abordo as consequências de abordar pelo viés naturalista os objetos que não são eminentemente naturais, como a consciência (HUSSERL, 1911/1965).

É preciso dizer que, quando Husserl elabora sua crítica ao historicismo, presente na segunda parte da obra *Filosofia como Ciência de Rigor* (1911/1965), há uma troca de cartas entre ele e W. Dilthey, que desacorda de sua crítica. Com o intuito de uma conciliação e uma concreta explicitação dos fundamentos de sua crítica, Husserl convida-o para um diálogo, que infelizmente nunca ocorreu devido ao falecimento de Dilthey (PERES, 2014).

Mas, em que consistia a crítica husserliana? Ora, é precisamente naquilo que Husserl chama atenção sobre a filosofia de Dilthey. Apesar de ambos concordarem acerca da “impossibilidade de a Psicologia psicofísica vir de fundamento das Ciências morais” (HUSSERL, 1911/1965, p. 56), existe uma diferença fundamental entre ambos: “Husserl entende que a fenomenologia poderia propiciar o fundamento tanto das ciências naturais quanto das ciências do espírito. Já Dilthey via com desconfiança toda tentativa de se encontrar uma unidade subjacente entre as ciências naturais e as ciências humanas” (PERES, 2014, p. 15-16).

Se Dilthey olhava com desconfiança para a finalidade da fenomenologia enquanto uma filosofia cientificamente rigorosa, que conferisse uma unidade à filosofia, que deveria

fundamentar as ciências naturais e as ciências do espírito; Husserl olhava com igual desconfiança a posição de que as concepções filosóficas fossem derivadas e fundamentadas em uma visão de mundo historicamente situada (HUSSERL, 1911/1965; PERES, 2014).

Em suma, Husserl acreditava que por mais que a visão de um mundo de um povo fosse influenciada pelo seu momento histórico, mas que a verdade, como, por exemplo, aquelas encontradas pelas ciências da natureza ou como as verdades matemáticas, não seria mutável conforme o momento histórico. De tal modo, considerar a verdade e a sua validade como estritamente consequências do momento histórico seria tornar essa verdade relativa ao período em que ela se instaurou (HUSSERL, 1911/1965). De tal modo que se verifica que:

Tentar derivar o conteúdo da filosofia da visão de mundo de um determinado grupo histórico-social implicaria em historicismo, cuja consequência seria o relativismo. Afirmar que a filosofia é um produto de fatores históricos seria tão absurdo quanto afirmar que as ciências naturais são dependentes apenas da situação histórica (e não da própria relação entre teoria e natureza). Ora, a validade de uma teoria física não deriva da história, mas da relação objetiva entre a teoria e o domínio sobre o qual ela versa (PERES, 2014, p. 15).

Assim, ao abordar as críticas relativas ao naturalismo e à naturalização de objetos que não são necessariamente naturais, será possível iniciar pelo exemplo da naturalização da consciência. Assim, compreender a consciência enquanto objeto natural é reduzi-la e limitar sua compreensão a certas leis naturais, e a determinado caráter material. Especificamente, seria tomar a consciência pelo viés da psicofísica ou da fisiologia (HUSSERL, 1911/1965).

Afinal, o naturalismo pode ser expresso como a crença de que tudo que existe está situado dentro do limite da natureza, ou seja, espacialmente e temporalmente delimitado, que todo fenômeno em sua manifestação é dado por um caráter de materialidade (HUSSERL, 1911/1965). Subsequentemente, a tomada da compreensão naturalista estendida e entendida como uma máxima teria consequências em diversas áreas, para além da Psicologia, como seria o caso da “Lógica e a teoria do conhecimento, a Estética, a Ética e a Pedagogia” (HUSSERL, 1911/1965, p. 14). Tomar os objetos como naturais acaba por encobrir sentidos que estariam acessíveis diante de outras metodologias.

Ademais, podemos pontuar também que outra grave consequência do naturalismo é a atitude natural, que impõe uma ética naturalista e resulta, em última análise, em um afastamento do mundo da vida. Desse modo, com a finalidade de clarificar esta crítica, são necessárias digressões para que apresentemos os conceitos de mundo da vida e de atitude natural com o fim de obtermos êxito ao estabelecer uma relação entre ambos, coerente com a crítica husserliana que aqui desejo explicitar: a necessidade de um novo estatuto de cientificidade dirigido para o mundo da vida.

Destarte, a atitude natural consiste na crença de que a existência se limita à natureza, sendo tudo o que existe pertencendo ao mundo material e natural, portanto, subordinado aos métodos empíricos e experimentais das ciências naturais (HUSSERL, 1911/1965). Assim, a atitude natural consiste em tomar que “‘O’ mundo sempre está aí como efetividade” (HUSSERL, 1913/2006, p. 77).

Tomar o mundo como sempre dado, deste modo “efetivo” significa tomá-lo de antemão, enquanto obviedade, sustentado e referenciado sempre por um empirismo ingênuo. O mundo, tomado neste sentido, é um mundo de pura objetividade, que exclui e despreza tudo aquilo que é subjetivo. Os aspectos subjetivos nessa compreensão de mundo passam a ser compreendidos como “meramente relativo ao sujeito” (HUSSERL, 1936/2012, p. 12).

Desse modo, o mundo torna-se, na atitude natural, um “mero *mundo de coisas*” (HUSSERL, 1913/2006, p. 75), coisas essas que são entendidas como obedientes às leis naturais. Logo, é por meio dessa obediência das coisas às leis naturais, ditadas teoricamente, com seu caráter de previsibilidade, computabilidade e controle, que a atitude natural encontra em suas teorias a exegese desse mundo (HUSSERL, 1936/2012).

Diante disso, é importante retomar a orientação da fenomenologia husserliana: “Este mundo, além disso, não para mim aí como um mero *mundo de coisas*, mas em igual imediatez, como um *mundo de valores*, como *mundo de bens*, como *mundo prático*” (HUSSERL, 1913/2006, p. 75). Este mundo mais abrangente, para além de um mundo de coisas é o que nos convém compreender como mundo da vida, é o mundo em que todos os homens existem conjuntamente, em suas dimensões pessoal, espiritual e comunitária, é o mundo no qual exercem suas “práxis quotidiana” (HUSSERL, 1936/2012p. 101).

Logo, a proposta de Husserl consiste em pensar uma nova cientificidade, fundada justamente no mundo da vida, este mundo que se estende para além de um mundo de coisas. É, portanto, no mundo da vida que o conhecimento humano, e o seu sentido deveria ter um ponto de partida, neste mundo “simplesmente intuível e deixa de fora de consideração todas as opiniões ou conhecimentos objetivos-científicos” (HUSSERL, 1936/2012, p. 100).

De todo modo que “Impõe-se aqui e tem de ser ponderada antes de tudo a concepção correta da essência do mundo da vida e o método para um tratamento ‘científico’ que lhe seja adequado, tratamento no qual deve ficar fora de questão a cientificidade ‘objetiva’” (HUSSERL, 1936/2012, p. 100). E ainda, que “talvez a cientificidade, que este mundo da vida, como tal e na sua universalidade, exige, seja uma cientificidade específica, justamente não lógico-objetiva, e que, como cientificidade fundamentadora última, o seu valor não seja de uma cientificidade menor, mas superior” (p. 101).

Desta maneira, levando em consideração o distanciamento entre o mundo da vida e a cientificidade proposta pelo naturalismo, é oportuno rememorar que:

[...] dos lamentos gerais sobre a crise da nossa cultura e do papel que nela é atribuído às ciências, talvez surjam motivos para submeter a cientificidade de todas as ciências a uma *crítica séria e muito necessária*, sem por isso abandonar o seu sentido primeiro de cientificidade [...] Que tem a ciência a dizer sobre a razão e a não razão, que tem ela a dizer sobre nós, homens, enquanto sujeitos desta liberdade? A mera ciência dos corpos obviamente nada, pois abstrai tudo que é subjetivo (HUSSERL, 1936/2012, p. 2-3).

É exatamente por esta via, que é apenas uma via dentre as possíveis, que se almeja introduzir a temática da ética na obra husserliana, mesmo em vista que esta esteve sempre presente no projeto fenomenológico. Afinal, já existiam alertas na obra inaugural *Investigações Lógicas* (HUSSERL, 1900/2014, p. 42): “o objetivo não é uma física, mas uma ética do pensar”. Assim, parece-nos suficientemente oportuno propor este trabalho interligando a crítica epistemológica husserliana, retomando a fenomenologia enquanto crítica da razão, com a sua proposta filosófica e, conseguinte, ética.

Afinal, devo compreender que o papel central que a racionalidade e a filosofia devam desempenhar na vida humana, visto que se entende “*A filosofia como automeditação humana. Autoefetivação da Razão*” (HUSSERL, 1936/2012, p. 215). Sem ignorar que há de se tratar aqui de uma racionalidade e cientificidade que se realizam na efetividade do mundo da vida.

Desse modo, inicialmente, optei por abordar a crítica husserliana ao naturalismo, restaurando e possibilitando uma reaproximação, por meio da crítica da razão realizada pela fenomenologia, para contrapor o modelo de cientificidade dos estudos a serem analisados com uma cientificidade primeira, fenomenológica, fundada no mundo da vida. Neste meio, é possível começar a delimitar alguns aspectos da ética husserliana, que serão importantes para as discussões fomentadas nesta pesquisa, bem como realizar uma discussão sobre a questão do cuidado. Afinal, por meio da filosofia husserliana:

[...] começa a autocompreensão última do homem como responsável pelo seu próprio ser humano, a sua *autocompreensão como ser no ser vocacionado para uma vida na apoditicidade* – exercendo a ciência apodítica não só abstratamente e em sentido comum - , mas uma ciência efetivadora do seu ser concreto completo, em liberdade apodítica, como uma ciência apodítica, efetivadora de sua razão em toda a vida ativa – onde a razão é humanidade [...] (HUSSERL, 1936/2012, p. 219).

Logo, será necessário iniciar da noção de crise das ciências e da racionalidade europeia como um todo, para discutir alguns fundamentos da ética husserliana, haja visto que sua preocupação com “a prática ética que atravessa de modo contínuo o trabalho de Husserl” (BARREIRA, 2011, p. 136). Não é relevante tomar, portanto, apenas a ética como fenômeno a ser estudado, mas também como destino da filosofia husserliana, decorrente de toda a sua crítica

epistemológica e de seus projetos, sendo a enteléquia e a razão o caminho para a autêntica humanidade (HUSSERL, 1936/2012).

Especificamente, essa preocupação com a humanidade e a crise da razão, pode levar a uma identificação de determinada proposta ética na obra husserliana por meio de obras mais tardias, como *A crise das ciências Europeias e a fenomenologia transcendental* (HUSSERL, 1936/2012), *A crise da humanidade europeia e a filosofia* (HUSSERL, 1935/2008a), *Renovação, seu problema e método* (HUSSERL, 1923/2008b). Apesar de também ser possível perceber certas críticas à ética naturalista em obras como *Filosofia como Ciência de Rigor* (HUSSERL, 1911/1965), é perceptível também alterações no pensamento sobre a ética especialmente após a morte de seu filho na primeira guerra mundial, em 1915, a sua mudança para universidade de Friburgo e a ascensão do nazismo na Alemanha em 1933 (GOTO, 2015).

De um modo geral, ao longo do trabalho, para abordar a crítica epistemológica, propriamente a crítica ao naturalismo e ao historicismo, vali-me das obras *Filosofia como Ciência de Rigor* (HUSSERL, 1911/1965), e a *Ingenuidade da ciência* (HUSSERL, 1934/2009). Para discutir propriamente a ética, e a sua relação com a razão, segui o exemplo de Korelc (2015), e me ative a obra *A crise das ciências Europeias e a fenomenologia transcendental* (HUSSERL, 1936/2012), por vezes, permito diálogo com a noção de mundo da vida presente na obra *Ideias* (HUSSERL, 1913/2006); sem ter esquecido, contudo, as lições dadas por Husserl sobre ética, dentre os verões de 1920 e 1924 (HUSSERL, 1924/2020).

Acrescento que, conforme discuto a noção de empatia e alteridade, principalmente naquilo de refere-se à corporeidade, por meio da obra *Ideias II* (HUSSERL, 1913/2005), e das *Meditações Cartesianas* (HUSSERL, 1931/2001). Conforme está disposto no terceiro e quarto capítulo.

### **Das Obras Husserlianas que tratam Especificamente da Ética**

É oportuno situar, contudo, que apesar da delimitação realizada anteriormente, não podemos ignorar as obras husserlianas que, especificamente, objetivaram estudar e foram desenvolvidas sobre o campo da ética. Especialmente, apesar da obra *A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental* (HUSSERL, 1936/2012), conter aspectos importantes sobre as concepções éticas tardias do fundador da fenomenologia, sendo, por exemplo, utilizada por Korelc (2015) para versar sobre a ética husserliana, algumas outras obras necessitam de atenção.

Quando se busca situar a temática da ética na trajetória de E. Husserl referências estas citadas em lições, como a ministrada em Halle, em 1887, sobre *Ética e Filosofia do Direito*; ou

ainda as lições entre os anos de 1902 e 1903, sobre *Problemas Fundamentais da Ética*; também se têm as *Lições Sobre a Ética e a Teoria do Valor*, produzidas entre os anos de 1908 e 1914, na qual se percebe o giro transcendental em relação à Ética, passando da ética formal para os textos de ordem metafísicos (GARCÍA, 2020).

Além de compreender as mudanças de Husserl em relação ao estudo da ética pela via da virada transcendental, delimitada pela obra *Ideias* (HUSSERL, 1913/2006; 1913/2005; GARCÍA, 2020), que marca uma diferença entre a ética formal, trabalhada por Gubert (2015) ao abordar os textos entre 1908 e 1914, demonstrando a necessidade da concepção de um ego transcendental para o pensamento ético de Husserl; ainda é possível atribuir uma mudança no pensamento ético de Husserl entre o antes e o após a Primeira Guerra Mundial, quando seu filho falece (GARCÍA, 2020).

Entretanto, antes de adentrar nos textos tomados como base para a apresentação da ética husserliana, que dialogarão com as obras citadas no tópico anterior, são necessárias algumas considerações sobre os modos de organização dos textos husserlianos, que foram ordenados e sistematizados por meio a sigla HUA, acrescida de um número romano. Por exemplo, é mister que se compreenda que a HUA XLII, que contém escritos de 1908 a 1937, é um texto importante ao tratar da ética, sendo referenciada tanto por García (2020), quanto por Korelc (2015), especificamente por tratar da ética tardia. Contudo, a dificuldade de acesso à obra, especialmente por motivos de domínio linguístico, fez-me preferir trabalhar com a HUA XXXVII, que abarca as lições de 1920, intituladas *Introdução à Ética* e as lições de 1924, *Problemas Fundamentais da Ética* (GARCÍA, 2020; HUSSERL, 1924/2020), ambos os textos compilados pela editora Trotta, sob o título de *Introducción a la Ética* (HUSSERL, 1924/2020).

O que julgo, nesse ponto, relevante nas obras husserlianas de 1920 e de 1924 é a delimitação da ética enquanto uma disciplina universal da prática e do agir, que se indaga sobre o que deve ser feito; estando paralelamente em situação de privilégio como a lógica. Assim, se a lógica é a disciplina universal e pura do correto pensar, a ética seria a disciplina universal e pura do correto agir, nenhuma das duas podendo ser naturalizadas ou ceder a explicações psicológicas de qualquer tipo (HUSSERL, 1924/2020).

De imediato, já se pode começar a delimitar uma melhor apropriação da temática da ética em Husserl, pois se na obra *A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental* (HUSSERL, 1936/2012), a ética é apresentada já na figura de uma automeditação do humano, até a sua autorresponsabilização, na HUA XXXVII (HUSSERL, 1924/2020) o pai da fenomenologia clarifica a tomada da ética, ainda enquanto disciplina racionalmente fundamentada e, principalmente, prática. Lembro que a concepção husserliana



de razão é ampla, e não é correto tomá-la como razão científica-natural e matematizante, mas sim enquanto valor que permite a condução do ser humano no mundo; na exata medida em que “a *razão* é o específico do homem, como ser que vive em atividades e habitualidades pessoais” (HUSSERL, 1936/2012, p. 217).

É também importante frisar naquilo que as obras da década de 20 diferenciam-se das obras de 1914. Destarte, nas obras de 1914, que compreendem o período da ética formal, Husserl propunha um estudo que busca a “validez ética mediante o estabelecimento das leis eidéticas axiológicas e práticas como possibilidades puras de um sujeito que valora e quer em geral” (GARCÍA, 2020, p. 13, tradução nossa). Assim, “sem emitir juízo sobre sua existência, o fenomenólogo busca assim evidenciar a estrutura *apriori* e invariante da consciência, corrente unitária de vivências intencionais” (GARCÍA, 2020, p. 13, tradução nossa), e diante dessa vida, evidenciar os modos pelos quais as razões, volitiva e valorativa, integram-se à vida da consciência em geral.

É neste ponto em que há uma virada a partir da década de 1920, pois Husserl sente a necessidade de diferenciar os problemas morfológicos-estáticos dos históricos-genéticos, na medida em que reconhece a importância de uma análise de certos temas mediante a sua constituição no devir histórico. Necessário observar que Husserl “com as análises estáticas, descobre a estrutura da fundação dos atos volitivos sobre os atos valorativos, e destes sobre os atos cognitivos, com as análises genéticas, o fenomenólogo busca reconstruir a historicidade do sentido do mundo circundante e do eu pessoal” (GARCÍA, 2020, p. 13, tradução nossa).

Assim, sem necessariamente romper com os estudos éticos durante o período pré-guerra, diante das análises genéticas, Husserl passa a dar mais ênfase na fundação genética da ética, centrada no *telos* de uma vida ética e no conceito de pessoa, já que a ética se faz no plano de eu-pessoal em sua habitualidade, agora ligada necessariamente à esfera espiritual; não mais na validade centrada na objetividade das leis axiológicas e práticas (GARCÍA, 2020; HUSSERL, 1924/2020).

Mas, então, cabe perguntar: qual o sentido da ética para E. Husserl? Já se sabe de sua posição privilegiada, ao lado da lógica, mas existem alguns pontos adicionais que são interessantes para as discussões desta pesquisa. Assim, em sua teoria universal da razão, Husserl argumenta que a evidência é a experiência que tem como correlato necessário a verdade, e esta abrange todos os tipos de atos, não apenas os que dizem respeito às crenças, mas também aqueles emotivos e volitivos, que como já vimos, relaciona-se também com o próprio valorar, frisando que os atos de querer e sentir também estão sujeitos à razão e à dimensão prática (GARCÍA, 2020; HUSSERL, 1924/2020).

Desse modo, uma concepção mais ampla de racionalidade é obtida e estendida ao sentir e querer que, por serem racionais, estão dispostos às indagações sobre a legitimidade de seus fins e meios. Logo, é esta possibilidade de indagação, sobre a vontade, por exemplo, que possibilita a pergunta sobre qual a ação necessariamente devida e ética. Afinal, “se compreende que o estreito nexos motivacional entre querer e desejar, entre o valorar, entre as tomadas de posições emotivas e os estados anímicos de todos os tipos, também estes, e com frequência de modo acentuado são eticamente aprovados ou reprovados” (HUSSERL, 1924/2020, p. 44, tradução nossa).

É mister também explorar a relação da vontade e do sentir, enquanto atos práticos, em sua relação com o eu-pessoal, uma vez que:

a unidade da tarefa do fim, que atravessa a unidade de uma vida humana na forma ética da exigência absoluta do dever, tem uma relação essencial com a unidade da personalidade, na medida em que é a personalidade que no querer, quer, no atuar, atua e na medida em que suas propriedades características condicionam, de modo manifesto e conforme à experiência, conjuntamente as direções da vontade (HUSSERL, 1924/2020, p. 43-44, tradução nossa).

Evidenciando algo que também se encontra presente na argumentação husserliana nos seus textos que versam sobre temas metafísicos e éticos tardios: “relaciona uma concepção do eu pessoal racional com a exigência da vida ou práxis ética que é uma exigência absoluta a fim de que seja possível viver humanamente no mundo, com a concepção do mundo intersubjetivo ordenado teleologicamente” (KORELC, 2015, p. 44).

Diante disso, é preciso que se compreenda a ética enquanto uma disciplina universal do correto agir versa, e não poderia deixar de ser assim, sobre os meios e fins do existir humano. Logo, tudo parece indicar para a possibilidade de fundamentar essa ciência, a ponto de evitarmos o ceticismo ético e o hedonismo.

Entretanto, por apontar para o fim específico ao homem, Husserl indaga-se sobre a qualidade da disciplina ética enquanto técnica, já que versa sobre um fim e pode conceder um escopo teórico para sua devida justificação racional. Contudo, diferencia-a das demais, uma vez que o seu modo de estabelecer ao humano um fim devido de suas ações, que devem realizar uma unidade coerente ao longo da vida desse sujeito, não é e nem pode ser empregada em um sentido de utilitarismo, como as técnicas em geral apresentam.

Afinal um homem não existe para, simplesmente, realizar uma única tarefa, ou para um único fim: “[...] há de se ter em conta que nunca pode haver um único fim concreto que determine de modo exclusivo a um ser humano. O indivíduo pode ter um fim profissional, que de fato, impere em boa parte de sua vida, porém não é o único fim que o determina” (HUSSERL, 1924/2020, p. 40, tradução nossa). De tal modo que “[...] o *ser conseqüente* na prática, enquanto

*exigência da razão*, deve também dominar na multiplicidade de fins e de atividades vinculadas com eles” (HUSSERL, 1924/2020, p. 40, tradução nossa, grifo do autor).

Do mesmo modo, se faz necessário delimitar a importância que a ética deve ser dirigida para toda a vida do homem, não apenas para áreas específicas, como é o exemplo dado por Husserl (1924/2020), em que o artista em seu querer pelo belo, possui uma vontade racional; e o cientista a querer o melhor escopo teórico de sua área de conhecimento, também possui uma vontade racional, mas que não basta que uma vontade racional perpassasse apenas pelo seu ofício, sendo necessário que perpassasse por toda a unidade da vida desses sujeitos.

Portanto, já se evidencia a importância do âmbito transcendental para compreender a proposta ética de E. Husserl, conforme nos aponta Gubert (2015), especialmente porque o ato ético, praticado pela vontade desse eu “representa um recomeço e um retorno ao originário do eu humano, livre e transcendental. Este ato implica em um caráter de decisão entre querer e poder. Disso resultará a busca de um aprimoramento humano, de um ego que está sempre em aberto e em construção” (GUBERT, 2015, p. 235).

Também é a tomada da dimensão transcendental que, juntamente com a impossibilidade de adequação metodológica das ciências naturais motiva uma derradeira retomada criteriosa da ética enquanto disciplina pura deve-se pela própria impossibilidade do naturalismo e do psicologismo em abranger a esfera espiritual, no exato ponto em que confundem explicação com compreensão e em que não podem, portanto, considerar o ego transcendentalmente reduzido, que para Husserl, é o ponto de indeterminado e de liberdade que possibilita a escolha, a vontade, pelo correto agir, e na tomada pela melhor vida possível (HUSSERL, 1924/2020).

Assim, cabe-nos compreender brevemente o que seria esse ceticismo ético: “o ceticismo ético aproxima-se do ceticismo teórico, pois ambos derivam da mesma atitude, a saber, aquela de considerar o conhecimento e as ações por referência à espécie humana ou aos processos mentais estudados e explicados pela psicologia” (FABRI, 2006, P. 71). Nessa compreensão, seria adotar que, segundo a Psicologia Empírica: “conceitos morais seriam expressões dos processos históricos, da particularidade das culturas, bem como de todas as circunstâncias casuais do desenvolvimento da espécie humana e, por conseqüência, seriam, também, a expressão dos processos biológicos” e evolutivos (FABRI, 2006, P. 71).

Quando, pelo viés da fenomenologia:

segundo Husserl, já na própria vida cotidiana deparamo-nos, não raras vezes, com situações nas quais vemos, com evidência, algo que não pode ser explicado pelo interesse biológico ou pela casualidade cultural. O ver evidente implica, de saída, que o ser humano encontra-se inevitavelmente envolvido em decisões sobre o que é

correto ou não do ponto de vista teórico. É certo que podemos nos enganar, mas nenhum interesse biológico poderia justificar a recusa de um saber evidente, como aquele que se dá, por exemplo, numa simples operação matemática (FABRI, 2006, P. 71).

Afinal, Fabri (2006, p. 71) continua informando-nos de que Husserl “põe em suspenso a discussão acerca da origem dos conceitos éticos. Não se trata de saber, pensa ele, se os conceitos morais provêm do intelecto ou da emotividade, e sim de compreender que o conflito se dá entre uma ética a priori e uma ética empírica”. Assim, superando também, além do Psicologismo, qualquer biologismo ou antropologismo.

Logo, a ética, enquanto disciplina prática por excelência não pode ser reduzida a uma concepção naturalista, e tão pouco historicista, pois ela possui uma fundamentação própria e racional. Portanto, ao compreendermos que a razão é o *telos* do homem, resta-nos relacioná-la com a exigência de uma vida ética. Para isso, percorrer o caminho elaborado por Korelc (2015), que utiliza a concepção de crença para fundamentar e balizar a relação entre ética e razão no pensamento husserliano, uma vez que a crença, que é crença no ser, deve ser validada pela razão.

Ao compreender que “o tema da crença está relacionado primeiramente e fundamentalmente ao tema da consciência do ser; crença neste sentido é crença no ser” (KORELC, 2015, p. 38), ao passo que “a crença permanece a mera crença enquanto não é validada. É a razão que valida, justifica a crença. Ser verdadeiro e ser racionalmente atestável estão em correlação, diz Husserl. Para ser válida, a posição implicada na crença deve ser racionalmente motivada” (KORELC, 2015, p. 42).

Assim, entender que a crença deve ser validada pela razão é necessário, contudo, surge uma questão: qual a relação entre a crença e a ética? Ora, se só é possível ser bom mediante a vontade de ser bom, e diante disso tomemos que “Só é possível perseverar na vontade de ser bom se há certeza de que esta decisão e esta meta podem ser realizadas” (KORELC, 2015, p. 44). Logo, que haja uma crença em um ideal infinitamente realizável, de um ser humano que haja de modo correto, afinal, “os ideais são um ser, algo existente” (KORELC, 2015, p. 44), de modo que é possível crê-los. Desse modo, a resposta que se encontra é:

O que funda a crença na realização do ideal? Esta crença, para ser efetuada, deve ser racionalmente motivada? A resposta indicada pelos textos de Husserl não é a de que haja uma anterioridade da razão em relação à crença, mas de que é a própria experiência da exigência ética, inerente à essência racional do homem, ou melhor, inerente à compreensão de si mesmo pessoal como ser em devir, em desenvolvimento em direção ao ideal, uma experiência que funda a crença. Este ser ideal porém não é primeiramente algo universal, mas a exigência absolutamente pessoal e única, que diz respeito à vocação pessoal de ser eu mesmo uma pessoa autêntica (Ibdem, 45).

De tal modo que se compreenda ainda que: “a experiência pessoal da exigência ética é chamada por Husserl também uma 'afecção absoluta', que precede e dispensa a legitimação racional” (KORELC, 2015, p. 45), visto que na vida cotidiana, várias pessoas e comunidades humanas no geral se sentem compelidas à exigência ética. Contudo, “Por outro lado, a descoberta da exigência ética absoluta como o que unicamente dá sentido à vida pessoal é ao mesmo tempo também a justificação da crença, torna esta racionalmente exigida” (KORELC, 2015, p. 45).

Desenvolvendo as compreensões sobre da relação entre crença, razão e ética, Korelc (2015) demonstra também que no mundo da vida “não há apenas um ver ou compreender das coisas ou estados de coisas, mas também de valores e normas, nos quais são a vontade e o ânimo, e não estritamente a razão teórica, que originam o ver e o julgar fundadamente” (KORELC, 2015, p. 45). Assim, há a indicação de que “a evidência que justifica a crença não é portanto a da razão teórica, mas da prática” (KORELC, 2015, p. 45), portanto é a evidência prática que demonstra a validade da crença de que é possível ser bom, o que torna possível ser bom.

Desse modo, ao retomar que “a razão é a essência e a meta da vida humana, e a fenomenologia para Husserl é uma crítica da razão” (KORELC, 2015, p. 34) e ao se confrontar com a concepção de razão apresentada anteriormente neste texto, é possível verificar que a racionalidade da vontade versa sobre:

[...] a maravilhosa peculiaridade que pertence à essência humanidade, o que há de poder realizar uma auto-normatividade, uma normatividade da vida inteira e da vida em plenitude total das possíveis configurações particulares, a regulação de uma vontade dirigida a uma justificativa normativa realmente universal, que se estende além de todo interesse normativo particular (HUSSERL, 1924/2020, p. 302, tradução nossa).

Desse modo, é possível compreender que a ética, enquanto prática, reside na racionalidade dos atos volitivos e emotivos, podendo estes serem legítimos ou não em seus meios e fins, e que é possível a esfera da ética ao humano, justamente pela sua condição espiritual e de liberdade, na qual o ego transcendentalmente reduzido possui o “eu quero” puro. Assim, a este homem deve caber o querer ser bom, e agir de modo legítimo ao seu *telos*, não apenas no âmbito de seu emprego e ofício, mas na totalidade da vida (HUSSERL, 1924/2020). Sobre a questão da vontade, urge compreender que:

Husserl se pergunta sobre o sentido racional da vida no seu todo, não apenas sobre a posição racional da existência de um ou outro objeto e ou sobre a existência do mundo; a vida racional é no seu todo a vida da vontade – também a razão é em última instância um ramo da vontade [...] e com isso implica um reino de liberdade, de decisão livre do homem. A vontade também está sob exigências racionais, as suas metas autênticas são aquelas que podem ou devem ser absolutamente queridas em função da

teleologia ou em função do tender do homem à felicidade e beatitude que lh indica uma ideia do Bem absoluto, a do valor absoluto (KORELC, 2015, p. 43-4).

Ademais: “Há de prever que a universalidade de um ‘eu quero viver em pôr a motivação de ato portanto em uma liberdade pura e proíbe todo o motivo heterônomo’ incluem-se alta posição do eu com portador habitual do puro ‘eu quero’” (HUSSERL, 1924/2020, p. 306, tradução nossa). Há relação direta entre o ser bom e o querer ser bom, de tal modo que: “Portanto incluiu o ‘eu quero ser uma pessoa eticamente boa’, uma pessoa da qual surgem apenas atos dirigidos ao bem e que são sempre justos possíveis” (HUSSERL, 1924/2020, p. 306, tradução nossa).

Logo, é mister compreender que a possibilidade de uma vida eticamente viável depende sempre da busca por querer tornar-se ético, conforme está explicitado em:

A realização desse telos está condicionada pela vontade livre de o tornar a meta consciente da vida pessoal inteira e de conformar a própria praxis a ela. Ora, uma vez que pertence à essência da humanidade também a decaída do ser próprio autêntico, como uma falta de liberdade ética, como maldade – que significam a possibilidade da não realização do telos – o sentido e a possibilidade desta aproximação está em questão. Ser bom, diz Husserl, – isto é, viver a própria vida conforme o telos – depende do querer tornar-se bom, e a partir da consciência da própria pecaminosidade só é possível perseverar na vontade de ser bom se há certeza de que esta decisão e esta meta podem ser realizadas, ou melhor, serão realizadas. Não posso viver, diz Husserl, se aquilo que reconheço como a meta necessária da minha vida não pode ser alcançado; ou seja, não é possível viver como homem num mundo sem sentido; a vida humana, racional, exige a realização do sentido, do ideal. Os ideais são um ser, algo existente, não experimentável empiricamente e contudo existente através da experiência pessoal do seu apelo, porque me são exigidos como o dever absoluto (KORELC, 2015, p. 44)

Desse modo, ao evidenciarmos que a possibilidade de ser bom, de dirigirmo-nos eticamente é viável por meio da vontade em querer ser bom, evidenciamos também a própria condição necessária para se encontrar, então, aquilo que Husserl (1924/2020) vem a chamar de melhor vida possível:

A melhor vida possível, que capto e que me proponho conscientemente como meu dever universal, como dever de todos os deveres, implica em ser precisamente essa posição consciente da vontade. A melhor vida possível de um eu implica como ponto de partida em uma vontade fundante, dirigida precisamente essa a melhor vida possível, diante da qual reside não a melhor vida possível, mas uma vida ingênua. Porém não pertence a melhor vida possível uma vontade correlata quero ser uma pessoa boa? Se sou uma pessoa que faz o bem, então surgem mim necessariamente apenas atos bons e os melhores possíveis (HUSSERL, 1924/2020, p. 306, tradução nossa)

Portanto, podemos concluir, com a descoberta da possibilidade da melhor vida possível, fundamentada na razão prática do querer ser bom, na razão dos atos volitivos e emotivos, que: “É possível uma ética realmente científica assegurada praticamente contra todos ceticismo e que só é possível como uma ciência, fundada fenomenologicamente da razão axiológica e prática” (HUSSERL, 1924/2020, p. 306, tradução nossa).

Finalmente, é mister pontuar então, esses três aspectos fundamentais e importantes da obra husserliana, especificamente a aqui trabalhada, referente à HUA XXXVII, compreendida entre os anos de 1920 e 1924:

a) a ética é, antes de tudo, a pessoa compreendida como substrato de habitualidades do querer, desejar, valorar etc.; b) a ética não coincide com a filosofia moral, pois isto significaria que o dever da exigência absoluta da razão prática se limitaria ao amor ao próximo como fim último de toda ação; c) na medida em que nossos juízos éticos não se referem apenas aos indivíduos, mas também à comunidade, a ética não é apenas individual, mas também social (GARCÍA, 2020, p. 15, tradução nossa).

### **O fenômeno do Cuidado na Psicologia e nas IAA's: uma visada fenomenológica**

Uma vez que, apresentei um panorama geral, mas necessário sobre as questões éticas na obra de Husserl, é preciso explicar mais claramente o que pode ser considerado sobre o cuidado e sua relevância para este trabalho. Apesar deste tema ter sido discutido mais exaustivamente no quarto capítulo, senti a necessidade de uma breve digressão preparatória sobre o tema.

Portanto, se voltando à natureza desta pesquisa, será possível entender que a Psicologia (CFP, 2014) e a Intervenção Assistida por Animais (JEGATHEESAN et al., 2015) são ambas práticas voltadas para o cuidado de terceiros. Destarte, ao considerar a ética, diante dos métodos de produção do conhecimento nesses dois campos, inevitavelmente é uma produção de conhecimento que visa o cuidado e a compreensão de outrem.

Logo, é necessário evidenciar a temática do cuidado, diante da compreensão das obras de Husserl, especialmente quando o filósofo está engajado em certos aspectos do trabalho relacionados à epistemologia e à temática da intersubjetividade. Evidencio esses temas em dois momentos distintos: o primeiro são os esforços de E. Husserl para afastar a fenomenologia de uma concepção solipsista, e conseguinte, pela evidência desse outro que nos é apresentado imediatamente pelas funções perceptivas, para depois continuar a apresentar-se em seguida por suas ações, formando uma unidade sintética constantemente atualizada (HUSSERL, 1931/2001).

Assim, é curioso como o problema da intersubjetividade, que surge na esfera epistemológica e que comprova o não solipsismo da fenomenologia nas *Meditações Cartesianas* (HUSSERL, 1931/2001), é abordado, ainda que brevemente, em *Renovação, Seu Problema E Método* (Idem, 1923/2008a) e *A Crise da Humanidade e da Filosofia Europeia* (Idem, 1935/2008b) como preocupação tangente às relações humanas, subsidiando o conceito de empatia, que é visto como fundamental para o estabelecimento de relações de cuidado.

O segundo momento é por meio do conceito de mundo da vida, ou seja, o mundo mais abrangente, valioso e significativo que nos é proposto pela fenomenologia. Portanto, este é um

mundo que não é feito apenas de coisas, o que significa que outros humanos e animais não são apenas objetos. Os humanos e animais que nos cercam possuem predicativos de valor, como as características de "amigos" ou "inimigos" (HUSSERL, 1913/2006, p. 75).

Além disso, é por essa razão que a crítica de Husserl ao solipsismo é tão cara, porque primeiro admite que os outros são Alter egos, outros Eus, destarte, podemos considerar a possibilidade de uma relação de cuidado. Portanto, como Husserl argumenta, esse aspecto é essencial para garantir a continuidade da civilização europeia e da humanidade: “No nosso caso, porém, onde vale o cuidado pelo [...] futuro da humanidade, o devir verdadeira humanidade, de que nós mesmos nos sentimos responsáveis” (HUSSERL, 1923/2008a, p. 14).

Em suma, “Quem negará, além disso, a Possibilidade de um progresso ético continuado sob a direcção do ideal da razão?” (HUSSERL, 1923/2008a, p. 5), visto que a existência, no âmbito pessoal, para Husserl, deveria ser “como uma exigência ética absoluta uma semelhante disposição para o combate em direcção a uma humanidade melhor e a uma autêntica cultura” (HUSSERL, 1923/2008a, p.5). Encontramos, assim, na concepção de humanidade e mundo, um primeiro panorama geral entre cuidado e ética.



### CAPÍTULO III

#### DA INTERAÇÃO À INTERVENÇÃO

##### Limites entre a humanidade e animalidade

Este capítulo tem por objetivo abordar e aprofundar o tema das Intervenções Assistidas por Animais, de modo que iniciaremos abordando algo mais fundamental do que a própria intervenção, e que a torna possível: o vínculo e a relação homem-animal, de modo a retratar a questão do especismo e da causa animal bem como as implicações das concepções de humanidade e animalidade dentro destas relações. Assim, discorrerei acerca de algumas considerações filosóficas, éticas, científicas e antropológicas sobre a distinção entre humanidade e animalidade, conduzidas por Singer (1946-) (1975), Morin (1921-) (1973), Ingold (1948-) (1995) e Derrida (1930-2004) (2002).

Em seguida, considero algumas questões abordadas nas obras de Husserl que forneçam novas possibilidades de apreender e discutir esta questão, demarcando os seguintes pontos: a compreensão husserliana sobre a questão da animalidade, discutida na obra *Ideias II* (HUSSERL, 1913/2005), assim é possível compreender a situação do animal como dotado de uma corporeidade, organicamente constituída, e articulamos com a questão do outro e as possibilidades de emparelhamento, conforme previsto na quinta meditação das *Meditações Cartesianas* (HUSSERL, 1931/2001).

Também explorei a multiplicidade de sentidos dos demais animais em nossas vidas, especialmente por meio da compreensão de mundo da vida exposto na obra *Ideias I* (HUSSERL, 1913/2006). Por fim, discuto sobre a concepção ética em Husserl, com base nas lições de 1924 (HUSSERL, 1924/2020) e na obra *A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental* (HUSSERL, 1936/2012), para responder ao questionamento se é possível ser ético para com os animais, e se este modo de ser ético é um modo de realização do *Telos* humano, enquanto racionalidade (HUSSERL, 1936/2012).

Paralelamente a isso, intercalo as obras husserlianas com alguns outros autores que já haviam se interessado pelo tema, especialmente, seguindo a pista deixada por Angela Alles Bello (2006) em uma nota de rodapé, recorri aos seguintes textos: *Mundo Humano – Mundo Animal* (ALES BELLO, 2000, tradução nossa) e *A Estrutura da Pessoa Humana*, de Edith Stein (1932/2003, tradução nossa). Também dialoguei com Painter (2007), por também realizarem discussões sobre a situação da animalidade dentro da fenomenologia husserliana.

Após abordadas tais questões, e devidamente compreendida a situação do animal não-humano e a nossa situação ética diante deles pelo viés fenomenológico, discutirei mais especificamente as Intervenções Assistidas por Animais. Especificamente, com atenção aos desenvolvimentos dos pioneiros, aqui adotados nas figuras de B. Levinson (1962) e de Nise da Silveira (1981). Também abordarei algumas teorizações que buscam explicar como e porque as IAAs conseguem promover benefícios para saúde e o bem-estar humano (BEERZ, 2017). Ademais, situo que aproximarei o trabalho de Nise da Silveira de certos aspectos da fenomenologia por meio de um texto de Schedler e Holanda (2015) e Silva (2019).

Finalmente, recorro a algumas críticas fenomenológicas sobre aspectos específicos das IAAs, especialmente nos pontos em que realizamos uma crítica à tecnificação e objetificação dos demais animais, e o abandono da primazia pelo vínculo (BASTOS, 2018; BASTOS; BORBA, 2018; BORBA, 2015; SILVA, 2019).

**Vínculo, humanidade e animalidade:** o especismo enquanto questão.

Este tópico situa sobre questões pertinentes acerca da nossa relação com os animais. Assim, haverá uma compreensão e problematização sobre as definições de humanidade e animalidade, bem como a compreensão da natureza humana, por um viés antropológico. Para isto, contei com as problematizações apresentadas por Tim Ingold (1995) e por Edgar Morin (1973). Consequente, acompanhei as reflexões de Derrida (2002), sob o julgar humano acerca dos demais animais. E, também, as implicações éticas advindas das novas concepções e compreensões do ser animal, como a sua senciência, visto que o limite entre os homens e os animais começa a tomar uma nova dimensão prática (SINGER, 1974; 1975).

Tudo isto para situar a discussão dentro do panorama da crítica ao especismo, e de alguns fundamentos filosóficos e científicos que têm lhe dado forma, escopo e bases ao longo das últimas décadas. Por isto, talvez, escolher tais autores e tais obras, visto que devido à sua originalidade e densidade, considero-as suficientes para fomentar a discussão que aqui almejo iniciar.

Ademais, esta é uma discussão que iniciei anteriormente (BASTOS, 2018), mas que cabe agora, um novo fim, e uma nova proposta de articulá-la com a fenomenologia husserliana, em especial entendendo-a frente a obra *Ideias II* (HUSSERL, 1913/2005) e à algumas considerações prévias sobre a quinta meditação, originária das conferências de Paris (HUSSERL, 1931/2001), que encontraram seu percurso investigativo devidamente aprofundado no quarto capítulo desta dissertação, restando agora uma simples menção e demarcação dos pontos que serão desenvolvidos posteriormente.

Assim, ao realizar o resgate histórico, não é novidade que o homem sempre esteve em contato com os demais animais, também não foi novidade as significativas alterações que seguiram nos nossos modos de relacionarmos-nos com eles. Relações essas que foram mudando de acordo com variações de concepções culturais, religiosas ou filosóficas. É notório que, por exemplo, certas culturas orientais ou correntes filosóficas, como é o caso dos pitagóricos, tenham tido uma relação de maior respeito com os animais. Devemos isso às diversas compreensões sustentadas por tais doutrinas ou culturas, tanto no que diz respeito à determinado nível de proximidade com os humanos; como no tangente às questões e compreensões metafísicas ou espirituais, como considerar os animais enquanto dotados almas, e possíveis receptáculos de almas também humanas (SINGER, 1975).

Decerto, algumas culturas e certas populações chegam a estender o conceito de pessoa para determinados animais (INGOLD, 1995). Contudo, ao longo de nossa história conjunta, é perceptível influências e posturas completamente distintas, por vezes dentro de uma mesma cultura ou religião, sobre o tratamento dos demais animais. Um exemplo bastante claro disto dentro do ocidente é a postura estabelecida por determinados filósofos greco-romanos, como Plutarco, Pitágoras ou Sêneca, que pregavam a benevolência para com os animais, ao passo que a grande massa se entretinha com os massacres de ursos, tigres e touros nos coliseus; enquanto outros filósofos compreendiam que a finalidade dos animais seria servir ao homem, como Aristóteles; ou ainda a postura de determinados santos católicos, S. Basílio ou S. João Crisóstomo, que estendiam a compaixão aos demais animais, mesmo que determinadas compreensões das escrituras, defendidas e adotadas pela igreja, não consideraram grave utilizarem os animais em benefício humano (SINGER, 1975).

Portanto, é questionável, qual seria o problema então em dispor dos animais para benefício humano? Não foram conquistados tantos benefícios desse modo? Eles não nos serviram de alimento, tração, guarda, vestimenta e companhia ao longo de tanto tempo? Também os animais não se alimentam uns dos outros? Ou mesmo das plantas, que também são seres vivos? Estas são questões importantes de serem levadas em conta nas reflexões que aqui se sucederam, de modo que o primeiro ponto a ser delimitado aqui, e talvez o mais importante é responder à questão do que concede ao animal humano, que não necessariamente precisaria fazê-lo do modo como o faz na atual conjuntura contemporânea, infringir sofrimento aos demais animais (SINGER, 1975).

Deste modo, a questão aqui posta de um modo geral é: o que faz do homem, homem, e dos demais animais, animais, no sentido de compreender que há uma diferença essencial entre eles. E, assim, o problema da humanidade, de compreendê-la frente à animalidade, problema

que contemporaneamente parece pouco complicado, mas que, conforme narra Tim Ingold (1995), foi um problema contundente da ciência ocidental por muito tempo.

Isto porque atualmente conhecemos melhor as variações da espécie humana, e aquilo que nos é próprio, mas quando uma civilização do passado tinha contato com outra, especialmente com características fenotípicas distintas, cabia-lhes a questão: trata-se de outros seres humanos, outros homens como nós, ou não? Afinal, o que faz de nós humanos? (INGOLD, 1995).

A questão pode parecer-nos difícil de imaginar, mas o termo orangotango advém do malaio e significa *homem da floresta grande*, de modo que um juiz escocês e erudito James Burnett, no século XVIII, considerou-os humanos. Assim, este excêntrico naturalista afirmou que o fato deles andarem eretos, ao contrário dos selvagens encontrados na Europa, produzirem armas com pedaços de madeira, viverem em sociedades e construírem cabanas; faziam deles humanos, ainda não tão civilizados quando os do tipo europeu, mas ainda assim, um tipo de homem (INGOLD, 1995).

A mesma questão pode ser posta se tivermos como comparativo os nossos ancestrais mais próximos, de modo que a pergunta é válida: se ainda existissem *Homo erectus*, que segundo Daniel Everett (2019), teriam desenvolvido a linguagem; ou *Homo neanderthalenses*, que para além da proximidade filogenética conosco, ainda possuímos de 1 a 3% de seu material genético no nosso (RODRIGUES, 2018), seriam eles considerados humanos? Seria justo destiná-los para finalidades e labores considerados menos nobres? Sua vida valeria menos?

São questões importantes, uma vez que tal linha de raciocínio aponta para duas possibilidades de argumentação distintas. A primeira, parte então de uma compreensão bastante peculiar acerca da relação entre humanidade e animalidade, em que estas são contrapostas como excludentes, uma vez que o homem começa a ser entendido a partir do animal enquanto comparação, como dotado de alguma qualidade única e essencial que o distingue dos demais, essa posição denominamos essencialismo. A segunda parte da chamada posição gradualista, que compreende que as características que normalmente são declaradas eminentemente humanas existem em outros animais, mas de modos e em graus diferentes (INGOLD, 1995).

Contudo, independente se adotado o gradualismo ou o essencialismo como forma de proximidade, a humanidade ainda parece considerar-se demasiadamente distinta dos demais animais. De modo que é possível entendermos formas de dominação que podem ser condizentes com ambos os modos de compreender a distinção entre homem e animal, necessitando assim, que se explicitem os fundamentos éticos implicados nestas relações.

Desse modo, ao abordarmos a primeira linha de argumentação, referimo-nos à

compreensão de que apenas aqueles que podem constituir determinados atributos humanos, como a cultura, no sentido de contrapor cultura e natureza, podem ser vistos no lugar de outro, a quem é possível direcionar o trato de modo ético. Assim, podemos compreender que:

para nós, que fomos criados no contexto da tradição do pensamento ocidental, os conceitos de "humano" e "animal" parecem cheios de associações, repletos de ambigüidades e sobrecarregados de preconceitos intelectuais e emocionais. dos clássicos até os dias de hoje, os animais têm ocupado uma posição central na construção ocidental do conceito de "homem" - e, diríamos também, da imagem que o homem ocidental faz da mulher. cada geração reconstrói sua concepção própria de animalidade como uma deficiência de tudo o que apenas nós, os humanos, supostamente temos, inclusive a linguagem, a razão, o intelecto e a consciência moral. e a cada geração somos lembrados, como se fosse uma grande descoberta, de que os seres humanos também são animais e que a comparação com os outros animais nos proporciona uma compreensão melhor de nós mesmos (INGOLD, 1995, p.1).

Ou seja, esta compreensão admite que o homem tem, por ser homem, um lugar privilegiado a respeito dos demais animais. Neste sentido, o homem nem sequer enxerga-se como animal, vê-se distante deles. De modo que Edgar Morin (1973, p.2) denuncia que, desde Darwin, admitimos que somos descendentes de primatas, “embora não nos consideremos primatas. Convencemo-nos de que, descendentes da árvore genealógica tropical em que vivia o nosso antepassado, dela nos escapamos para sempre, para construirmos, fora da natureza, o reino independente da cultura”. O que pode ser evidenciado pelo uso corrente da linguagem, na qual o termo animal referido ao não humano, ou indicativo um caráter qualitativo negativo (SINGER, 1975).

Desse modo, o homem, enquanto ser de cultura, dotado de linguagem e inteligência, poderia dispor de uma condição que o afastasse da sua própria natureza enquanto, também ele, pertencente ao reino animal (INGOLD, 1995; MORIN, 1973). E diante disto, resta apresentar algumas condições a respeito desta compreensão, que alguns autores apresentam como equívoca acerca de determinados pontos (INGOLD, 1995; MORIN, 1973).

O primeiro ponto é que tais alegações devem ser sempre contrapostas às noções biológicas e filogenéticas, uma vez que por definição biológica, o homem é um animal, como todos os outros, que alimentasse, procria e respira; pertence a um reino, filo, classe, ordem, família, gênero e espécie: *Homo Sapiens* (MORIN, 1973). Ou seja, não devemos deixar de compreender o homem também enquanto animal neste sentido (INGOLD, 1995).

Porém, após este passo, é necessário entender que o homem, para ser visto como tão distinto, teve que ser compreendido por meio de uma comparação com os demais animais, em um sistema de classificação excludente. Ou seja, foi elaborado um jogo dialético sobre o que seria o ser humano, entendido em uma espécie de singularidade aplicada apenas aos humanos, em que os animais que não estavam dentro deste grupo do pertencente ao humano, eram,

portanto, irracionais, e isto para os naturalistas europeus dos séculos XIX remetia a alguns seres humanos de regiões colonizadas (INGOLD, 1995).

Deste ponto, ser tomado como animal, ou como próximo a ele, era algo que implicava, necessariamente, um afastamento de sua condição de pessoa humana. Não à toa, toda a resistência, por parte da população britânica em geral, à obra lançada por Charles Darwin, na qual ele contava sobre o parentesco histórico e filogenético entre o homem e os demais animais (DESMOND; MOORE, 2009).

Entretanto, esse posicionamento é evidente mesmo que o homem se considere um animal, ele é sempre um animal caracterizado por um elemento especial. Seja como animal político, de linguagem, autobiográfico, de cultura ou, simplesmente, racional; nós sempre teremos algo que nos caracterize em frente aos demais (DERRIDA, 2002; INGOLD, 1995).

A grande questão acerca disto é que todos os demais animais são, a seu modo, também singulares. De um modo geral, podemos dizer que o fato de o homem ter se compreendido mediante os demais animais, o fez não perceber que esses demais também são peculiares entre si (INGOLD, 1995). Do mesmo modo, podemos alegar que:

Na realidade, os indivíduos pertencentes à espécie *Homo sapiens* apresentam um notável grau de variabilidade. Entretanto, o que vale para nossa espécie também vale para todas as demais: isto é, elas não são classes de entidades distinguíveis pela posse por parte de cada um dos seus membros de um atributo único, ou de um feixe de atributos (INGOLD, 1995, p. 4)

O que também chama atenção particular aqui é que os elementos destinados para caracterizar os seres humanos apontam para uma compreensão de elementos culturais, como se o ser humano fosse, em sua essência, um determinado projeto de aprimoramento de seu corpo animal, de sua animalidade, e que a civilização fosse necessariamente oposta a toda e qualquer animalidade. De tal modo, que os homens selvagens, ou seja, seres humanos que não passaram por um processo de socialização, eram considerados animais; como se ser animal fosse um destino possível para o homem fora de sua sociedade (INGOLD, 1995).

Essa compreensão continua enraizada nas concepções ocidentais de tal modo que influenciou a maneira como designamos cada conjunto de ciências, pois temos que:

Como condição oposta à da humanidade, a animalidade transmite uma noção da qualidade de vida no estado de natureza, onde se encontram seres "em estado cru", cuja conduta é impelida pela paixão bruta em vez da deliberação racional e que são totalmente livres dos constrangimentos da moral ou da regulação dos costumes. Essa concepção da vida animal e da "animalidade humana" está extraordinariamente difundida no pensamento ocidental e ainda hoje dá o tom de boa parte do debate científico nos estudos sobre o mundo animal e o comportamento humano. Um traço marcante da tradição ocidental é a tendência a pensar em dicotomias paralelas, de modo que a oposição entre animalidade e humanidade é posta ao lado das que se

estabelecem entre natureza e cultura, corpo e espírito, emoção e razão, instinto e arte, e assim por diante. Esse mesmo paralelismo é encontrado na divisão acadêmica do trabalho entre as ciências naturais - que se ocupam da composição e das estruturas do mundo material (inclusive organismos vivos) - e as "humanidades", que incluem o estudo da linguagem, da História e da civilização. Além disso, está subjacente às permanentes discussões entre cientistas integrantes de ambos os lados dessa fronteira acadêmica acerca do significado de "natureza humana" (INGOLD, 1995, p. 7).

Diante disto, dois pontos. O primeiro é que até aquilo que é eminentemente humano, encontra-se também em outros animais, embora se manifeste de outras maneiras, basta lembrar dos orangotangos tomados como pessoas, ou refletirmos acerca de determinada capacidade linguística dos chimpanzés (INGOLD, 1995; MORIN, 1973). Se tomamos que a humanidade consiste em uma inserção cultural, demarcada pelo domínio de certas habilidades e posturas, não seria correto dizer que tais primatas são mais humanos que os seres humanos selvagens encontrados na Europa, como foi o caso do intitulado menino lobo, Victor de Aveyron, que, diferente desses chimpanzés supracitados, não possuía nenhuma aptidão linguística ou cultural quando foi encontrado (ITARD, 1801)?

Posto em outros termos, teríamos que:

É perfeitamente razoável indagar, por exemplo, se os chimpanzés ou os golfinhos têm linguagem, ou se tomam deliberações racionais. Pode ser que se descubra que eles não o fazem, a não serem condições muito artificiais, e que essas aptidões realmente são exclusivas dos animais biologicamente humanos. Mas quem poderia afirmar que tais aptidões não venham a se desenvolver, em épocas futuras, entre espécies descendentes dos golfinhos ou dos chimpanzés de hoje? Se isso viesse a ocorrer, aí teríamos razões para considerar esses animais que falam e pensam como pessoas. Mas eles não poderiam ser encarados como membros da espécie humana, pois não teriam procedência humana (INGOLD, 1995, p. 10)

Na verdade, para além dos chimpanzés, que tem uma carga genética muito próxima a nossa (INGOLD, 1995), é possível perceber vários atributos que poderiam facilmente compor o escopo de características que fariam de nós seres humanos, segundo esta visão apresentada. Como exemplos, temos as abelhas e formigas como casos célebres, e mais bem sucedidas do que nós, humanos, no que tange ao ordenamento e funcionamento social (MORIN, 1973).

Outros exemplos podem ser dados de maneira bastante abundante, desde o sistema social e ritualístico de ordenamento hierárquico em alcateias. Do mesmo modo a comunicação e organização dos pássaros, que por meio de uma vasta gama de estímulos podem realizar “comportamentos simbólicos ou rituais, não só de namoro, mas também cooperação, de advertência, de ameaça, de submissão, de amizade, de brincadeira” (MORIN, 1973, p. 12).

Assim, há a demarcação que o homem “não é constituído por duas camadas sobrepostas, uma bionatural e outra psicossocial, é evidente que não transpôs nenhuma muralha da China que separasse a sua parte humana da sua parte animal; é evidente que cada homem é uma totalidade biopsicossociológica” (MORIN, 1973, p. 4-5).

A segunda coisa que é preciso entender consiste em não descentralizar a importância da cultura para a humanidade. Não negamos que esta cultura pertence, enquanto predicativo essencial, ao homem. Apenas que, o que está presente dentro desta cultura pode ser encontrado em outros animais, sem que isso faça com que a humanidade deixe de ser singular por meio de sua cultura. (INGOLD, 1995).

Portanto, compreendamos que:

Atentos às evidências da diversidade cultural, os antropólogos insistem em que há tantos padrões de humanidade quanto diferentes maneiras humanas de existir e que não há fundamento algum - senão o puro preconceito - para atribuir autoridade universal a qualquer conjunto de padrões. Contudo, os antropólogos sustentam que essa mesma diversidade é manifestação de uma essência humana, a aptidão para a cultura, que separa radicalmente os homens dos animais (INGOLD, 1995, p. 14)

É necessário também indicar que há a possibilidade de o homem compreender a si mesmo por si mesmo, e compreender cada animal em si. Apesar de ser possível encontrar semelhanças de comportamento entre espécies diferentes, e que tais semelhanças possam ser instrutivas até determinado ponto, foram estas comparações que, mesmo tendo contribuído para entendermos algumas questões, pôs em foco esta diferença, tida como primordial, entre o homem e o animal (INGOLD, 1995).

Mas como compreender a cultura diante disto? De onde ela advém, e como ela separa-nos da natureza? Para isto, recorro à explicação de E. Morin (1973), sobre a propriedade ecológica da cultura, e que entende que todo ser vivo exercer uma entropia negativa, ou seja, ao invés do nível de desordem aumentar conforme a passagem do tempo, os sistemas vivos aumentam a complexidade desta organização, sendo também co-organizadores do sistema em que habitam. Deste modo, a sociedade e a cultura seriam complexos sistemas que fornecem aos seres vivos, no caso humanos e as espécies domésticas, um nível de organização e complexidade que os permite também viver. Ademais, a vida e o sistema ecológico onde habita são dois sistemas abertos, em que cada um deles é parte do outro, constituindo o todo:

Quanto mais autônomo é um sistema vivo, tanto mais ele é dependente em relação ao ecossistema; com efeito, a autonomia pressupõe complexidade, que por sua vez pressupõe uma enorme riqueza de relações de toda a ordem com o meio ambiente, isto é, depende de inter-relações, as quais constituem muito exatamente as dependências que condicionam a independência relativa. Assim, a sociedade humana, que é tudo o que há de mais emancipado em relação à natureza, alimenta a sua autonomia com multidependências. Quanto maior é a complexidade da ordem ecossistêmica mais esta é capaz de nutrir a sociedade com uma extrema riqueza e diversidade de objetos e produtos, e mais capaz de nutrir a riqueza e diversidade da ordem social, ou seja, a sua complexidade. A individualidade humana, que é a flor final dessa complexidade, é ao mesmo tempo tudo o que há de mais emancipado e de mais dependente em relação à sociedade. O desenvolvimento e a manutenção da sua autonomia estão ligados a um número enorme de dependências educativas (longa escolaridade, longa socialização), culturais e técnicas. Quer isto dizer que a dependência/independência ecológica do homem se encontra em dois graus



sobrepostos e interdependentes, que são o do ecossistema social e o do ecossistema natural. Fato este que só agora se começa a descobrir (MORIN, p. 1973, p. 10-11)

Assim, situo a insustentabilidade de entendermo-nos enquanto não pertencentes, ou ainda, excluídos do reino animal por alguma característica essencial. O que corrobora para que entendamos como inviável a compreensão de uma humanidade que não é, ela mesma também animalidade.

Adentro então na outra linha de raciocínio, que alega não haver diferenças essenciais, mas sim que há diferenças qualitativas entre humanos e animais, como por exemplo, níveis de inteligência (INGOLD, 1995). Este modelo de raciocínio implica em abordar uma diferença fundamental, não só entre os homens e os demais animais, mas também entre as diferentes etnias humanas, e os gêneros, por exemplo. Assim, essa compreensão pode ser traçada desde Aristóteles, em sua defesa da escravidão (SINGER, 1975), até o *darwinismo social* de Herbert Spencer (1820-1903) que alega que dentro da nossa sociedade, os seres humanos mais capazes são aqueles que ocupam socialmente os melhores postos (MORIN, 1973).

Essa perspectiva alega que o destino dos animais, ou aqueles menos perfeitos e inferiores, seria servirem aos interesses e propósitos dos mais capazes (SINGER, 1995). Ou seja, a supremacia humana sobre os demais animais, ou ainda de determinados humanos sobre outros, se justificaria em um caráter qualitativo, no que concerne às funções linguísticas, ao raciocínio e aspectos que nos dotem de caráter civilizatório (INGOLD, 1995).

E por que está é uma questão ética? Porque a sua resposta é capaz de posicionar a nossa conduta mediante os outros, principalmente ao definir quem é o outro, quem tem condições de ser o outro. É notável que o aspecto do darwinismo social, decorrente da teoria de Spencer ainda influencia certas compreensões e posturas, que acabam por tomar a forma de racismo e xenofobia, e ao alegar uma certa meritocracia natural e genética entre os povos (PIZZARO, 2020).

Sobre esta suposta meritocracia, é preciso pontuar que aqueles que realizam trabalhos mais operacionais não devem ter menos direitos ou dignidade (SINGER, 1979); e lembrar as críticas oportunas do jornalista W. M. Thackeray (1846/2010), que não entendia como jovens covardes e sem expertises poderiam, dentro das campanhas inglesas na Índia, ocupar postos em que comandavam vários homens barbados, corajosos e cheios de experiência nas guerras, delimitando que o status social de determinado indivíduo não necessariamente correspondia às suas qualidades e competência.

Por fim, evidencio a fragilidade desta linha de raciocínio quando entendo que a valoração que aqui ocorre pode resultar em uma compreensão equívoca. Afinal, o que faria com

que os mais capazes pudessem dominar os menos capazes? Por que tais atributos são mais desejáveis ou superiores a outros? Não foi este tipo de valoração que, por tanto tempo, esteve por trás do racismo e do feminismo? Não foi isso que foi dito ao colonizado e explorado? (INGOLD, 1995; SINGER, 1975). É muito séria a objeção de que a valoração decorre do estabelecimento de critérios que tendem a favorecer o dominador, e que são por eles escolhidos. Não à toa o incomodo do movimento nazista alemão diante da vitória de Jesse Owens, um corredor negro, vencedor do outro olímpico de 1936 em Berlim, e que era um modelo vivo a pôr em xeque a suposta supremacia ariana (SOUZA; KARLS, 2020).

Situo que a questão racial e a questão aqui discutida se entrecruzam de modo muito específico. Afinal, é justamente devida a esta concepção de superioridade, de um humano mais perfeito, que deveria ser senhor dos animais, ou dos humanos inferiores, que a estrutura escravista pôde encontrar sustento (SINGER, 1974; DESMOND, MOORE, 2009). Não sem razões “a tese gradualista tem se revelado carregada de um forte desvio etnocêntrico, em outras palavras, eivada do pressuposto de que os únicos padrões verdadeiros e universalmente aplicáveis são aqueles adequados a nossa própria sociedade” (INGOLD, 1995).

Simplemente porque algum ser não pode desenvolver certo nível de cultura ou de desempenho cognitivo, ele deveria estar disponível ao bel prazer de outros que o possam dominar? Como já foi apresentado, há sérias objeções a estas compreensões, porém é sempre interessante que apresentemos exaustivamente este tópico para que possamos evidenciar com o maior grau de evidência possível a tese geral de que a ética deve estender-se aos demais, não comprometida com as características deste outro. Ou seja, basta ser outro, para que possamos entender que o compromisso ético deve abrangê-lo também.

Se isto for tomado como verdade, o que seria dito ou feito então ao perceber que a situação do animal é sempre próxima à da criança? Ou dos demais seres humanos em condições específicas que possam trazer alguma alteração qualitativa de seus atributos, geralmente considerados, como mais humanos? O que não implica que seres humanos com algum grau de comprometimento físico ou intelectual devessem ser submetidos à violência, ou não serem considerados humanos. Mas do mesmo modo que uma diferença qualitativa entre humanos não deve ser justificativa para violência entre humanos, por mais que, infelizmente, isso ocorra, também não deveria ser justificativa para a violência cometida contra animais não humanos (SINGER, 1975).

Assim, se por algum acaso chegar a surgir alguma outra espécie com capacidades com as quais a humanidade jamais poderá alcançar, deveria a humanidade, antecipadamente e de boa vontade, submeter-se a eles? Isto justificaria a sua dominação? O leitor deve ter em vista

que:

Os chimpanzés do futuro poderão ser muito mais inteligentes do que hoje, mas não serão humanos. Os seres humanos são animais que, pelo que me é dado saber, poderiam vir a ser os co-ancestrais de meus futuros descendentes. Como esses meus descendentes efetivamente se parecerão daqui a alguns milhões de anos - isso se não explodirmos a Terra antes, conosco dentro -, ninguém tem a menor idéia (INGOLD, 1995, p. 5).

Talvez o leitor considere que este cenário hipotético distante da realidade, mas o exemplo apresenta a situação inversa e clarifica a situação dos demais animais, que o nível de habilidades ou inteligência não pode servir de prerrogativa para uma posição de inferioridade, ainda mais que implique em sofrimento e exploração. Em termos de ética, clarificamos que qualquer alegação de qualquer suposta superioridade não pode ser posta enquanto justificativa para cercear sua liberdade ou infringir qualquer tipo de sofrimento.

Mediante isto, resta apresentar formalmente um conceito de especismo e tratar o vínculo entre o homem e os demais animais. Assim, “O especismo - a palavra não é bonita, mas não consigo pensar num termo melhor - é um preconceito ou atitude de favorecimento dos interesses dos membros de uma espécie em detrimento dos interesses dos membros de outras espécies” (SINGER, 1975, p. 23).

Sendo que a tese que permite um posicionamento contra esta postura, ou talvez, melhor delimitando, este modo de relacionar-se com os demais animais, encontra-se justificada no debate fomentado até este momento. Portanto, se o homem, enquanto espécie animal, não pode ser separado dos animais por conta de sua própria natureza; e se, também este homem, não pode propor um sistema de exploração e privação de direitos para aqueles que não podem desenvolver determinadas habilidades, ou as desenvolve em um nível diferente sem incorrer em uma incoerência lógica da aplicação de seus princípios éticos, por que ainda o faz? Uma vez que se compreende o homem, de modo próprio, como também animal, fica claro que:

Deveria ser óbvio que as objeções fundamentais colocadas por Thomas Jefferson e Sojourner Truth relativamente ao racismo e ao sexismo também se aplicam ao especismo. Se a posse de um grau superior de inteligência não dá a um humano o direito de utilizar outro para os seus próprios fins, como é que pode permitir que os humanos explorem os não humanos com essa intenção (SINGER, 1975, p. 23).

É nítido que a ética deva abranger também os animais, e que não seja extensiva às plantas, por exemplo, respondendo à questão supracitada no começo do capítulo, por conta da capacidade de sofrer pertencente a estes animais, e não as plantas. Aqui está um ponto de suma importância, por ser uma questão epistemológica. Afinal, com que propriedade podemos afirmar que os animais sofrem e as plantas não? Eles sofrem como nós? Tais questões foram abordadas mediante a fenomenologia husserliana, que está disposto nas próximas páginas.

O ponto que interessa aqui, imediatamente, é que a possibilidade de sentir algo, como

o sofrimento, obriga ao ser humano a aproximar-se deles mediante que os põe enquanto existentes nesse mundo de uma forma análoga à nossa (SINGER, 1975). É esse modo de estar no mundo que permite o envolvimento com os animais de um modo a ter uma interação diferente da que temos com os demais objetos (DERRIDA, 2002).

É o que Derrida tem a dizer sobre seu gato, que para ele, mediante toda a vinculação que existe entre ambos, aparece-lhe enquanto único:

[...] ele não o faz como um exemplar da espécie "gato", ainda menos de um gênero ou de um reino "animal". É verdade que eu o identifico como um gato ou uma gata. Porém, antes mesmo dessa identificação, ele vem a mim como este vivente insubstituível que entra um dia no meu espaço, nesse lugar onde ele pôde me encontrar, me ver, e até me ver nu. Nada poderá tirar de mim, nunca, a certeza de que se trata de uma existência rebelde a todo conceito. E de uma existência mortal, pois desde que ele tem um nome, seu nome já sobrevive a ele. Ele indica seu desaparecimento possível. O meu também - e esse desaparecimento, daqui até lá, jort/da, se anuncia cada vez que, nudez ou não, um de nós sai de onde estamos (DERRIDA, 2002, p. 26).

Assim, está delimitada a propriedade singular deste gato para Derrida (2002), este gato, a quem ele pode dizer que é seu, lhe é único, não apenas exemplar de uma espécie. Lembremo-nos de Ingold (1995, p.4), quando este também afirma que cada vida animal nasce em singularidade, diferente dos cristais que também crescem e se multiplicam nas cavernas. Afinal: “[...] se essa estrutura é igual em cada cristal de um elemento ou composto inorgânico, ela é diferente em cada organismo de uma espécie. Todo cristal é uma réplica, todo organismo é uma inovação”.

Ainda mais, Derrida ressalta que a compreensão que ele tem de seu gato enquanto seu, é uma consequência direta do modo como ele, enquanto humano, diz e discursa sobre o animal. Ademais, demarca: “Não, e não, meu gato, o gato que me olha no quarto ou no banheiro, esse gato que não é talvez "meu gato", nem "minha gata" (DERRIDA, 2002, p. 26).

Aqui, destaco dois pontos importantes da obra de Derrida (2002), e que se deve considerar. O primeiro ponto é que o animal, em sua natureza, é sempre nu, não se envergonha, porque para ele não há opção de não estar nu; como é diferente do nosso caso. E está nu relaciona-se ao outro que nos olha, e a isto o animal está imune. No sentido de que o animal, ao mesmo tempo que singular, é sempre próprio em seu sentido.

Onde se quer chegar com esta discussão? É que é o homem, que possui o sentido da nudez, que lhe diz que os animais estariam nus, mas para eles não há tal sentido, então estariam sempre na *não-nudez*. Ou seja:

O homem não seria nunca mais nu porque ele tem o sentido da nudez, ou seja, o pudor ou a vergonha. O animal estaria na não-nudez porque nu, e o homem na nudez precisamente lá onde ele não é mais nu. Eis aí uma diferença, eis aí um tempo ou um contratempo entre duas nudezes sem nudez. Esse contratempo está apenas começando a nos incomodar, no que diz respeito à ciência do bem e do mal (DERRIDA, 2002, p.

18).

Qual o sentido dessa demarcação? É dizer que é ao homem que cabe, até onde conhecemos, o sentido do especismo, pois é nosso o sentido de que há de se agir eticamente, e não aos demais animais. Assim, busco fazer a objeção a toda aquela compreensão e proposta que a natureza é sim cruel, e que os animais se devoram entre si, no sentido de que nenhum outro animal, a não ser o humano, poderia ser especista, porque não lhe cabe este sentido.

O outro ponto a ser delimitado consiste na constatação de que o homem ao dizer sobre o animal, ao nomeá-lo, tira do próprio animal o seu direito de resposta, não permite que o animal coloque-se, uma vez que o animal não pode responder do modo como o homem espera a resposta, por via da palavra. Por mais que o animal se manifeste, como o exemplo de um gato que arranha a porta para pedir para sair. É o homem que tem, assim, para si o animal; não constatamos e não se percebemos como percebido pelos olhos do animal, não se percebe assim, percebido pelo animal como nu, como ele mesmo (DERRIDA, 2002).

Haveria, em primeiro lugar, os textos assinados por pessoas que sem dúvida viram, observaram, analisaram, refletiram o animal mas nunca se *viram vistas* pelo animal; jamais cruzaram o olhar de um animal pousado sobre elas (para não dizer sobre sua nudez); mas mesmo que se tenham visto vistas, um dia, furtivamente, pelo animal, elas absolutamente não o levaram em consideração (temática, teórica, filosófica); não puderam ou quiseram tirar nenhuma consequência sistemática do fato que um animal pudesse, encarando-as, olhá-las, vestidas ou nuas, e, em uma palavra, sem palavras *dirigir-se a elas*; absolutamente não tomaram em consideração o fato que o que chamam “animal” pudesse *olhá-las e dirigir-se* a elas de baixo, com base em uma origem completamente outra (DERRIDA, 2002, p. 32).

Pois assim, conta Derrida (2002, p. 33) foi a experiência de tantos, como Descartes, Lacan ou Heidegger, por exemplo. Afinal, completa que “seus discursos são fortes e profundos, mas nele tudo se passa como se eles nunca tivessem sido vistos, sobretudo não nus, por um animal que se dirigisse a eles. [...] faziam do animal um *teorema*, uma coisa vista, mas que não vê”.

E não são assim os animais envolvidos em tantas práticas especistas, conforme nos conta Singer (1975, p. 12)? As práticas humanas que são consideradas especistas seguem desde “caça e das armadilhas, da indústria dos curtumes e das peles, do abuso dos animais de estimação, dos rodeios, dos jardins zoológicos e dos circos”. Mas para além destas, as que figuram um lugar particular e mais delicado sejam, justamente a que o autor analisa para manter seu posicionamento: a questão da experimentação e da indústria alimentar.

Acerca disto, é preciso entender que com esses animais há uma relação, mas sem manter vínculo, mesmo sabendo que cada animal é, assim, único e singular (INGOLD, 1995). Mesmo sabendo que esses animais possuem inteligência e sensibilidade (MORIN, 1973), e primordialmente que podem sofrer, e mesmo conhecendo o desprazer da dor, esta é infligida

em uma total indiferença. Para cada um de nós, esses animais são apenas o que dizemos deles, ou seja, carne, pele ou cobaia. Mais uma vez retiramos deles a possibilidade de resposta (DERRIDA, 2002).

Assim, resta conhecer o que temos feito deles nas Intervenções Assistidas por Animais. Afinal, estes animais são respeitados? Tem, por assim dizer, voz? Como sua singularidade incide dentro deste processo? Essas são questões fundamentais para esta pesquisa, afinal, é sobre esse lugar que também se indaga: O animal é utilizado para promover saúde e cuidar do humano, esta é uma premissa das Intervenções Assistidas (JEGATHEESAN et al., 2015), mas os animais são também cuidados? Como tais práticas têm se preocupado com os cuidados dirigidos aos animais, sejam eles humanos ou não? Questões que ressoaram até o final da escrita do capítulo quinto e sexto.

### **Um olhar fenomenológico sobre a situação da animalidade e da humanidade**

Verifico assim que, de um modo em geral, independentemente da tese adotada: essencialista ou gradualista, nenhuma das duas parece estar apta para, por si mesmas, configurar e sustentar uma postura ética mediante os animais. Enquanto a postura essencialista pode apresentar uma barreira intransponível entre o homem e os animais não humanos, negando-lhes qualquer caráter de outridade; a postura gradualista pode ser antropocêntrica e etnocêntrica (INGOLD, 1995; SINGER, 1975).

Falta compreender então o que a fenomenologia pode dizer sobre tal aspecto. Não se almeja montar uma imagem de E. Husserl ou de E. Stein enquanto defensores da causa animal, mas sim pensar as problemáticas que trabalhamos a partir de seus escritos. Para isso, penso que a retomada da obra *Ideas II* (HUSSERL, 1913/2005) seja de primordial importância. Especialmente, com ênfase na segunda parte da obra na qual aborda “*A Constituição da Natureza Animal*” (HUSSERL, 1913/2005, p. 123, tradução nossa), e em seguida quando tece considerações sobre “*A Constituição do Mundo Espiritual*” (HUSSERL, 1913/2005, p. 215, tradução nossa).

Antecipadamente, é necessário dizer que a fenomenologia não pode abandonar a posição essencialista, especialmente pelo seu caráter de uma ciência de essências, conforme delimitado no segundo capítulo. Afinal, negar que haja uma essência do homem, implicaria em negar o seu *telos*, mas também implicaria em destruí-lo ao relativizá-lo. Teria que lidar com uma difícil questão: se o homem não tivesse essência, como distingui-lo ou como conhecê-lo? É preciso que cada homem particular, cada ser humano, apresente consigo a manifestação

de uma estrutura essencial. É exatamente o que distingue a intuição empírica da intuição de essência (HUSSERL, 1913/2006).

Contudo, isso não implica em afirmar que a fenomenologia rejeita a concepção de que certos atributos possam ser compartilhados entre os homens e os animais, como defende a tese gradualista. Pelo contrário, as investigações fenomenológicas, especificamente aquelas presentes nas *Ideas II* apresentam um âmbito comum entre o homem e os demais animais, especificamente, a saber, o seu caráter anímico, e aqui há a discussão sobre a relação entre alma e corpo, principalmente no seu sentido orgânico (HUSSERL, 1913/2005).

Considero ainda que o ponto de partida do estudo do anímico, proposto pela fenomenologia parece-me mais sóbrio e rigoroso (HUSSERL, 1913/2005) que os vários argumentos em prol da tese gradualista, sustentados em experimentações e vieses científicos naturais, para atribuir e delegar a outros animais atributos como racionalidade, senciência ou linguagem (INGOLD, 1995; SINGER, 1975). Desse modo, na defesa da tese gradualista, parece haver muito esforço e urgência para reconhecemos no animal algo humano, ao invés de reconhecer algo animal no humano.

É importante ressaltar que ambas as teses, gradualista ou essencialista, não exigem o ser humano de uma responsabilidade ética direcionada para os demais animais. Especialmente porque o correto agir mediante os demais animais se sustenta em um aspecto deontológico, empático e na entelúquia da humanidade. Contudo, julgo também que a visão fenomenológica redimensiona esta dicotomia, quando aborda e elucida a situação da alma (HUSSERL, 1913/2005).

Assim, este é o nosso ponto de partida para adentrarmos nas reflexões e investigações realizadas em *Ideas II*. Na segunda seção da obra, o objetivo é uma investigação fenomenológica da alma, conforme podemos conferir: “Passemos agora para exploração da essência da alma, humana ou animal [...]” (HUSSERL, 1913/2005, p. 125, tradução nossa).

Nesse ponto, é interessante lembrar do aviso dado por Painter (2007), de que este conceito de alma não é religioso, então atribuímos alma ao animal na medida em que este é um ser anímico. Afinal, a própria etimologia de animal refere-se à concepção de *anima*, enquanto ser animado, vivo (BASTOS, 2018). Isto ocorre de tal modo, que E. Stein (1932/2003), por exemplo, aborda as almas vegetais, animais e humanas.

Mas o quê Husserl considera, então, enquanto alma? Ora, ele delimita que “o conceito de alma propriamente dita, que de algum modo coincide com o conceito de vivência e corrente de vivências” (HUSSERL, 1913/2005, p. 127, tradução nossa), que deve ser abordada pelo viés

fenomenológico, para não incorrer nos equívocos empíricos, referindo, portanto, sempre ao dado originário (HUSSERL, 1913/2005).

Afinal, “nenhuma teoria pode derrubar o sentido de alma que nos prescreve a perfeita intuição anímica” (HUSSERL, 1913/2005, p. 125, tradução nossa), uma vez que nos é proposto “examinar na intuição de essências o experimentado em geral como tal” (Ibdem, p. 126, tradução nossa). Mas afinal, para além da determinação de que os animais em geral são animados, o que das *Ideias II* (Ibdem) pode ainda nos interessar, e até onde temos um limite seguro para compreender a situação do animal dentro desta obra?

O primeiro ponto com o que se deve ter extremo cuidado é que esta obra trata especificamente de uma investigação fenomenológica de caráter constitutivo, nitidamente a tratar da situação humana. O ponto em que a obra pode nos permitir abordar a situação do animal é na medida exata em que Husserl aponta a constituição da natureza animal do ser humano, enquanto ser animado, possuidor de alma (Ibdem). Isso, contudo, não quer dizer que Husserl nunca se ocupou propriamente da questão dos animais em outros momentos (ALLES BELLO, 2000).

Desse ponto, não é necessário, para os fins desta pesquisa sobre os estudos e as posições egológicas, tão pouco sobre a possibilidade do eu-puro ou do eu-homem, especialmente porque o ego transcendental, nitidamente, é inacessível aos demais animais não-humanos. Estes pontos já estão trabalhados dentro da tradição fenomenológica e da obra em si. Além disso, a fenomenologia cumpriu o seu papel ao investigar o homem, por meio de suas análises e de seu método, de maneira mais imediata, sem buscar entendê-lo por meio dos demais animais (Ibdem), como muitas vezes as ciências naturais têm feito, ao realizar seus estudos comparativos (SINGER, 1975).

Apesar de que para a humanidade, e isto é importante situar, haverá sempre um limite na compreensão dos outros animais, pois o nosso ponto primordial de referência, o nosso mundo primordial, é constituído por um corpo humano (HUSSERL, 1931/2002). Tal questão está mais densamente discutida no capítulo seguinte, no qual há um diálogo com Nagel (1974/2013), e sua provocação sobre “*Como é ser um Morcego?*”.

O que interessa aqui são os pontos em que a situação dos demais animais é aproximada da situação do homem, por meio da sua concepção enquanto anímico. Deste modo, se o anímico está relacionado com a corrente de vivências, esclareço que: “Como já indica a expressão figurada corrente de vivências (ou corrente de consciência), as vivências, isto é, as sensações, percepções, recordações, sentimentos, afetos etc., não são dadas na experiência como anexos, desconectadas de corpos materiais” (HUSSERL, 1913/2005, p. 127, tradução nossa).



Assim, a partir deste momento, estabelecemos três pontos principais: a situação da alma e do corpo, em sua relação própria e necessária para o ser anímico; a situação da unidade da corrente de vivências; e a situação de uma instância psíquica e psicofísica dos demais animais (HUSSERL, 1913/2005). Para o primeiro ponto, tomemos como base a concepção de que é impossível constituir um ser anímico dotado exclusivamente de alma, o que implica obrigatoriamente na necessidade de um corpo.

Logo, a alma deve estar “[...] vinculada *realmente* com o respectivo corpo humano ou animal” (HUSSERL, 1913/2005, p. 159, tradução nossa). Portanto, o centro da atividade anímica passa a ser o corpo animado. Afinal, “se falta a alma, teremos matéria morta [...] o corpo, por outro lado, não pode faltar” (Ibdem, p. 129, tradução nossa).

Portanto, ao considerar um “sujeito anímico que fosse verdadeiramente pensável sem corpo material, isto é, como um espectro em vez de como um ser animal natural” (Ibdem, p. 130, tradução nossa), verifico que ele apenas poderia existir objetivamente se pudesse atender os critérios de uma dação intersubjetiva, e para isso, um corpo faz-se necessário.

Como o corpo é necessário, é importante ressaltar sua importância na medida em que ele passa a ser o centro de referência e constituição de mundo do ser animado, seu ponto originário de orientação. E como este corpo está animado, não é entendido apenas como mera coisa, mas sim com o sentido de um ser orgânico (HUSSERL, 1913/2005).

O corpo comparecendo enquanto animado, de modo objetivo, permite especificamente pensar a possibilidade de uma natureza intersubjetivamente fundada (HUSSERL, 1931/2001), como está descrito no capítulo posterior. Mas de imediato, a concepção de um corpo animal vivo, apresenta que há, portanto, uma esfera psíquica desses animais. De tal modo que por homens e animais serem constituídos, em termos anímicos, por uma corrente de vivências, ou corrente de consciência, eles não podem ser fragmentados (HUSSERL, 1913/2005; PAINTER, 2007). Consequente, temos que:

Isso porque, tomados como uma totalidade - como seres vivos unificados, naturais - tanto os animais quanto os humanos são constituídos por uma corrente/fluxo de consciência que se articula de forma a identificar o animal e o humano como detentores iguais de uma entidade psicofísica. É importante que os animais humanos e não humanos compartilhem essa característica de unidade psíquica, porque parece fornecer a base para atribuir aos seres a capacidade de experimentar a si mesmos e o seu mundo de uma determinada forma e, além disso, de desfrutar das relações pessoais (PAINTER, 2007, p. 94, tradução nossa).

Destarte, verifico a relação entre a constituição da atividade anímica como uma corrente, ou fluxo, de vivências, “entrelaças e ligadas umas com as outras [...]” (HUSSERL, 1913/2005, p. 127, tradução nossa), apresentando uma unidade que evidencia a atividade

psíquica remetente a um corpo psicofísico, atribuível portanto para cada ser anímico, para os animais não humanos (PAINTER, 2007).

Assim, entendamos também que:

Embora Husserl (em última análise) pareça conceder personalidade apenas aos humanos e não aos animais, em sua discussão sobre o caráter da atitude personalista que ele oferece na seção 49 das *Idéias II*, encontramos uma descrição da natureza animal - da consciência animal - que nos permite conceber os animais não humanos como seres que (no mínimo) possuem uma atitude personalista de forma rudimentar, forma totalmente não reflexiva. Pois, certamente, os animais não podem viver em uma atitude naturalista, uma vez que parecem incapazes de se engajar no pensamento reflexivo e objetivante sobre os objetos que é característico dessa atitude, que descreve uma atitude específica do homem. Assim, dado (a) que os seres animais podem experimentar a si mesmos e seus mundos de forma "naturalística" ou "pessoalística" e (b) que os animais não humanos são incapazes de experimentar a si mesmos ou seus mundos "naturalisticamente", a atitude compartilhada em comum por humanos e animais não humanos é o personalista (PAINTER, 2007, p. 101, tradução nossa).

Assim, o animal não pode estar em atitude naturalística, pois a “[...] alma animal, na qual falta o estrato do pensar teórico em sentido estrito, e similaridades” (HUSSERL, 1913/2005, p. 173, tradução nossa). Isto é de suma importância, tendo em vista que é a atitude personalista que, segundo Husserl (1913/2005), ratificado por Painter (2007), abarca a relação com as objetividades da vida, e isso inclui a vida comunitária e a convivência existente de uns com os outros. Assim, é nesta convivência que a humanidade se relaciona uns com os outros, onde encontra, por exemplo, seus corpos dispostos no mundo.

É nesse mundo que podemos encontrar o gato descrito por Husserl (1913/2005, p. 221, tradução nossa): “Vejo o gato que joga e visto agora como corpo sensitivo e animado [...] à sua maneira, o gato também é visto e no ver é experimentado sua existência enquanto existência deste animal gato”. E continua: “o gato aí, em pessoa, e justo como coisa física, aí está um corpo que possui uma textura física e estesiológica [...] assim mesmo o corpo é experimentado como corpo de uma alma” (HUSSERL, 1913/2005, p. 221, tradução nossa)

Desse modo, é mister dialogar com a seguinte concepção presente nas *Meditações Cartesianas*: “endopatia de conteúdos determinados da esfera psíquica superior. Eles nos são sugeridos, indicados, pelo corpo e pelo comportamento exterior de quem está tomado pela cólera, de quem está feliz etc. Eles me são compreensíveis a partir do meu próprio comportamento” (HUSSERL, 1931/2001, p. 133). Apesar de Husserl (Idem) apresentar que entre animais humanos e não humanos o emparelhamento, que é como se chama esse processo de contágio intencional possibilitador da enteropatia, será incompleto.

Deste ponto, é graças a alma do animal, que implica em uma corporeidade e em um aparato psíquico, ao fato de “que corpo e alma formem uma unidade de experiência própria e graças a esta unidade o anímico receba seu local no espaço e no tempo” (HUSSERL,

1913/2005, p. 209, tradução nossa), sendo possível um envolvimento empático com eles. Ademais, a “empatia fornece uma base adequada para uma ética de cuidado que cruza as fronteiras das espécies” (PAINTER, 2007, p. 97, tradução nossa).

Assim, é viável compreender o animal como um ser dotado de alma, e conseqüentemente de um aparato psíquico e de um corpo, entendido no seu sentido orgânico, possibilitando pensar sobre a efetividade de ser empáticos em relação a eles. Abordo a noção de enteropatia, ou empatia, como “encontrar uma pessoa, e ter um reconhecimento súbito de que é um ser humano, imediatamente o vejo como indivíduo e identificado como alguém semelhante a mim [...] ao mesmo tempo, percepção e enteropatia, ou seja, percepção e apreensão de que é um ser humano” (ALES BELLO, 2006, p. 65). Porém, relembro também que conforme Alles Bello (2006):

O elemento vivente é muito importante. Dentro dele existe uma vida, que não é só percepção, é uma percepção acompanhada da consciência, portanto, estamos diante de algo que vive, que vive como eu. Por que temos de dizer "como eu"? Porque podemos estar diante de um cachorro que vive também, mas não vive como eu. Isso nós percebemos imediatamente, no entanto, podemos estabelecer com o gato ou com o cachorro uma relação também entropática. Sabemos que ele vive em nível psíquico, que nós também temos. Se o gato mia, percebemos que ele está pedindo alguma coisa, que tem fome ou sente alguma dor. Este captar é entropatia, pois também possuímos o nível psíquico, mais do que isso, fazemos um grande esforço com os animais domésticos, falando e tentando interpretá-los. O mesmo esforço fazemos com a criança pequenina que ainda não pode falar, tentamos captar o que possa estar sentindo, o que está acontecendo com ela (ALES BELLO, 2006, p. 65-6).

Entretanto, se na obra *Ideais II*, Husserl (1913/2005) esteve ocupado principalmente do problema da constituição referente ao humano, ao mundo humano, penso ser relevante retomar alguns escritos nos quais a questão do animal tenha sido abordada propriamente. Especialmente com o fim de encerrar por vez, mediante a compreensão fenomenológica, o impasse entre as teses gradualistas e essencialistas, na modalidade como a ciência moderna vem adotando-as.

Porém, por mais que tais textos existam dentro das husserlianas, vários deles foram manuscritos póstumos ou permanecem inéditos. De tal modo que, seguindo as recomendações de Ales Bello (2006), recorrendo a seu texto sobre mundo humano e mundo animal (ALES BELLO, 2000), pudemos ter certo acesso a algumas concepções husserlianas presentes nestes manuscritos e, por exemplo, entender que no:

Vol. IV de Husserliana - na qual aparece uma referência explícita à constituição psíquica dos animais (Seção II, IV, 45) em comparação com o mundo humano. O fato de ele posteriormente ter voltado ao assunto mostra que a atenção que Husserl prestou ao mundo animal não era de forma alguma ocasional; ele até tratou em contextos particulares (ALES BELLO, 2000, p. 250, tradução nossa).

Mas, sabendo que Husserl interessou-se pelo tema, o que mais podemos compreender acerca da situação do mundo animal? O primeiro ponto necessário é compreendermos que, para

tratarmos da situação do animal precisamos centramo-nos no “estudo do mundo pré-dado do ponto de visão da vida impulsiva e instintiva é usada como o ponto de partida para enfrentar o tema para o conhecimento do mundo humano e do mundo animal” (ALES BELLO, 2000, p. 250, tradução nossa). O estudo do mundo pré-dado, sob o viés da vida instintiva levará Husserl a alcançar as seguintes conclusões:

A análise da vida instintiva leva Husserl a estabelecer dois pontos firmes: primeiro, é precisamente graças aos hábitos que a unidade do eu já constitui a si mesma neste nível, de forma que a unidade da subjetividade, embora reconhecida pela consciência, é de origem anterior; e segundo, os próprios hábitos influenciam e em alguns casos até determinar a direção da vontade. Portanto, a passividade desempenha um papel importante na esfera da vontade; por exemplo, um pode notar que a necessidade de caminhar se transforma na decisão "Eu quer sair ". Pode-se traçar um padrão típico na estrutura fundamental de necessidades que se articulam em diferentes níveis e constituem a forma estrutural de toda a vida, tornando possível ao eu possuir uma forma sistemática estrutura em termos das orientações da sua vontade. Em um sentido mais amplo, podemos considere os modos da vontade e da vida instintiva originária como sendo [...] a forma que precede as outras formas. Tudo isso leva Husserl a examinar o instinto "vital" dos animais em geral (ALES BELLO, 2000, p. 250, tradução nossa).

A concepção husserliana, nesse ponto, como seria esperável, encontra uma ressonância com as análises de sua discípula, Edith Stein (1891-1942), quando ela aborda a situação do homem e dos demais animais, ao alegar que há o caráter de animalidade no homem, e que esta se percebe pelo nosso próprio caráter instintivo. De modo que: “A experiência nos mostra, de fato, que os instintos do o homem não é tão bom e seguro como o dos animais. Mas seu a existência não pode ser negada” (STEIN, 1932/2003, p. 645, tradução nossa).

Contudo, as análises husserlianas não cessam após a constatação do caráter instintivo como meio de orientação no mundo pré-dado. Ele também leva a sério a possibilidade de “penetrar "dentro" das vidas psíquicas dos animais” (ALES BELLO, 2000, p. 251, tradução nossa), que é justamente a proposta do etnólogo e dos estudiosos da psicologia animal, embora estes não possam levar a cabo tal empreitada.

Afinal, “O objetivo de compreender os animais dessa forma só pode ser alcançado por uma análise que Husserl chama de transcendental no sentido fenomenológico” (ALES BELLO, 2000, p. 251, tradução nossa). Está crítica ainda situa muito bem a relação da fenomenologia frente as ciências humanas e da natureza, uma vez que o método fenomenológico seria o que garantiria a universalidade a estes campos do saber distintos:

Essa atitude evoca a posição de Husserl em relação aos relacionamentos entre as ciências naturais e humanas e a fenomenologia, que, em sua opinião constitui a única maneira pela qual a universalidade pode ser assegurada. Em outro palavras, para Husserl, apenas a análise fenomenológica é capaz de compreender as estruturas que, neste caso, estão subjacentes ao mundo animal, para que também se possa compreender o significado que atribui à questão da "identidade" do "objetos", que, de fato, devem ser entendidos como identificação daqueles momentos estruturais (ALES BELLO, 2000, p. 251, tradução nossa).

Desse modo, enquanto para Ingold (1995), as ciências humanas são a área de estudos que estudam o propriamente oriundo do espírito humano, como a filosofia e as artes, caracterizando o homem, por exemplo; para Husserl, mediante o papel unificador da fenomenologia (HUSSERL, 1936/2012), esta distinção entre ciências humanas e naturais tem muita mais relação com a adequação do método à natureza do objeto de estudo (HUSSERL, 1911/1965), ao invés de compreender as disciplinas das ciências humanas como caracterizantes do faz de nós humanos.

Na verdade, para este fim a fenomenologia há muito tempo já empreende esforços para compreender as estruturas essenciais do homem, o fato das humanidades fazerem referências a aspectos caracterizantes da humanidade, como a filosofia que se liga ao nosso caráter racional, ou como a arte que se liga à nossa sensibilidade, deve-se mais fortemente às propriedades dos objetos de estudos das artes, por exemplo, do que com o fato da arte ser uma disciplina de exclusivo interesse humano. A arte não deixaria de ser arte se um grupo de alienígenas viessem para a terra e se interessassem por ela, tão pouco faria com que esses alienígenas fossem humanos, simplesmente pelo seu interesse em artes.

Uma vez dito isto, interessa abarcar de modo objetivo mais dois aspectos sobre a situação do animal em geral, e uma específica em relação à situação do homem. O primeiro ponto é sobre a situação da intersubjetividade para o animal, e sobre isto, temos que: “Existe alguma correlação entre o Eu e o Tu e, portanto, o Nós, no mundo animal? De Husserl a resposta é afirmativa, embora o mundo intersubjetivo dos animais seja caracterizado como uma forma ainda primitiva de relações” (ALES BELLO, 2000, p. 251, tradução nossa).

O segundo ponto diz respeito à consciência da morte para o animal, que segundo Ales Bello (2000), nos manuscritos husserlianos é evidente que o animal tem consciência e relação direta com o morrer, porém é sempre com o morrer individual, e por mais que a reprodução e a luta por sobrevivência se relacionem com a manutenção da espécie, a relação com a morte da espécie, extinção, não é evidente para eles, visto que “Pode-se perguntar se o animal individual está consciente de sua morte, mas certamente seria inútil especular sobre se é consciente do fim da espécie” (ALES BELLO, 2000, p. 252, tradução nossa).

O último ponto, especificamente humano é o seu caráter de liberdade e dever, que não o impossibilita de “percebemos no mundo externo nos homens e nos animais - devemos conceber os animais e os homens como comuns” (STEIN, 1932/2003, p. 645, tradução nossa). Mas, justamente o que faz do homem responsável pela sua própria formação, e a esta formação é que lhe garantiria formar-se enquanto pessoa e atribuímos a isso o caráter espiritual do homem, visto seu processo de formação (STEIN, 1932/2003).

Mas porque elencar esses três aspectos justamente a essa altura do texto? Para sintetizar algumas considerações sobre as teses gradualistas e essencialistas. Percebo, assim, que não pretendo resolver o impasse gerado por elas, mas apenas situar que, diante da compreensão fenomenológica, esse impasse encontra uma possibilidade de apaziguamento.

Dito isso, início ao reavaliar a situação da tese essencialista, tal qual abordada por Ingold (1995). No começo deste tópico já apresentei algumas considerações fenomenológicas acerca desta tese, que versam sobre a impossibilidade de abandonar essa posição. Contudo, é preciso que se diga mais, especialmente pelo sentido com o qual esta tese tem sido defendida. Por mais que Ingold (1995) e Morin (1973) acertem ao fazer da cultura um fazer da animalidade humana, não podemos fazer da aptidão a cultura o que nos diferencia essencialmente das demais espécies.

Desse modo, situo que a posição essencialista, conforme apresentada no primeiro tópico (INGOLD, 1995), pode ser criticada na medida em que se equívoca na tentativa de estabelecer aquilo que é próprio do humano, e ainda se equívoca novamente quando assume que isto que escolheu enquanto essencialmente humano o afasta dos demais animais. De fato, toda espécie em si é única, e isso Ingold (1995) apresenta com clareza, e apresenta também que a espécie humana em si é muito variada e culturalmente diversa, e nisto mais uma vez acerta.

Porém, quando este apresenta a tese essencialista, retomasse a discussão cultura, humanidade vs animalidade, e mais uma vez estranhamo-nos porque sabemos da animalidade própria do homem. Ora, o equívoco está em tentar negar aos animais atributos como inteligência ou linguagem, e isto Max Scheler (1928/2008) já abordava muito bem. Não podemos negar aos animais tais atributos, especialmente porque estes dizem respeito aspectos psicológicos, e organicamente, tudo nos leva a crer que os animais possuem também fenômenos psicológicos. Os próprios chimpanzés que chegam aprender linguagem de sinais (MORIN, 1973) já demonstraram isso.

Mas também não se pode negar-lhes a cultura, especialmente pela experiência dos nossos ancestrais. Ora, se o que Everett (2019) defende estiver correto, e os *Homo erectus* realmente tivessem, não apenas um robusto sistema de linguagem, mas também cultura; ou ainda se uma civilização alienígena, e por civilização subentende-se desenvolvimento de cultura, pousar na terra, não se deveria considerá-los humanos simplesmente por possuírem cultura.

A situação estabelece-se porque não se deve tomar a cultura como elemento essencial, mas sim aquilo que possibilita a cultura, e que lhe é anterior: o espírito. Nisto há convergência entre Max Scheler (1928/2008), Stein (1932/2003) e Husserl (1913/2005). Mas é verdade que

não basta o espírito, é preciso que haja um corpo humano, uma corporeidade que se aproxime da experiência do outro em um aparato orgânico cada vez mais próximo ao do humano.

Desse modo, a depender da experiência que possasse ter com esse contato alienígena, por mais civilizados que fossem, se o aparato orgânico diferisse consideravelmente, o que implicaria também, pelo viés fenomenológico, uma certa diferença nos respectivos mundos primordiais e no modo de vivenciar os fenômenos, o humano estaria, talvez, mais propensos a reconhecer os *Homo erectus* como seres humanos do que esses sofisticados invasores, se fosse possível escolher. Isto é claro, não implicar em negar direitos aos *aliens*, tão pouco aos nossos ancestrais *Homo erectus*, mas sim em termos da possibilidade de uma vinculação empática. Logo, mais do que apenas o espírito, para ser humano é preciso possuir o corpo humano e uma alma humana.

Por outro lado, e agora é importante tecer considerações sobre a tese gradualista, não implica em dizer que não existam características em comum com os demais animais, ou ainda que suas respectivas condições nos sejam absolutamente inacessíveis. Conforme a obra *Ideas II* (HUSSERL, 1913/2005) exatamente o contrário, identificam-se os animais como portadores de alma, portadores de um corpo orgânico e de uma instância psíquica, os encontrados no mundo enquanto seres viventes.

Assim, mais uma vez, a situação da humanidade vs animalidade parece impor-se à tese, e mais uma vez, há necessidade de contra-argumentar. E para isso, devemos sempre pensar no ser humano como um animal apto à cultura, onde o seu fazer cultural e social não lhe é uma superação do seu estado de animalidade, mas antes, decorrente de seu próprio estado anímico. Se pensarmos que o próprio *Homo Erectus* (EVERETT, 2019) ou ainda outras espécies de primatas (MORIN, 1973) possuem desenvolvimento cultural de certo modo, não causaria espanto que o desenvolvimento de cultura fosse uma prática da espécie humana, que se manifesta em condições adequadas: contato com outros seres humanos e horizonte histórico.

Desse modo, é possível outro entendimento sobre o caso do menino-lobo, Victor de Aveyron (ITARD, 1801). Não se trata de um estágio anterior ao processo de socialização humano, como um estado selvagem e mais natural, mas sim um ser humano sem condições de realizar o que é próprio da sua cultura. É também verdade que, nesse ponto, onde houve, desde sempre, um grupo de humanos e um horizonte histórico, as sociedades desenvolveram-se de modo a acumular conhecimentos repassados para a geração futura (EVERETT, 2019; INGOLD, 1995; MORIN, 1973), gerando exatamente essa preocupação com a espécie narrada por Husserl e apresentada por Ales Bello (2000), e que nos outros animais parece, de certo modo, ausente. Assim também, como adendo, a situação de Victor de Aveyron se aproxima a

das crianças muito novas e de algumas pessoas com deficiências, e as limitações de viverem no mundo culturalmente compartilhado não faz deles não humanos, especialmente pelo sentido dado ao corpo humano na constituição da animalidade humanos, da alma humana (HUSSERL, 1913/2005) e do espírito, lembrando-nos que “o espírito é compreensão e vontade simultaneamente: conhecer e querer são mutuamente condicionados” (STEIN, 1932/2003, p 651, tradução nossa),

Assim, conforme a segunda parte da obra *Ideas II*, o homem e o animal dispõe de alma, em termos de atividade anímica, o que tem como consequência última a abertura de possibilidade de um vínculo empático (HUSSERL, 1913/2005). Desse modo, a tese gradualista pode encontrar aqui um novo exemplo e caminho investigativo, pois a fenomenologia desvelou um solo comum, evidenciando também a senciência animal.

Porém, a terceira parte da obra *Ideas II*, ao apresentar a contraposição de alma e espírito, e ao diferir a atitude naturalística da atitude pessoalística (HUSSERL, 1913/2005)., demonstra alguns elementos próprios e essenciais do ser humano, inadequadas com o modo de existência dos demais animais, condizente com a postura essencialista.

Assim foi dada esta nova compreensão, na qual atendemos as duas teses simultaneamente, por meio do referencial fenomenológico. Portanto, resta seguir o percurso da fenomenologia para compreender o que subsidia a necessidade última de um posicionamento dirigido eticamente para estes animais.

Desse modo, dentro da concepção da ética husserliana, o que convida a humanidade a se importar e apresentar atenção e cuidado aos animais não-humanos? A justificção do porquê o modo como os seres humanos lidam com os animais não-humanos é uma questão eminentemente ética, podemos começar resgatando do capítulo passado o conceito de ética para E. Husserl, compreendemos:

ética enquanto uma disciplina universal da prática e do agir, que se indaga sobre o que deve ser feito; estando paralelamente em situação de privilégio como a lógica. Assim, se a lógica é a disciplina universal e pura do correto pensar, a ética seria a disciplina universal e pura do correto agir, nenhuma das duas podendo ser naturalizadas ou ceder a explicações psicológicas de qualquer tipo (HUSSERL, 1924/2020, p. 38, tradução nossa).

Portanto, para Husserl (1924/2020), a ética deve ser uma disciplina prática, na qual o homem, em seu âmbito pessoal, mas tendo em vista o caráter comunitário de sua existência, realiza-se enquanto ser de razão. Afinal, rememoremos que “a *razão* é o específico do homem, como ser que vive em atividades e habitualidades pessoais” (HUSSERL, 1936/2012, p. 217).

Logo, ao encontrar que nos textos mais tardios, Husserl não mais prossegue no caminho da lógica formal, procurando as normas axiológicas universais do correto agir segundo



a razão. Ou seja, a ética é situada no âmbito da habitualidade pessoal, no qual o correto agir deve-se a uma conformação racional entre meios e fins (HUSSERL, 1924/2020).

Diante disso, recorro que a própria noção de racionalidade em Husserl está sempre comprometida com a verdade, e interposta no fazer prático do homem, assim, em seus atos. Lembro também que os atos volitivos e emotivos estão dispostos à avaliação racional, assim como os atos de querer e de sentir. De todo modo que: “se compreende que o estreito nexos motivacional entre querer e desejar, entre o valorar, entre as tomadas de posições emotivas e os estados anímicos de todos os tipos, também estes, e com frequência de modo acentuado são eticamente aprovados ou reprovados” (HUSSERL, 1924/2020, p. 44, tradução nossa).

Ora, mas o que faz com que um ato possa ser eticamente aprovado ou reprovado? Tenhamos em vista que: “a pergunta pela correção absolutamente prática, uma decisão da vontade, enquanto absolutamente devida, pode acreditar-se apenas se seu *Fin Final*, ou seja, o último, o que determina todo atuar, tem o título de amor ao próximo” (HUSSERL, 1924/2020, p. 46, tradução nossa).

Pois bem, dito isto, se retornamos à situação do animal como pertencente ao mundo da vida, conceito já elucidado no segundo capítulo deste trabalho, encontra-se que, conforme disposto em *Ideias I*:

Este mundo, além disso, não está para mim aí como um mero *mundo de coisas*, mas, em igual imediatez, como um *mundo de valores* [...] Descubro sem maiores dificuldades, que as coisas a minha frente estão dotadas tanto de propriedades materiais como de caracteres de valor, eu as acho belas ou feias, prazerosas ou desprazíveis, agradáveis ou desagradáveis etc. Há coisas que estão imediatamente aí como objetos de uso, a “mesa” com seus “livros”, o “copo”, o “vaso”, o “piano” etc. também esses caracteres de valor e caracteres práticos fazem parte *constitutiva dos objetos “disponíveis” como tais*, quer eu me volte, quer não, para eles e para os objetos em geral. Tal como para as “meras coisas”, isso vale naturalmente também para os seres humanos e animais de meu meio circundante. Eles são meus “amigos” ou “inimigos”, meus “subordinados” ou meus “superiores”, “estranhos” ou “parentes” etc (HUSSERL, 1913/2006, p. 75).

Sendo assim, se reconheço ao longo desta discussão que o animal é dotado de alma, que ele é dotado de um corpo orgânico, capaz então de sustentar certo psiquismo e, conseqüentemente, ser senciente e dispor de determinada inteligência, se há a possibilidade de empatia para com eles, e se eles estão dispostos para nós no nosso mundo da vida, muitas vezes como companheiros e amigos, não deveríamos nós, e aqui abarcamos a situação deontológica, sermos bons para com eles?

Não poderia, o leitor, situar que é o meio e o fim de poupar do sofrimento aqueles a quem tanto fazemos sofrer (SINGER, 1975), não seria algo bom? Como já visto, eles não são outros que coabitam conosco certos aspectos do nosso mundo, material, mas também afetivo? Destaco sempre para que: “na medida em que nossos juízos éticos não se referem apenas aos

indivíduos, mas também à comunidade, a ética não é apenas individual, mas também social” (GARCÍA, 2020, p. 15, tradução nossa), cuidar dos animais, inclusive de um ponto de vista ecológico, não seria valoroso para a humanidade (LOURENÇO; OLIVEIRA, 2012)? Cuidar daqueles a quem se dirige atos de amor e amizade também não é valoroso, mesmo que estes pertençam a outra espécie? Como a humanidade pode, dentro da perspectiva da ética, levando em conta a crítica husserliana ao hedonismo (HUSSERL, 1924/2020), se beneficiar às custas de outros?

Uma vez que está evidente o porquê deve-se dirigir eticamente a situação do animal, encontram-se duas questões importantes para compreender mais a relação homem-animal sob um panorama ético: 1- a relação entre “a concepção do mundo intersubjetivo ordenado teleologicamente, isto é, implicando em seu desenvolvimento histórico um *telos* realizável no infinito” (KORELC, 2015) e a concepção de que “Ser bom, diz Husserl, – isto é, viver a própria vida conforme o *telos* – depende do querer tornar-se bom” (Ibdem, p. 44), ao passo em que “Só é possível perseverar na vontade de ser bom se há certeza de que esta decisão e esta meta podem ser realizadas” (Ibdem, p. 44); 2- a ideia do homem enquanto ser racional e livre, cuja razão reconhece apodóticamente o *telos* humano, que visa nossa autocompreensão (HUSSERL, 1936/2012).

A primeira questão é que a situação do *telos* humano ser realizável até o infinito, convida a buscar um ideal de bem, de modo que a “vontade também está sob exigências racionais, as suas metas autênticas são aquelas que podem ou devem ser absolutamente queridas em função da teleologia ou em função do tender do homem à felicidade e beatitude que lhe indica uma ideia do Bem absoluto, a do valor absoluto” (KORELC, 2015, p. 44). Assim, o *telos* pode estar sempre se dirigindo a um ideal, e não necessariamente partir já de uma condição ética, mas sim, inclinar-se a encontrá-la como uma “experiência da exigência ética absoluta” (p. 45).

Se acrescentarmos a esta compreensão a perspectiva de que para ser bom é preciso querer ser bom, e para querer ser bom é necessária a certeza de que é possível ser bom, podemos formular a seguinte questão: poderia o homem, sabendo de sua dependência primordial dos animais, como fonte de alimento, por exemplo (SINGER, 1975), ter sido bom para com todos os animais? Poderia o homem, necessitado da técnica e dos avanços farmacêuticos renunciar à experimentação animal? Alguém a sofrer os males da fome, pode renunciar a um pedaço de carne?

Entendo que na contemporaneidade ainda há sim muita dependência nossa em relação aos animais, que talvez dure enquanto a humanidade existir. Mas há, mais do que nunca, a

possibilidade de modos alternativos de atender a maioria das demandas humanas sem a necessidade de infringir dores e sofrimento aos demais animais, e uma vez que há esta possibilidade, é possível para o homem atual atuar de modo ético. Percebe-se que não se deve incorrer em anacronismos sobre esta questão, pois a ética situa-se nas possibilidades de agir eticamente que foram dadas para este homem livre. Esse ponto pode ajudar a entender, por exemplo, o surgimento na modernidade de instituições e aparatos legais para proteção animal (SINGER, 1975; TREVISAM; CRUCIOL JUNIOR, 2020)

Portanto, hoje existe condições e possibilidades para uma sobrevivência mais harmônica, visto que poderíamos ter menos situações concretas nas quais devemos escolher entre fazer uso dos animais ou beneficiar seres humanos. A alimentação vegana, os cosméticos que não testam em animais, e, conforme demonstra Singer (1975), um grande número dos estudos experimentais em animais não apresenta avanço científico relevante, tão pouco tem como objetivo direto algo que impacte positivamente a vida das pessoas. Videmos também os experimentos narrados por Boese (2009), como aquele em que cientistas decidiram testar a tolerância de um elefante a LSD, e acabaram matando o animal de overdose.

É evidente que também não é possível considerar ético o ato de privilegiar um animal não-humano em detrimento de um semelhante membro de nossa mesma humanidade. Do mesmo modo como é evidente o caráter antiético de toda e qualquer postura misantropa, como o ecofacismo (TAIBO, 2020), já que o que sustenta o compromisso ético com os animais também, e primeiramente, sustenta um compromisso ético para com outros seres humanos. Porém, a questão é: se é possível causar menos sofrimento animal, por que não o fazemos?

Sobre a situação hipotética, usualmente levantada quando tratamos desta questão, entre escolher a vida de um animal não humano, e pode ser um animal de estimação amado, e uma vida humana, que pode ser uma vida desconhecida, sobre este dilema ético, caso queiram um posicionamento, limito-me a dizer: se Husserl (1924/2020) abdicou de estabelecer normas axiomáticas universais para a conduta, também eu o faço, inclusive deixando o Direito encarregado do impasse.

Assim, acerca do segundo ponto que visou comentar sobre a ideia do homem enquanto ser racional e livre, cuja razão reconhece apodícticamente o *telos* humano, que visa nossa autocompreensão (HUSSERL, 1936/2012), resalto a importância de compreendermos o caráter de liberdade do ser humano (HUSSERL, 1936/2012), que por sua vez, convida necessariamente ao campo da deontologia, do dever agir, justamente porque pode agir de modo distinto (HUSSERL, 1924/2020; KORELC, 2015). Não é uma questão se outros animais

possuem liberdade para agir de modo ético, a questão é que a humanidade possui e por isso, deve. Afinal, temos que:

Husserl se pergunta sobre o sentido racional da vida no seu todo, não apenas sobre a posição racional da existência de um ou outro objeto e ou sobre a existência do mundo; a vida racional é no seu todo a vida da vontade – também a razão é em última instância um ramo da vontade [...] e com isso implica um reino de liberdade, de decisão livre do homem (KORELC, 2015, p. 43-4).

Portanto, a responsabilidade e o dever do agir ético, seguindo o *telos* humano para uma melhor vida possível. De todo modo que:

A melhor vida possível, que capto e que me proponho conscientemente como meu dever universal, como dever de todos os deveres, implica em ser precisamente essa posição consciente da vontade. A melhor vida possível de um eu implica como ponto de partida em uma vontade fundante, dirigida precisamente para a melhor vida possível, diante da qual reside não a melhor vida possível, mas uma vida ingênua. Porém não pertence a melhor vida possível uma vontade correlata quero ser uma pessoa boa? Se sou uma pessoa que faz o bem, então surgem mim necessariamente apenas atos bons e os melhores possíveis (HUSSERL, 1924/2020, p. 306, tradução nossa).

### **Considerações sobre as Intervenções Assistidas por Animais: aspectos relevantes e o olhar fenomenológico.**

Como a história e o conceito das Intervenções Assistidas por Animais já foram apresentados no primeiro capítulo, do mesmo modo como os benefícios propiciados e as áreas de atuação também já foram descritos e listados, este tópico almejou apresentar um pouco mais sobre as práticas das IAAs. Especificamente, há um enfoque no modelo das Intervenções realizadas por Levinson (1969/1997; 1984) e Silveira (1981), explicitando algumas intervenções e seu modo de trabalho. Nos interessa, particularmente, além do modo como seus trabalhos eram desenvolvidos, as suas compreensões de como as IAAs poderiam proporcionar saúde e bem-estar.

A partir do que discutimos sobre esses dois autores, ressaltamos em seguida aquilo que pôde ser aproximado à fenomenologia, conforme já foi realizado outrora por Silva (2019) e por Schedler e Holanda (2015). Como contraponto, apresentaremos também algumas teorias atuais que visam fornecer uma explicação sobre o porquê de as IAAs proporcionarem êxito àqueles que são seus beneficiários (BEERZ, 2017).

Portanto, podemos iniciar pelos pontos em comum entre Levinson (1969/1997) e Silveira (1981), acerca de onde seus trabalhos conversam e convergem. Lembremo-nos sempre que ambos se correspondiam por cartas e possuíam um mesmo referencial teórico de trabalho: a Psicologia Analítica, proposta por Carl Gustav Jung (DOTTI, 2014).

Desse modo, podemos situar que ambos os autores compreendiam que as Intervenções Assistidas por Animais eram exitosas, especialmente diante do trabalho realizado com crianças

ou com pacientes psiquiátricos, por conta do animal poder sustentar uma aceitação mútua, de modo a não julgar. Assim, os animais propiciam um modo mais confortável, seguro e tranquilo de estabelecer uma relação. O animal não humano, nesta perspectiva, apresenta-se como um “quebra-gelo”, apresenta uma possibilidade de engajamento da pessoa atendida no trabalho realizado na sessão (LEVINSON, 1969/1997; SILVA, 2019; SILVEIRA, 1981). Podemos entender que animal apresenta a realidade em uma “distância psicológica segura” (BAHI; PARISH-PLASS, 2017, p. 2, tradução nossa).

Outro ponto em comum de ambos os autores consiste na possibilidade do animal, que deve ser compreendido como um elemento constitutivo do meio da pessoa atendida, poder fornecer, não só um meio de se organizar, mas um elo com a realidade. O animal, assim, é um convite para que a pessoa possa se direcionar para o que está acontecendo naquele momento em sua vida. O animal coterapeuta chama atenção da criança de modo a ser o centro das brincadeiras; ou ainda convoca o paciente psiquiátrico a conectar-se com a realidade, a se organizar. Afinal, o animal não costuma ser ignorado (LEVINSON, 1969/1997; SILVEIRA, 1981).

Mais uma noção e entendimento convergente entre ambos diz respeito ao papel do animal e seu lugar na sessão. O animal não é um recurso, um objeto a ser utilizado com finalidades terapêuticas, mas é um parceiro, um coterapeuta que atuante na promoção de saúde, bem-estar ou educação (LEVINSON, 1969/1997; SILVEIRA, 1981). Ele, o coterapeuta, não pode ser entendido como se estivesse simplesmente ali, em sessão, aos cuidados de uma criança ou paciente psiquiátrico, como se isso não fosse alguma coisa.

Diante disso, é verdade que o animal pode não ter conhecimento técnico ou teórico acerca dos processos que estão acontecendo, que é o argumento utilizado por Bahi e Parish-Plass (2017) para negarem o estatuto de coterapeuta aos animais. Contudo, não podemos ignorar também que os animais durante o processo das intervenções se estressam, agem, interagem e necessitam descanso (DOTTI, 2014; MCCULLOUGH, 2017). Este fazer para ele é um trabalho, não no sentido de um emprego ou função, mas no sentido que uma atividade realizada. E, conforme já vimos, a situação de considerar o animal como coterapeuta também já gerou piadas por parte de colegas psicólogos de Levinson, que lhe perguntavam “se dividia os honorários com o cachorro” (HINES, 2003, p. 10, tradução nossa).

Mais um ponto interessante de interseção entre a proposta de IAA de Boris Levinson (1969/1997) e de Nise da Silveira (1981) frisa sobre a importância do agir livre durante a intervenção. O animal e a pessoa atendida devem, segundo ambos os autores, interagir de modo livre, sem buscar interferir ou dirigir o processo que ali está acontecendo.

Assim, uma vez que já abordamos os pontos gerais entre ambos, podemos ater-nos, primeiramente a nos aprofundar sobre o trabalho e entendimento de B. Levinson (1962; 1965; 1969/1997; 1978; 1984), para em seguida conhecermos melhor a expoente e pioneira brasileira, Nise da Silveira (1981). Desse modo, convém retomar a história de como Boris Levinson interessou-se pelas IAAs (LEVINSON, 1962; 1969/1997), e em seguida, apresentar alguns modos de realizar as IAAs, conforme Levinson (1984).

Assim, retomamos sua primeira experiência, que despertou seu interesse pelo tema: a clássica história de como Levinson estava em casa, e já havia encerrado o expediente, quando uma família bate a sua porta, trazendo consigo uma criança para ser atendida. Os pais chegam queijando-se de que a criança, Johnny, apresentava dificuldades intelectuais e comunicativas, já havia realizado psicoterapia, mas sem resultados (LEVINSON, 1962; 1969/1997).

Durante o atendimento seu cão de estimação, Jingles, entra no recinto, e a criança que estava retraída e não comunicativa apresenta uma maior abertura, mediante ao interesse que o animal despertou (LEVINSON, 1962; 1969/1997). Percebamos, assim, alguns pontos já mencionados: a livre interação da pessoa e do animal coterapeuta; a seguridade transmitida pelo animal, que se vincula à criança de modo imediato; e o despertar da criança frente ao processo comunicativo, o que implica em um retorno às relações presentes e disponíveis em seu mundo.

Assim, também Levinson (1984), estabelece que:

existem, de todo modo, várias maneiras em que a companhia animal pode ser usada. Estas maneiras são: a) a companhia animal como um auxiliar na psicoterapia; b) a companhia animal como terapeuta solo; c) a companhia animal como agente catalisador para mudança; d) a companhia animal como sentido de contato com a natureza, com o inconsciente e com o universo. Esses uses são todos interrelacionados, e isso compreende que em todos eles o conforto do contato está presente e é facilmente avaliado (LEVINSON, 1984, p. 137, tradução nossa).

Portanto, cabe-nos apresentar sucintamente cada um desses modos descritos por Levinson (1984). Para começar, o uso da companhia animal como um auxiliar na psicoterapia significa dizer que o animal age como auxiliar, que pode contribuir possibilitando efeitos positivos durante o processo terapêutico. O animal propiciar um sentimento de bem-estar e relaxamento, aumentando também o sentimento de aceitação, podendo também servir como estratégia de distração. Abre-se, contudo, a ressalva de que a presença do animal também pode gerar sentimento de rivalidade em alguns casos e interpor dificuldades no processo, especialmente se a pessoa considerar que o animal lhe foi imposto (LEVINSON, 1984).

Em contrapartida, também nos é possível valer-nos da companhia animal enquanto terapeuta solo, o que implica em permitir que o animal não-humano e a pessoa atendida se vinculem e interajam livremente. É uma estratégia de IAAs na qual a magnitude dos efeitos

terapêuticos depende da qualidade desse vínculo estabelecido. Além dos efeitos como relaxamento, sensação de conforto e bem-estar, a interação, quando pautada sobre um vínculo genuíno, pode permitir o acesso às emoções e sentimentos por parte da pessoa atendida, o que pode atender aos objetivos terapêuticos da intervenção. Atentemo-nos que, quando Levinson aborda esta modalidade, ele faz menção a relação entre o animal, enquanto terapeuta solo, e o tutor. Assim, depreende-se que preferivelmente a intervenção deve ser realizada com o animal de estimação da pessoa atendida, até para que possa haver consolidação do vínculo (LEVINSON, 1984).

No tocante a compreensão do animal como um agente catalisador de mudança, Levinson (1984) narra que os animais aumentam a socialização e a abertura das pessoas, o que acresce a possibilidade dessa pessoa, por exemplo, abrir-se para uma relação de ajuda em geral, seja essa ajuda profissional, como os profissionais de saúde; paraprofissional, como grupos de apoio e a autoajuda. Nesse sentido o animal de companhia pode oferecer um novo foco de suporte social, e isto explica a função de grupos voluntários, comuns em várias sociedades, que levam animais para o convívio de crianças ou idosos institucionalizados, por exemplo.

Por último, temos a concepção da companhia animal no seu sentido de contato com a natureza. Apenas podemos compreender o efetivo sentido de contato com a natureza se compreendemos como este contato desapareceu. E diante disso, Levinson (1984) situa-nos que:

Nós nos sentimos ansiosos e sem poder. Em nossos esforços para sermos científicos, suprimimos nossas fantasias e nossas esforços inconscientes. Não somos livres para sentir, ao invés disso, devemos pensar e avaliar. Nós não somos mais levados a aprender pelas sensações e sentimentos de maneira intuitiva; nós devemos “saber” e “provar”. Nós devemos fechar nossas mentes e sentimos para vários eventos, convencidos de que eles não existem. Tudo o que nós fazemos ou aprendemos vem com grande esforço. Nós não mais aprendemos por osmose. Nós temos padrões para manter, nada pelo qual lutar, nada que nós possamos manter e chamar de sagrado. Estamos sem raízes, em vão buscando um paraíso em que possamos conseguir repouso e paz para nossas almas. Nosso estranhamento vindo da vida é composto pelo fato de que nós estamos alienados de nós mesmos, de nosso interior, mas também estamos alienados da natureza e de nossos aliados naturais, os animais (LEVINSON, 1984, p. 141, tradução nossa).

Desse modo, Levinson (1984) continua a explicitar-nos que os animais em nossas vidas são capazes de ofertar um amor incondicional, sem as barreiras socialmente estabelecidas que existem no ocidente. Apenas os animais podem nos ofertar esse tipo de amizade e afeto, tão específico e tão direto. Eles seriam aqueles hoje que poderiam de maneira mais imediata nos ofertar esse presente tão inestimável, o qual tem sido ofertado a nós desde os primeiros tempos da humanidade (LEVINSON, 1984).

De tal maneira que seria esse tipo de afeto incondicional que levou Levinson (1984, p. 142, tradução nossa), a escrever que: “associação com nossas companhias animais e com o

mundo natural, seres humanos serão capazes de desenvolver suas capacidades até o máximo”. Assim, realizadas essas considerações acerca de Levinson (1969/1997; 1984), podemos prosseguir nossas apresentações sistemáticas sobre os trabalhos de IAAs realizados por Nise da Silveira (1981), conforme certos aspectos que aqui elegi para fomentar nossas discussões.

Sendo a reconhecida como pioneira no campo das IAAs no Brasil, a psiquiatra Nise da Silveira (1905-1999) iniciou seus trabalhos na década de 50, utilizando cães sem raça definida durante um período específico nos trabalhos que desenvolveu na década de 1950, no Hospital Psiquiátrico Dom Pedro II. Mais uma vez ressaltamos que o início de seus trabalhos foi anterior aos de B. Levinson (1962), que ambos mantinham contato, porém foi ele reconhecido internacionalmente como pai das IAAs (DOTTI, 2014).

Desse modo, podemos começar a delimitar algumas características interessantes de seu percurso, e demarcar seus modos de trabalhar e de compreender as IAAs, em como estas poderiam ajudar os internados do hospital, e em como o trabalho deveria ser conduzido. Assim, valer-nos-emos de sua obra *Imagens do Inconsciente* (SILVEIRA, 1981) para apresentar o seu percurso dentro da instituição em que trabalhava que lhe permitiu propor o trabalho de IAAs. Assim, reconhecemos muita importância no ano de 1946, quando ela decidiu dedicar-se a ala da terapia ocupacional (SILVEIRA, 1981).

Esta opção não foi uma escolha tomada de modo aleatório, mas sim porque gostaria de ter mais liberdade em trabalhar propostas terapêuticas diferentes das propostas homogêneas empregadas em seu local de trabalho, que se constituíam, por exemplo, de “choques elétricos que determinam convulsões; pelo coma insulínico; pela psicocirurgia; pelos psicotrópicos administrados em doses brutais” (Idem, p. 66).

Assim, entendemos que o trabalho da Nise não se constituía pela redução do ser humano a aspectos biológicos, compreensão que subsidiava toda a terapêutica supracitada e aplicada na época pelos seus colegas psiquiatras. O foco do trabalho de Nise, ao contrário, necessitava de sensibilidade, e um olhar humanizado para efetivamente enxergar quem eram as pessoas internadas naquele hospital. Precisava, portanto, de uma “sensibilidade para captar desejos no *canto dos olhos* dos esquizofrênicos é muito mais importante que conhecimentos técnicos” (Idem, p. 67).

Destarte, é por meio da sensibilidade que se desenvolve o afeto, e por meio desse afeto, esta pessoa adoecida pode se reorganizar. Então, ocorre a alcunha do termo: afeto catalisador. Assim, o afeto catalisador deve ser alguém que ofereça “um ponto de apoio sobre o qual ele faça um investimento afetivo” (Idem, p. 68). A organização possibilitada pelo afeto catalisador, no caso das manifestações artísticas das pessoas internadas, verificava-se pelo aumento



sucessivo na organização das pinturas, mas também estavam evidentes mediante a reconexão que havia entre essas pessoas e o mundo externo (SILVEIRA, 1981).

Mas quem poderia atuar como afeto catalisador? A quem os pacientes do hospital poderiam dirigir seus afetos e realizar um investimento afetivo? Silveira (1981) reconhece que esta possibilidade não se restringia aos seres humanos, apesar da grande importância dada às figuras das monitoras deste hospital, com quem os internados se vinculavam. Outras figuras que poderiam receber os afetos, portanto, servirem de afetos catalizadores, eram as plantas e os animais. Era necessário que fossem seres vivos pois era necessário que houvesse uma relação de cuidado estabelecida e que possibilitasse uma reconexão com o mundo, de tal modo que: “já aconteceu que uma roseira funcionasse como co-terapeuta” (SILVEIRA, 1981, p. 89).

Desse modo, o que realmente se buscava com a figura de um coterapeuta, que pudesse servir aos adoecidos como afeto catalisador, pôde ser encontrado com a inserção dos animais no hospital psiquiátrico. As inserções iniciaram-se com os resultados positivos observados após a adoção de uma cadela, que recebeu o nome de Caralâmpia, em 1955. Após essa primeira experiência positiva, houve mais adoções que impactaram na saúde e na vida dos pacientes internados no hospital (SILVEIRA, 1981).

Dentre os casos descritos por Silveira (1981), podemos citar os casos de Aberlado, Djamira e Carlos, enquanto pacientes que apresentam ganhos terapêuticos consequentes das IAA's. A começarmos por Aberlado, conhecido dentre os pacientes do hospital por seu comportamento agressivo e por sua física, porém, apresentava-se muito amistoso com os animais, adotando vários deles, e demonstrando muito esmero e zelo ao alimentá-los e cuidá-los. Dedicava-se tanto aos animais que adotava que construiu uma casa de madeira para eles. Destacamos que após as Intervenções, após ter adotado os animais, começou a apresentar uma significativa melhora de sociabilidade.

Acerca do caso de Carlos, é oportuno situar que ele adotou dois cães, nomeados de Sultão e Sertanejo. Um acontecimento que nos chama a atenção foi a ocasião em que Sertanejo feriu-se, e diante deste episódio, Carlos mobilizou-se prontamente, pediu dinheiro para comprar os materiais necessários para o curativo, foi até a farmácia, realizou a compra, voltou, devolveu o troco do dinheiro que lhe foi cedido e fez o curativo. Este exemplo demonstra bem como Sertanejo foi um afeto catalisador na vida de Carlos, permitindo-o se organizar e reconectar-se com a realidade diante da convocação que a vida realizou, chamando-o a cuidar de seu estimado animal. O último caso que gostaríamos de citar é o de Djamira, que sofria com os sintomas negativos da esquizofrenia, como o embotamento afetivo, e sofria também de um mutismo

irredutível. Espantou a todos uma ocasião em que Djamira foi flagrada falando com uma gata que estava destinada aos seus cuidados (SILVEIRA, 1981).

Apesar de serem exemplos encantadores de como o vínculo entre seres humanos e demais animais pode propor melhoras significativas em um cenário de comprometimento da saúde tão sério, como é o caso da esquizofrenia, isso não implica em dizer que esta prática não apresenta riscos ou aspectos negativos. Por exemplo, os casos em que há a perda ou falecimento de um dos animais, no qual a pessoa em tratamento pode ter realizado um investimento afetivo imenso, pode ser um evento estressor, sofrível e desestabilizador. Foram esses os casos quando um dos cachorros de Aberlado, chamado Wolf, sumiu durante alguns dias, deixando-o aflito e em sofrimento; ou ainda quando houve a situação de envenenamento de vários dos animais que estavam alojados no hospital psiquiátrico (SILVEIRA, 1981).

Desse modo, uma vez que conhecemos um pouco mais sobre as concepções e trabalhos de Boris Levinson e Nise da Silveira (1981), cabe-nos situar uma aproximação com o âmbito da fenomenologia, naquilo que seus trabalhos nos apresentam uma compreensão interessante e maneiras oportunas de aproveitar o potencial desse vínculo. Assim, cabe-nos situar que a obra de Nise da Silveira foi mais facilmente aproximada da fenomenologia, por conta de aproximações já realizadas anteriormente (SCHECLER; HOLANDA, 2015; SILVA, 2019), e que me foram disponíveis, mas também por ser uma obra densa que envereda por uma maior diversidade de práticas terapêuticas, como a pintura, o que faz dela uma autora proeminente em várias áreas (NOBRE et al., 2017; SILVEIRA, 1981; SCHECLER; HOLANDA, 2015).

Assim, o que me foi possível realizar de associação entre Levinson (1962; 1965; 1969/1997; 1978; 1984) e a fenomenologia não se distanciou muito de alguns pontos que este tem em comum com a Nise da Silveira (SILVA, 2019; SILVEIRA, 1981), e nem das aproximações que Carl Gustav Jung, autor que o influenciou (DOTTI, 2014), realizava da fenomenologia (SCHECLER; HOLANDA, 2015).

Assim, ainda sobre Levinson (1969/1997; 1984), verificamos nele algo comum à Psicologia Analítica, e a Jung: um interesse pela experiência do sujeito, de modo a privilegiá-la em detrimento da teoria, de modo que tal postura pode ser cuidadosamente aproximada à fenomenologia de uma maneira branda (SCHECLER; HOLANDA, 2015). Especificamente, essa primazia pela experiência da pessoa atendida em prol da teoria pode ser evidenciada quando Levinson deixou que a interação entre Johnny e seu cão, Jingles, prosseguisse, e quando recomenda que a criança e o animal coterapeuta possam interagir livremente, de modo não diretivo (LEVINSON 1969/1997; SILVA, 2019).

Outro ponto interessante está quando narra, em seus textos, sobre a alienação e distanciamento do mundo provocado pelas demandas das ciências (LEVINSON, 1984), ao qual é possível aproximarmos timidamente da noção de ciências naturais (HUSSERL, 1911/1965), mas que devemos manter com cuidado, afinal a própria fenomenologia mantém uma postura de rigor também científico, apesar de ser uma cientificidade voltada para o mundo da vida e todos os fenômenos que o possam compor (HUSSERL, 1913/2006).

Para além desses pontos, é difícil manter uma aproximação entre Levinson e a fenomenologia, sendo que o ponto que mais nos interessa em sua obra é o reconhecimento do animal como coterapeuta e agente ativo do processo de IAAs, o que necessariamente convoca-o para um lugar de empatia e alteridade (LEVINSON, 1969/1997; 1984). Desse modo, seus esforços abrem margens para a possibilidade de Intervenções que se proponham a uma postura mais ética e cuidadosa para com os animais, mesmo que sustentadas por um referencial diferente da fenomenologia, o que considero particularmente importante.

Afinal, está é uma realidade que encontramos nos artigos analisados que discutimos no quinto e sexto capítulo: é possível outras abordagens epistemológicas cuidarem e serem éticas em relação a estes animais. A fenomenologia abre sempre o campo para uma discussão ética, afinal seu objetivo é uma ética do pensar (HUSSERL, 1900/2014), mas o campo da ética não lhe é exclusivo.

Portanto, ao trabalharmos com a obra de Nise da Silveira, a situação em relação a uma aproximação com a fenomenologia é mais tranquila, o que não quer dizer que possa ser feita de modo descuidado. Afinal, apesar de termos indícios de que a psiquiatra conhecia alguns autores da fenomenologia, ela mesma não se envolveu diretamente com eles em seus trabalhos, e tão pouco há menção, por exemplo, a Husserl (SCHECLER; HOLANDA, 2015).

Contudo, o fato de que houve um maior contato com autores da fenomenologia já é algo que motiva e incentiva este trabalho de aproximação, já realizado por Schedler e Holanda (2015) e por Silva (2019). De tal modo que, quando Nise reflete sobre as pinturas produzidas por seus pacientes no ateliê que mantinha no Hospital psiquiátrico, ela “cita as obras de Karl Jaspers (Strindberg et Van Gogh); de Eugène Minkowski, pela obra *Le Temps Vécu*; e Maurice Merleau-Ponty, por sua *Phénoménologie de la Perception* e comenta sobre Ludwig Binswanger, todos autores de referência da psicopatologia fenomenológica” (SCHECLER; HOLANDA, 2015, p. 54). De modo que constatamos diretamente que “mesmo não se envolvendo diretamente com os autores da fenomenologia, é possível afirmar que Nise da Silveira apresenta uma atitude fenomenológica, tendo em vista sua concepção de sujeito e sua postura frente a ele [...]” (Idem, p. 59).

Assim, elencamos uma primeira aproximação de Nise da Silveira à postura fenomenológica:

mesmo que a psiquiatra não tenha se proposto a seguir o método fenomenológico. Sua posição não era a de detentora de conhecimento e poder sobre seus pacientes, como se soubesse mais deles do que eles próprios. Ao contrário, é possível observar que Nise da Silveira adota postura de querer saber mais sobre a vivência do sujeito com esquizofrenia, a partir do que ele expressa e das formas como se expressa. Assim, mostra ter abertura para a experiência, adotando postura empática frente aos seus pacientes. Ao relatar que o esquizofrênico com quem convivia não condizia com o descrito nos livros de psiquiatria, observa-se que Nise da Silveira se coloca no movimento de abdicar da posição do saber, para observar seus pacientes enquanto fenômenos. Nesse sentido, é possível dizer que ela suspende suas teorias e preconceitos sobre a esquizofrenia, procurando primeiro compreender seus pacientes a partir da relação com os mesmos. Há, aqui, aquilo que se designa como a mudança da atitude natural para a atitude fenomenológica, num movimento de retorno às coisas mesmas (p. 55).

Desse modo é evidente que Nise da Silveira preocupou-se em focar no ser humano, e não na doença, visando os seres humanos de quem cuidava em sua totalidade. Tal compreensão significou, inclusive, o abandono do termo paciente, e a adoção do termo pessoa (SCHECLER; HOLANDA, 2015). Isso também implica em não adotar nenhum tipo de redução, como fica claro que ela não reduzia o ser humano, por exemplo, ao biológico, que subsidiavam todas as intervenções médico-cirúrgicas as quais ela era contra (SILVEIRA, 1981).

Podemos também compreender que, se Schecler e Holanda (2015, p. 56) apresentam que “Outro aspecto ressaltado pela psiquiatra é a que o conhecimento científico não é suficiente para atuar adequadamente na terapêutica ocupacional”, acresço a essa compreensão da própria Nise, ao lembrarmos que ela defendia que uma “sensibilidade para captar desejos no *canto dos olhos* dos esquizofrênicos é muito mais importante que conhecimentos técnicos” (SILVEIRA, 1981, p. 67), de modo a entendermos também um olhar crítico diante do mero fazer técnico, congruente com a atitude fenomenológica.

Para encerrarmos, temporariamente, as considerações sobre Nise, tomemos como base o exposto por Schecler e Holanda (2015, p. 59):

Da mesma forma que Jung, observa-se que Nise da Silveira apresenta relações semelhantes com a fenomenologia: não se aproxima da mesma sob o ponto de vista dos radicais filosóficos de Husserl, mas se aproxima em relação a sua postura frente aos seus pacientes, no sentido de valorizar a experiência vivida pelos mesmos e seu método de trabalho. Neste sentido, promove uma aproximação com a fenomenologia, da mesma maneira que diversas outras abordagens clínicas se designam como tais, pela postura, acolhimento à relação, respeito pela subjetividade, etc. A psiquiatra desenvolveu seu trabalho, primando pela observação e pela experiência direta com seus pacientes, colocando a teoria numa posição secundária

Uma vez visitadas as noções gerais sobre IAAs de dois pioneiros na prática, e de aproximá-los à fenomenologia, cabe-nos ressaltar seus benefícios, para então avaliar as explicações correntes sobre o fenômeno. Pois, quais seriam esses ganhos? Temos que dentre

tantos ganhos terapêuticos, citamos: melhorias cognitivas, como: atenção, concentração, memória, raciocínio lógico; redução da ansiedade, estresse e depressão; melhor comunicação e melhor sociabilidade; melhor coordenação motora e a consciência corporal, principalmente na equoterapia e promoção da sensação de bem-estar; apresenta efeitos positivos quando tratamos de empatia, percepção de dor, concentração, motivação e agressividade; melhora a saúde global, o que indica em uma taxa menor de adoecimentos e idas aos médicos; melhor pressão arterial e maior abertura a novas experiências (BEETZ, 2017; BELLETATO; BENHATO, 2019; NOBRE et al., 2017).

E exatamente pela sua associação a tantos ganhos, tornaram-se uma possibilidade para promoção de saúde no âmbito da psicopatologia, onde estudos sugerem as IAAs para tratamento de ansiedade, depressão, transtornos bipolares, dependência química, fobias e esquizofrenia, por exemplo; e na atenção e cuidado aos idosos e crianças, seja nos casos demenciais, no caso das vítimas de violência ou em casos de pessoas dentro do espectro autista (BELLETATO. BENHATO, 2019; KRUG et al., 2019; MARTINS, 2019; PEREIRA, 2017; SILVA, 2018).

Exatamente por propiciarem tantos ganhos, vários autores têm se dedicado a tentar fornecer teorias explicativas de porque e como esses benefícios se fazem presentes. É claro que o conceito de afeto catalisador, por exemplo, oferece um nível de entendimento sobre o processo (SILVEIRA, 1981). Contudo, existem outros modelos teóricos que visam dirimir as relações causais dos resultados obtidos, boa parte dessas teorias foi exposta e sistematizada por Beetz (2017).

Assim, Beetz (2017) apresenta-nos oito teorizações que propõem explicar como a interação ou vínculo entre seres humanos e demais animais podem propiciar efeitos positivos à saúde e à educação. Essas teorias são: a biofilia, o antropomorfismo, o sistema experiencial vs simbólico; teoria da motivação implícita vs explícita; teorização sobre as vias ocitocinérgicas; teoria do apego de Bowlby e Ainsworth; teorização sobre o processo de distração; e sobre as condições da aprendizagem.

Desse modo, convém-nos apresentar sucinta e sistematicamente cada uma dessas teorizações para, finalmente, estabelecer uma primeira crítica, que se encontra aprofundada nos capítulos seguintes. Começamos então pela teoria da biofilia, que prediz uma condição natural do ser humano em prestar mais atenção a qualquer coisa viva, ou que simule estar viva, do que em objetos inanimados. Esta teoria tem um fundo evolucionista, que defende que estar atento aos demais seres vivos pode ter-nos ajudado a lidar com animais que poderiam oferecer-nos alimento ou perigos; de mesmo modo que a reação e disposição dos demais animais ao ambiente pode ter sido um importante fator de avaliação se o ambiente era seguro ou não (BEETZ, 2017).

A segunda teoria diz respeito à tendência indesejada dos seres humanos em tratarem seus animais de estimação como se fossem outros seres humanos. A explicação fornecida para este processo consiste no fato de que somos acostumados a lidar com sistemas sociais complexos e que atribuir sentido ao comportamento animal, mas também a outros aspectos do mundo, pode ajudar-nos a lidar com as informações que recebemos desse mundo. Por exemplo, atribuir um senso de justiça ao comportamento canino pode ajudar-nos a crer que conseguimos compreender o comportamento canino. Estudos demonstram que é mais fácil antropomorfizar os animais filogeneticamente mais próximos de nós (BEETZ, 2017).

A terceira teoria defende que nós possuímos dois modos de processar informações: o modo experiencial, ligado a experimentação direta do mundo, constituído há muito tempo no nosso processo evolutivo, ligado a estados emocionais e que permite uma comunicação não verbal ou paraverbal; o segundo modo de processamento é o sistema simbólico, de desenvolvimento mais recente no nosso processo evolutivo, ligado à nossa capacidade analítica. A teoria sugere que ao lidarmos com animais, nós lidamos com o sistema experiencial, valendo-nos das linguagens não verbais e paraverbais, e entrando em maior contato com nossos estados emocionais, criando um equilíbrio entre ambos os sistemas, reduzindo sintomas depressivos, também possibilitando benefícios para crianças com necessidades especiais no domínio social (BEETZ, 2017).

A quarta teoria apresenta um entendimento sobre o fenômeno da motivação que explica existirem dois processos motivacionais distintos: o implícito, ligado ao próprio desenvolvimento da atividade, que tende a ser mais efetivo e é inato; e o explícito, ligado às recompensas ou punições. A ideia é que a presença e a interação com um animal não-humano durante o desenvolvimento de alguma atividade, principalmente educacional, aumente a motivação interna. Assim, por exemplos, crianças acostumadas a muitas falhas e *feedbacks* negativos, que outrora se desmotivariam das atividades educacionais, podem manter-se motivadas pelas IAAs (BEETZ, 2017).

A quinta teorização não é necessariamente psicológica, mas neurobiológica, e aponta para a função da ocitocina na promoção de certos benefícios atribuídos às IAAs. A ocitocina é um hormônio produzido naturalmente durante situações de contato físico prazeroso; pode ser produzida durante o sexo ou durante a amamentação, por exemplo. Sua função é de atuar no estabelecimento de vínculos, e ela também pode ser produzida durante a interação com animais não humanos, sendo mais produzida em situações que envolvam animais familiares, ao invés de animais desconhecidos. Dentre seus efeitos, podemos citar a redução de estresse,

principalmente o advindo de estressores sociais; e em sintomas de depressão e ansiedade (Ibdem).

A sexta teorização baseia-se na teoria do apego de Bowlby e Ainsworth, que preconiza que durante a infância mais tenra, aprendemos padrões de apegos com base nas nossas figuras de cuidado. Desse modo, uma criança que desenvolve um padrão de apego seguro é capaz de explorar o ambiente enquanto gerencia situações estressoras ou ameaçadoras, tendo como base para essa segurança a presença do cuidador (Ibdem).

Assim, pessoas que possuem um padrão de apego seguro conseguem recorrer e criar vínculos de suporte social, com as funções informacional, instrumental e emocional. Em contrapartida, pessoas que não desenvolveram um bom padrão de apego, que segundos estudos variam de 60 a 90 por cento da população, podem se beneficiar das IAAs, na medida em que a estrutura de nosso cérebro permite que eles possam servir dessas figuras (Ibdem).

Um ponto importante é que além da necessidade de apoio e suporte, há também no ser humano um sistema relacionado a esse, mas que requer e deseja servir de suporte e cuidar. A necessidade de cuidar também pode ser satisfeita diante de uma relação com um animal não humano (Ibdem).

A sétima teorização hipotetiza sobre o papel dos animais no processo de distração, que pode ser uma estratégia fundamental para lidar com a dor, ansiedade, humor negativo, e reduzir o estresse e as emoções negativas. Usualmente a distração consiste em levar a atenção para músicas, desenhos animados ou videogames. Ainda é difícil estabelecer se o animal pode facilitar a distração, porque é difícil delimitar se os efeitos observados seriam de fato causados pela distração e não por outro fenômeno (Ibdem).

A última teorização apresentada por Beetz (2017) sugere que os animais podem contribuir para fomentar pré-condições necessárias ao aprendizado. Uma maneira disso acontecer, por exemplo, seria quando os animais auxiliam no controle de impulsos, autorreflexão, automotivação e na memória de trabalho; mas também podem ajudar a alcançar o nível ótimo de atividade psicológica e fisiológica, não deixando as crianças nem muito agitadas e nem muito calmas. Os animais inseridos nesse processo também podem quebrar o ciclo vicioso do fracasso, que ocorre quando uma criança fracassa, e diante do receio de fracassar novamente, sente-se mais ansiosa e resistente a realizar os trabalhos e a tentar; aumentando a chance de falhar novamente; diante disso o animal pode reduzir o medo, a ansiedade e o estresse, além de distrair a criança e facilitar seu engajamento nas atividades, ao invés de levá-las a evitar tais tarefas.

Percebamos que tais modelos teóricos explicativos ao tratarem do vínculo entre homem e animal, ao teorizarem sobre isso, com a proposta de estabelecer nexos causais e preditivos, acabam por ocultar todo o caráter da vivência desse vínculo. Esta discussão é mais fomentada nos capítulos seguintes, mas tomemos alguns exemplo.

É nítido, nesse exemplo, que a situação da biofilia e do antropomorfismo estão conectadas entre si, e baseiam-se em uma relação de percepção, corporeidade e uma tentativa de empatia, temas trabalhados pela fenomenologia husserliana (HUSSERL, 1913/2005; 1931/2001). Contudo, diante da roupagem de uma teoria naturalística, ao invés de compreender o que é, efetivamente, se sentir interessado em observar e estar atento a um animal, ou como é estar vinculado afetivamente a um animal, buscaram uma explicação evolutiva sobre o fenômeno, mas que na verdade, pouco ou nada diz para quem vivencia esta relação no mundo da vida.

Outro exemplo é a redução que ocorre quando falamos e nos mantemos no nível neurobiológico, não se trata de negar o efeito da ocitocina, mas conhecer teoricamente seus efeitos nada nos apresenta sobre o prazer que concretamente encontramos em acariciar um animal de estimação. Assim, além das teorizações fornecidas por Beetz (2017), cito também outros autores fornecem algumas outras explicações de como a interação e o vínculo entre homem e animal pode ser benéfico.

Podemos citar por exemplo o estímulo à atividade física e o desenvolvimento motor que pode ocorrer (BELLETATO; BENHATO, 2019; MARTINS, 2019); ou ainda a redução do hormônio cortisol causado pelo relaxamento, que se estende também aos psicólogos que atuam com IAAs (BACHI; PARISH-PLASS, 2017); há, também, o próprio conceito de afeto catalisador, já explorado, que prioriza o afeto e o vínculo como subsídios para os benefícios, no qual a pessoa melhora devido ao cuidar do animal e devido ao vínculo (NOBRE et al., 2017; SILVEIRA, 1981); e as situações em que o animal permite ao psicólogo acesso aos conteúdos latentes, favorecendo o andamento da terapia, como é o caso do trabalho com crianças ou pessoas menos comunicativas, e ainda facilita o engajamento no processo (BACHI; PARISH-PLASS, 2017; LEVINSON, 1969/1997).

Uma vez explicitadas todas essas explicações e teorizações, chegamos ao ponto final deste capítulo: estabelecer a crítica husserliana às IAAs, as teorias que têm sido produzidas sobre este campo e as práticas que buscam sustento. Assim, podemos iniciar a crítica fenomenológica ao fazer das IAAs quando este se configurar enquanto um fazer técnico, partindo da postura naturalista, tomando o vínculo, os seres humanos e os animais enquanto objetos, transformando as IAAs em um procedimento do qual o cientista se convence que



conhece os nexos causais do fenômeno, e por isso mesmo pode agir sobre ele para exercer seu controle e seu poder preditivo, tão próprio das ciências da natureza (HUSSERL, 1911/1965; 1913/2006; 1936/2012).

Portanto, situo que a crítica husserliana acerca da técnica não quer desmerecê-la, pois a técnica é “maravilhosa [...] de uma capacidade operativa, de uma probabilidade, de uma precisão, de uma computabilidade que nunca antes puderam ser sequer imaginadas” (HUSSERL, 1923/2008a, p. 46). Contudo, pode carecer-lhe sentido, falta-lhe uma racionalidade fundada no mundo da vida, onde nós, homens, efetivamente habitamos em nossa práxis cotidiana (HUSSERL, 1913/2006).

Ainda sobre a técnica, Husserl (1935/2008b) adverte-nos de que: “Na medida em que o mundo circundante intuitivo, este mundo simplesmente subjectivo, é esquecido na temática científica, é também esquecido o próprio sujeito que trabalha e o cientista não se torna nunca um tema” (p. 46). Portanto, há um perigo fundamental no estabelecimento de um saber e um fazer, especialmente se for uma relação tecnicista, pois se o cientista e o sujeito que trabalha nesta pesquisa não são tematizados, o que dizer sobre os sentidos fundantes de suas inquietações que os levaram aos seus temas de pesquisas? Quais suas intenções? Elas se sustentam do ponto de vista ético e de uma racionalidade fundada no mundo da vida?

São perguntas fundamentais, e a literatura que levantada nos indica que, muitas vezes, elas sendo divulgadas como uma grande novidade, como uma prática maravilhosa com poucas limitações e muitos benefícios, em que os pesquisadores, na esperança de estabelecerem um saber fundado no saber científico natural, produz-se uma publicidade fantasiosa e romantizada sobre o tema. Somos inclinados a questionar sempre se as IAAs não estão sendo propagadas sem nenhum senso crítico, como se fossem meramente uma atividade operacional com etapas para obedecer e resultados certos, e quais seria os resultados dessa propaganda. Sobre isso, Bachi e Parish-Plass (2017, p.1, tradução nossa) nos respondem: “essas intervenções foram romantizadas, e frequentemente são referidas como terapia, mesmo que, na maioria dos casos, nenhum terapeuta capacitado estivesse envolvido”.

Além do mais, há uma diferença fundamental entre compreender as IAAs como técnica e visá-las sob o olhar da fenomenologia. Afinal, para a fenomenologia, os efeitos terapêuticos advindos das IAAs dependem do estabelecimento do vínculo mediante a relação homem-animal, na qual estabelece-se empatia e o animal não seja encarado como objeto. Portanto, estudos de natureza fenomenológica não possuem primazia pela mensuração de resultados em termos matemáticos; ou na elaboração de procedimentos, se aproximando da defesa do livre interagir, de Nise da Silveira (1981), desde que não haja agressões ou um cenário

de violência entre a pessoa e o animal não-humano. A preocupação corrente é se há um estabelecimento de vínculo entre a pessoa atendida e o animal que permita que algum trabalho possa ser efetivamente realizado (BASTOS; BORBA, 2018; BORBA, 2015).

Destarte, recorramos a Borba (2015), para valeremo-nos de quando o autor defende sobre a possibilidade de vinculação, às vezes quase imediata, entre o ser humano e o outro animal, e de como esse vínculo possui aspectos enquanto vivência que escapam, e são negligenciados, pela visada da razão instrumental e pela metodologia das ciências naturais. Assim, o autor continua ao informar que:

A paixão pela aplicação do método experimental, pela possibilidade de uso do raciocínio matemático aplicado às ciências do espírito da mesma maneira das ciências naturais, fez Husserl criticar o predomínio do pensamento positivo, cientificista para a consolidação das ciências normativas. Ciências estas que foram criadas para aprisionar a razão em suas regras, dando a elas mais importância que à própria consciência e a essência do fenômeno (BORBA, 2015, p. 91).

Logo, a situação do animal nas IAAs, perante a fenomenologia, consiste necessariamente em uma preocupação inerentemente ética, pois questiona fundamentalmente a sua situação em termos de ser entendido como outro, e não como um recurso técnico ou instrumental. Daí, então, se lidamos com um outro, que de algum modo, por mais que imperfeito, remeta-nos ao nosso eu, teremos que dispor-nos em uma relação ética e de cuidado, afinal, lembremo-nos que “a pergunta pela correção absolutamente prática, uma decisão da vontade, enquanto absolutamente devida, pode acreditar-se apenas se seu *Fin Final*, ou seja, o último, o que determina todo atuar, tem o título de amor ao próximo” (HUSSERL, 1924/2020, p. 46, tradução nossa).

Assim, na medida em que os animais coabitam o mundo, e estão dispostos ao nosso entorno, não podemos compreendê-los como meras coisas. Pelo contrário, eles estão dispostos em nossas vidas com uma variedade de sentidos. Relembremos também que “tal como para as ‘meras coisas’, isso vale naturalmente também para os seres humanos e animais de meu meio circundante. Eles são meus ‘amigos’ ou ‘inimigos’, meus ‘subordinados’ ou meus ‘superiores’, ‘estranhos’ ou ‘parentes’ etc” (HUSSERL, 1913/2006, p. 75), não devendo serem tomados e compreendidos de modo reducionista e nem tomados como meros recursos.

Em suma, a preocupação sobre o bem-estar animal, para a fenomenologia, não compreender a mensuração de hormônios ou a quantificação das horas trabalhadas, conforme os modelos abordados por Yamamoto et al. (2012) e Dotti (2014). Mas sim, o bem-estar animal para a fenomenologia é sustentado pela evidência apodíctica da disponibilidade do animal em participar do trabalho, em seu interesse de interagir e se vincular, ou não. De modo aproximado ao que Nogueira et al.. (2019) orienta, quando sugere que nos mantenhamos atentos à

disposição do animal ao trabalho, e se este apresenta sinais de estresse. Aproveitando este exemplo, lembremo-nos que não é necessário estar próximo da fenomenologia para manter-se sensível a disponibilidade do animal como evidência de seu bem-estar e cansaço.

## CAPÍTULO IV

### **SOBRE O CUIDADO:**

#### **uma aproximação da fenomenologia husserliana à noção de cuidado**

Este capítulo possui duas finalidades distintas, porém, correlatas. A primeira delas é fazer um determinado apanhado de algumas ideias husserlianas, clarificando algumas propostas de sua fenomenologia. E sobretudo, abordando a questão do outro, especificamente no que é apresentado na quinta meditação de sua obra *Meditações Cartesianas* (HUSSERL, 1931/2001), originadas das suas conferências de Paris, de 1928.

A segunda finalidade consiste em realizar uma investigação fenomenológica sobre o cuidado, ou seja, estudar o cuidado enquanto fenômeno por meio do método proposto por Husserl. Deste modo, será apresentado o que se pretende ao indicar que será realizada uma fenomenologia de alguma coisa, ou seja, visar e investigar fenomenologicamente um fenômeno, por meio das reduções fenomenológicas.

Logo, ao longo deste capítulo, que realizará uma fenomenologia do cuidado, encontraremos espaços para aprofundarmos no entendimento da fenomenologia acerca do outro, também da ética husserliana. Assim como realizaremos descrições e variações imaginativas para melhor delimitar os predicativos essenciais do cuidado, e o reduziremos, enquanto essência, para o âmbito transcendental para pensá-lo de modo reflexivo na sua relação com cotidiana com o mundo da vida.

#### **Uma fenomenologia de ....**

A fenomenologia surge como movimento intelectual e postura metodológica e epistemológica no final do século XIX e início do século XX, por meio de seu fundador E. Husserl. Desde este momento, assume grande importância no pensamento ocidental, em especial na década de 1950, conforme nos conta Moura (2006), que se fazia “fenomenologia” de tudo.

Esta possibilidade de se fazer uma fenomenologia de algo, ou melhor dizendo, de praticamente “tudo” atraiu atenção. Desse modo, dizer que se faz fenomenologia de seja o que for, deve ser entendido como dizer que poder-se-ia utilizar o método fenomenológico para realizar uma pesquisa sobre, como sugere o próprio nome, qualquer fenômeno (Ibdem).

Assim a fenomenologia foi apresentada a J. P. Sartre, por meio de Raymond Aron. E encantou o, na época, jovem filósofo francês a possibilidade de realizar-se uma fenomenologia, por exemplo, de um copo de água na mesa de um bar. Essa universalidade de objetos possíveis

para investigação trazia para a fenomenologia um certo grau de interesses (Ibdem). De tal modo, que surgiram no decorrer do século XX algumas fenomenologias notáveis.

Contudo, dentre tais investigações, que se configuravam como fenomenologias de algo, pode-se citar os trabalhos de Maurice Merleau-Ponty, ao realizar uma fenomenologia da percepção (MERLEAU-PONTY, 1945/1996); e de Jean-Paul Sartre, em sua fenomenologia da imagem e do imaginário (SARTRE, 1940/1996). Assim, delimita-se de modo adiantado o primeiro objetivo deste capítulo: realizar um primeiro movimento para uma fenomenologia do cuidado.

É verdade, contudo, conforme conta Gonçalves et al. (2008), que os filósofos supracitados possuíam seus distanciamentos e aproximações em relação ao fundador da fenomenologia: E. Husserl, ao qual pretendemo-nos ater neste capítulo. Ou seja, pretende-se realizar uma investigação fenomenológica sobre o fenômeno do cuidado, tal qual já foi realizado anteriormente com outros fenômenos. Entretanto, sem um distanciamento da fenomenologia proposta por E. Husserl, como os outros autores em algum momento tiveram, além de nos mantermos uma maior coerência teórica.

Uma questão ainda, porém, necessita de esclarecimento: Por que escolher o pensamento de E. Husserl para tratar do fenômeno do cuidado? Logo, cabe-nos esclarecer esta questão. É sabido que outros filósofos próximos à fenomenologia trabalharam especificamente o tema do cuidado. Notoriamente, M. Heidegger, por exemplo, se debruçou e produziu sobre o tema, levando-o para uma compreensão ontológica e trazendo-nos noções importantes como a de cuidado próprio e impróprio, utilizando-se do mito do cuidado para suas reflexões (ALMEIDA; BOEIRA, 2008; HEIDEGGER, 1927/2002).

De mesmo modo, E. Levinás (1947/1998) também discutiu esse tema, tendo em vista que o fenômeno da ética e do outro compõem de maneira contundente em suas obras e reflexões. Especificamente, os avanços deste autor na sua compreensão acerca da alteridade devem ser reconhecidos. Afinal, como é corrente sobre os estudos acerca da ética, esta não pode ser pensada sem a existência de um outro.

Entretanto, a escolha para este trabalho foi a fenomenologia de E. Husserl. Talvez uma escolha menos óbvia para abordar o tema, e por isso mesmo necessária. Necessária pois E. Husserl foi precursor de E. Levinás e de M. Heidegger; necessária também porque foi ele o fundador da fenomenologia. É oportuna porque o tema da ética se fez presente de modo transversal no pensamento husserliano, e aqui, como um objetivo secundário deste capítulo, pretende-se apresentar uma possibilidade de pensar uma proposta ética, dentro do sistema de

pensamento husserliano, como uma postura e orientação no mundo voltada para o cuidado: do mundo e dos outros.

### **A fenomenologia enquanto ciência de essências e a questão do outro**

Se mantido, até este momento, o que se entende enquanto objeto, fenômeno e vivência, conforme apresentado no segundo capítulo, de um modo geral, evidencia-se que a fenomenologia oferece uma compreensão voltada para uma determinada intuição sobre os objetos, e como estes manifestam-se à consciência como fenômenos. Diferentemente das ciências naturais, a fenomenologia se configura como uma ciência de essências, e não de fatos (HUSSERL, 1913/2006).

Didaticamente, Husserl apresenta que para as ciências naturais; como a Física, a Química e Biologia, por exemplo; a verdade comumente foi tomada enquanto uma referência à realidade, sem que o real tenha sido alguma vez posto em questão. Deste modo, apresenta-se a intuição como possibilidade de visada, ao que se refere, na língua alemã, a proximidade etimológica das palavras (Ibdem).

Assim, a intuição, enquanto relacionada ao processo perceptivo, diferencia-se em dois polos possíveis: a intuição empírica ou individual e a intuição de essências. A primeira seria o modo de operação das ciências naturais; a segunda, o modo de operar da fenomenologia, tratando-se, portanto, de uma disciplina eidética (Ibdem).

A intuição empírica é aquela que se atém a um objeto individual, e as seus modos de doação à consciência; enquanto a essência “*é uma nova espécie de objeto. Assim como o que é dado na intuição individual ou empírica é um objeto individual, assim também o que é dado na intuição de essência é uma essência pura*” (Ibdem, p. 36, grifo do autor).

Destarte, que se pontue que há uma indissociabilidade entre o objeto de fato e a essência, sendo assim, há uma certa dependência entre ambos os tipos de intuição. Isso porque em cada intuição individual, os predicados essenciais comparecem e podem ser visados por meio de ideação. De tal modo que:

Se dissemos que ‘por essência própria’ todo fato poderia ser diferente, com isso já exprimíamos que faz parte de todo contingente ter justamente uma essência e, por conseguinte, um eidos a ser apreendido em sua pureza, e ele se encontra sob verdades de essência de diferentes níveis de generalidade. Um objeto individual não é meramente individual, um este aí!, que não se repete; sendo ‘em si mesmo’ de tal e tal índole, ele possui sua especificidade, ele é composto por predicáveis essenciais que têm de lhe ser atribuídos (Ibdem, p. 35, grifo do autor).

Desse modo, é compreendida a essência enquanto um objeto para a consciência, que é intuído como tal pela intuição eidética, por meio da ideação da intuição empírica, na qual se destacam os predicativos invariáveis, e desse modo, essenciais do gênero do fenômeno. E,

assim, entender que são esses objetos essenciais que pertencem à esfera transcendental de um eu, um ego, também transcendentalmente reduzido, como será exposto (Idem, 1913/2006; 1931/2001).

Com isso, delimito uma questão primordial, que é: a fenomenologia trata de uma relação epistemológica iniciada com uma consciência individual, e conforme veremos, transcendentalmente reduzida, por tratar de objetos eidéticos. Logo, a questão da existência de outras consciências merece atenção peculiar quando formos atentar-nos para a questão do cuidado, refutando-se assim o solipsismo (Idem, 1913/2006; 1931/2001; 1936/2012).

Assim, sobre isto, é inegável a influência de R. Descartes sobre a obra de E. Husserl, especialmente em propor uma reflexão filosófica voltada para o eu. E que:

Os novos impulsos que a fenomenologia recebeu devem-se a René Descartes, o maior pensador da França. É pelo estudo das suas *Meditações* que a nascente fenomenologia transformou-se em um novo tipo de filosofia transcendental. Poderíamos quase denominá-la um neocartesianismo, ainda que ela se tenha visto forçada a rejeitar quase todo conteúdo doutrinário conhecido do cartesianismo, pelo próprio fato de ter conferido a certos termos cartesianos um desenvolvimento radical (HUSSERL, 1931/2001, p. 19).

Mas afinal, urge compreender quais desenvolvimentos radicais foram estes, dadas às noções cartesianas. O primeiro é a descoberta cartesiana de um eu transcendental puro, alcançado pela, chamado por Husserl, de *epoché* cartesiana, na qual há a dúvida acerca da realidade daquilo que chega à razão deste eu. Diferentemente, porém inspirada nesta, há a *epoché* fenomenológica, no qual os elementos são postos entre parênteses, em suspensão, e os objetos eidéticos são evidenciados em uma intuição direta, de modo a um voltar-se para as coisas mesmas, sendo estes objetos essenciais também transcendentais (HUSSERL, 1931/2001).

Assim, permanecem as seguintes questões: se a fenomenologia realmente nasce enquanto uma filosofia voltada para o eu, ou melhor dizendo, para uma consciência e sua relação intencional com os fenômenos, que aparecem a esta consciência no decorrer do tempo em um fluxo de vividos, não seria então a fenomenologia um solipsismo? Como posso ter a evidência da existência de outros? (HUSSERL, 1931/2001)

Estes foram problemas que se apresentaram também para R. Descartes (1637/2007), mas aqui há um desdobramento outro. Afinal, na fenomenologia, com a compreensão da indissociabilidade entre sujeito e objeto, mesmo quando se efetua a *epoché* e as demais reduções, não se põe em questão a existência do mundo, e, portanto, dos outros que nos aparecem neste mundo. Mas antes, tem-se acesso a sua própria evidência (Ibidem). De modo que Husserl lida com a questão da seguinte maneira:

A *epoché* cria uma solidão filosófica *sui generis* [...] Nesta solidão, não sou um [indivíduo] singular que, por alguma teimosia, ainda que teoreticamente justificada (ou por acaso, por ventura como um naufrago), se separa da comunidade humana, à qual no entanto, se sabe ainda pertencer. Eu não sou *um* eu, que continua ainda a ter em validade natural o seu tu e o seu nós, e a sua comunidade universal de cossujeitos. A humanidade inteira, e toda a separação e ordenação dos pronomes pessoais, tornou-se, na minha *epoché*, fenômeno, conjuntamente com o privilégio do eu homem entre os outros homens. O eu que na *epoché* alcanço, o mesmo que seria o “ego” na reinterpretação e aperfeiçoamento crítico da concepção de Descartes, só por equívoco se chama propriamente “eu”, não obstante seja um equívoco conforme à essência, uma vez que quando o denomino na reflexão, não posso dizer senão: eu sou, eu, que exerça *epoché*, que questiono, como fenômeno, o mundo que agora para mim é válido segundo o ser e o ser assim, com todos os seus homens, dos quais estou tão completamente seguro [...] sou o eu que, tomado na sua concreção completa, abrange tudo isto. Isto não quer dizer que as nossas evidências anteriores, já declaradas como transcendentais, eram ilusões, e que não se justifica que, no entanto, se tenha de falar de uma intersubjetividade transcendentalmente constitutiva do mundo como “mundo para todos” [...] intersubjetividade na qual novamente entro, mas agora com “um” eu transcendental entre os outros [...] (Idem, 1936/2012, p. 150-151).

Assim, a compreensão de ego transcendental, reduzido por meio da *epoché* fenomenológica, não mais bota em xeque a existência dos outros, uma vez que a *epoché* fenomenológica, diferente da cartesiana, leva-nos ao encontro do mundo efetivo da experiência imediata (Ibidem). Sendo oportuna a menção a dimensão da existência do outro, também enquanto corpo, o qual encontramos no mundo em um espaço comum, enquanto objetos naturais, mas que são vias de acesso aos egos transcendentais (Idem, 1931/ 2001).

Todavia, se há constituição de objetos, “estando relacionada às atividades *intersubjetivas* (como da cultura), pressupõe a constituição prévia de uma intersubjetividade transcendental” (Idem, 1931/2001, p.94). O que nos indica que a nossa existência com o outro não deve ser pensada tomando o outro como objeto natural, como se a intersubjetividade fosse meramente o compartilhamento de um mundo físico, tomado no sentido natural, e das relações ali advindas. Sobre isso, Husserl (1931/2001, p. 106) endossa:

Por exemplo, percebo os outros – e os percebo como existentes realmente – nas séries de experiências a um só tempo variáveis e concordantes, e, de um lado percebo-os como objetos do mundo, não simplesmente como “coisas” da natureza, ainda que “também” o sejam de certa maneira. Os outros mostram-se igualmente na experiência como regendo psiquicamente os corpos fisiológicos que lhes pertencem. Ligados assim aos corpos de maneira singular, como “objetos psicofísicos”, eles estão “no” mundo. Além disso, percebo-os ao mesmo tempo como sujeitos desse mesmo mundo: sujeitos que percebem o mundo – esse mesmo mundo que percebo – e que têm, dessa forma, a experiência de mim, como tenho a experiência do mundo e nele, dos “outros”. É possível levar a explicitação noemática ainda mais longe nessa direção, mas podemos considerar que tenho em mim, no quadro de minha vida de consciência transcendentalmente reduzida, a experiência do “mundo” e dos “outros”, isso de acordo com o próprio sentido dessa experiência – não como de uma obra da minha atividade sintética de alguma forma privada, mas como de um mundo estranho a mim, “intersubjetivo”, existente para cada um, acessível a cada um em seus “objetos”.



### **A quinta meditação:** desdobramentos fenomenológicos sobre o outro

*As Conferências de Paris*, foram lecionadas por Husserl, no ano de 1928, e que tiveram como resultado a obra *Meditações Cartesianas* (1931/2001). Nestas conferências o filósofo retoma algumas aproximações e influências que R. Descartes (1637/2007) teve sobre o seu trabalho, e, de alguma forma, revisita os temas abordados em suas meditações, mas de um ponto de vista fenomenológico.

Deste modo, nesta obra são tratados temas como a descoberta do eu transcendental, do mundo, e, o tema que será nosso principal, o outro. Assim, a questão do outro é abordada de modo mais proeminente na quinta e última meditação, sob a qual nos debruçaremos para apresentar questões gerais sobre este tema, e articulá-las com as discussões de interesse desta pesquisa.

Portanto, após essa supracitada introdução sobre a questão do outro do ponto de vista fenomenológico, realizado no tópico anterior, advém mais questões, e mais pormenores que carecem de explicitação, antes que se resgate algumas concepções sobre o cuidado em nossas investigações. Afinal, esta questão está relacionada diretamente com outros problemas sobre os quais a fenomenologia se debruçou, em especial a determinação de um mundo objetivo, não nos termos da objetividade das ciências naturais, mas sim uma objetividade que diz respeito ao mundo de fenômenos compartilhado entre os egos, em seu caráter de mônadas (HUSSERL, 1931/2001, p.104). Questão já demarcada no início da meditação:

Vamos relacionar nossas novas meditações a uma objeção aparentemente grave, já que atinge nada menos que a própria pretensão da fenomenologia transcendental de ser uma *filosofia* transcendental e, em consequência, de poder – sob a forma de análise e de teoria constitutiva que se desenvolve no interior do *eu transcendental* reduzido – resolver os problemas transcendentais do mundo objetivo.

É preciso muito cuidado ao considerarmos a fenomenologia, em suas propostas de efetuar reduções, que se relacionam com a tomada desse eu transcendental, para não a considerarmos, de forma equívoca, um solipsismo. Afinal, Husserl demarca que a “redução transcendental me liga à corrente dos meus estados de consciência puros e às unidades constituídas por suas atualidades e potencialidades. A partir daí parece natural que tais unidades sejam inseparáveis de meu *ego* e, dessa forma, pertençam ao seu próprio ser concreto” (Ibdem, p. 104).

Assim, logo Husserl também esclarece que os outros egos “[...] não são por certo simples representações e objetos representados em mim, das unidades sintáticas de um processo de verificação que se desenvolve ‘em mim’, mas justamente nos ‘outros’” (Ibdem, p. 105). Apesar de já explicitado anteriormente a primeira objeção ao solipsismo, é preciso aprofundá-

la aqui, em especial para lidar com a situação em que o mundo se constitui, em seu sentido enquanto existente, sempre para uma consciência, para um ego, e sem que para isso compreendam-se os objetos como meras representações de coisas.

Contudo, é necessário que se compreenda que, parece haver de imediato uma certa dificuldade, visto que o mundo, enquanto fenômeno, tal qual a redução transcendental nos apresenta (HUSSERL, 1936/2012), é fenômeno para a consciência de um ego por meio da intencionalidade. Assim, os outros egos, enquanto também elementos desse mundo (HUSSERL, 1931/2001), não deveriam de imediato constituírem-se também nesta consciência? Mas acatar de imediato tal relação, seria deter-se em um solipsismo, e não é bem isso que Husserl apresenta-nos nesta meditação.

O que há de se compreender então? Entender que os objetos não se configuram enquanto representações contidas em uma consciência, assim como os outros egos, enquanto objetos do mundo, também não o são. Portanto, encontrar o outro, enquanto ego; tanto enquanto eu psicofísico, quanto eu pessoal; tal como este se mostra, por meio de sua apresentação (HUSSERL, 1931/2001), para valermos-nos da linguagem husserliana, é encontrar uma outra consciência intencional, um outro corpo regido psiquicamente. Daí a emergência de uma nova concepção de mundo objetivo, que, como constataremos a seguir, é alcançado na esfera transcendental dos egos, e não diz respeito ao mundo dado como obviedade ingênua pelas ciências naturais (HUSSERL, 1913/2006; 1931/2001; 1936/2012).

Mas então, qual seria o caminho husserliano, por meio de seus métodos, para encontrar esse outro? Por quais caminhos Husserl leva-nos a percorrer? Uma vez, conforme Husserl (1931/2001) tantas vezes lembra-nos, e isso parece bastante claro, o aspecto cognoscente do outro não nos é acessível de modo direto. O que é possível de ser realizado então? E como a questão do outro revela-nos o mundo objetivo e compartilhado, intersubjetivo?

Husserl apresenta algumas considerações preliminares, as quais são alcançadas e devidamente justificadas, conforme o método de investigação. Essas concepções dizem respeito a compreensão do outro como presente em nossa experiência enquanto um corpo fisiológico, presente no mundo e disposto a nossa percepção, e regido psiquicamente. Ademais, sujeitos que podem nos perceber do mesmo modo que percebemos-los, e apresenta-nos a compreensão de que “cada um tem suas experiências, suas unidades de experiências e de fenômenos, seu ‘fenômeno do mundo’, enquanto o mundo da experiência existe ‘em si’, por oposição a todos os sujeitos que o percebem, e a todos os seus mundos-fenômenos” (HUSSERL, 1931/2001, p. 106).

Esta noção do mundo fenômenos, como esse mundo de acesso constituído em cada um de nós será importante para compreendermos o mundo primordial reduzido à esfera de nossas vinculações, mais tardiamente. Mas antes, é preciso delimitar o que foi realizado enquanto investigação que nos leva ao encontro desse outro, e as suas consequências.

Para isso, Husserl (1931/2001) propõe de imediato uma redução, ao ego transcendental, de modo a retirar de circuito qualquer elemento não seja advindo de nossa própria vinculação, ou seja, conteúdo advindo de subjetividades estranhas, de outros. Afinal: “A fim de não desviar o caminho, devemos, segundo as exigências de nosso método, proceder, *interior da esfera transcendental, a uma nova Epoche, tendo por meta delimitar o objeto de nossas pesquisas*” (Ibdem, p. 107).

Diante do que já foi exposto o que será suspenso desse modo, por essa *epoché*? Suspender-se-á tudo aquilo que nos põe em contato com conteúdo advindos de algum modo do outro, delimitando de certo modo aquilo que não compõe a esfera das vinculações. Ou seja:

na atitude transcendental tento, antes de tudo, circunscrever, no âmbito dos horizontes da minha experiência transcendental, *o que me é próprio*. É, início dizendo, *o não estranho*. Por meio da abstração, começo por liberar esse horizonte da experiência de tudo o que não é estranho. Pertence ao “fenômeno transcendental” do mundo o fato de ser mostrado diretamente numa experiência concordante; assim, trata-se de prestar atenção, abarcando-o de forma panorâmica, na maneira pela qual o que me é estranho intervém na determinação do sentido existencial de seus objetos, e em eliminá-lo por meio da abstração. Dessa maneira, fazemos inicialmente abstrações daquilo que confere aos animais e aos homens seu caráter específico de seres viventes e, por assim dizer, em alguma medida pessoais; depois, de todas as determinações do mundo fenomenal que, por seu sentido, remetem a “outros”, como a *eus* sujeitos e que, em consequência, os pressupõe; é o caso, por exemplo, dos predicados que exprimem valores de cultura” (Ibdem, p. 109)

Ressalto que não só em uma primeira delimitação daquilo que será suspenso, delimitando assim no que constitui esse mundo primordial, de acesso direto; como também que Husserl atribui aos animais certo caráter personalístico, conseqüente de sua condição de vivente. É necessário que guardemos esse ponto para que possamos, mais adiante, realizar uma reflexão mais centrada na questão do animal enquanto possível outro, que não pode nunca ser outro como o homem é para o homem, devido aos modos de apresentação, ao processo de emparelhamento e à apreensão assimiladora; mas um outro no que este processo lhe permitir (Ibdem).

É importante ressaltar que a exclusão dos conteúdos advindos de outras subjetividades não tem o mesmo sentido que teria, caso tomássemos como base a compreensão naturalista de realizar tal restrição. Destaco assim que, “Na atitude natural, encontro-me no seio do mundo, ‘eu e os outros’, dos quais me distingo e aos quais me oponho. Se faço abstração dos outros, no sentido habitual do termo, *permaneço ‘só’*” (Ibdem, p. 108).

Contudo, Husserl adverte que se tomássemos a exclusão do outro no sentido natural teríamos que uma solidão como “se uma peste universal me tivesse deixado sozinho no mundo” (Ibdem, p. 108). Porém, “essa solidão não muda nada o sentido existencial da existência no mundo, que é a sua possibilidade de ser objeto da experiência de cada um. Esse sentido é inerente ao eu, entendido como eu natural” (Ibdem, p. 108)

Ou seja, a compreensão de uma exclusão dos outros do modo naturalista, como só no mundo, não implica em nenhuma mudança real ao sentido de compreensão desse eu. O que seria diferente da tirada de circuito do outro no plano transcendental. Afinal, “na atitude transcendental e na abstração constitutiva [...], meu ego, o ego do sujeito que medita, não se confunde no seu *ser* transcendental *próprio* com o *eu humano* habitual: não se confunde com o *eu*, reduzido a um simples fenômeno, no interior do fenômeno total do mundo” (p. 108).

Logo, reitero que “Eliminar do nosso campo a obra constitutiva da experiência estranha e, com ela, todos os modos de consciência referentes àquilo que me é estranho é algo bem diferente do que exercer a *Εποχη* fenomenológica em relação ao valor existencial do “outro” na vida ingênua [...]” (Ibdem, p. 109), como é realizada na atitude natural.

Ora, mas o que encontro a partir da redução às esferas de minha vinculação? O que resta? “resta-nos uma camada coerente do *fenômeno do mundo*, correlato transcendental da sua experiência, que se desenvolve de maneira contínua e concordante (Ibdem, p.110). Desse modo, Husserl (1931/2001) convida-nos: “Consideremos mais de perto o *resultado* da nossa abstração, ou seja, seu resíduo. O *fenômeno do mundo*, apresentando-se com sentido objetivo de um plano que podemos designar pelos termos ‘*natureza*’ que me *pertence*”.

Destaco aqui que a compreensão de que o termo natureza poderá ser entendido neste momento da obra “*como natureza objetiva, de existir para cada um de nós*, caráter sempre co-entendido cada vez que falamos de realidades objetivas” (Ibdem, p. 107). Ou seja, como “‘*natureza*’ que me *pertence*. Esta deve ser bem distinguida da natureza pura e simples, ou seja, da natureza, objeto das ciências” (Ibdem, p. 110).

Mas que, conforme alega Husserl (Ibdem, p.111), não deve ser compreendida como uma natureza imanente, e nesta natureza “reduzida ‘àquilo que me *pertence*’, encontro meu próprio corpo orgânico”. É assim o único corpo do qual dispomos de maneira imediata, e que tenha a característica própria de um corpo necessariamente orgânico, para mim, uma vez que se encontra reduzido às minhas vinculações. Afinal:

Fazer sobressair meu corpo, reduzido à minha vinculação, é já parcialmente fazer sobressair o fenômeno objetivo: “eu, como esse homem”, em sua essência-vinculação. Se reduzo à “vinculação” os outros homens, obtenho *corpos* materiais reduzidos à minha vinculação; mas se *me* reduzo a *mim mesmo* como homem, chego a *meu*

*organismo e a minha alma, ou a mim mesmo, unidade psicofísica e, nessa unidade, ao eu-personalidade; chego então ao eu que “em” e “por intermédio” desse organismo age e padece no mundo exterior [...] (Ibdem, p. 111)*

Uma vez que esse eu é depurado de tudo que lhe é estranho, chega-se então ao um eu, não mais no sentido natural, uma vez que foi eliminado tudo que faria desse eu um ser no mundo. Mas invariavelmente chega-se ao polo idêntico de toda as experiências puras desse eu, de todo o “*habitus* que ela cria ou pode criar em mim” (Ibdem, p. 112).

Em suma, “em consequência dessa eliminação abstrativa de tudo o que é estranho a mim, restou-me uma espécie de mundo uma natureza reduzida ‘a minha vinculação’ – um *eu psicofísico*, com corpo, alma e *eu pessoal*, integrado a essa natureza graças ao seu corpo” (Ibdem, p. 112). Vale perceber que esse mundo, reduzido às vinculações como àquilo que pertence a este ego, na sua qualidade de mônada, formam uma unidade concreta “o que se manifesta também no fato de que a *forma espaço-temporal*, reduzida de maneira correspondente a isso que me pertence, é preservada nesse fenômeno ‘reduzido’ do ‘mundo’” (Ibdem, p. 112). Isto ocorre de tal modo que os “‘objetos reduzidos’, as ‘coisas’, o ‘eu psicofísico’ são, em consequência, também eles, *exteriores uns aos outros*” (Ibdem, p. 112).

Este ponto é importante pois constitui o eu, apesar de diferentemente da concepção natural enquanto ser no mundo, como também exterior ao mundo evidenciado pela abstração que nos leva apenas ao que é próprio da nossa vinculação, ou seja, mesmo o eu reduzido à esfera das suas próprias vinculações, a unidade de sua vida é experiência de mundo, o que lhe abre a possibilidade para entrar em contato com o que lhe é estranho.

Afinal, Husserl (1931/2001) assim afirma: “ao eliminarmos o que nos é estranho, não alcançamos o conjunto da minha vida psíquica, à vida desse eu psicofísico; minha vida permanece experiência do ‘mundo’ e, portanto, experiência possível e real *daquilo* que nos é estranho” (Ibdem, p. 112). Ademais, é oportuno situar, uma vez que essa delimitação dos elementos disponíveis em minha vinculação, como “‘não estranho’, como ‘aquilo que lhe pertence’, é, com efeito, para ele, a título de *componente de seu ser próprio e concreto* [...] ele é inseparável de seu ser completo” (Ibdem, p. 114).

Por mais que já esteja compreendido o caráter do que significa esse processo de redução às nossas vinculações, como a exclusão daquilo que é proveniente de um outro, ratifico a importante tarefa de “elaborar também *uma característica positiva desta noção de ‘vinculação’*, ou do ‘ego’ naquilo que lhe é próprio” (p. 115). Desse modo, para além da percepção direta, que ocorre no presente, são também elementos constituintes do campo da vinculação, aspectos relacionados a temporalidade imanente desse ego, nas suas atualidades e potencialidades.

Assim, “todas as possibilidades do gênero *eu posso* ou *eu poderia* – posso desencadear essa ou aquela série de estados vividos, posso prever ou olhar para trás [...] todas essas possibilidades *pertencem claramente de maneira essencial e própria a mim mesmo*” (Ibdem, p. 116) e, portanto, pertencente ao campo do eu idêntico, em seu fluxo de vividos. Clarifico assim uma outra ordem de elementos constitutivos das vinculações, para quais podemos nos direcionar no presente, para além das percepções supracitadas.

Acrescento ainda que “o que forma minha vinculação essencial como *ego* estende-se de maneira visível (e isso é particularmente importante) não somente para as atualidades e as potencialidades da corrente do vivido, mas *também para os sistemas constitutivos*, da mesma forma para com as objetividades constituídas” (Ibdem, p. 117-8). Desse modo, compreendo de modo cada vez mais claro que “o *ego considerado concretamente possui um universo ‘daquilo que lhe pertence’*” (Ibdem, p. 118), como Husserl (1931/2001, p. 118) clarifica a seguir:

a *totalidade* do “mundo” que anteriormente “reduzimos”, eliminado de seu sentido elementos daquilo que me era estranho, pertence a essa esfera e, portanto, faz parte do conteúdo concreto (positivamente definido) do *ego*, na qualidade *daquilo que lhe pertence*. Posto que fazemos abstração da obra constitutiva da endopatia (da experiência do outro), temos uma natureza e um organismo que, certamente, se constituem como objetos espaciais, como transcendentem em relação à corrente da vida, mas que não passam de multiplicidades de objetos da experiência possível, sendo que essa experiência se confunde totalmente com *a minha própria vida*, e o objeto dessa experiência não é outra coisa senão uma unidade sintética, inseparável dessa vida e de suas potencialidades.

Desse modo, cada ego, na sua qualidade de mônada, constitui em si um mundo daquilo que lhe pertence. Dito isto, resta-nos buscar compreender o conceito de mundo primordial, que agora pode ser devidamente explicitado mediante a compreensão da existência desse mundo constituído por meio da vinculação. Diante disto, primeira nota-se que “[...] experiência do que me é estranho (do *não-eu*) apresenta como aquela do mundo objetivo, onde se encontram “outros” *não-eus* sob a forma de outros *eus*” (Ibdem, p. 120); e que “na ordem da constituição de um mundo estranho ao eu, de um mundo ‘exterior’ ao meu eu concreto e próprio (mas exterior no sentido totalmente diferente daquele natural e espacial desse termo), é uma transcendência (ou um ‘mundo’) primeira em si, ‘primordial’” (Ibdem, p. 120).

Não sem motivos, os mundos constituídos na qualidade das vinculações que pertencem a cada ego, em cada mônada, são em si concordantes, em especial porque “a unidade de sentido ‘mundo objetivo’ constitui-se em vários graus, com base no meu mundo primordial” (Ibdem, p. 121); sendo que este “mundo objetivo sempre está lá, acabado” (Ibdem, p.120). O mundo primordial assume assim o caráter de fenômeno do mundo objetivo; este último entendido aqui como um mundo uno e idêntico para qualquer um, abrindo a possibilidade de um “domínio novo e infinito do ‘estranho a mim’” (Ibdem, p. 121).

Desse modo, esclarecidos as concepções de mundo primordial, e explicitado minimamente a concepção de mundo objetivo, ressalto que a concepção de mundo objetivo se difere da concepção naturalista, e que a partir de agora, o movimento proposto por Husserl (Ibdem, p. 121) é o de por “em relevo o plano da constituição do ‘outro’ ou dos ‘outros em geral’, ou seja, os egos excluídos do ser concreto ‘que me pertence’ (excluídos do eu – ego primordial)”.

E deste modo, cada vez mais nos aproximamos do ponto de máximo interesse desta meditação para nossa pesquisa. A que pontos temos chegado? Ao ponto da compreensão da intersubjetividade, é preciso dizer. Desse modo, Husserl (Ibdem) alega que a constituição desse mundo objetivo como um âmbito comum a todos, ou seja, a todas as mônadas, está intimamente ligada à possibilidade de se estabelecer a intersubjetividade.

O quer dizer isso? Em primeiro plano que “é a comunidade de mônadas e, notadamente, uma comunidade que constitui (por intencionalidade constituinte comum) um único e mesmo mundo” (Ibdem, p. 121). E ainda que “a intersubjetividade transcendental possui, graças a essa colocação em comum, uma esfera intersubjetiva de vinculação, em que ela constitui de maneira intersubjetiva o mundo objetivo; ela é, dessa forma, na qualidade de um “nós” transcendental, sujeito para esse mundo” (Ibdem, p. 121).

Ou seja, por meio da compreensão da intersubjetividade, é que finalmente temos uma compreensão mais apurada do mundo objetivo, que está sempre previamente dado em seu caráter de “transcendência ‘imanente’” (Ibdem, p. 122). Tal caráter é entender “o mundo objetivo, como ideia, como correlato ideal de uma experiência intersubjetiva idealmente concordante” (Ibdem, p. 122).

Apesar das elucidações já explicitadas, ainda resta desvendar, dentro desta meditação husserliana, o caminho para a experiência do outro. Pois, como acabou-se de explicar, é apenas mediante a possibilidade da intersubjetividade que podemos encontrar o mundo objetivo, no sentido do mundo coabitado por todos os eus. Ratifico, aqui, oportunamente, que este mundo objetivo não é o mundo entendido no sentido que as ciências dão à natureza, enquanto obviedade, dado de antemão.

Mas, afinal, o que ainda temos que compreender? É justo compreender que por mais que, como já visto, o corpo do outro, enquanto objeto físico, pertença à esfera da vinculação, o mesmo não pode ser dito da sua característica enquanto outro eu, no sentido de um *alter ego*. Husserl indica isto muito bem, ao demarcar que esse outro quando, que nos aparece de modo imediato, na experiência, nesse “caráter de ‘em carne e osso’ não nos impede de concordar, sem

dificuldades, que este não é o outro *eu* que nos é mostrado no original, não sua vida, seus próprios fenômenos, nada do que pertence ao seu ser próprio” (Ibdem, p. 123).

Assim, é preciso entender que “[...] se aquilo que pertence ao ser próprio do outro estivesse acessível para mim de maneira direta, isso seria apenas um momento do meu ser a mim, e, no final das contas, eu mesmo e ele mesmo, nós seríamos o mesmo” (Ibdem, p. 123). Sendo o mesmo válido para a questão do corpo, conforme Husserl (Ibdem, p. 123) complementa: “o mesmo aconteceria com seu organismo se ele não fosse outra coisa senão um ‘corpo’ físico, unidade que se constitui na minha experiência real e possível e que pertenceu à minha esfera primordial como formada exclusivamente por minha ‘sensibilidade’”.

Deste ponto, há uma importante dualidade acerca do corpo que será melhor abordada posteriormente. Contudo, contentemo-nos em perceber que o corpo é, e pode ser tomado enquanto um objeto material e físico do mundo, enquanto meramente orgânico; mas observa-se também que o corpo é o que media o aparecimento do outro, como veremos em breve, na medida em que nos possibilita sua apresentação, sua evidenciação enquanto outro, não mais ocupando assim o mero estatuto de ser apenas objeto dotado de materialidade. Uma dualidade marcada por um corpo orgânico, no sentido dele enquanto objeto; mas que deve reger-se enquanto organismo, para que se possa evidenciar para os outros enquanto um eu.

Diante do exposto, em que compreendemos então que o corpo do outro está em nossa esfera de vinculação, enquanto experiência direta e imediata; o outro, na sua qualidade de eu não pode estar presente de mesmo modo direto, sendo experienciado por nós, então, de modo mediado pelo próprio corpo. A isto, Husserl (1931/2001) nomeia de apresentação, o modo como o corpo do outro intermedia a experiência desse outro e suas características enquanto *alter ego*. Assim, temos acerca da intencionalidade do outro, que:

Deve haver aí certa intencionalidade mediata, partindo da camada profunda do “mundo primordial”, que, em todo caso, permanece sempre fundamental. Essa intencionalidade representa uma “coexistência”, que não está jamais e que não pode jamais estar lá “em pessoa”. Trata-se, portanto, de uma espécie de ato que torna “co-presente”, de uma espécie de percepção por analogia que vamos designar pela palavra “apresentação” (p. 123)

Para elucidar mais claramente do que se trata a grande dificuldade da apresentação, Husserl (Ibdem) faz uso de uma comparação. É certo que a experiência de um objeto qualquer nos apresenta não apenas a face que nos é voltada, mas também indica de modo prévio sua face oculta, fazendo-nos prever a sua estrutura. A diferença aqui é que nos é possível virar o objeto, para trazer sua face oculta à nossa visão; fato que *a priori*, não é possível com esfera original do outro (Ibdem).



Desse modo, a esfera original de um outro, a do *alter ego*, só pode se apresentar em uma outra esfera primordial, enquanto experiência efetiva, uma vez que ela se mostra enquanto ato de sua própria apresentação, na qual o outro se mostra em pessoa. Para clarificar com exemplo, podemos recorrer à Husserl (1931/2001, p. 124):

Vamos supor um outro homem presente no campo de nossa percepção: em termos de redução primordial, isso quer dizer que, no campo da percepção da minha natureza primordial, aparece um corpo que, na qualidade de primordial, não pode ser mais que um elemento determinante desse eu mesmo (transcendência imanente). Posto que nessa natureza e nesse mundo meu corpo é o único que é e que pode ser constituído de maneira original como organismo (órgão que funciona), é preciso que esse outro corpo – que, no entanto, também se mostra como organismo – tenha esse sentido de transposição perceptiva a partir do meu próprio corpo. E isso de maneira a excluir uma justificação realmente direta e, em consequência, primordial – por meio de percepção no sentido exato do termo –, predicados específicos do organismo. A partir disso, fica claro que somente uma semelhança que vincule, dentro da minha esfera primordial, esse outro corpo com o meu pode fornecer o fundamento e o motivo de conceber, “por analogia”, esse corpo como outro organismo

Dito isto, antes de explicitar a ideia geral acerca do emparelhamento, é necessário que façamos mais algumas outras considerações, para melhor compreender as concepções apresentadas por Husserl (Ibdem). Assim, é oportuno compreender o que significa o termo de “criação primeira”, e qual a sua relação com a percepção assimiladora, que permite o emparelhamento, o que por sua vez, é o fundamental para que possamos tomar a apresentação deste outro, enquanto também ego, enquanto válida.

Desse modo, ela se refere ao processo pelo qual se pode começar a compreender os objetos que aparecem, que comparecem em “nossa vida cotidiana, que se oferece ao nosso olhar” (Ibdem, p. 125). Portanto, os objetos que não se compreende de imediato seu sentido ou horizonte, remetem sempre a uma determinada intencionalidade que serve de criação primeira.

Tendo em vista que mesmo os objetos que nos são desconhecidos se apresentam para nós como “conhecidos segundo seu tipo” (Ibdem, p. 125), no sentido que temos conhecimento de coisas análogas; a criação primeira seria essa primeira experiência com o objeto que permite sua transposição para um novo objeto de alguma forma análoga. Nesse sentido, a experiência que temos de nosso próprio corpo, de nossa própria condição humana, se assim pudermos delimitar, é o que funciona como criação primeira, podendo servir para que entendamos o outro como análogo.

Assim, é porque estamos e dispomos de um corpo vivo, de modo imediato, e ainda pertencente à esfera de nossas vinculações, que poderemos dispor do corpo do outro como algo no que incorre em um certo grau de analogia. Da mesma maneira que é justamente porque o outro, enquanto objeto, nunca será acessível de forma direta, que se faz necessário a relação de um emparelhamento original (Ibdem). Destarte, podemos passar para o conceito de

emparelhamento apresentado por Husserl (Ibdem, p. 126), para em seguida dispor de algumas considerações importantes:

O emparelhamento – ou seja, uma configuração “em pares” que, em seguida, transforma-se na configuração em grupo, na multiplicidade – é um fenômeno universal da esfera transcendental (e, paralelamente, da esfera psicológica intencional). [...]. É uma das formas primitivas da síntese passiva que, por oposição à passiva da “identificação”, designamos como “associação”. A característica de uma associação emparelhadora é que, no caso mais simples, dois conteúdos aí são expressos e intuitivamente mostrados na unidade de uma consciência e, dessa forma, em pura passividade, ou seja, sejam eles “notados” ou não, fundam fenomenologicamente, à medida em que aparecem como distintos, uma unidade de semelhança [...]

É importante acrescentar, e essa é a consideração importante que tínhamos nos referido, a associação resultante do emparelhamento consiste em uma espécie de “contágio intencional” (Ibdem, p. 126); de modo que os objetos são mostrados à consciência ao mesmo tempo enquanto juntos, porém distintos. Em suma, se percebe-se um corpo que “se parece com o meu, ou seja, se ele tem uma estrutura graças à qual deve submeter-se ao emparelhamento, parece imediatamente claro que ele deve adquirir logo a significação de organismo, que lhe é transferida pelo meu” (Ibdem, p. 127).

Assim, uma vez que o emparelhamento, dado pela tomada do corpo do outro como próximo ao nosso, esteja suficientemente clarificado para os nossos fins, cabe-nos compreender a sua estreita relação com o fenômeno da apresentação. Destarte, a apresentação original nos mostra aquilo que outrora estava-nos inacessível; “o corpo do outro e o outro eu que é senhor dele” (Ibdem, p. 128), assumem agora um caráter essencialmente transcendente. E este outro se confirma, na medida em que se apresenta, uma vez que suas múltiplas apresentações, sinteticamente concordantes, suscetíveis de verificação; uma concordância consigo mesma entre as multiplicidades de apresentações desse outro para mim.

Portanto, é possível compreender que “o organismo estranho afirma-se no decorrer da experiência como organismo verdadeiro, unicamente por seu ‘comportamento’, que se modifica, mas que é sempre concordante” (Ibdem, p. 128). E entendamos “isso da seguinte maneira: esse comportamento tem um lado físico que apresenta o psíquico como seu indicador” (Ibdem, p. 128).

Ademais, é oportuno explicito também os seguintes pormenores:

É sobre esse ‘comportamento’ que se apóia a experiência original, que se verifica e se confirma na sucessão ordenada de suas fases. E quando essa sucessão coerente das fases não ocorre, o corpo é aprendido apenas na aparência. É nessa acessibilidade indireta, mas verdadeira, do que é inacessível diretamente em si mesmo que se baseia para nós a existência do outro (Ibdem, p. 128).

Diante do exposto até aqui, algumas consequências importantes ainda precisam ser devidamente explicitadas, para que finalmente cheguemos ao ponto de sumo interesse; o que esta meditação nos pode propiciar de realmente importante para esta pesquisa. Assim, uma vez justificada os meios pelo qual a apresentação do outro encontra validade para nós, uma vez respondida a questão posta anteriormente por Husserl de “*como* pode ser que meu *ego*, no interior de meu ser próprio, possa, de alguma forma, constituir ‘o outro’, ‘justamente como lhe sendo estranho’, ou seja, conferir-lhe um sentido existencial que o coloca fora do conteúdo concreto do *eu mesmo* que o constitui?” (Ibdem, p. 109), resta-nos analisar algumas nuances desse outro que é, assim, para nós, constituído.

Desse modo, mediante o caráter da apresentação original desse outro, e do caráter do emparelhamento e da apreensão assimiladora, compreendemos o outro mediante suas sínteses e a um determinado caráter de congruência em suas sucessivas apresentações; o que possibilita que “uma outra mônada constitua-se por apresentação na minha” (Ibdem, p. 129). Isto no momento parece um paradoxo mediante ao processo que nos levou até essa conclusão, a *epoché* do que me é estranho. Porém, com a analogia realizada por Husserl (Ibdem, 129), o leitor pode verificar o modo como isto ocorre.

De imediato, é necessário ter ciência de que “do ponto de vista fenomenológico, o outro é uma modificação do ‘meu’ *eu* (que, de sua parte, adquire esse caráter de ser ‘meu’ graças ao emparelhamento necessário que os opõe)” (Ibdem, p. 129). Cabe aqui entender o qual o sentido essa constituição de uma outra mônada pode dar-se na nossa, sem que isso, antecipe-se, implique nesse outro como pertencente à esfera das vinculações, com exceção do seu corpo de caráter material.

A comparação realizada por Husserl é um paralelo entre o passado e a lembrança, e o outro e sua apresentação. De modo análogo ao outro, o passado só nos é acessível no presente mediante ao seu caráter de ser uma modificação do nosso presente atual, sendo também impossível um acesso direto ao nosso passado, a não ser pela lembrança, que por serem concordantes entre si, remete-nos a possibilidade de verificar o passado enquanto tal, valendo-nos das “sínteses concordantes da lembrança” (Ibdem, p. 129). Assim, do mesmo modo que o passado é uma modificação intencional do nosso presente, uma vez que todo passado é, na verdade, “presente passado” (Ibdem, p. 129), o outro é uma modificação do eu, por ser como o eu em determinada medida, e que se apresenta, ao invés da lembrança, por meio da apresentação que devem ser também concordantes entre si.

Assim, concordo que:

Tanto em um como no outro caso, a modificação é um elemento do próprio sentido; ela é um correlato da intencionalidade que a constitui. Da mesma maneira que o meu passado se forma no meu presente vivo, no campo da “percepção interna”, graças as lembranças concordantes que se encontram nesse presente, e também, graças às apresentações que aparecem na minha esfera primordial e são motivadas pelos conteúdos dessa esfera, posso constituir no meu ego um ego estranho, o que quer dizer que posso constituir-lo em representações de um tipo novo, que têm como correlato um outro gênero de modificação. **No entanto, quando se trata de representações no interior da minha esfera de vinculação, o “eu-central” que lhe pertence não é outro senão eu mesmo, enquanto todo aquele que me é estranho pertence a um eu apresentado, que não sou eu mesmo, mas que é minha modificação, um outro eu, que permanece intimamente ligado aos horizontes apresentados de seu ser concreto** (Ibdem, p. 129-30, grifo nosso).

Assim, fica claro e delimitado que quando este outro passa a ser constituído em mim, por meio da apresentação e do emparelhamento que abrem essa possibilidade, ele ainda não pertence às esferas da minha vinculação. Há uma diferença, que demarco por meio do grifo na citação acima, entre esse outro eu constituído em mim pelas suas apresentações coerentes; e o outro representado no âmbito das vinculações, que no caso, não é outro-eu, mas antes, o próprio eu-central. Isso para retomar a posição já antecipada de que o outro, por mais que possa constituir-se enquanto estranho para o eu-central, não está inserido em seu caráter de outro, no âmbito das vinculações, apenas o seu corpo material e possível de ser percebido pertence a este âmbito.

Disto, depreendo que:

O outro é apreendido na apresentação como um *eu* de um mundo primordial ou uma mônada. Para esta mônada, é o seu corpo que é constituído de maneira primordial e mostrado no modo de um “aqui absoluto”, centro funcional de sua ação. Em consequência, o corpo que aparece na minha esfera monádica no modo do ali, apreendido como o organismo corporal de um outro, como organismo do *alter ego*, o é ao mesmo tempo como o mesmo corpo, no modo do “aqui”, cujo “outro” tem a experiência na sua esfera monádica. E isso, de maneira concreta, com todas as intencionalidades constitutivas que esse modo implica (Ibdem, p. 131).

Neste ponto, já adentramos consideravelmente nesta meditação e já temos os elementos necessários para que possamos satisfazer, de algum modo, os interesses desta pesquisa para as discussões aqui subsequentes. Afinal, uma vez compreendido os aspetos mais gerais do emparelhamento e da apresentação, podemos então discutir a concepção da interação homem-animal em suas peculiaridades. Primeiro, debatendo sobre as breves menções realizadas por Husserl nesta quinta meditação sobre o tema; para em seguida, pensarmos em desenvolvê-los com base nas evidências e na literatura disponível.

### **A relação homem-animal diante da quinta meditação**

Uma vez entendido como se constitui o outro para o “eu central”, na sua característica de mônada, por meio dos processos de emparelhamento e de apresentação, resta compreender,

o quão diferente deve ser este outro, para que sejamos capazes de tomá-lo enquanto outro. Deste ponto, é preciso que nos atentemos a algumas concepções dadas por Husserl (Ibdem) durante esta meditação, para que possamos avançar em seguida.

Então, de imediato, atento-me a seguinte consideração, efetuada por Husserl (Ibdem, p. 133), acerca da “endopatia de conteúdos determinados da esfera psíquica superior. Eles nos são sugeridos, indicados, pelo corpo e pelo comportamento exterior de quem está tomado pela cólera, de quem está feliz, etc. Eles me são compreensíveis a partir do meu próprio comportamento”. Ora, considerar então que é preciso que exista um determinado aparato comum entre esses dois corpos orgânicos, capazes de experienciar, por exemplo, a cólera e a felicidade, de tal modo que até onde sabemos, e até onde a meditação apresenta, é preciso de um aparato orgânico, funcionando enquanto organismo, que consista em um objeto natural e psicofísico, tal qual o nosso, para que se tenha a possibilidade experienciar tais fenômenos.

Contudo, esta possibilidade, abrangendo os organismos, apresenta uma ampliação considerável no que diria respeito ao processo de emparelhamento. E por isso, devo tecer cuidadosamente as considerações seguintes. Mas, antes do aprofundamento nas pistas deixadas pro Edmund Husserl nas *Meditações Cartesianas* (1931/2001), considero importante que paremos e nos detenhamos brevemente em algumas considerações pertinentes realizadas por Thomas Nagel (1974/2013).

A primeira questão situada por Nagel (1974/2013), é a da possibilidade de um conhecimento sobre os aspectos qualitativos da experiência de uma outra espécie. De tal maneira que se assumirmos por um momento que as outras espécies experienciam o mundo e os seus fenômenos de algum modo, aspecto sobre o qual a perspectiva husserliana (1931/2001) não deixa dúvidas, então há a possibilidade de nós nos perguntarmos como é tal experiência, como deve ser, neste caso, ser algo diferente do que se é?

Esta é uma pergunta, que no final das contas, refere-se à dualidade mente corpo, e o intrínseco problema entre os dados qualitativos da experiência, em todo o seu aspecto subjetivo, versus as reduções possíveis de serem realizadas ao âmbito objetivo. Como exemplo, Nagel (2013/1974) apresenta:

Um cientista marciano, sem compreensão da percepção visual, poderia ser capaz de compreender o arco-íris, o relâmpago ou as nuvens como fenômenos físicos, considerando que jamais estará apto a compreender o conceito humano do arco-íris, do relâmpago, das nuvens ou o lugar que estas coisas ocupam em nosso mundo fenomênico. A natureza objetiva das coisas percebidas por esses conceitos poderia ser apreendida por ele porque, apesar dos próprios conceitos serem conectados com um ponto de vista particular e uma visão fenomenológica particular, as coisas apreendidas desse ponto de vista não são: elas são observáveis através de um ponto de vista, mas ele é externo a elas; por essa razão elas podem ser compreendidas de outros pontos de

vista, pelo mesmo organismo ou através de outro. O relâmpago possui um caráter objetivo que não é exaurido por sua aparência visual, e pode ser investigado por um marciano cego. Mais precisamente, ele possui um caráter objetivo maior do que o revelado por sua aparência visual (NAGEL, 2013/1974, p. 112).

Destarte, percebo que os fenômenos que podem ser vivenciados por organismos diferentes possuem um caráter objetivo primeiro, que pode ser alcançado por meio de conceitos que versem sobre a sua objetividade. Contudo, apesar desta possibilidade, quanto mais nos ativermos ao caráter objetivo do fenômeno, mais nós nos distanciaremos do aspecto subjetivo, próprio dos modos pelos quais a nossa experiência nos permite acessar o fenômeno de modo direto.

Ademais, seguindo o raciocínio de Nagel (1974/2013), se fosse para o âmbito da psicofísica, e assumíssemos que todo fenômeno mental possuísse um correlato objetivo e físico, bastaria que compreendêssemos como se dá a correta equivalência entre o processo físico que ocasiona o subjetivo para findarmos a questão. Afinal, não bastaria a perspectiva da equivalência, mas seria necessário compreender como essa equivalência ocorre.

Atualmente, o status do fisicalismo é similar ao que poderia ter sido a hipótese de que a matéria é energia se emitida por um filósofo Pré-Socrático. Nós não temos os princípios de uma concepção de como ele poderia ser verdadeiro. Com o objetivo de compreender a hipótese de que um evento mental é um evento físico, nós necessitamos mais do que uma compreensão da palavra “é”. A ideia de como um termo pode referir-se, tanto mental como fisicamente à mesma coisa ainda está em falta, e as analogias habituais em outros campos da teoria da identificação falham em supri-la. Elas falham porque se nós construirmos, no modelo tradicional, termos referentes ao mental para os eventos físicos, tanto obtemos uma nova aparência dos eventos subjetivos separados, como dos efeitos através dos quais a referência mental para os eventos físicos ficam fechados, ou então obtemos uma ideia falsa de como os termos mentais se relacionam (por exemplo, o esquema causal behaviorista) (NAGEL, 1974/2013).

Diante desta falta de referência, a posição do fisicalismo, assim como das posições psicofísicas, ainda são de reduzir o fenômeno ao âmbito objetivo, sem conseguirmos compreender os aspectos subjetivos que deveriam ser decorrentes dos próprios aspectos físicos. Contudo, Nagel (1974/2013) primeiro levanta a possibilidade de que podemos estar abordando uma barreira intransponível, mas fornece sua perspectiva de lidar com a questão.

Tal perspectiva segue a linha de abandonar uma compreensão fenomenológica pautada na imaginação ou na empatia, mas sim uma fenomenologia mais objetiva, sustentada pelo desenvolvimento de novos conceitos que tragam à tona os aspectos estruturais da percepção, com a possibilidade de comunicar e permitir o entendimento de modo facilitado e objetivo. Diante deste posicionamento, podemos retornar com a perspectiva husserliana, pois o ponto abandonado por Nagel (1974/2013), é exatamente a possibilidade deixada por Husserl (1931/2001) para pensar a situação dos demais animais, que seria pela via empática.

Existem pontos de acordo entre os dois posicionamentos: a barreira para uma compreensão do modo pelo qual um animal de outra espécie experiência, vivencia os fenômenos do mundo apresenta uma barreira intransponível, em determinados aspectos. Isso porque, mesmo no caso husserliano, o animal seria compreendido como uma variante do ponto de referência da constituição do mundo primordial, do mesmo modo que o eu transcendentalmente reduzido é o centro de referência para a compreensão dos outros eus, mesmo que diante da perspectiva de estarmos lidando com outros seres humanos (HUSSERL, 1931/2001).

Um segundo ponto de acordo é a perspectiva crítica às reduções materialistas que são suscetíveis pelo fisicalismo e pelas tentativas de lidar com as explicações psicofísicas para os fenômenos subjetivos. Também são pontos de desacordo, dentre eles, a ausência fundamental que Nagel (1974/2013) realiza quando se abstém de refletir sobre a condição da existência objetiva do mundo, tomado aqui como pressuposto em ingenuidade, se analisemos tal perspectiva sob o viés husserliano: “Falando do deslocamento da caracterização subjetiva para a objetiva, eu prefiro permanecer sem expressar minha opinião sobre a existência de um ponto final, a natureza objetiva completamente intrínseca de uma coisa, que alguém pode ou não estar apto a alcançar” (NAGEL, 1974/2013).

É mister ressaltar que não foi a primeira vez nesta obra que Nagel (1974/2013) abordou esta problemática:

Poderia ser tolo duvidar disso, dada a limitação das expectativas humanas. Afinal, alguém teria descoberto os números transfinitos, mesmo se todos os seres humanos tivessem sido eliminados pela peste negra antes que Cantor os descobrisse. Mas alguém pode também acreditar que há fatos que não poderiam ser representados ou compreendidos pelos seres humanos, mesmo se a espécie conservar-se eternamente – simplesmente porque nossa estrutura não nos permite operar com conceitos do tipo requerido. Esta impossibilidade pode ser observada mesmo por outros seres, mas daí não segue que é necessária a existência desse tipo de seres para a significação da hipótese de que há fatos inacessíveis à humanidade (afinal a natureza dos seres com acesso a fatos inacessíveis à humanidade é presumivelmente um fato inacessível à humanidade) (NAGEL, 1974/2013, p. 111).

Destaco que esse tema é de máxima importância para as reflexões husserlianas, especialmente porque a perspectiva de um mundo objetivo, diferente daquele abordado ingenuamente pelas ciências da natureza, dado enquanto mera obviedade, está em íntima relação com a possibilidade de uma intersubjetividade. Afinal, “Mas, precisamente, o mundo objetivo, como ideia, como correlato ideal de uma experiência intersubjetiva idealmente concordante [...]” (HUSSERL, 1931/2001, p. 122).

Sem a concordância dos outros egos, e dos outros seres viventes em geral, perde-se o referencial, fenomenologicamente fundado, de um mundo objetivo, que precisamente é compartilhado. Assim, se retomarmos o exemplo do marciano, é possível pensar que o raio, quer ele seja acessível enquanto uma vivência subjetiva ou não, constitui uma objetividade para o marciano, para nós e para os cães que residem no condomínio em que moro.

Claramente que a perspectiva do raio em cada um desses organismo é diferente. No caso do marciano hipotético e cego, o raio limita-se a um conceito materialmente reduzido, sendo racionalmente compreendido, mas sem aspectos subjetivos dada à ausência da visão e à possibilidade hipotética do marciano residir no subsolo do planeta e nunca ter presenciado um raio. No nosso caso, é esperado que o raio, enquanto fenômeno dotado de significações diversas, represente para nós um demonstrativo da força dos fenômenos naturais, uma ameaça à rede elétrica ou um determinado apelo estético daquele característico brilho azul iluminando instantaneamente o céu obscurecido pelas nuvens. Porém, no caso dos cachorros que mencionei, é esperado que o raio, como também é uma possibilidade para os seres humanos, evoque medo, também desconforto acerca do, enquanto barulho subsequente e decorrente da manifestação do raio.

Agora a pergunta: baseado em quê é possível presumir que o incomodo dos cães durante a tempestade decorram do barulho dos raios, ou ainda, como podemos concluir que os cães sentem fome, sede e medo? Afinal, ponde desta maneira, os animais temem a morte? Mas, então, qual o nível de entendimento deles acerca da finitude, e como pode-se temer a morte sem nenhum entendimento mínimo sobre ela?

Aqui fica evidente a barreira intransponível, talvez nunca saibamos como é ser um cachorro incomodado pelo trovão, ou em situação de risco de morte. Contudo, é possível que tenhamos certo nível de evidência e compreensão sobre esses aspectos de como é ser um cachorro, por meio da evidência apodítica de sua disposição em nosso mundo objetivo. Mas, como é possível?

É necessário recorrer à Husserl (1931/2001, p. 139):

Ora, o sentido da percepção que consegue atingir o outro implica necessariamente uma experiência imediata da identidade entre o mundo dos outros, mundo que pertence a seus sistemas de fenômenos, e o mundo do meu sistema de fenômenos. E isso implica, por sua vez, uma identidade entre os sistemas respectivos de fenômenos. Mas, no entanto, sabemos que existem anomalias, que existem cegos, surdos etc.; os sistemas de fenômenos não são, portanto, de forma alguma idênticos, e camadas inteiras (ainda que não todas) podem diferir. No entanto, é preciso que a anomalia constitua-se de início ela própria como tal, e ela só pode fazê-lo com base na normalidade que, em si, a precede. Isso conduz a novos problemas de análise fenomenológica de grau superior da origem constitutiva do mundo objetivo, ou seja, do mundo que existe para nós e que tira a sua existência da nossa própria sensibilidade.



Diante dessa perspectiva, verifica-se que, como no caso do raio, o raio seria um aspecto objetivo no mundo objetivo, não por ser um elemento natural, mas exatamente por poder ser percebido por todos, e compor o mundo primordial de cada um deles. É nítido contudo que o sistema de fenômenos difere em cada um desses casos.

É mister perceber que Nagel (1974/2013) também se utilizou das diferenças anatômicas e funcionais, como a cegueira, para ilustrar a dificuldade de pensar a possibilidade de se acessar o aspecto subjetivo dos fenômenos. Contudo, nesse caso, Husserl (1931/2001) compreende que a diferença nos respectivos sistemas de fenômenos apenas pode ocorrer mediante a instauração de uma normalidade, da qual o sistema diferente consistiria em uma anomalia. Diante do exposto, Husserl (1931/2001, p. 139-140) :

O mundo possui a existência graças à verificação concordante da constituição perceptiva, uma vez formada, que se efetua na marcha progressiva e coerente (e que implica “correções” constantes que restabelecem a coerência) da nossa experiência viva e por meio dela. A concordância mantém-se também graças à modificação das percepções decorrente da distinção entre a normalidade e as anomalias. Aos problemas da anormalidade pertence aquele da animalidade e da classificação dos animais como “inferiores e superiores”. Do ponto de vista da constituição, o homem representa, em relação aos animais, o caso normal; da mesma forma que eu mesmo, eu sou na ordem da constituição a norma primeira para todos os seres humanos. Os animais são essencialmente constituídos para mim como “variantes” anormais da minha humanidade, sem que isso me impeça de distinguir novamente no reino animal o normal do anormal. Trata-se sempre de modificações intencionais que se revelam como tais na estrutura de seu sentido.

Desse modo, verifico que a perspectiva de compreender os animais como sistemas de fenômenos adquire o caráter de anormalidade mediante o meu próprio ego, fundante do meu mundo primordial, do mesmo modo como sou o meu primeiro ponto de referência para os demais egos, que vão a ser identificados como egos a partir das suas apresentações sucessivas e concordantes, regidas psiquicamente, e por conta do emparelhamento possível visto que experiencio o meu próprio corpo (HUSSERL, 1931/2001).

Assim, é possível abrir a possibilidade de compreendo os sistemas de fenômenos anômalos, e ainda, a partir deles, permitir a constituição concordante e coerente do mundo (HUSSERL, 1931/2001). Porém, este é o ponto de interesse, se há de considerar o sistema de fenômenos dos animais, mesmo que como anômalos, isso significa estabelecer que eles percebem o mundo e os seus fenômenos, de tal modo que possam inclusive corroborar para a constituição perceptiva do mundo, atualizando-me.

Logo, como isso seria possível? Ora, do mesmo modo que é possível para os demais seres humanos, se dá por um emparelhamento mediante a apresentação do organismo do animal se comportando, como que regido psiquicamente, e lidando com o mundo, mostrando-me que

também percebe os fenômenos. Ademais, o animal também apresenta-se em sínteses concordantes, demonstrando uma unidade na sua vida psíquica.

E isto, portanto, só é possível porque compreendemos os animais como variantes de nós mesmos. Diante desta perspectiva, não há como partir do modo como o animal vivencia o seu mundo próprio, mas sim compreendê-la enquanto uma variante da minha própria vivência.

Destarte, se um cão se encolhe no canto da casa sempre que há um trovão, evidencia-se pelo modo como se esconde, e por se esconder sempre que há trovões, que este percebe os trovões e que também, por meio do modo como seu corpo orgânico se apresenta, e diante da minha própria vivência do medo, que este os teme. No entanto, saber como é este medo no momento exato em que é sentido pelo cachorro, este é um ponto inatingível.

Assim, os animais estão no mundo de modo variante aos seres humanos, mas ainda assim, disponíveis a nós e uns aos outros, e participando dos respectivos sistemas de fenômenos, inclusive atualizando-nos, como quando a noite um cão late no quintal, demonstrando para os humanos que algo se manifesta naquele tempo e espaço, e que possui um caráter de realidade, mas que sem o cachorro, não chegaria naquele dado momento à nossa percepção, e os nossos respectivos mundos primordiais. Não sem motivos, Husserl (1931/2001, p. 143) mantém a possibilidade da sociedade para os animais:

[...] o sentido de uma comunidade dos homens, o sentido da palavra “homem”, que, já como indivíduo, é essencialmente membro de uma sociedade (o que se estende também às sociedades animais), implica em uma existência recíproca de um para o outro. Isso origina uma assimilação objetivante, que coloca meu ser e o de todos os outros no mesmo plano.

### **Uma fenomenologia do cuidado**

Apesar de haver um livro com este título publicado no Brasil, é preciso que se estabeleça a seguinte diferença: o livro é um compilado de capítulos sobre fenomenologia e cuidado (PEIXOTO; HOLANDA, 2011), enquanto este capítulo propõe-se a uma investigação fenomenológica do cuidado. Assim, a proposta é, seguindo o rigor husserliano, que se realize uma redução fenomenológica deste fenômeno.

Portanto, é importante lembrar que a fenomenologia é uma ciência eidética, e desse modo, é necessário que se reduza o fenômeno até sua essencialidade por meio das reduções, e para que este possa ser evidenciado na ordem da consciência transcendental (HUSSERL, 1913/2006; 1936/21012) Destarte, faz necessário que se submeta o fenômeno do cuidado a diferentes níveis de evidenciação. Desse modo, o objetivo não é apresentar um produto final de tal investigação, mas sim, iniciá-la.

Ademais, é necessário esclarecer que a redução fenomenológica, didaticamente, costuma ser dividida em três etapas. A primeira é a redução psicológica, da qual faz parte uma primeira *epoché*, ou seja, a retirada de circuito, ou suspensão, de todos os *aprioris* e a sua descrição na intuição imediata do fenômeno; a segunda etapa consiste na redução eidética, na qual são evidenciadas as características invariáveis do fenômeno, levando até a sua estrutura essencial; e por fim, a redução transcendental, na qual o objeto eidético, já reduzido, é evidenciado na ordem da consciência transcendental, (GUIMARÃES, 2013; HUSSERL, 1913/2006; 1931/2001; 1936/2012).

Ressalto aqui a seguinte prerrogativa: diferentemente da intuição individual ou empírica, que necessita da visada direta dos objetos para uma clareza e síntese; a intuição eidética pode se valer de uma presentificação diferente, e ainda mais privilegiadas. Por exemplo, pode-se tornar presente de maneira imediata os objetos eidéticos por meio da rememoração. Contudo, é preciso destacar que “*as livres imaginações conseguem uma posição privilegiada em relação às percepções, e isso mesmo na própria fenomenologia das percepções, com exceção, naturalmente, da fenomenologia dos dados de sensação*” (HUSSERL, 1913/2006, p. 153). Logo, as reflexões a seguir serão guiadas por cenários imaginários e alegorias que nos auxiliem na correta evidenciação do fenômeno.

Portanto, em uma primeira investida investigativa, retirados todos os *aprioris* acerca do cuidado, podemos indagar-nos: o que é cuidar? De imediato, convido o leitor a imaginar uma pessoa cuidando de uma planta. Ora, o cuidado é, e aparece como sendo, um ato de manutenção de algo, como um bem-querer. Isto se torna claro, pois, se alguém atenta contra a existência e manutenção da planta, não nos parece existir uma relação de cuidado. De mesmo modo, parece uma diferença ao pensarmos que se alguém vai até a planta água-la, é um ato de cuidado, porém a chuva que cai indiferente não poderia ser tida necessariamente como cuidadora desta planta.

Assim sendo, encontro também que o cuidado é um ato intencional, portanto, é um ato direcionado para um objeto. Ou seja, todo ato intencional precisa de um objeto correspondente na relação noético-noemática, todo ato de cuidar, precisa de um objeto cuidado (HUSSERL, 1927/1992; 1913/2006). E o que quer dizer, também, que ele é fruto de uma atividade anímica. Até esse momento de investigação estas informações parecem suficientemente claras, diante da multiplicidade de aparições do fenômeno do cuidar.

Disto, posso argumentar, portanto, que o cuidado é um modo de direcionamento a um objeto que se opõe à violência e à indiferença. Portanto, para cuidar, não bastaria não ser violento, mas não se pode também ser indiferente em relação ao objeto cuidado. Isso revela que

é preciso que esse objeto cuidado seja, para o cuidador, caro. Ou seja, que sua afetação também afete àquele que cuida, e que o engaja nesse processo como uma determinada preocupação, que este objeto apareça à consciência de maneira antecipatória aos eventos possíveis e futuros. Destarte, onde se há uma preocupação com a sua manutenção, é porque há uma preocupação com a sua permanência no tempo que está ainda por vir.

Porém, e quando as duas características essenciais aqui delimitadas não se manifestam conjuntamente? Imagine-se um ato intencional que busca pela manutenção e, no caso do cuidado com outra vida, um bem-estar, mas não há de fato uma preocupação com o objeto cuidado, de modo que a perpetuação daquele objeto pouco ou nada lhe diz respeito. Assim, alegorias talvez possam ajudar: o leitor pode pensar em um profissional da saúde que trabalhe diretamente com o público, promovendo ações de saúde, porém, seu trato com os beneficiários de seus serviços são de uma indiferença dirigida ao outro; ou então, pense-se em um médico, que em uma situação de refém é obrigado, sob mira de uma arma, a prestar seus serviços para um de seus sequestradores, de modo a pensar-se que tal médico não prestaria tais serviços sem esta ação coercitiva.

Esse problema colocado, que diz respeito ao caso hipotético do profissional da saúde indiferente, ou sobre algum efeito coercitivo, pode parecer um contrassenso às evidências já obtidas das relações mais banais de cuidado. Nesse sentido, é oportuno situar que o profissional da saúde, neste caso, cuida sim, mas não do outro, uma vez que é preciso que se siga, ainda que imaginariamente, qual seria uma preocupação que lhe possa ser válida, e que nos possa parecer razoável, enquanto homens.

Para tal, lembro que, mesmo me valendo de alegorias e situações hipotéticas com personagens ficcionais, estou a tratar da questão de um ser humano. Portanto, deve haver em sua conduta possível, e em suas razões possíveis, algo que nos possa ser compreensível e, principalmente, válido enquanto humanidade. Afinal, se este sujeito pudesse apresentar-se a nós, no sentido husserliano (HUSSERL, 1931/2001), deveria existir uma determinada coerência e síntese nas suas múltiplas apresentações, que permitiria o seu emparelhamento em nossa experiência a ponto que pudesse ser tomado como outro.

Assim, posso seguir e alegar que é preciso dizer que não pode ser menosprezado que há uma demanda por serviços de saúde, em outras palavras, por um serviço de cuidado. Independente da demanda vir do próprio paciente, ou de uma outra pessoa, há sempre uma intencionalidade orientada para um cuidado, que na área da saúde, enquanto conjunto de ciências naturalísticas, se vive como um cuidado deste corpo e orientado para uma preservação. É preciso que ao menos o paciente, algum familiar, ou alguém que se importe, se mobilize

suficientemente, se importe o bastante, para que demande deste profissional um cuidado, mesmo que para isso, instrumentalize o profissional da saúde como um meio para um fim. Diante deste ponto ressaltamos que, mais tardiamente, iremos até discutir o quanto um profissional da saúde realmente cuida ou cura outrem.

Também por parte do profissional da saúde há algo que pode ser compreendido como cuidado: seja no primeiro caso um emprego ou uma reputação a ser conservada; ou no segundo caso, a vida do próprio profissional da saúde feito de refém. Vê-se assim que, mesmo quando não há uma preocupação legítima na relação entre cuidador e objeto do cuidado, existem outras relações de cuidado circundante. O profissional da saúde cuida, em última instância, de si, ao prestar seus serviços a terceiros. Ao mesmo passo, há a possibilidade deste, ao cuidar de si, cuidando do outro, instrumentalizar-se e trata o corpo desse outro como objeto natural, meramente psicofísico. Essa modalidade de cuidado também pode abranger certas condutas da Psicologia, embora de um modo peculiar.

Na verdade, pode-se até pensar o quanto pode ser insustentável para esse profissional estabelecer uma vinculação de preocupação genuína com todos os seus atendidos. Mais ainda, no caso hipotético do sequestro, ao profissional, enquanto refém, seria compreensível uma postura incompatível com uma preocupação genuína acerca do sequestrador. Assim, o fazer instrumental e naturalizado deste profissional, que circula confortável fora da reflexão, apoiado sobre a teoria dos corpos e as garantias que as ciências naturais lhe dão, pode cuidar-se ao desconectar-se com o mundo-da-vida, ou seja, com esses fenômenos que lhe aparecem de maneira imediata: a dor de outrem, que lhe convida a tomar essa dor e esse adoecimento enquanto fenômenos de sua própria condição humana e existência. A dor, neste sentido, se torna mera consequência do adoecimento, ou do processo de cura, mas sobre ela, o profissional da saúde não encontra mais nenhum sentido, além do próprio caráter material da dor, e sua redução a meras sinapses.

Ao passo que quando me deparo, hipoteticamente, com alguém que sofreu um acidente e se encontra agonizando no chão, e se sabe que agoniza pela demonstração corpórea da dor, que nos chega em certo nível de evidência, e se todos fossem dotados dos conhecimentos necessários para auxiliá-lo, não seria correto assumir que alguns seriam mobilizados pela situação e se poriam a ajudar? Decerto, esta é uma questão importante. Basta então refletir, inclusive sobre o caráter deontológico desse cenário, visto que não o fazer seria, nesse caso, crime tipificado por lei como omissão de socorro (CASTRO NETO, 2013). Mas resta abrir a possibilidade de compreender que a dor de outrem, afinal, pode mobilizar.

Isto porque o outro nos chega, em sua apresentação e por meio do emparelhamento, enquanto corporeidade e de modo imediato; e em suas sucessivas manifestações, como visto anteriormente (HUSSERL, 1931/2001), convoca a uma dimensão em que, no mundo da vida, fora de uma postura naturalizada, não pode e não deve ser entendido como mera coisa (HUSSERL, 1913/2006). Está primeira mobilização convida à preocupação, ao importar, e ao bem querer; e quando ela ocorre é um sinal de que o mundo, e os outros egos existentes nele, está sendo apreendido em sua riqueza de sentidos e valores.

Assim, estabelece-se uma diferença fundamental entre o cuidado enquanto atividade que preza pela permanência das coisas; o cuidado quando direcionado à vida preza pela permanência da vida. Ao que devemos nos atentar: prezar pela permanência da vida não é apenas prezar pela sua duração temporal, não é prezar apenas para que o corpo orgânico se mantenha hígido e saudável, mas sim para que a vida possa manifestar-se. Cuidar da vida não é cuidar de um objeto, mas cuidar da possibilidade de sua manifestação viva e mantendo diálogo intersubjetivo.

Dito isto, a investigação continua adentrando agora assuntos e domínios mais especificamente ligados à Psicologia. Especificamente a Psicopatologia, e uma abordagem fenomenológica, analisando algumas intencionalidades circundantes nos cenários hipotéticos.

### **Uma fenomenologia do cuidado e algumas questões para a Psicologia.**

Desse modo, há de se retomar aqui uma diferenciação importante, e que justifica a essa altura do texto, a relevância da demarcação do lugar do outro na fenomenologia husserliana. Existe uma diferença fundamental entre um cuidado direcionado a um mero objeto natural, como, por vezes, o corpo humano é encarado nas práticas de saúde, e tratar-se de um outro semelhante a esse eu, que se apresenta enquanto outro e que também é posto em uma relação intencional com o mundo, a quem eu percebo, e que me percebe (HUSSERL, 1931/2001).

Nesse ponto, não se nega que o corpo humano ocupe, de fato, um lugar de objeto natural, pois também o é na sua disposição objetiva no mundo; porém é atentar para a mudança de atitude, da orientação natural para a orientação fenomenológica. Assim, adianta-se que o homem pode, pela intuição particular e empírica do corpo, ser tomado como um objeto natural, um eu no sentido natural; mas pode também ser posto em uma relação empática, por via do reconhecimento deste corpo humano, de sua interioridade e de sua característica de também ser um eu (HUSSERL, 1913/2006; 1931/2001; 1936/2012). Ou mesmo, poder-se-ia pensar neste corpo animal vivo, como também senciente, e portanto, também aberto para relações empáticas

(BASTOS, 2018), apesar de valer lembrarmos das especificidades já apontadas neste texto sobre este tema.

Assim, tendo que dar conta desta demanda, de um olhar para o outro no que confere a sua interioridade, se assim pudermos chamá-la, compreender o outro em seu fluxo de vividos e no que diz respeito às suas vinculações (HUSSERL, 1931/2001), cabe-nos debruçar sobre a Psicologia e a Psicopatologia. Destarte, um aspecto que merece particular atenção, são os casos em que o suicídio é tentado; e os casos psicopatológicos de depressão como comorbidade de outras patologias. Verifico aí uma manifestação do corpo vivido, esta estrutura orgânica e psicofísica, como também via de manifestação de determinadas disposições, e para ilustrar tais manifestações, são proveitosos exemplos.

De tal modo, penso aqui, de modo ilustrativo, o cuidado enquanto uma cura de um corpo. Contudo, a cura não é produzida pelo agente da saúde, nem pela técnica ou intervenção. A saúde enquanto um produto, enquanto algo que é vendido, comercializado e institucionalizado não pode ser produzido em uma relação unilateral (GARDAME, 2006). O corpo vivo expressa um autocuidado, por vezes teimoso à uma certa vontade do sujeito curado, mas nunca totalmente alheio a esta vontade. É importante situar que o corpo do qual se fala opera na sua condição de organismo psicofísico (HUSSERL, 1931/2001), e, portanto, que comparece para o médico como um objeto natural do mundo, sobre o qual é possível intervir e obter resultados, mas que depende também desse próprio corpo encontrar diante de tais intervenções certas disposições para curar-se.

Imaginemos dois cenários para que possamos pensar sobre o seguinte tema. O primeiro cenário é hipotético: um tentante suicida que conseguiu atendimento em tempo hábil e foi socorrido por uma equipe de profissionais da saúde, que após uma série de intervenções, conseguiram manter-lhe vivo, mesmo que esses profissionais não estivessem particularmente preocupados com esse resultado, as suas intervenções foram suficientes para que este corpo, enquanto instância psicofísica, encontrasse condições de curar-se. O segundo cenário diz respeito a uma constatação muito curiosa sobre a psicossomática: um sujeito adoecido existencialmente, com depressão, por exemplo, tende a ter complicações em casos de adoecimento, como em pacientes submetidos a hemodiálise (LUZ; OLIVEIRA, 2019) ou quando há comorbidade entre depressão e tuberculose (ARAÚJO; PEREIRA. SANTOS, 2014), seja pela redução da imunidade causada pela depressão, ou por baixa adesão ao tratamento.

Poderia supor, para fins gerais, que o tentante suicida, no caso hipotético, estivesse acometido por uma depressão clínica, assim como tais pacientes com tuberculose ou hemodiálise. É necessário que percebamos a disposição deste corpo psicofísico, orgânico, como

também manifestante da intencionalidade deste sujeito, dessa consciência que se dirige para um esvaziamento, ou seja, para uma vivência de esvaziamento (SOARES, 2019), se assim pudermos delimitar um aspecto eidético da vivência depressiva.

Diante deste ponto, é importante que não se confunda necessariamente atos de volição com intencionalidade. A intencionalidade como um “dirigir-se à” da consciência não é um correlato perfeito de uma vontade do sujeito. Assim, o corpo desse sujeito depressivo, ao mesmo tempo que reflete somaticamente aspectos de uma disposição do ego, de sua intencionalidade, por exemplo; está também disposto sob a ação e intervenção daqueles que visam o seu cuidado.

Isso se deve ao fato de o corpo unir o eu psicofísico com o eu pessoal, e deste mesmo corpo, quando é percebido por outrem, pertencer sempre, enquanto objeto percebido, à esfera das vinculações de um outro; um objeto que lhe pertence, e sob o qual dirijo sua intencionalidade. Além de admito que o corpo está sempre presente, mediante a descoberta daquele mundo objetivo, intersubjetivo (HUSSERL, 1931/2001).

Afinal, o que se encontra aqui é que o corpo psicofísico reflete as intencionalidades dispostas sobre ele, que o tomam como objeto. Seja a intencionalidade da consciência que o habita, seja a consciência que almeja curá-lo, cuidá-lo. E ainda, a evidência de que o corpo se dispõe a se cicatrizar, as células replicam-se e isto pertence ao caráter material do corpo, e é se valendo desta disposição corpórea que o corpo se cura, sendo afetado pelas intencionalidades que tomam este corpo como objeto, e que lhe criam condições adequadas de cura.

Assim, em virtude dessa dualidade, acerca da influência dos aspectos da consciência sobre o corpo, é preciso ressaltar sua dupla funcionalidade dentro da obra husserliana, como muito bem delimitada por Missaggia (2017). O corpo, diante do ego transcendental, pode ser compreendido em sua materialidade, apenas como coisa física, nos termos trazidos pelo autor como *Körper*, e a essa natureza do corpo, é compreensível as propriedades de multiplicação celular, e tudo mais que é autônomo. Contudo, o corpo é também um corpo vivo, ligado à consciência, mesmo que transcendentalmente reduzida, em especial por ser ele o ponto originário da percepção, de toda sinestesia e cinestesia; e a este corpo, chamado por Husserl de *Lieb*, cabe uma relação intrínseca com a consciência.

Portanto, é interessante retornar a análise do cuidado enquanto fruto de uma atividade anímica, pois isso nos remete a visitar uma compreensão apresentada pelo filósofo Hans Jonas (1966/2004) acerca do problema da vida. Sem adentrar a fundo nas questões apresentadas pelo filósofo, parece-nos interessante a tese de que a vida, mesmo nas suas formas mais simples e singelas, como as unicelulares, buscar por uma automanutenção. Se tomada corretamente,



pode-se colocar a questão do cuidado como uma dimensão ontológica inerente à vida, e também eidético, pois só a vida cuida, visto que o cuidado é um ato; e que, sem uma relação de cuidado para consigo, para com os outros e para com os objetos no mundo, a vida não seria sustentável.

A prerrogativa é de tal maneira interessante, que se acaso houvesse existido uma vida que não fosse capaz de nenhum exercício de cuidado, ela teria por destino desaparecer mais rapidamente, em especial por não se perpetuar enquanto espécie, pelo próprio princípio do Darwinismo (DESMOND; MOORE, 2009). Mesmo quando, e isso é comum em vários casos animais, o indivíduo sacrifica-se para cuidar da coletividade, por exemplo as abelhas em relação a colmeia (MORIN, 1973).

Contudo, isso põe em um problema: e quando o ser humano, especificamente, descuida de si? Entendo que acerca do cuidado, no rigor fenomenológico, não poderia ser posto como *apriori* necessário da atividade anímica, embora encontro, como exposto, um certo nível de evidência dessa relação essencial e necessária. Afinal, é preciso cuidar minimamente, sob o encontro de uma dialética entre ser e não ser; mesmo que esse cuidado seja circunstancial, acidental ou não volitivo; e para isto, desde a respiração até a alimentação apresentam enquanto facetas deste cuidado.

Aqui a virada é a mesma feita anteriormente, com a relação do profissional da saúde desinteressado ou coagido: é preciso que se perceba para qual sentido a sua intencionalidade se dirige, e, que se perceba o sentido atribuído na vivência desse sujeito, que em seu exercício de liberdade, pratica a violência para consigo. De maneira curiosa, posso abordar o suicídio de Sócrates, não necessariamente patológico, como um ato de cuidado com sua conduta, ensinamentos e imagem (PUENTES, 2008); ou um suicídio de um indivíduo acometido por transtorno depressivo maior, vivenciando o sofrimento (SOARES, 2019), como um cuidado para sua experiência, e o direcionamento para o seu não mais sofrer como uma forma de cuidado de si, e de modo semelhante a eutanásia. Afinal, quando Soares (2019, p. 179) nos apresenta as considerações de Tatossian sobre a melancolia e a depressão:

O melancólico, por vivenciar um esvaziamento e uma incapacidade basal, tem uma relação de proximidade com a morte, deseja-a e a vê como libertação dessa impotência para viver. A morte melancólica, porém, se diferencia da morte para o homem normal, pois por ser um pensamento transcendente e exterior ao sujeito, o melancólico busca, por meio do suicídio, paradoxalmente, a vida, por ver naquele a última oportunidade de realizar uma ação verdadeira. Essa é a dualidade do suicídio melancólico, pois o indivíduo busca a libertação por seu intermédio, na ilusão de que a morte lhe trará a cura [...].

Nessa linha de raciocínio, poderia até propor uma compreensão do adoecimento psicopatológico; em especial nos casos comumente chamados de loucura, e na experiência da dor; como modos de um cuidado deste eu para consigo mesmo. Destarte, tal qual a febre é um

primeiro indício a ser seguido de que há a necessidade de uma atenção àquele indivíduo, o adoecimento psicopatológico também o é. Portanto, é uma maneira de comunicar – no sentido próprio de tornar comum à sua comunidade – que ali há necessidade de cuidados, não sem motivos, a experiência narra que, no tangente à psicossomática, o sintoma é um sinal do descaminho de alguma relação (BINSWANGER, 1935/2001).

Pensemos nos casos discutidos pelo psiquiatra L. Binswanger (1935/2001), que de alguma forma era próximo à fenomenologia de E. Husserl, e em como os sintomas psicossomáticos apareciam e desapareciam conforme os dramas relacionais, de caráter interpessoal, da paciente iam resolvendo-se. Os sintomas e dores físicas vivenciadas por ela seriam, nesse caso, um sinal de relações que precisariam ser trabalhadas, e de conteúdos afetivos que precisavam externar-se por meio da comunicação efetiva de uma realidade existencial. Ou ainda, podemos entender como o adoecido, no caso da psicopatologia, adoece mediante o adoecimento de seu mundo, de suas relações, e como esse mundo é constantemente atualizado quando os outros apresentam-se, naquilo que cabe à intersubjetividade constituir.

Para além, poder-se-ia compreender até mesmo as relações de violência por meio de uma relação de cuidado. Em prol de um cuidado para com algo, que se julga ameaçado ou que se quer mais seguro, exerce-se a violência, como modo de garantir uma região intersubjetiva comum, em que há a primazia pelo que é cuidado, e a desconsideração daquilo que é violentado, no sentido próprio de violado.

Basta imaginar as relações homofóbicas, e em como a existência de uma outra possibilidade de orientação sexual é vivenciada como uma ameaça a um modelo de vida heteronormativo, que é o cenário discutido por Gurgel e Uziel (2019), não sem razões o termo fóbico foi empregado nessa relação com a orientação sexual divergente. Ou ainda, em como as agressões voltadas para a mulher no contexto domiciliar, tão comum no Brasil, conforme Oliveira et al. (2019), narram como a liberdade e o desejo feminino ameaçam um estatuto de ingênua segurança, poder e controle do homem na relação. Em todos esses casos, a orientação é natural, pois não se permite uma relação empática no exercício dessa manutenção e cuidado a um modo de existência e a uma relação hierárquica. Fica nítido como essas relações não são levadas, assim ao plano da reflexão, tão cara a fenomenologia.

Por fim, retorna-se as questões que ficaram em aberto neste tópico: e quando os supostos atos de cuidado, são na verdade, descuidados? A questão do suicídio parece, no momento, suficientemente atendida, diante desta compreensão que poder-se-ia estender para os comportamentos auto lesivos; contudo, em uma relação interpessoal, como nos casos de mães

superprotetoras, que apresentam relações tão danosas aos filhos (TEODORO; KOGA; NAKASU, 2017).

Por mais que fosse possível fazer uso do mesmo giro de perspectiva realizado anteriormente, no qual se afirmaria que a mãe superprotetora ao tentar cuidando do filho, estaria na verdade cuidando de si, e buscando uma manutenção de alguma suposta segurança de seu, tão importante, filho, existe outra possibilidade de compreensão deste fenômeno que talvez seja mais interessante. Com a exceção de quando a superproteção seja um modo em que a mãe se posicione na relação para prejudicar o filho, com certo caráter proposital; a superproteção pode ser compreendida como uma relação de cuidado de fato, mas naturalizada de tal modo, que os *aprioris* sobre as vontades e desejos do filho, bem como do que seriam garantias de segurança, encobrem o sofrimento e cerceio da criança. É um ponto de encontro entre o conhecimento, de como cuidar, e o próprio ato de dispor-se a cuidar.

Como exemplo ilustrativo desse tipo de relação, proponho o caso de uma pessoa que genuinamente goste muito de plantas e jardins, e ao longo de sua vida aprendeu que plantas necessitam de água diariamente. Posso, inclusive, apresentar nessa narrativa ficcional, que esta pessoa tenha aprendido a reconhecer os sinais de uma planta desidratada. Contudo, o leito pode imaginar que certo dia ela ganhe um cacto, e que o saber teórico a impeça de perceber de modo direto os efeitos do excesso na planta, que começa a ter suas raízes apodrecidas. O saber teórico, que prediz como cuidar, quando visado em detrimento à coisa mesma, pode comprometer a relação de cuidado, apesar das disposições genuínas de cuidar. Como exemplo, é oportuno rememorar de como o tabaco, logo que foi introduzido no continente europeu foi associado à saúde, antes que séculos depois descobrissem seu aspecto nocivo (REZENDE JÚNIOR, 2013).

Isso nos permite retomar a questão do cuidado com o animal. Afinal, com já foi explicitado, se este já não se encontra emparelhado da mesma maneira que um humano percebe outro; como haveríamos de constituir um conhecimento sobre o cuidado deste animal? Ainda mais naquele cuidado que vai para além do corpo do animal enquanto objeto das ciências naturais? E se foi possível levar a reflexão do cuidado ao machismo e à homofobia, não seria possível levá-la também ao especismo? Uma vez que já foi também estabelecida uma relação, inclusive mais íntima, entre especismo e o racismo (BASTOS, 2018). Estas são perguntas que encontrarão desdobramentos e reflexões futuras, mas que devo demarcá-las aqui, para que se entenda que elas não são sem motivos.

Nesse ponto, parece interessante justamente que é possível a constituição de um saber sobre o cuidado de modo naturalizado, tomando, por exemplo, o corpo do outro como um objeto

particular, meramente material, sem que se entre em contato com o outro em uma dimensão empática. Portanto, a fenomenologia comparece, de tal forma a compreender então um modo de existir com o outro, de um modo de orientação diferente da naturalista, e portanto, constituindo um saber sobre esse outro, despedido de *aprioris* teóricos e demais preconceitos.

Destarte, a fenomenologia permite que o outro exista enquanto tal, possibilitando uma relação em que o outro se coloque para além de um corpo, mas por meio deste corpo, e possa ser concebido como também existente enquanto uma outra consciência intencional. Assim, elucidado mais uma característica essencial do cuidado: enquanto ato intencional, o cuidar, o dirigir a um objeto, precisa que exista algum conhecimento acerca desse objeto, seja esse conhecimento teórico, ou seja adquirido na mirada direta, no retorno às coisas mesmas, e na doação originária desse objeto à consciência enquanto fenômeno.

Tal desvelamento tem uma consequência direta, não só para a psicologia, mas para todas as ciências que se propõe a pensar um cuidado sobre o homem. A questão a ser colocada é que, as formas de cuidar são tão diversas quanto os modelos teóricos e os caminhos metodológicos que apresentam um conhecimento sobre o objeto de cuidado.

### **Reflexões do Capítulo**

Assim, compreendo que a fenomenologia husserliana consegue apresentar uma proposta crítica para que se possa pensar e refletir sobre a condição do homem no mundo, e sobre como este deve se orientar em sua existência, em relação aos outros e ao mundo-da-vida. Desse modo, a saída da orientação natural, norteada por concepções apriorísticas e distanciada do mundo enquanto dado originário da experiência; e o reencontro com as coisas mesmas, na atitude fenomenológica, onde encontram-se também os outros, comparece como um modo interessante de pensar o cuidado, em especial, levando-o para a dimensão da ética.

Ademais, é possível ainda em E. Husserl fazer uma crítica ao raciocínio tecno no ponto exato em que lhe falta uma racionalidade mais humana, no sentido da manutenção de problemas sociais e ecológicos ainda vigentes. Afinal, no fazer da razão técnica foram produzidos carros, que vivem engarrafados; fizeram-se bombas para pôr fim a guerras e alcançar a paz; construíram-se cidades cinzas e engarrafadas, e desmataram-se florestas cheias de vida. Não se quer uma crítica rasa como se bombas, carros e cidades sejam necessariamente algo maligno, não é isso. Mas na nossa relação ingênua com tais objetos, podem nos evidenciar os caminhos da barbárie.

Quanto aos primeiros passos da fenomenologia do cuidado, é oportuno situar as delimitações essenciais deste fenômeno. Assim, o cuidado é um ato intencional, ou seja, precisa

ser dirigido para um objeto, de maneira que a consciência que cuida importe-se e preocupe-se com este objeto cuidado, antecipando cenários possíveis a fim de conservá-lo.

E mais, o cuidar enquanto atividade inerente da vida encontra uma importância ontológica, visto que a vida precisa ser conservada, e neste sentido o cuidado, em essência, é também um tipo de conservação. Conclui também que o cuidado se difere quanto ao objeto e aos modos de vinculação desse objeto, visto que, por mais importante, único e precioso que possa ser um objeto, sua manutenção não envolve a possibilidade de uma vinculação empática, diferentemente das relações em que há em jogo um outro corpo vivo que se posiciona no mundo como um outro. Porém, sem ignorar que este corpo vivo pode ser tomado unicamente como objeto natural, e ser cuidado como um não-outro.

No tangente à Psicologia, é perceptível como a relação de cuidado tem implicações importantes em aspectos psicopatológicos. Especialmente em como possibilita uma via de análise dos modos como a pessoa se relaciona no mundo, em uma análise de para onde sua intencionalidade se dirige no seu fluxo de vividos, e quais as consequências disso para a sua existência.

E, finalmente, demonstrou uma relação entre o conhecimento e as relações de cuidado como necessárias, de maneira a evidenciar que, como o cuidado dirige-se a um objeto, é preciso que se conheça esse objeto. Assim, apresentou e endossou a fenomenologia como caminho epistemológico possível para a Psicologia de modo a não naturalizar as relações de cuidado que consistem em caráter primordial na prática profissional do psicólogo. Desse modo, ressaltando a necessidade de uma continuidade no trabalho de se estabelecer uma fenomenologia do cuidado.

## CAPÍTULO V

### **O CUIDADO EVIDENCIADO NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA:**

a descrição dos artigos científicos possibilitada pela Fenomenologia

A partir deste capítulo, tive duas missões, que foram executadas ao longo destes dois últimos capítulos, sendo o capítulo quinto uma apresentação geral e descritiva do que foi encontrado, e o capítulo sexto uma discussão crítica com base nas descrições realizadas. Assim, a primeira missão consistiu em apresentar, de modo sintético, uma descrição dos artigos científicos que versam sobre as IAAs, especialmente naquilo que evidencia os fenômenos do cuidado e da ética. Em compreender por qual tipo de rigor científico tais artigos tem várias vezes clamado (CROSSMAN, KAZDIN, 2018; HERDIGER et al., 2019b; KAZDIN, 2017; MCCUNE; ESPOSITO; GRIFFIN, 2017; WAITE; HAMILTON; O'BRIEN, 2018) o que se espera das revisões bibliográficas (ARTZ; DAVIS, 2017; BRELSFORD et al., 2017; HOLTTUM, 2018; JONES; RICE; COTTON, 2019; NAKAJIMA, 2017; OWENBY, 2017; SHEN et al., 2018; WAITE; HAMILTON; O'BRIEN, 2018), dos estudos teóricos (BACHI; PARISH-PLASS, 2017; BEETZ 2017; FINE, BECK; ZENITHSON, 2019; HEDIGER et al., 2019b; HOSEY et al., 2018; MCCUNE, ESPOSITO; GRIFFIN, 2017; MENNA et al., 2019; ZILCHA-MANO, 2017) e dos estudos empíricos (CROSSMAN; KAZDIN, 2018; FLYNN et al., 2019; GERMONE et al., 2019; HEDIGER et al., 2019a MCCULLOUGH et al., 2018; MUCKLE; LASIKIEWICZ, 2017; MUELA et al., 2017; MUELA et al., 2019; JAROLMEN; PATEL, 2018; GIULIANI; JACQUEMETTAZ, 2017; PENDRY; KUZARA; GEE, 2019; PENDRY; VANDAGRIFF; CARR, 2019; SCHMITZ et al., 2017; SILVA; OSÓRIO, 2018; TOURNIER; VIVES; POSTAL, 2017; WANSER; UDELL, 2019), que foram os principais tipos de artigos levantados e analisados.

Consistiu em evidenciar a ausência da legislação referente ao bem-estar animal ser ausente em muitas publicações (CROSSMAN; KAZDIN, 2018; FLYNN et al., 2019; GERMONE et al., 2019; HEDIGER et al., 2019a MCCULLOUGH et al., 2018; MUCKLE; LASIKIEWICZ, 2017; MUELA et al., 2017; MUELA et al., 2019; JAROLMEN; PATEL, 2018; GIULIANI; JACQUEMETTAZ, 2017; PENDRY; KUZARA; GEE, 2019; SCHMITZ et al., 2017; TOURNIER; VIVES; POSTAL, 2017; WANSER; UDELL, 2019); ou ainda sobre a diversidade de protocolos e práticas têm sido estabelecidas pelos psicólogos em seus estudos como forma de exercer sua tarefa de fornecer uma terapêutica (CHANDLER, 2018; JONES, 2018; GERMONE et al., 2018; HEDIGER et al., 2019a; PENDRY; VANDAGRIFF; CARR, 2019). Interessou-me ainda, muitíssimo, tentar compreender quais saberes etológicos os

psicólogos conseguem constituir e manter sobre as diversas espécies animais, visto que muitos dos estudos não apontam para o trabalho multidisciplinar ou interdisciplinar com a figura do veterinário (CROSSMAN; KAZDIN, 2018; FLYNN et al., 2019; MCCULLOUGH et al., 2018; MUCKLE; LASIKIEWICZ, 2017; JAROLMEN; PATEL, 2018; GIULIANI; JACQUEMETTAZ, 2017; PENDRY; KUZARA; GEE, 2019; PENDRY; VANDAGRIFF; CARR, 2019; SCHMITZ et al., 2017; SILVA; OSÓRIO, 2018; TOURNIER; VIVES; POSTAL, 2017; WANSER; UDELL, 2019).

A segunda consistiu em fomentar uma discussão sobre o evidenciado na literatura e o que foi discutido nos capítulos anteriores. Assim, foi oportuno estabelecer a crítica husserliana sobre o naturalismo, bem como a sua relação com a tomada de fenômenos que não deveriam ser abarcados unicamente pela metodologia das ciências naturais. Afinal, verifiquei de modo recorrente na literatura a utilização de exegeses teóricas para dar conta do fenômeno do vínculo, nem sempre rigorosos à própria vivência da pessoa em questão.

Tal aspecto pôde ser facilmente percebido pelas vezes em que os artigos abordavam, ou como uma atitude positiva em relação aos animais (CROSSMAN; KAZDIN, 2018), ou como o fato de a pessoa ter sido tutor de pet em algum momento da vida (HOLTTUM, 2018) interferiram nos resultados obtidos.

Não obstante, verifiquei também inúmeras vezes a tomada dos dados por meio das análises estatísticas (PENDRY; KUZARA; GEE, 2019; PENDRY; VANDAGRIFF; CARR, 2019; SCHMITZ et al., 2017; SILVA; OSÓRIO, 2018; TOURNIER; VIVES; POSTAL, 2017; WANSER; UDELL, 2019), o que apenas realçou a existência de uma correlação entre as IAAs e os inúmeros benefícios atribuídos originalmente às IAAs. De mesmo modo, é sabido que apesar de subsidiar a eficácia das IAAs, e poderem ajudar a isolar “variáveis” que possam vir a interferir no processo; o mero tratamento estatístico dos dados não é capaz de fornecer, seguindo o que é esperado das ciências, uma relação causal-explicativa entre os fenômenos de modo a constituir uma teoria.

Logo, para este fim, comumente os artigos clamaram por teorias de fundo biológico, reduzindo a compreensão de vários fenômenos ao seu aspecto orgânico (BEETZ, 2017; SILVA; OSÓRIO, 2018), ou então apresentando uma compreensão psicologista (BEETZ, 2017; ZILCHA-MANO, 2017), também esvaindo o fenômeno de seus significados. De tal maneira que a própria literatura, em alguns casos (PENDRY; KUZARA; GEE, 2019; PENDRY; VANDAGRIFF; CARR, 2019), muito mais parece se propor a discutir os impactos da interação, do que compreender as IAAs como um vínculo.

**Do Processo de Pesquisa:** o que foi encontrado, como foi encontrado e algumas apresentações gráficas dos achados.

Conforme narrado anteriormente, a busca por literatura deu-se na plataforma de periódicos da CAPES, seguindo os critérios de busca supracitados, encontrei 54 artigos científicos, dos quais 37 atendiam aos critérios outrora estabelecidos. Assim, para uma melhor compreensão do método de seleção dos artigos, é oportuno retomar os procedimentos e os critérios supracitados.

Todos os artigos selecionados e avaliados nesta pesquisa originaram-se da plataforma de Periódicos da CAPES, na qual realizei três buscas distintas. Durante a primeira busca, utilizei os termos “animal-assisted”, com a opção selecionada de estar presente no título do artigo, e o termo “psychology”, com a opção selecionada de estar em qualquer parte do texto. As duas pesquisas que se sucederam apenas contaram com a alteração dos termos pelas suas respectivas traduções em português e espanhol: “assistida por animais” e “psicologia”, e “assistido por animales” e “psicologia”.

É notório que as pesquisas em português e espanhol não geraram resultados, de tal maneira que todos os 54 artigos encontrados e levados à triagem estavam escritos e haviam sido publicados em língua inglesa. Ademais, um único artigo brasileiro foi encontrado nesse processo de pesquisa, igualmente publicado em inglês (SILVA; OSÓRIO, 2018). Ademais, situo que a pesquisa foi feita na busca avançada por assuntos, e diante do login pessoal na plataforma, por meio da função Meu Espaço.

O uso dos termos “Assistida por Animais”, e suas respectivas traduções, foi devido ao caráter mais inclusivo do termo em detrimento de pesquisar uma por uma das nomenclaturas tradicionais (JEGATHEESAN et al., 2015): Intervenções Assistidas por Animais, Educação Assistidas por Animais, Atividade Assistidas por Animais ou Terapia Assistida por Animais. Assim, priorizei enquanto estratégia de pesquisa limitar-me ao termo comum, com a finalidade de economia de tempo e trabalho.

Destaco aqui que, apesar de todos os resultados encontrados estarem escritos em língua inglesa, seriam considerados apenas os resultados escritos em inglês, Português ou Espanhol. Isso se deve ao fato de serem os idiomas cujas minhas competências linguísticas propiciariam uma leitura mais segura. Especialmente, verificou-se que quando utilizados tais descritores em línguas divergentes do Inglês, não foram encontrados resultados. Contudo, é sabido que o portal de periódicos da CAPES é capaz de apresentar resultados nos três idiomas.



Assim, o quadro a seguir apresenta os critérios de inclusão e exclusão aplicados aos 54 artigos encontrados:

**QUADRO I – CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO**

Critérios de Inclusão	Critérios de Exclusão
Ter, pelo menos, um (1) autor graduado em Psicologia.	Ter sido escrito em Idioma diferente do inglês, português ou espanhol
O artigo deve apresentar uma estrutura mínima, com título, introdução, metodologia, discussão e conclusão ou considerações finais	Ter sido publicado fora das datas estabelecidas nos critérios de busca (01/01/2017 a 31/12/2019).
Ter aparecido como resultado da pesquisa na plataforma de periódico da CAPES no momento que a consulta foi realizada.	Se o artigo foque em modelo interventivo diferente da Terapia Assistida por Animais, da Atividades Assistidas por Animais ou da Educação Assistida por Animais.

Fonte: Elaborado pelo Autor, conforme elegido pelo desenho metodológico

Assim, esclareço o motivo de tais critérios terem sido elencados. A começar pelo intervalo de tempo considerado para a publicação dos artigos, que foi de primeiro de janeiro de 2017 até o dia trinta e um de dezembro de 2019. Isso se deveu pelo processo de levantamento dos artigos ocorreu ao findar do ano de 2019 e início do ano de 2020. Sendo, portanto, um retrato fidedigno das produções até o momento da finalização desta pesquisa, levando em conta todo o processo de publicação de periódicos.

A especificidade de ter que contar com pelo menos um psicólogo como autor é decorrente do próprio objetivo da pesquisa, visou coerência com o objetivo desta, que se compromete em discutir a manifestação dos fenômenos da ética e do cuidado na literatura que aborde as Intervenções Assistidas por Animais na área da Psicologia. Assim, sabendo que as IAA's se configuram enquanto uma prática relevante para várias outras profissões (DOTTI, 2014), como para médicos, enfermeiros, fisioterapeutas etc., foi necessário especificar quais produções efetivamente interessavam para fim estabelecido.

Desse modo, no caso das publicações produzidas por vários autores, foi necessário que possuíssem ao menos um profissional da psicologia para serem incluídas nesta pesquisa. Para certificar-me das formações de tais autores, contei com auxílio de sites institucionais, das informações presentes nos próprios artigos e da rede social linkedIn.

Desse modo, para cada um dos artigos selecionados foi preenchido um quadro de análise, de modo próximo ao já realizado por Borba (2011) e Silva (2019), para auxiliar no processo descritivo. O objetivo de cada quadro foi de sistematizar as evidências e pressupostos epistemológicos de cada artigo em sua relação com o fenômeno do cuidar.

Os quadros foram subdivididos em três partes, a primeira possuindo função de identificação do artigo, a segunda elencou evidências mais diretas e objetivas sobre condutas e informações que apontem para uma preocupação ética e para um cuidado na condução dos estudos; e a terceira dispôs de um espaço aberto para evidênciação geral das preocupações e cuidados dos autores.

Assim, tais quadros procuraram elencar quem foram os autores, os países de origem, o tipo de pesquisa, o objetivo, os referenciais epistemológicos; se houveram menções às legislações, aos comitês de pesquisa, aos protocolos e entidades reguladoras; e para quem o cuidado se destinava quando era evidenciado.

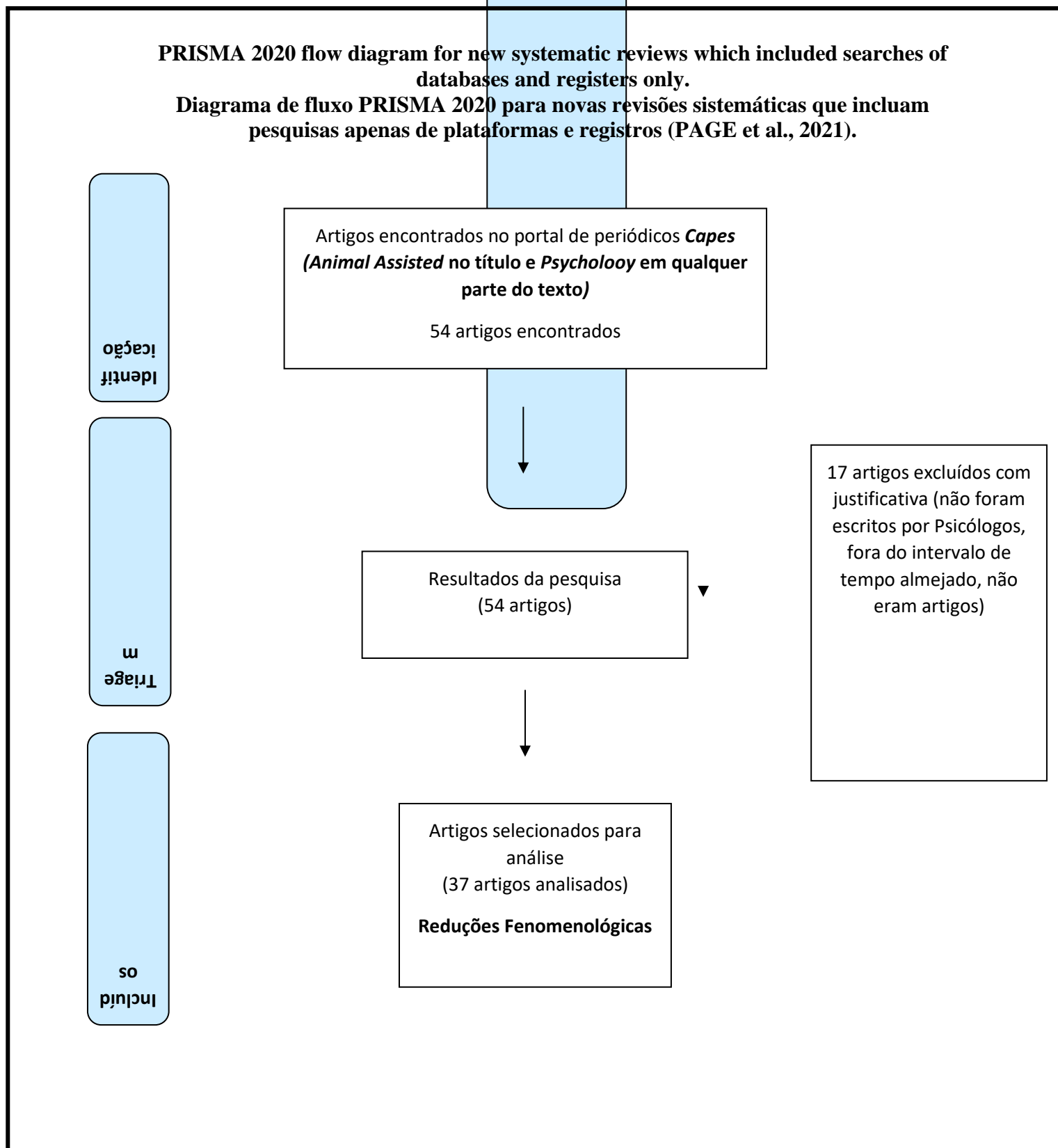
Dito isto, para finalidades gráficas e para melhor explicitar e ilustrar o processo de seleção e triagem dos artigos, segue o diagrama Prisma, que tem como função demonstrar o número de artigos que foram efetivamente selecionados para compor esta pesquisa e o fluxo de triagem, bem como o número de artigos que foram descartados no processo, conforme proposto por Page et al. (2020).

A escolha pela representação gráfica do diagrama Prisma também ocorreu com a finalidade de apresentar uma noção de movimento. Assim, demonstrando com maior clareza o sequenciamento das etapas realizadas.

FIGURA I – DIAGRAMA PRISMA DEMONSTRANDO FLUXOGRAMA DA PESQUISA

PRISMA 2020 flow diagram for new systematic reviews which included searches of databases and registers only.

Diagrama de fluxo PRISMA 2020 para novas revisões sistemáticas que incluem pesquisas apenas de plataformas e registros (PAGE et al., 2021).



Fonte: Elaborado pelo Autor, conforme modelo apresentado por Page et al. (2021).

Por fim, foi também gerada uma planilha no programa Excel, alimentada a partir do preenchimento dos quadros de análise, e que gerou para propiciar uma visada mais geral sobre a situação dos artigos que compuseram esta pesquisa.

**Caracterização dos achados:** uma primeira descrição dos conhecimentos produzidos

Assim, com esses artigos, almejo, de modo consistente, apresentar um retrato fidedigno dos interesses e pressupostos científicos que rondam o tema das Intervenções Assistidas por Animais, especialmente no tocante às divergências de concepções e entendimentos sobre o tema.

Adianto que a falta de uniformidade, tanto no que concerne à compreensão do lugar dos animais durante o processo interventivo, quanto nos aspectos operacionais, protocolares e técnicos, evidenciou, de imediato, uma pluralidade de perspectivas. Tal pluralidade assume um caráter de suma importância devida à variedade de práticas possíveis ao Psicólogo, mediante tais divergências.

Como exemplo dessa diversidade, cito de imediato a diferença situada por Nakajima (2017), ao apresentar a compreensão das IAAs no Japão, esclarecendo diferentemente do modelo ocidental, focado no desenvolvimento motor e cognitivo, o modelo japonês busca o desenvolvimento de valores cívicos, habilidades sociais, aprendizado sobre o corpo e a saúde, cuidado com a natureza, empatia e convivência pacífica.

Outras diferenças significativas, por exemplo, dizem respeito à compreensão do animal enquanto coterapeuta (ARTZ; DAVIS, 2017) ou não (PARISH-PLASS, 2018); ou ainda como se dá a interação entre os beneficiários das IAAs, se os animais são acariciados (JONES, 2018), ou se são direcionados para que os beneficiários possam dirigir-lhes cuidados (NAKAJIMA, 2017), mesmo que os níveis de consciência dos participantes sejam muito baixos (HEDIGER et al., 2019a), o que levanta a questão: afinal, de quais modos a presença dos animais é capaz de propiciar bem-estar ao ser humano?

Diante destes questionamentos, visando o aglomerado diverso de características dos estudos, resta-me apresentá-los de maneira oportuna, agrupando-os de modo pertinente, para posteriormente, sintetizá-los a fim de que tal síntese possa ser material de reflexão, problematização e crítica.

Assim, os artigos levantados foram enumerados, conforme sua ordem de aparecimento na página de pesquisa da plataforma da CAPES, durante o procedimento de pesquisa. Logo, tais artigos foram enumerados do número 1 ao número 54. Destes artigos, apenas foram aceitos e avaliados os artigos de números 1 a 6, 8, 11 a 14, 17 a 23, 25, 27, 29, 33, 35, 36, 38 a 40, 43 a 48, 50 a 53.

Após a leitura desses artigos, verificou-se que muito comumente eles obedeciam a classificação da Associação de Psicologia Americana (2012) que os qualificava mediante a seguinte tipologia: artigos teóricos, estudos empíricos, revisões de literatura, estudos metodológicos ou estudos de caso. É possível que a escolha por essa modalidade de tipologia deva-se ao fato de a literatura recolhida ser internacional, com uma expressiva preponderância de artigos estadunidenses.

Contudo, essa tipologia se demonstrou bastante útil para os nossos fins de pesquisa por duas razões. A primeira razão foi que, especialmente devida falta de estudos qualitativos, essa tipologia demonstra com muita clareza como o método das ciências naturais busca consolidar um conhecimento, que paradoxalmente, apesar do grande número de publicações e do interesse das revistas (BACHI; PARISH-PLASS, 2017), continua a carecer de bases mais sólidas, e de cada vez mais evidências que possam subsidiar a prática das IAAs (CROSSMAN, KAZDIN, 2018; HERDIGER et al., 2019b; KAZDIN, 2017; MCCUNE; ESPOSITO; GRIFFIN, 2017; WAITE; HAMILTON; O'BRIEN, 2018)

A segunda razão foi que essa tipologia tornou possível agrupar os artigos conforme suas propostas, referenciais epistemológicos e metodologias. Isso se deve ao simples fato de que o lugar de um estudo teórico, especificamente no referente ao seu objetivo, difere consideravelmente dos objetivos que possam ser almejados em um estudo empírico, ou ainda em uma pesquisa metodológica.

Portanto, optei por agrupar e classificar os materiais encontrados conforme a metodologia. Logo, foram encontrados, lidos e analisados 16 artigos empíricos, 8 artigos teóricos, 8 revisões da literatura, 1 artigo metodológico, 2 estudo de caso e 2 artigos que alegam conciliar um estudo teórico com um estudo de caso. Após essa classificação, iniciei a dupla tarefa: de uma leitura com os apriores suspensos, conforme preconiza a *epoché* husserliana, e a conseguinte descrição daquilo que estava posto e evidenciado (HUSSERL, 1913/2006); e a tarefa de estabelecer a crítica husserliana ao naturalismo na medida em que se evidenciaram modos de naturalização de fenômenos não pertencente ao domínio das ciências naturais (HUSSERL, 1911/1965).

Mais precisamente, a descrição resultou nas fichas presentes no Apêndice deste trabalho, enquanto a crítica husserliana demonstrou com mais clareza alguns equívocos ao abordar temas como vínculo, ou mesmo interação, entre animais humanos e não-humanos. Especificamente, é nítida a tentativa de encontrar uma fundamentação mais segura para as IAAs, recorrendo-se às estatísticas e explicações teóricas que anteveem o próprio fenômeno da (co)presença do animal humano e não humano.

O fato dos autores costumeiramente se voltarem para estatísticas outras explicações teóricas talvez se deva pela falta de uma fenomenologia do contato entre o animal humano e o não-humano. E desse modo, são perdidos de vista os aspectos fundamentais deste fenômeno, resultando na falta de clareza teórica e na falha constante em estabelecer uma única explicação ou um único nexos causal do porquê e como as Intervenções Assistidas por Animais apresentem resultados e benefícios aos seres humanos.

Elenco duas evidências dessa falta de clareza, de modo que se constitui algo ambíguo para a Psicologia na sua tentativa de compreender o que ocorre nas IAAs. A primeira evidência está situada tanto no artigo de Holtum (2018), que apresenta cinco possibilidades de compreender como as IAAs são capazes de beneficiar os seres humanos, quanto no de Beetz (2017), que apresenta mais oito possibilidades, resultando em um total de dez explicações possíveis, já que ambos apresentam três teorias em comum. A segunda evidência está na diversidade de procedimentos e condutas adotadas pelos beneficiários das IAAs (CHANDLER, 2018; JONES, 2018; GERMONE et al., 2018; HEDIGER et al., 2019a; PENDRY; VANDAGRIFF; CARR, 2019), mesmo que estes beneficiários estejam com estados mínimos de consciência (HEDIGER et al., 2019a).

Logo, diante do exposto, resta-me apresentar de maneira suficientemente descritiva, e seguidamente crítica, acerca dos trabalhos encontrados, mesmo que em sua extrema diversidade de métodos, teorizações, metodologias e epistemologias.

### **Uma classificação descritiva dos artigos analisados**

Diante do exposto, descrevo os artigos conforme a divisão proposta, mas ao passo que fizer isso, evidenciarei do modo necessário aquilo que, durante o processo descritivo, propiciou o agrupamento de tais artigos de modo tão fidedigno ao proposto pela APA (2012). E para isso, é oportuno que eu comece pela apresentação dos artigos empíricos.

#### ***Os artigos empíricos***

Os artigos empíricos, conforme a numeração dada na organização da tabela Excel foram os artigos de números 1, 4, 6, 8, 12, 17, 19, 21, 22, 25, 29, 33, 38, 47, 52 e 53. De Tal modo que correspondem aos artigos dos seguintes autores, respectivamente: Crossman e Kazdin (2018); MCCullough et al. (2018); Silva e Osório (2018); Germone et al. (2019); Tournier; Vives e Postal (2017); Wanser e Udell (2019); Flynn et al. (2019); Hediger et al. (2019a); Muela et al. (2017); Muckle e Lasikiewicz (2017); Jarolmen e Patel (2018); Giuliani e Jacquemettaz (2017); Pendry, Vandagriff e Carr (2019); Schmitz et al. (2017), Pendry, Kuzara e Gee (2019) e Muela et al. (2019).

Estabelecidas as autorias, posso abordar de modo consistente e geral os elementos comuns desses artigos, para posteriormente abordar as especificidades de cada um deles, de modo que seja possível compreender algumas peculiaridades que enriquecem a discussão que proponho aqui. Especialmente, diante dos fundamentos epistemológicos que sustentam tais pesquisas, uma vez que elas apresentam conjuntamente, um retrato fiel do espírito do método científico, principalmente no que tange ao modo como se dá o esforço das ciências naturais em conhecer os seus fenômenos (HUSSERL, 1911/1965; 1913/2006).

Um primeiro aspecto que ressalto dos estudos empíricos é a prevalência da Terapia Assistida por Animais em relação aos demais modelos interventivos. Apenas um estudo aborda também a Educação Assistida por Animais, mas ainda em conjunto com a Terapia Assistida por Animais (CROSSMAN, KAZDIN, 2018). As Atividades Assistidas por Animais também são abordadas de modo mais significativo.

Essa diferença é importante tendo em vista os objetivos dessas pesquisas, que visam mais comumente aspectos biológicos e psicológicos, com uma atenção central à temática da saúde e da qualidade de vida, especificamente diante de um direcionamento das pesquisas às condições patológicas ou funcionais dos indivíduos participantes desse estudo. De modo que há um sentido muito evidente na prevalência da Atividade Assistida por Animais e da Terapia Assistida por Animais, uma vez que se pode propor as Atividades Assistidas como um modelo de interação mais livre, e com maior amplitude de objetivos possíveis (DOTTI, 2014), que poderiam fugir dos objetivos terapêuticos, embora não o façam.

Assim, seria possível compreender que, independentemente de a pesquisa ter abordado a AAA ou a TAA, o modo como ambas as Intervenções foram propostas nas pesquisas foi muito semelhante. A grande diferença esteve na necessidade de uma maior estruturação procedimental e de um objetivo obrigatoriamente terapêutico, no caso da TAA, ou se a proposta interventiva preconizava uma interação mais livre, e cujos objetivos poderiam fugir de um escopo terapêutico, no caso, optou-se pelas AAA.

A única exceção a isto foi o artigo de Crossman e Kazdin (2018), que pelo seu objetivo de pesquisa, também não pôde ser enquadrado em nenhum contexto previsto nas fichas de análise. Isso ocorreu devido ao seu objeto de estudo ter sido uma análise sobre como a percepção e a atitude em relação aos animais domésticos poderiam interferir nas TAAs.

Sobre os demais estudos, é oportuno perceber os contextos em que eles foram desenvolvidos. Especificamente, os estudos empíricos tenderam a se desenvolverem no âmbito hospitalar e clínico, tanto adulto quanto infantil; mas também se desenvolveram em âmbitos

institucionais, inclusive algumas instituições educacionais, mas sem voltarem-se para o desenvolvimento da Educação Assistida por Animais.

Tal achado é coerente com os tipos de Intervenção privilegiadas nesta categoria de estudos, uma vez que se priorizou a execução das Terapias e Atividades Assistidas para que se pudessem observar como essas intervenções interferem nos fenômenos elegidos, estabelecendo uma relação causal ou funcional entre tais procedimentos e as condições elencadas. De modo está bastante evidente que se busca estabelecer uma conexão causal e material entre ambas as variáveis, havendo muito maior nas questões referentes ao campo da saúde.

Particularmente, é curioso perceber também como há uma fragilidade em tais estudos empíricos naquilo que tange ao estabelecer uma correlação entre uma explicação teórica natural que sustente e apresente às IAAs um caráter definitivamente explicativo e de previsibilidade e técnica, e o estabelecimento causal entre variáveis, sendo elas as Intervenções Assistidas por Animais e as condições patológicas ou funcionais elegidas.

O que percebo é que nos estudos em que o contexto interventivo é institucional, são visados aspectos como melhora de sintomas ansiosos, depressivos ou nos níveis de estresse, como foram os casos dos estudos de Muckle e Lasikiewicz (2017), Jarolmen e Patel (2018), Pendry, Vandagriff e Carr (2019). Ademais, também houve casos de contextos institucionais voltados para a atenção à idosos com demência (VIVES; POSTAL, 2017), e em crianças vítimas de violência (MUELA et al., 2019).

Desse modo, percebo que em contextos institucionais os autores frisaram por aspectos psicológicos que, ou se relacionem com psicopatologias, ou sejam indicativos da saúde e funcionalidade de populações específicas: idosos e crianças. Portanto, parece que as produções da psicologia no âmbito dos estudos empíricos estão muito mais voltadas para aspectos clínicos e de saúde, do que outros que visem objetivos educacionais, sociais ou comunitários.

Quanto aos estudos empíricos que foram realizados nos contextos clínicos e hospitalares, percebo que os estudos se segmentam de acordo com patologias, populações e aspectos específicos. Nesse aspecto, os estudos científicos empíricos no âmbito as IAAs se evidenciam na proposta de construir um mosaico, no qual cada vez mais, seria desvelado e descoberta uma nova população para ser beneficiada pelas IAAs, além da recorrência de estudos semelhantes, que visem replicar dados passados a fim de confirmar a eficácia dessas intervenções.

Percebo assim a fragilidade no estatuto das IAAs, conforme apontado por Beetz (2017), a possibilidade de supervalorização dos resultados (CROSSMAN, KAZDIN, 2018), a ocultação de resultados negativos (BEETZ, 2017), ou ainda a romantização das IAAs, conforme



narrado por Bachi e Parish-Plass (2017). As múltiplas teorizações sobre os processos e nexos causais explicativos de como a interação homem-animal possa vir a contribuir para o bem-estar e saúde humana ainda parecem desconectados da vivência do vínculo homem-animal, e tão pouco há um consenso entre os aspectos teóricos que expliquem de forma unificada os mecanismos por detrás dos resultados encontrados.

Dito isto, questiono a ênfase na construção desse mosaico das populações que possam se beneficiar das IAAs, ao passo em que a ciência natural, como deveria ser-lhe mister, ainda não encontrou um consenso dos nexos causais e materiais que expliquem satisfatoriamente seus achados. É evidente que existem teorizações validas, mas se a explicação de como se dão os benefícios das IAAs, se pela teoria do apego, se pela biofilia ou se pelos mecanismos de ação da ocitocina (BEETZ, 2017; HOLTTUM, 2018) parecerem-me questões mais urgentes e coerentes com a própria proposta científica, especialmente diante da matematização do mundo e seu ordenamento em leis naturais, já seguindo o espírito copérnico e galiléico denunciado por Husserl (1911/1965; 1913/2006; 1931/2001).

Assim, parece que a ciência natural se perdeu em seu próprio pragmatismo ao buscar evidências empíricas de sucesso, que por sua vez irão subsidiar a continuidade das IAAs em diversos contextos em uma logística de produtividade de publicações científicas, ao passo que não visa, com seus estudos empíricos, constituir um modelo explicativo geral que pudessem nortear as práticas das IAAs. Friso que o interesse do público e, conseqüentemente das revistas científicas, por estudos na área das IAAs já fora demarcado por Bachi e Parish-Plass (2017).

Destaco que o referencial epistemológico mais evidente em tais publicações é o referencial estatístico. Há, dentre a literatura levantada, um único artigo que se descreve como qualitativo (SCHMITZ et al., 2017), mas mesmo nele há momentos de discussões estatísticas. Assim, evidencia-se o uso instrumental da estatística para correlacionar as variáveis e o nível de influência que uma possui sobre a outra, ressaltando suas interferências.

A alta prevalência da utilização de ferramentas e análises estatísticas evidencia também a perda da dimensão vivencial nas propostas interventivas. Especialmente, no âmbito das IAAs, percebo que o sentido de uma pesquisa empírica corresponde a pesquisas quantitativas, e que as pesquisas empíricas de caráter qualitativo não foram evidenciadas de modo significativo. Destarte, houve autores que inclusive questionaram o rigor das informações adquiridas a partir dos relatos dos participantes dos estudos (GERMONE et al., 2018).

A prevalência de estudos empíricos sobre os demais, e ainda a prevalência do caráter quantitativo dos estudos empíricos evidenciam um movimento geral nas pesquisas em IAAs, que visam quantificar para melhor compreender e estudar. Percebo assim uma correspondência

entre a quantificação como uma tentativa de garantia de objetividade, o que preconiza um afastamento dos aspectos subjetivos da pesquisa, o que poderia ser abordado por um viés qualitativo, dentre os quais, a fenomenologia seria uma das alternativas para o desenvolvimento de pesquisas futuras.

Sobre os aspectos que dizem respeito à atenção dispensada e ao cuidado dirigido aos animais, humanos e não-humanos, durante o processo interventivo, posso situar que: apesar do caráter naturalista dos estudos empíricos, o cuidado e a ética estão evidenciados nos artigos. Especialmente diante do desenho dos protocolos interventivos (SILVA; OSÓRIO, 2018), das escalas e métodos de seleção dos animais, da utilização de instrumentos e testes como o C-BARQ (MCCULLOUGH et al., 2018). Contudo, apesar da evidenciação desses cuidados, é importante entender qual a compreensão dos pesquisadores sobre o bem-estar desses animais coterapeutas.

Descrevo também que a maior parte dos estudos empíricos fez referência à equipe multiprofissional, apesar de muitas vezes a figura do veterinário ter sido menor. Apenas quatro artigos situaram a figura do veterinário como membro da equipe (GERMONE et al., 2018; HEDIGER et al., 2019a; MUELA et al., 2017; MUELA et al., 2019). Percebo que apesar de quatro estudos citando o lugar dos veterinários, apenas três equipes de pesquisadores os citaram.

Observo que apenas uma pesquisa se valeu de um estudante de comportamento animal para intervir ao perceber sinais de estresse ou fadiga no animal (PENDRY; KUZARA; GEE, 2019). A figura mais proeminente foi a do “*handler*”, que foi traduzido nas fichas como tutor ou adestrador, mas que também há a possibilidade de tradução de Chelini e Otta (2016), como condutor. É o profissional que fica responsável por acompanhar o animal, atento a ele, durante o processo interventivo. É esperado um bom conhecimento etológico deste profissional.

Acrescento um comentário à única pesquisa brasileira levantada na pesquisa, que não apenas foi um dos artigos que descreveu de modo mais completo a equipe multiprofissional que se beneficiava das IAAs, mas também situou o papel importantíssimo dos funcionários responsáveis pela limpeza do hospital (SILVA; OSÓRIO, 2018).

Além da equipe multidisciplinar, é importante descrever que a maioria dos estudos empíricos passou por comitê de ética, e apenas cinco não apresentaram menções aos seus respectivos comitês (CROSSMAN; KAZDIN, 2018; FLYNN et al., 2019; GERMONE et al., 2019; JAROLMEN; PATEL, 2018; MUELA et al., 2017). É verdade que no caso de Crossman e Kazdin (2018), apesar de ser uma pesquisa empírica, os riscos foram reduzidos, pois propuseram a verificar a opinião de 210 pessoas sobre notícias falsas sobre as IAAs, para conferir a credibilidade das IAAs frente a um público específico.

Contudo, a ausência da menção aos comitês, especialmente nos estudos empíricos em que houve interações homem-animal são preocupantes, principalmente pelos riscos que podem ocorrer durante a intervenção. Como foi o caso da pesquisa de Germone et al. (2018), que apesar dos termos de consentimento, no documento em que tive acesso não há menção à aprovação em comitê de ética.

Especificamente, a submissão ao comitê é um dos pontos que demonstra a preocupação dos pesquisadores com alguma forma de cuidado e preocupação ética em seus estudos, devido aos riscos envolvidos nos estudos. Também para verificar se a pesquisa está de acordo com protocolos de pesquisa internacionais como a declaração de Helsinki (TOURNIER; VIVES; POSTAL, 2017).

Ademais, é oportuno situar também que três pesquisas não citaram limitações ou riscos das IAAs durante a escrita de suas pesquisas (GERMONE et al., 2019; JAROLMEN; PATEL, 2018; TOURNIER; VIVES; POSTAL, 2017). O que preocupa também é o fato de duas destas três pesquisas também não terem citado o comitê de ética.

Entretanto, com exceção do caso de Crossman e Kazdin (2018), todos os demais artigos empíricos descreveram protocolos e apresentaram algum nível de detalhamento dos procedimentos em questão. Mas, apenas dois estudos abarcaram legislações de bem-estar animal (SILVA; OSÓRIO, 2018; PENDRY; VANDAGRIFF; CARR, 2019). E, ainda sobre os estudos empíricos, ressalto que apesar de haver menções a outras espécies de animais, o animal coterapeuta mencionado em todos os artigos foi o cachorro.

Um adendo oportuno é que houve um único artigo que se focalizou única e exclusivamente no bem-estar dos animais coterapeutas. O que significa que, não apenas dentre os estudos empíricos, mas de todas as pesquisas encontradas, apenas uma foi direcionada ao bem-estar dos animais.

Tal pesquisa contou ainda com uma visão marcadamente biológica, com muita preocupação em metrificar sinais objetivos de estresse nos coterapeutas (MCCULLOUGH et al., 2018). Contudo, apesar da escassez de estudos semelhantes, ainda mais que contem com a presença de profissionais da psicologia, demonstra que, mesmo não sendo a primeira preocupação da Psicologia, a importância e relevância do tema foi reconhecida, mesmo que de modo discreto.

### ***Os artigos teóricos***

Os artigos exclusivamente teóricos, conforme a numeração dada na organização da tabela Excel foram os artigos de números 2, 3, 13, 23, 39, 48, 50 e 51. De Tal modo que correspondem aos artigos dos seguintes autores, respectivamente: Bachi e Parish-Plass (2017);

Zilcha-Mano (2017); Beetz (2017); Mccune, Esposito e Griffin (2017); Hosey et al. (2018); Hediger et al. (2019b); Menna et al. (2019); Fine, Beck e Zenithson (2019).

Diferentemente dos estudos empíricos, os artigos teóricos apresentam uma tendência a abordar as Intervenções Assistidas por Animais de modo geral, sem focar em tipos de intervenções em si. De modo que Bachi e Parish-Plass (2017) e Zilcha-Mano (2017) abordaram apenas a Terapia Assistida por Animais, Beetz (2017) abordou a Terapia e a Educação Assistida, enquanto os demais abordaram as Intervenções Assistidas de modo global (MCCUNE; ESPOSITO; GRIFFIN, 2017; HOSEY et al., 2018; HEDIGER et al., 2019b; MENNA et al., 2019; FINE; BECK; ZENITHSON, 2019).

Assim, percebo que há uma grande distinção entre o modelo de produção de conhecimento entre os estudos empíricos e teóricos. Afinal, enquanto os empíricos construíam um mosaico aplicando as IAAs em vários contextos diferentes, os estudos teóricos abordavam as mesmas intervenções, mas visando com mais frequência seus fundamentos. É consideravelmente mais frequente a ênfase dada para as explicações e teorias que buscam explicitar o modo pelo qual as IAAs funcionam (BACHI; PARISH-PLASS, 2017; BEETZ, 2017).

Entretanto, o enfoque das IAAs continua sendo nos estudos teóricos o mesmo enfoque percebido nos estudos empíricos: uma ênfase considerável nos processos de saúde, buscando prezar pelo bem-estar dos seres humanos beneficiados por este serviço. De todo modo que, quando a pesquisa se propõe a discutir teoricamente algum contexto específico, o contexto majoritariamente permanece sendo o clínico e o hospitalar. Mesmo quando a discussão teórica se propõe a lidar com uma instituição, é prezando pelos aspectos referentes à saúde dos indivíduos daquele local, com enfoque em aspectos patológicos e funcionais.

A menção à equipe multidisciplinar apenas acontece na metade dos artigos teóricos. De modo que Bachi e Parish-Plass (2017); Zilcha-Mano (2017); Beetz (2017); Mccune, Esposito e Griffin (2017); não apresentam menções a este caráter das Intervenções Assistidas. Contudo, dentre os demais artigos, que citam a importância e presença da equipe multiprofissional, percebo que a figura do tutor, ou condutor, continua sendo a mais proeminente.

Entretanto, a figura do veterinário continua recebendo pouca atenção. Destaco os trabalhos de Menna et al. (2019) e Fine, Beck e Zenithson (2019) que abordaram a presença deste profissional. Aproveito a oportunidade para justificar que o veterinário é um profissional especializado no cuidado com os animais não-humanos, então a presença dele na pesquisa é

uma primeira evidência de uma preocupação mínima com os animais envolvidos em tais estudos.

Por mais que o tutor ou condutor possa executar muito bem a intervenção e possa possuir o conhecimento etológico e do animal coterapeuta em questão, não se deve descartar a importância da veterinária, enquanto profissão mais apta teoricamente e mais bem direcionada para o bem-estar animal.

Na grande maioria dos artigos o referencial teórico não ficou suficientemente claro e evidente. Um dos motivos que impossibilitaram essa identificação foi devida à pluralidade teórica apresentada em alguns textos, na medida em que os autores apresentavam diferentes teorias que pudessem explicar o funcionamento das IAAs.

De todo modo, é evidente que Bachi e Parish-Plass (2017), durante o seu texto assume uma explicação de cunho mais biológico e neurocientífico, enquanto Zilcha-Mano (2017) enfoca-se na teoria de Bowlby, sobre as diferentes modalidades de apego. Todos os artigos apresentam menções aos riscos e limitações das IAAs, apesar de que apenas três mencionaram legislações de bem-estar animal.

Por mais que nenhum desses artigos tenha tido a necessidade de passar por um comitê de ética, dois citaram os comitês de ética para informar a não necessidade. E, os quatro artigos, escritos por Bachi e Parish-Plass (2017); Zilcha-Mano (2017); Beetz (2017); Mccune, Esposito e Griffin (2017), que não fizeram menções à necessidade de trabalho multiprofissional e interdisciplinar, também não expuseram procedimentos, fossem da intervenção, fossem higiênicos. Por fim, apesar de vários desses artigos não especificarem nenhum animal em específico, a menção ou sugestão de trabalho com os cães continuou patente e presente em todos.

Como ponto de atenção referente aos estudos teóricos, resalto a apresentação do conceito *One Health*, que permite a tradução de uma saúde ou saúde única, da Organização Mundial de Saúde (OMS). Este conceito, presente nas discussões teóricas de Hediger et al. (2019b) e Menna et al. (2019) preconiza a conexão e unidade entre a saúde humana e dos demais animais, elencando a saúde e bem-estar dos animais como um ponto de suma importância durante as IAAs.

### ***Revisões Bibliográficas***

Os artigos de revisões bibliográficas, conforme a numeração dada na organização da tabela Excel foram os artigos de números 11, 20, 27, 36, 43, 44, 45, 46. De Tal modo que correspondem aos artigos dos seguintes autores, respectivamente: Holttum (2018); Owenby

(2017); Waite; Hamilton e O'brien (2018); Shen et al. (2018); Jones, Rice e Cotton (2019); Brelsford et al. (2017); Nakajima (2017) e Artz e Davis (2017).

As revisões bibliográficas apresentaram-se de modo mais diversos no que diz respeito ao tipo de intervenção na qual se estava focando. De modo que, mediante a comparação com os artigos descritos anteriormente, foram os artigos com maior ênfase na Educação Assistida por Animais de modo exclusivo (BRELSFORD et al., 2017; NAKAJIMA, 2017). Apesar disso, os demais artigos focaram, ou nas Intervenções de um modo geral (ARTZ; DAVIS, 2017; HOLTTUM, 2018; SHEN et al., 2018), ou focalizavam-se nas TAAs (JONES; RICE; COTTON, 2019; OWENBY, 2017), ou nas TAAs conjuntamente com as AAAs (WAITE; HAMILTON; O'BRIEN, 2018).

Apesar do contexto clínico e hospitalar permanecer como predominante, as revisões bibliográficas trouxeram novas ênfases em outros contextos, como o contexto social e comunitário (ARTZ; DAVIS, 2017) e uma maior ênfase em instituições de ensino, contudo com foco no processo educacional e de aprendizagem (BRELSFORD et al., 2017; NAKAJIMA, 2017).

Com exceção do artigo de Owenby (2017), todos os demais abordam o caráter multiprofissional das IAAs. E do mesmo modo, o artigo de Owenby (2017) é o único que não menciona riscos ou limitações das IAAs durante seu processo de escrita. Sobre os profissionais citados, há maior ênfase na figura de voluntários e dos profissionais da saúde, mas ressalto que apenas Nakajima (2017) explicitou o veterinário durante a intervenção.

Os artigos mantêm o foco na figura do cachorro como principal animal coterapeuta, com exceção de Artz e Davis (2017), que primam por animais de fazenda, na medida em que eles defendem um fazer comunitário das IAAs com a população rural, que tem maior dificuldade de acesso à serviços médicos.

O referencial epistemológico continuou predominantemente se evidenciando principalmente como estatístico e biológico, apesar de que em vários artigos, mediante o próprio método da revisão bibliográfica, não haver explicitação de algum referencial epistemológico específico. Ademais, situo que nenhum artigo abarcou legislações de bem-estar animal, e que apenas Jones, Rice e Cotton (2019); Brelsford et al. (2017); Nakajima (2017) e Artz e Davis (2017) descreveram procedimentos higiênicos e interventivos.

### ***Demais Artigos***

Os demais artigos correspondem aos estudos de caso referentes aos artigos de número 35 e 40; ao único artigo metodológico encontrado correspondente ao número 14; e aos artigos mistos, que apresentavam características de estudos de caso e de estudos teóricos, referentes

aos artigos de números 5 e 18. Ressalto que tais estudos mistos foram caracterizados deste modo pois apresentavam discussões teóricas com grande enfoque, mas que, em determinado momento, apresentaram casos para ilustrar e sustentar os desenvolvimentos teóricos já realizados.

Desse modo, esta numeração corresponde aos artigos dos seguintes autores, respectivamente: Dicé et al. (2017); Jones (2018); Kazdin (2017); Shani (2017) e Chandler (2018). Assim, posso seguir para a descrição desses últimos artigos, para que então possa concluir esta etapa descritiva, e prosseguir com uma síntese daquilo que foi evidenciado.

Sobre o contexto de cada estudo, o artigo metodológico foi desenvolvido visando especificamente o contexto da pesquisa (KAZDIN, 2017), enquanto os estudos que foram mistos, entre estudos de caso e teóricos situaram-se no âmbito da clínica (CHANDLER, 2018; SHANI, 2017), e os artigos realizados exclusivamente enquanto estudos de caso foram no âmbito institucional (DICÉ et al., 2017; JONES, 2018).

Ainda houve uma preponderância das Terapias Assistidas por Animais enquanto modalidade interventiva, no qual apenas o estudo de Shani (2017) focalizou com exclusividade na Educação Assistida por Animais. Sobre a menção à equipe multiprofissional, apenas Chandler (2018), Jones (2018) e Shani (2017) apresentaram essa característica das IAAs. Dentre esses, apenas Shani apresentou a figura do veterinário.

Já quanto ao referencial epistemológico, percebi dois aspectos. O primeiro foi da dificuldade em estabelecer o referencial epistemológico. Em suma, com exceção dos artigos de Shani (2017) e Chandler (2018), que apresentam um estilo de pesquisa misto, intercalando aspectos de estudos teóricos com estudos de caso, os demais artigos apresentaram teorias e perspectivas plurais e gerais, que impossibilitaram a identificação de um referencial único, apesar da tendência aos vieses naturalistas persistirem.

Em contrapartida, apesar da dificuldade em especificar a base epistemológica dos artigos de Dicé et al. (2017), Jones (2018) e Kazdin (2017), os outros dois artigos (CHANDLER, 2018; SHANI, 2017) apresentaram uma pluralidade divergente da amostra geral das pesquisas elencadas. Assim, contrariando a tendência geral dos artigos já abordados até o momento, o referencial epistemológico de Shani (2017), foi a psicanalítico-relacional, com menções à teoria do apego, e o referencial epistemológico de Chandler (2018), que mesclou aspectos de psicodinâmica e neurológico, diferindo radicalmente dos demais artigos elencados neste estudo.

Acrescento que nenhum dos cinco artigos fez menção à comitê de ética ou a qualquer legislação que preze pelo bem-estar animal. Ressalto ainda que os artigos de Dicé et al. (2017)

e Jones (2018) não fizeram menções aos riscos envolvidos nas IAAs; enquanto os artigos de Kazdin (2017) e Shani (2017) não fizeram menções à protocolos higiênicos ou de intervenção.

### **Síntese das tendências de pesquisa e publicações na área das IAAs**

Conforme visto no segundo capítulo, que versa sobre a metodologia de pesquisa adotada, se vale de dois movimentos, correlatos, visto que ambos se preconizam na fenomenologia husserliana; porém distintos, pois um movimento requer as reduções fenomenológicas em seu caráter de evidenciação dos fenômenos, em plena concordância com Tourinho (2012):

“[...] o método fenomenológico será, por sua vez, um método de evidenciação dos fenômenos, cuja estratégia consiste, grosso modo, no exercício da suspensão de juízo em relação à posição de existência das coisas, viabilizando a recuperação das mesmas em sua pura significação” (TOURINHO, 2012, p. 853, grifo nosso)

Em contrapartida, o segundo movimento consiste em estabelecer uma crítica ao sentido do conhecimento produzido, especificamente neste caso, ao conhecimento produzido no âmbito das IAAs. Contudo, para ambos os processos metodológicos, já previamente descritos no segundo capítulo, o primeiro momento necessário encontrou-se realizado neste quinto capítulo: uma primeira descrição não apriorística sobre o que foi encontrado na literatura.

Desse modo, posso sintetizar, assumindo um caráter de generalidade, apesar de abordar as exceções posteriormente, que a literatura científica produzida no campo da Psicologia está sim engajada em uma relação de cuidado com os animais. Especificamente, a evidência da relação de cuidado demonstra-se pelos protocolos higiênicos e interventivos, pela seletividade do público indicado para as IAAs, pela antecipação dos riscos, pela mensuração de aspectos objetivos e fisiológicos dos animais etc. (HOSEY et al., 2018; JONES, 2018; MCCULLOUGH et al., 2018; MUELA et al., 2017; SHANI, 2017; SILVA; OSÓRIO, 2018; ZILCHA-MANO, 2017).

Percebi que as noções de cuidado evidenciadas na literatura estão naturalizadas e poucas vezes são abertas a possibilidade para a compreensão da própria vivência do vínculo homem-animal, ou mesmo para a intuição direta no trato com o animal, na nossa condição semelhante enquanto seres viventes e sencientes, conforme a possibilidade discutida no terceiro e quarto capítulo.

Especialmente, verifiquei uma tendência a aspectos biologicistas e matematizantes, especialmente nas teorizações que buscaram explicar o funcionamento das IAAs (BEETZ, 2017; HOLTTUM, 2018) ou mesmo nos instrumentos utilizados para guiar as Intervenções durante o exercício da pesquisa (CROSSMAN; KAZDIN, 2018; MCCULLOUGH et al., 2018; ZILCHA-MANO, 2017).



Consequente, percebo também um empobrecimento epistemológico e metodológico nos estudos sobre as IAAs, propiciando um modelo de prática profissional voltado para determinadas características procedimentais e técnicas (CHANDLER, 2018). O que, de modos muito específicos, ocasiona o ocultamento de aspectos vivenciais, e de outras possibilidades de desenvolvimento das IAAs, diferentemente do modelo hegemônico e naturalista (FLYNN et al., 2019; GERMONE et al., 2019; HEDIGER et al., 2019a MCCULLOUGH et al., 2018; MUCKLE; LASIKIEWICZ, 2017; MUELA et al., 2017; MUELA et al., 2019; JAROLMEN; PATEL, 2018; GIULIANI; JACQUEMETTAZ, 2017; PENDRY; KUZARA; GEE, 2019; PENDRY; VANDAGRIFF; CARR, 2019; SCHMITZ et al., 2017; SILVA; OSÓRIO, 2018; TOURNIER; VIVES; POSTAL, 2017; WANSER; UDELL, 2019).

Um exemplo deste empobrecimento é a perspectiva de um compromisso evidentemente maior com a proposta das Terapias Assistidas por Animais, que direcionam a atuação do psicólogo para um fazer mais voltado à saúde, diante da escassez das propostas educacionais (BRELSFORD et al., 2017; NAKAJIMA, 2017) ou comunitárias (ARTZ; DAVIS, 2017).

## CAPÍTULO VI

### AS EVIDÊNCIAS DO CUIDADO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

encerramento de uma pesquisa.

Este capítulo segue coerente com aquilo que foi exposto logo no início do capítulo anterior, que consiste em retomar aquilo que já foi evidenciado na literatura enquanto fenômeno do cuidado, conforme discutido sobre a sua essência como disposição a um bem-querer efetivada na prática. Desse modo, com base nas evidências coletadas, busco em um primeiro momento discutir e problematizar os modos de evidenciação do cuidado na literatura.

Essa evidenciação em um primeiro momento segue a proposta das reduções husserlianas, para em seguida, estabelecer uma crítica aos seus *a priori* científicos, conforme a posição de E. Husserl em relação ao naturalismo. Logo, busquei delimitar as consequências da atitude naturalista sob o âmbito das IAAs. Consequências estas que posso adiantar como sendo: visão limitante diante de outras possibilidades de se realizar as IAAs; o ocultamento do vínculo e de outros fenômenos que fogem aos preceitos do método das ciências naturais; dificuldade de uma compreensão sobre bem-estar animal, especialmente naquilo que está imediatamente posto de modo direto à intuição; diversidade teórica na compreensão dos modos pelos quais as IAAs são capazes de propiciar benefício aos seres humanos; visão biologicista e especista em determinadas ocasiões.

Além disto, também refleti sobre as evidências de uma preocupação sobre o cuidado, especialmente no que concerne à essência do cuidado e na sua relação com o conhecimento, conforme discutido no quarto capítulo. Porém, também em discussão com os preconceitos científicos que rodeiam o tema da animalidade em sua contraposição à humanidade, conforme discutido no terceiro capítulo.

Ademais, demonstro de modo claro como os objetivos desta pesquisa foram gradualmente alcançados, e apontar alguns desdobramentos futuros. Desse modo, destaco que o objetivo geral estabelecido ainda no projeto de pesquisa foi: Discutir a manifestação dos fenômenos da ética e do cuidado na literatura que aborde as Intervenções Assistidas por Animais na área da Psicologia.

Para alcançar tal objetivo, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: Analisar produções científicas que abordem as Intervenções Assistidas por Animais como prática do Psicólogo, no qual destaco a dúvida do quão apto e quanto o psicólogo entende sobre os animais para executar este trabalho; Problematizar as Intervenções Assistidas por Animais como uma possibilidade de prática na avaliação e intervenção psicológica; e Sistematizar os

modos como os fenômenos do cuidado e da ética estão evidenciados na literatura das Intervenções Assistidas por Animais.

### **O cuidado evidenciado: um compromisso ético e os limites epistemológicos.**

Em um primeiro momento, é preciso revisitar a evidenciação da estrutura essencial do fenômeno do cuidado que foi primeiramente esboçado no quarto capítulo. Afinal, estou abordando um fenômeno que tem como elementos essenciais: a) um direcionamento intencional para a manutenção e preservação de algo, refletidamente como um desejo; b) uma disposição ao bem-querer, onde o bem-estar do outro permanece enquanto objetivo que conduz a conduta do cuidador; c) ao passo em que, enquanto fenômeno intencional, está abordando uma perspectiva de vinculação e um caráter de afetação destinado ao cuidador, que não se vê em posição ou situação de indiferença.

Deste modo, a delimitação e clarificação da estrutura eidética do fenômeno do cuidado foi um destino esperado diante da variação imaginativa (CASTRO; GOMES, 2011), mas também diante das múltiplas manifestações desse fenômeno na literatura. Portanto, foi possível dirigir-me aos textos para evidenciar, em intuição direta e empírica, as múltiplas aparições, e posteriormente, por meio da delimitação de seus aspectos invariáveis, pela intuição eidética, evidenciar o cuidado fenomenologicamente reduzido, conforme preconizou E. Husserl (1913/2006).

Dito isso, é possível descrever as manifestações do cuidado nos textos analisados: a) de todo modo que o cuidado com os animais esteve presente na seleção dos animais com características que lhe causassem menor sofrimento (MCCULLOUGH et al., 2017); b) seleção dos participantes com perfis compatíveis e que reduziriam a probabilidade de danos aos animais (ZILCHA-MANO, 2017); c) escalas de mensuração fisiológica e comportamental do estresse e da fadiga (MCCULLOUGH et al., 2017); d) respeito à escolha do animal em permanecer ou não em Intervenção (ZILCHA-MANO, 2017); e) prevenção de zoonoses e demais protocolos higiênicos (MUELA et al., 2017); f) gestão de riscos da Intervenção Assistidas (JONES; RICE; COTTON, 2019); g) comitês de ética e pesquisa (SILVA; OSÓRIO, 2018); h) menção às legislações, incluindo a declaração de Helsinki (TOURNIER; VIVES; POSTAL, 2017); i) mecanismos hormonais que indicassem que os animais estariam também sendo beneficiados durante a interação (HEDIGER et al., 2019b); j) presença de profissionais e especialistas dedicados à saúde e bem-estar animal (MUELA et al., 2017); k) treinamento e certificação de animais e profissionais (GIULIANI; JACQUEMETTAZ, 2017); l) preparo ambiental e

disponibilidade de comida e água (SILVA; OSÓRIO, 2018); e m) abertura a compreensão do animal enquanto ser senciente (BACHI; PARISH-PLASS, 2017).

Logo, percebo que em todos esses aspectos, o que se delimita é um modo de buscar garantir o bem-estar animal, preservando-lhe a saúde e evitando a exposição ao sofrimento. Contudo, por mais que alguns possam ter tido mera função protocolar, ou ainda proteger os seres humanos envolvidos nas Intervenções Assistidas, compreendo que o modo, mais ou menos extenso, e o maior ou menor destaque dado no elencar dessas manifestações de cuidado são também evidências de uma vinculação genuína, de um verdadeiro bem querer aos animais envolvidos no processo.

Assim, é mister apresentar que, de fato, algumas pesquisas, ou não se reportaram para a questão do bem-estar animal (MCCUNE; ESPOSITO; GRIFFIN, 2017), ou ainda o fizeram de modo demasiadamente ligeiro e superficial (KAZDIN, 2017). É claro que isso não implica em dizer que tais autores não se preocupam com os animais, mas apenas que esta preocupação não se encontra evidenciada e transparecida em sua escrita.

Desse modo, é necessário explicitar também que, apesar de ser relativamente comum manifestações de cuidado destinado aos animais envolvidos nos processos interventivos, a grande maioria das manifestações dos fenômenos do cuidado destinaram-se aos seres humanos. Este fato é perceptível desde a proposta e objetivos das pesquisas elencadas (MUCKLE; LASIKIEWICZ, 2017), até clamores por mais estudos e bases mais consolidadas sobre os reais efeitos e benefícios das IAAs (BEETZ, 2017).

Logo, além das manifestações do fenômeno do cuidado, é preciso ainda ter em vista que as produções elencadas possuem uma grande tendência a naturalizações. Isto é, a abordar todos os fenômenos como se fossem fenômenos naturais, estudáveis e explicáveis pela metodologia das ciências da natureza (HUSSERL, 1911/1965).

Portanto, percebo que, apesar de o quarto capítulo explicitar uma relação entre o conhecimento e a possibilidade de estabelecer uma relação de cuidado efetiva, a disposição a importar-se com o ser para o qual se destina o cuidado independe do referencial epistemológico. Isso implica em dizer que, apesar das noções naturalizadas de cuidado que serão alvos de discussões críticas, essas noções apenas dizem respeito à efetividade do cuidado que, nesta perspectiva naturalista, se vê corriqueiramente privado da intuição direta sobre os animais de quem os autores propõem-se cuidar, ocultados pelo próprio caráter apriorístico das teorias e técnicas (MCCULLOUGH et al., 2017).

Assim, há uma primeira conclusão de que, apesar do referencial epistemológico dos estudos elencados tenderem a compreensões naturalistas, está evidenciado de modo muito claro

uma preocupação, cuidado e o reconhecimento dos animais enquanto seres sencientes. Destarte, por mais que a naturalização pudesse reificar os animais, ocultando-lhes o seu caráter senciente e privando-lhes de qualquer perspectiva de alteridade ou empatia, como já foi preconizado e evidenciado em estudos anteriores (BASTOS, 2018; BASTOS; BORBA, 2018; BORBA, 2015; SILVA, 2019), nos estudos elencados, não foi o que se evidenciou de modo majoritário.

Ainda de modo curioso, foram recorrentes os trechos escritos que valorizavam os animais, e que pretendiam destinar-lhes os cuidados necessários, mesmo que em certos pontos, houvesse divergências entre propostas naturalizantes e uma abordagem mais propensa a lidar com a intuição direta dos fenômenos. Por exemplo, Bachi e Parish-Plass (2017) adotam vários aspectos neurobiológicos para compreender e embasar os benefícios das IAA'S, mas mesmo assim os consideram como “Seres vivos que efetivamente comem, se movem, demonstram emoções, procriam, adoecem e eventualmente morrem” (p.2, tradução nossa), e ressaltam que a “psicoterapia assistida por animais como modelo didático [...] via duas ferramentas centrais: uma instância ética do terapeuta que vê o animal como um parceiro completo na situação de terapia; e a comunicação não verbal com os animais” (p. 3, tradução nossa), mesmo que não reconheçam o animal como coterapeuta, diferente de (ARTZ; DAVIS, 2017).

Desse modo, é oportuno explicitar como as compreensões naturalísticas estão presentes nas evidências de cuidado presente nos artigos elencados e analisados. Ao realizar tal explicitação, é mister compreender que não almejo retirar o valor científico de tais subsídios, ou mesmo estabelecer novos paradigmas fundados apenas no imediatamente dado. Pelo contrário, almejo apenas apresentar aspectos que estão ocultos e abrir a possibilidade para reflexão sobre novos modos da Psicologia encarar as IAAs, e mais especificamente, o modo como os psicólogos poderiam lidar com os animais que participem dessas intervenções.

### ***A seleção dos animais***

Para iniciar esta atividade, posso elencar os modos como foram selecionados os animais aptos para o processo terapêutico. De imediato, verifico que esta é uma evidência de cuidado, pois selecionar animais aptos para as intervenções significaria especificamente selecionar animais que sofram menos durante as intervenções (MCCULLOUGH et al., 2017), que possuam características e condutas que auxiliem no alcance dos objetivos das intervenções, e que tenham uma menor probabilidade de causar danos aos beneficiários do serviço, que possuam traços como a docilidade (SILVA; OSÓRIO, 2018).

Contudo, não há uma unidade nos modos pelos quais tais critérios de seleção são escolhidos ou elencados. A seleção dos animais aptos pode ocorrer a depender da raça ou da espécie (TOURNIER; VIVES; POSTAL, 2017), de instrumentos avaliativos (MCCULLOUGH

et al., 2017), do treinamento e de certificações que o animal possa ter (GIULIANI; JACQUEMETTAZ, 2017); ou do conhecimento dos próprios profissionais sobre o temperamento e conduta do animal (ZILCHA-MANO, 2017).

Percebo que não pretendo afirmar que a raça, a espécie ou testes que avaliem a aptidão dos animais para serem coterapeutas sejam inválidos. Apenas pontuo que estes modelos de seleção, coerentes com a perspectiva naturalista, apresento a partir de estudos científico-naturais, nos quais há o reconhecimento de certas características adequadas para as intervenções que podem ser mensuradas e avaliadas, no caso dos testes (MCCULLOUGH et al., 2017), ou que estariam presentes em determinadas raças (TOURNIER; VIVES; POSTAL, 2017), tendo em vista a existência de estudos anteriores que sustentem essa perspectiva. Especialmente pois tais aspectos poderiam antever, de modo apriorístico, ao que se evidenciaria pelo direto lidar com os animais.

A título de exemplo, enquanto (TOURNIER; VIVES; POSTAL, 2017) apresenta que a seleção dos animais deveria pautar-se na idade do cão, raça, comportamento, treinamento e certificação; (ZILCHA-MANO, 2017) elenca que o “temperamento básico do cachorro (amigável e não ansioso, agressivo ou intrusivo) é importante, e menos ênfase no lugar da obediência” (p. 9, tradução nossa). Evidenciando diferentes propostas nos modos de seleção dos animais.

Ademais, a existência de casos em que o conhecimento dos próprios tutores e profissionais sobre o temperamento dos animais (ZILCHA-MANO, 2017) e o fato da espécie e das raças não ser um critério de seleção sempre presente (BRELSFORD et al., 2017; HEDIGER et al., 2019a), e de demonstrarem grande variabilidade de métodos (JONES; RICE; COTTON, 2019), demonstra que, apesar de úteis, as técnicas de seleção não são o único modo de seleção desses animais. A evidência disso são casos em que os animais não tinham treinamento prévio ou raça definida, como era o caso dos cães utilizados por Nise da Silveira (1981) e por Boris Levinson (1962).

Outro ponto naturalizado é a crença de que o animal precisa portar certas características específicas para a efetividade das Intervenções Assistidas. Apesar de os estudos apontarem que o temperamento é um fator importante (ZILCHA-MANO, 2017), já houve possibilidades de intervenções bem-sucedidas que se deveram ao vínculo homem-animal, e que não foram resultado direto do temperamento do animal, demonstrando que o animal não necessariamente precisa de determinada característica para propiciar benefícios ao ser humano (BROWEN, 2013; SILVEIRA, 1981), mesmo que certas características de modo geral sejam sim desejáveis (SILVA; OSÓRIO, 2018).

Elenco que não estou abordando características que impossibilitem as Intervenções Assistidas por Animais e que não ofereçam riscos aos participantes da Intervenção, incusos os profissionais. É evidente que animais que não se interessem por contato e interação, ou ainda que sejam agressivos, não são escolhas interessantes para o processo.

Entretanto, a figura do animal interventivo enquanto necessariamente dócil, calmo e passivo, como elencado por Nakajima (2017), ou ainda por (ZILCHA-MANO, 2017), pode estar encobrindo possibilidades de realizar novas configurações e possibilidades terapêuticas em prol de um ideal de animal coterapeuta. Por exemplo, conforme também questionado por Kazdin (2017, p. 158, tradução nossa):

Existem certos tipos de combinações (características do cachorro e do cliente) que especialmente conduzem à mudança e se existirem, quais são eles? Há alguma característica especial do participante (personalidade, idade, habilidades sociais) ou do cachorro (por exemplo, temperamento, nível de agitação) ou na interação (por exemplo, vínculo, relacionamento, quantidade de contato, que faz diferença na reação do participante na interação com animais?

Ademais, é possível compreender a seleção dos animais, para além de um modo de cuidado, como uma tentativa de controle e padronização, a fim de garantir uma intervenção tecnicamente coerente com a metodologia das ciências naturais. Afinal, se partissem da perspectiva do vínculo, haveriam de reconhecer seu caráter subjetivo e de difícil domínio para as ciências naturais.

Não obstante, percebi ainda uma tendência ao modelo experimental, às análises estatísticas e às quantificações no desenvolvimento das pesquisas em IAAs. De modo que, como consequência deste modo de produzir ciência, os estudos empíricos têm sido quase que compreendidos unicamente como estudos quantitativos (SILVA; OSÓRIO, 2018; GERMONE et al., 2019; TOURNIER; VIVES; POSTAL, 2017; WANSER; UDELL, 2019; FLYNN et al., 2019; HEDIGER et al., 2019A; MUELA et al., 2017; MUCKLE; LASIKIEWICZ, 2017).

### ***A compreensão sobre o bem-estar animal***

Uma outra evidência de cuidado que está sob um viés naturalista é a compreensão sobre bem-estar, seja humano ou seja dos animais coterapeutas, que se evidencia corriqueiramente na literatura reduzida aos aspectos biológicos hormonais. Ratifico que não almejo fomentar um discurso anticientífico ou retrogrado, mas salientar que, embora haja uma correlação muito bem fundamentada entre os hormônios, os processos fisiológicos e os estados emocionais, o processo do estresse, inclusive naquilo se refere ao âmbito comportamental, não se reduz ao aumento no nível do cortisol.

De modo semelhante, posso argumentar que a sensação de bem-estar e o atendimento das necessidades de interações sociais advindas dos encontros homem-animal não se reduzem

ao funcionamento do sistema ocitocinérgico. Apesar de ser bem conhecida e antiga a crítica fenomenológica às reduções psicofísicas (HUSSERL, 1911/1965), é necessário retomá-las para indicar o caráter ocultado e subjetivo desses fenômenos, visto que seu caráter vivencial está perdido.

Tratando-se, neste caso, da redução realizada pelo naturalismo em abordar o estresse, a fadiga ou mesmo os benefícios das interações homem-animal, à algum aspecto material, com características quantificáveis e manipuláveis. Portanto, as ciências naturais ainda necessitam se aterem à algum dado material, que possua espacialidade e temporalidade, para que o método seja aplicado, seguindo a clássica concepção kantiana (KANT, 1786/1990).

Um exemplo claro do que acontece com as ciências da natureza ao abordarem fenômenos que não podem ser abordados em toda a sua completude, foi o que aconteceu com a Psicologia. Quando Kant vetou a possibilidade da Psicologia porque o objeto de tal ciência não possui materialidade, apenas temporalidade (GOMES, 2005), vários teóricos e pesquisadores da época buscaram no cérebro e em outros eventos quantificáveis uma base material observável (CANGUILHEM, 1958/1973; GOMES, 2005) no sentido ingênuo de empírico (HUSSERL, 1911/1965).

Movimento e estratégia epistemológica que não escapou à crítica husserliana, que se debruçou também sobre o campo da Psicologia, que não é e nem poderia ser uma ciência física, mas que também não era e não poderia ser filosofia, apesar de aproximar-se desta por meio da fenomenologia (HUSSERL, 1911/1965). Mas, quais seriam as consequências de naturalizar o estresse, a fadiga ou os benefícios advindos dos vínculos homem-animal?

As consequências seriam o apagamento de todo aspecto subjetivo e vivencial, para iniciarmos. Afinal, a “mera ciência dos corpos [...], pois abstrai tudo que é subjetivo” (HUSSERL, 1936/2012, p. 2-3). Logo, é razoável pensar, especialmente diante das evidências que sustentam os mecanismos do cortisol, que animais que possam produzir cortisol vivenciem o estresse. Contudo, como garantir que o estresse seja vivenciado de determinada maneira a partir dos níveis de cortisol? Ou ainda, como garantir que a interação é desejável para aquele organismo com base apenas no sistema ocitocinérgico?

O primeiro equívoco dessa naturalização é que toma como correlato ideal de um processo subjetivo o âmbito hormonal, que implica sim em reações fisiológicas e maior predisposição para certas respostas. Entretanto, é assumível que cada espécie, e mais ainda, cada indivíduo vivencie esses fenômenos com certas variações e que os níveis hormonais, apesar de indicadores, não são o indicativo ideal para a proposta de quantificar, especialmente a questão do vínculo, que compreenderei aqui como inquantificável.



Assim, não se pode assumir o quanto duas pessoas se amam, ou o quanto um tutor é apegado com seu animal de estimação apenas considerando a ocitocina nesse processo. De modo semelhante, talvez não seja possível conhecer o sofrimento envolvido no processo de estresse ou fadiga de um animal coterapeuta apenas observando marcadores hormonais, especialmente porque a tais fenômenos, como a dor, por exemplo, possui um aspecto subjetivo, de modo que a sua vivência é individual e singular (SILVEIRA et al., 2018).

Inclusive, destaco aqui a importância das pesquisas qualitativas, haja visto que essas são as pesquisas que buscam pelos aspectos vivenciais e experimentáveis, e que não podem ser captadas ou trabalhadas com metodológicas exclusivamente quantificáveis. Esta necessidade já foi, inclusive, sugerida e reconhecida em um dos artigos levantados nesta pesquisa (KAZDIN, 2017).

No caso dos animais, a situação fica mais crítica na medida em que nenhum ser humano jamais vivenciou o estresse do modo que um cachorro ou cavalo vivenciam. Conforme discutido no quarto capítulo, segundo preconizou Husserl (1931/2001), maior o contágio intencional e o emparelhamento quanto mais semelhantes forem os corpos vivos percebidos em nossos respectivos mundos primordiais.

Logo, verifico uma limitação, também já reconhecida nos artigos (FINE; BECK; ZENITHSON, 2019) no campo dos saberes etológicos e nos conhecimentos que possuímos sobre bem-estar animal, simplesmente porque em um aspecto mais profundo, a vivência do animal está sempre perdida ao humano. Como dito anteriormente, a nossa proximidade natural e taxonômica aproxima-nos, mas também apresenta uma barreira possivelmente intransponível (NAGEL, 1974/2013)

Assim, de modo correlato à crítica sobre a compreensão de que os marcadores hormonais poderiam informar aos interessados sobre a vivência do estresse, deve também ser feita uma crítica à observação comportamental que possui esta mesma finalidade (WANSER; UDELL, 2019). Desse modo, é mister que o corpo e a disposição deste corpo no mundo, o que compreende também como este corpo se comporta, é de suma importância para a nossa possibilidade de obter alguma compreensão sobre as vivências alheias (HUSSERL, 1931/2001), mesmo que dos demais animais.

Destarte, o que se propõe aqui é uma inversão na lógica da observação comportamental: o comportamento comunica e evidencia uma vivência, mas também se põe como exercício da vontade daquele animal. Não como um critério inócuo, que sinaliza um processo de estresse. Em suma, a observação comportamental é bem-vinda do ponto de vista fenomenológico, desde que estabeleça o acesso direto às evidências que situam o animal

enquanto um corpo vivo, que sofre naquele momento com estresse, e não abordar o estresse como um mero processo fisiológico.

Inclusive, a proposta é de abrir a margem para compreender aquele comportamento como oriundo de uma indisponibilidade do animal para o trabalho interventivo, conforme evidenciado por Borba (2015), e não apenas fruto de um processo de estresse. Como exemplo, um dos artigos que demonstram a possibilidade do animal retirar-se foi (MUELA et al., 2017): “No caso do cão de terapia que vivia com os adolescentes, esse animal foi permitido de se separar do grupo e do resto em uma área de convivência inacessível para os participantes” (p.5, tradução nossa); diferentemente de outros em que a retirada do animal de cena depende dos profissionais envolvidos (PENDRY; KUZARA; GEE, 2019).

### ***O que um Psicólogo entende sobre animais não-humanos?***

De um modo geral, as grandes questões alcançadas por esta pesquisa dizem respeito aos modos pelos quais o cuidado esteve evidenciado na literatura e na sua relação com o conhecimento e a vinculação que os psicólogos possuíam em relação aos animais coterapeutas. Cito o elencado por (ZILCHA-MANO, 2017), que informa sobre a “importância do relacionamento pessoal do terapeuta com o animal presente no setting terapêutico” (p. 9, tradução nossa). Afinal, alguns animais eram pertencentes a participantes da intervenção (MUELA et al., 2017), enquanto outros foram cedidos por instituições especializadas no treinamento e preparação de tais animais (JAROLMEN; PATEL, 2018).

Em ambos os casos, tanto a disposição do profissional em cuidar e zelar pelo animal, quanto o seu conhecimento sobre os animais constituem-se enquanto facetas necessárias para uma prática responsável. De tal modo que, foi encontrado foi uma evidente recorrência do fenômeno de atos de cuidado nessas publicações, o que evidenciou que alguns pesquisadores, muitos deles com mais de uma publicação (CROSSMAN; KAZDIN, 2017; HEDIGER et al., 2019a; 2019b; JONES, 2018; JONES; RICE; COTTON, 2019; KAZDIN, 2017; PENDRY; KUZARA; GEE, 2019; PENDRY; VANDAGRIFF; CARR, 2019) e com acesso e contato direto com os animais coterapeutas, especialmente aqueles que desenvolveram pesquisas empíricas (SILVA; OSÓRIO, 2018; GERMONE et al., 2019; TOURNIER; VIVES; POSTAL, 2017; WANSER; UDELL, 2019; FLYNN et al., 2019; HEDIGER et al., 2019A; MUELA et al., 2017; MUCKLE; LASIKIEWICZ, 2017), conseguiram obter algum nível de vinculação e, seguidamente, a possibilidade para a compreensão e atitude ética e empática em relação tais animais.

Não foi o caso de todas as publicações, e houve artigos que não houve evidência de tal preocupação (MCCUNE; ESPOSITO; GRIFFIN, 2017). De tal modo que, não obstante

fossem poucas as evidências de uma relação de cuidado com os animais nestas pesquisas, em determinados momentos, ainda foram objetificados, vide o caso de Brelsford et al. (2017), que sugeriu a intervenção assistidas com coelhos, pois estes são fáceis de substituir quando morrem, e, assim, as crianças não notariam a diferença.

Ademais, também houve casos em que recomendações feitas por organizações no que tange à prática das IAAs nem sempre foram respeitadas. Por exemplo, por mais que a recomendação fosse de um trabalho multiprofissional (JEGATHEESAN et al., 2018), nem sempre a figura do veterinário esteve presente, e por mais que o indicado fosse psicólogos treinados (GIULIANI; JACQUEMETTAZ, 2017), em determinados artigos ainda se verificou momentos em que se questionou o lugar do vínculo homem animal (BRELSFORD et al., 2017).

Assim, além das contribuições e críticas já estabelecidas, a perspectiva da visada fenomenológica aqui é evidenciar o caráter senciente dos animais coterapeutas e o aspecto vivencial do vínculo homem-animal. Ademais, informo que o reconhecimento e a sensibilidade para abordar o animal enquanto senciente deve obrigatoriamente vir anteriormente ou concomitantemente à possibilidade de vinculação, tendo em vista que a senciência animal, decorrente do próprio processo biológico e vivo, é o que o difere de um objeto qualquer, e que torna possível a ação terapêutica do cuidado direcionado aos animais (SILVEIRA, 1981).

E, é justamente essa diferença entre o vivo e o inorgânico que fundamenta a possibilidade de uma relação afetiva baseada em alteridade e empatia (SILVEIRA, 1981; BASTOS; BORBA, 2018). Para que desta maneira possa alcançar a finalidade ética no sentido husserliano de uma relação que no seu exercício prático seja racionalmente fundada quanto aos seus meios e fins, e diante de uma vontade norteadora do correto e do bom agir, levando-nos à atitude ética (HUSSERL, 1924/2020).

Assim, é mister elencar que: foram evidenciados o fenômeno do cuidado de modo recorrente na literatura, e de modo semelhante, houve evidências sobre a compreensão dos animais enquanto seres sencientes, como por exemplo nos artigos (BACHI; PARISH-PLASS, 2017; MCCULLOUGH et al., 2017). Desse modo, compreendo enquanto necessária a correlação entre a compreensão do animal enquanto ser vivo e senciente, capaz de se expressar e de se comunicar por meio de aspectos não-verbais (BACHI; PARISH-PLASS, 2017), e que os psicólogos, em sua maioria, aparentam estar sensíveis para esta dimensão, que é fundamental para o desenvolvimento de uma Intervenção Assistida eticamente responsável.

Destarte, três elementos se correlacionam: a compreensão do animal enquanto senciente, obtida a partir da evidência imediata propiciada pelo próprio contato com o animal; o cuidado direcionado ao animal que é possibilitado a partir desta compreensão; e o caráter

ético, entendido como querer agir de maneira correta em relação aos animais, propiciando uma vontade de agir da melhor maneira possível, conforme Husserl (1924/2020, p. 306, tradução nossa): “Porém não pertence a melhor vida possível uma vontade correlata quero ser uma pessoa boa? Se sou uma pessoa que faz o bem, então surgem mim necessariamente apenas atos bons e os melhores possíveis”.

Elenco, portanto, que encontrei tanto evidências de naturalização do cuidado quanto de um compromisso ético fundamental nos artigos, como o de Shani (2017), mas especialmente naqueles artigos que se dirigem especificamente para a situação dos animais (MCCULLOUGH et al., 2017; SHEN et al., 2018). E isto apenas é possível pois os psicólogos demonstram-se abertos à intuição direta dos processos anímicos dos animais, embora ainda tenha evidenciado ingenuidades e naturalizações neste processo.

Ademais, é preciso situar que, apesar deste conhecimento, propiciado pela intuitivo direta sobre o caráter anímico dos animais, ser fundamental para o compromisso ético e para o interesse em cuidar destes animais, o conhecimento técnico e etológico também é necessário. Neste último ponto, alguns artigos evidenciaram ingenuidade e descomprometimento, especialmente na composição das equipes multidisciplinares, friso a ausência dos veterinários e demais especialistas em etologia, mas também nas vezes que faltaram enfermeiros e médicos, ou ainda protocolos de ação, para cuidar das pessoas em casos de mordidas, arranhões ou zoonoses.

### ***Sobre o funcionamento das Intervenções Assistidas***

Dito isto, as teorizações sobre como as IAAs funcionam estão em constante diálogo com os modos de intervenções desenvolvidas, isto é, os protocolos desenvolvidos. Entretanto, tais teorizações também estão fundamentalmente conectadas às perspectivas divergentes sobre o modo os modos em que se estabelece o contato entre seres humanos e os demais animais.

Em suma, existem artigos que preconizam a interação (GERMONE et al., 2019; JONES, 2018), e nesses artigos a intervenção corresponde aos contatos físicos e demais atividades desenvolvidas com o animal. Em outros artigos, há descrito para que a mera presença do animal seja suficiente para propiciar bem-estar e saúde aos seres humanos (HEDIGER et al., 2019a). E, em determinados artigos, está evidente a possibilidade de vinculação entre os seres humanos e os demais animais (FINE; BECK; ZENITHSON, 2019).

Nesse aspecto, as compreensões que explicitam os benefícios das IAAs variam de modo significativo. Afinal, as interações, que podem estar inclusos acariciar, cuidar ou narras histórias para os animais (JONES, 2018; NAKAJIMA, 2017) apresentam aspectos intencionais do participante que se dirige ao animal coterapeuta, e que nesse processo há uma troca de

comportamentos e percepções, muitas vezes suscetíveis a certas quantificações. Apesar de determinados artigos defenderem a percepção pessoal enquanto fonte de evidência (KAZDIN, 2017), coerente com a proposta fenomenológica, outros artigos negam essa possibilidade (GERMONE et al., 2019).

O vínculo, por sua vez, é abordado com certa frequência, mas de modo difuso, sem aprofundamento conceitual (BACHI; PARISH-PLASS, 2017; BEETZ, 2017; HOLTTUM, 2018; KAZIN, 2017), ou aparece de modo naturalizado, sendo explicado teoricamente (SILVA; OSÓRIO, 2018). Usualmente, a noção de vínculo advém alinhada à teoria do apego de Bowlby (HOLTTUM, 2018; MENNA et al., 2019; ZILCHA-MANO, 2017), ou sustentada pelas características acolhedoras e pouco estressantes dos animais, haja visto que a comunicação não verbal estabelecida com eles é mais simples (BACHI; PARISH-PLASS, 2017), ou ainda pela semelhança fisiológica (HEDIGER et al., 2019b).

Sobre a presença do animal não-humano, há um artigo específico que demonstra que, mesmo em pacientes com graus mínimos de consciência, a presença dos animais foi capaz de propiciar ganhos terapêuticos. Diante deste caso específico, há evidências de que há estimulação causada pela simples presença do animal, quando esta presença chega ao campo perceptivo do participante, já é capaz de demonstrar melhora (HEDIGER et al., 2019a). Elencando a capacidade humana de atenção e diferenciação entre os seres vivos, animados, e os inanimados.

Em alguns desses casos, foi descrito que o contato físico entre os seres humanos e os demais animais teve também um papel importante (JONES, 2018; SHEN et al., 2018). Assim, acerca da possibilidade da vinculação e seus efeitos dentro das IAAs, mesmo que exista uma literatura específica que aborde este tema (BASTOS, 2018; SILVEIRA, 1981), é possível também reconhecer nos estudos que apontam para a existência de um perfil mais adequado para as IAAs. Desse modo, os estudos desenvolvidos que demonstram que pessoas com posturas e considerações positivas perante os animais tendem a ser mais propensas a valorizar os resultados das IAAs, podem estar evidenciando que tal população pode ser mais sensível a eles, e com maior capacidade de vinculação (CROSSMAN; KAZDIN, 2017).

De tal modo, que, se é objetivo da ciência natural estabelecer um conjunto de leis causais que possam explicar o funcionamento dos fenômenos do mundo, no caráter ingênuo de realidade (HUSSLERL, 1913/2006; 1936/2012), compreendo que as Intervenções Assistidas por Animais estão em uma situação delicada. Afinal, “Essa crítica não só levanta questões científicas, mas também éticas: devemos continuar usando intervenções com uma base

científica fraca quando existem alternativas viáveis onde a base de pesquisa é muito mais forte?” (KAZDIN, 2017, p. 161, tradução nossa).

Especialmente mediante as variações estabelecidas em seus métodos, conforme narra (SILVA; OSÓRIO, 2018, p.2, tradução nossa): “os resultados de estudos sobre TAA são promissores, apesar da falta de padronização dos números, duração e frequência da sessão, as atividades executadas e a mensuração de segurança para os animais e os pacientes”.

De tal modo que, enquanto (SILVA; OSÓRIO, 2018) considera que as intervenções são promissoras, a revisão bibliográfica de (JONES; RICE; COTTON, 2019, p.3, tradução nossa) considera essa falta de padronização de um modo mais sério:

Na maioria das revisões, os autores falharam em delinear a presença simples de animais, a partir de tratamentos terapêuticos de saúde mental que incorporavam animais. Sem essas distinções claras, é praticamente impossível estabelecer uma base de evidências para os diferentes tipos de IAA's. Com exceção de Germain, Wilkie, os autores compararam interações não estruturadas muito breves, frequentemente facilitadas por um manipulador voluntário, com terapias abrangentes, como aconselhamento em grupo facilitado por um terapeuta e animal treinado, a fim de tirar conclusões sobre a eficácia da AAT no tratamento de determinada saúde mental (ou outras) condições. Kamioka, Okada definiu o AAT de maneira tão ampla que comparou breves interações não estruturadas, trabalho estruturado em fazendas, intervenções terapêuticas focadas em objetivos, vivendo com um pássaro de companhia e vivendo com um cão de serviço. Hoagwood, Acri afirmou que sua definição era AAT, mas a revisão da literatura também incluiu interações não estruturadas e baseadas em voluntários, em vez de terapia " dirigida por prestadores de serviços de saúde e humanos como parte de sua profissão" e “ no âmbito da prática dos profissionais”. Especificamente, não havia técnicas ou teorias psicoterapêuticas incorporadas à terapia. Nenhuma dessas análises foi específica da espécie, incluindo uma ampla variedade de animais, como equídeos, caninos, felinos (gatos), animais de fazenda e aves. Consequentemente, não há síntese da literatura e, portanto, não há consenso atual sobre a eficácia ou efetividade da inclusão canina em tratamentos de saúde mental ou psicoterapia”.

Contudo, foi possível correlacionar a falta de padronização das Intervenções Assistidas por Animais à variedade de compreensões teóricas desenvolvidas que buscam explicar como e o porquê da efetividade das IAAs (BEETZ, 2017; HOLTUM, 2018). Como já visto, se recorro às sínteses apresentadas por Holtum (2018) e Beetz (2017), que julgo serem as mais completas no âmbito de apresentarem explicações para a eficácia das IAAs, encontrarei dez teorias distintas. Outro motivo para a escolha de tais autores é que várias das teorias que eles apresentam são comuns aos demais artigos (SHANI, 2017; SILVA; OSÓRIO, 2018; ZILCHAMANO, 2017)

Posso citá-las como sendo: 1- auxílio em construir relações sociais com outros; 2- vínculo de apego capaz de oferecer suporte; 3- antropomorfismo, ou seja, apresentam características morfológicas semelhantes às nossas, ou que possam remeter às crianças, evocando vontade nos seres humanos em cuidar deles; 4- distrai do distresse; 5- a biofilia, a

tendência dos seres vivos a possuírem uma maior inclinação e interesse em interagirem com outros seres vivos; 6- o sistema experiencial vs simbólico, “sistema experiencial processa experiências do mundo real diretamente – sons, cheiros, imagens, toque, tudo que chegue pela via sensorial; enquanto na via do sistema verbal-simbólica a realidade é experienciado indiretamente por meio de pensamentos e palavras” (BEETZ, 2017, p. 3-4, tradução nossa); 7- teoria da motivação implícita, que preconiza que a motivação advém da própria tarefa e não se consequências externas; 8- teorização sobre as vias ocitocinérgicas; 9- teoria do apego de Bowlby e Ainsworth, que preconiza a importância de relações apego seguro para o desenvolvimento de padrões de relacionamentos saudáveis no futuro; e 10- sobre as condições da aprendizagem, diminuindo o impacto do estresse e dos feedbacks negativos durante o processo de aprendizagem (BEETZ, 2017; HOLLTUM, 2018). Ademais, realizo o adendo de que tais teorias podem ser psicologizantes, por reduzir o vínculo e a dimensão da constituição animal às teorias psicológicas.

Diante de tais teorizações, posso dividi-las em três grupos, tendo em vista o enfoque dado durante a intervenção: presença, vínculo ou interação. Destarte, é compreensível que as teorias do auxílio em construir relações sociais; a teoria do sistema ocitocinérgico; a teoria do sistema experiencial e simbólico; a teoria da motivação implícita; a distração provocada pela interação e sobre as condições da aprendizagem propõem práticas mais focadas na interação, uma vez que há o enfoque nos benefícios que a interação pode ocasionar ao ser humano.

Quanto às teorias da biofilia e do antropomorfismo é perceptível que elas privilegiam intervenções que centradas na presença dos animais. Afinal, são teorias que se fundamentam especificamente na diferença que seres orgânicos e inorgânicos possuem para os seres humanos. Desse modo, elenco o artigo de Hediger et al. (2019a) para abordar que, mesmo com níveis rebaixados de consciência, o animal em um ambiente é capaz propiciar melhoras, o que leva a considerar a possibilidade de benefícios sem interações necessariamente, e sem vínculos.

As teorias do apego e o oferecimento de vínculos capazes de fornecer suporte tem como prerrogativa o estabelecimento de vínculos entre homens e os demais animais. Especialmente, muito comumente tomam como base características dos animais, como, por exemplo, a comunicação não verbal, ou ainda por apresentarem a realidade a uma distância psicologicamente segura (BACHI; PARISH-PLASS, 2017).

Diante disto, evidencio a importância da presença do corpo anímico do animal vivo, enquanto um aparato orgânico vivo, centro de suas próprias vivências, que percebe, sente e interage com o mundo, que assume um caráter apodítico na vivência dos profissionais e demais participantes das IAAs; e as diferenças entre os modos de evidenciação deste animal e do ser

humano. Deste modo, especificamente, a ausência da dimensão espiritual nos animais não-humanos (HUSSERL, 1913/2005) apresenta benefícios que podem corroborar para o desenvolvimento das IAAs, conforme o que foi evidenciado nos artigos e nas teorizações sobre o funcionamento das IAAs.

A dimensão da animalidade nos animais não-humanos, conforme evidenciado na revisão realizada (BACHI; PARISH-PLASS, 2017; BEETZ, 2017; HOLTTUM, 2018); se dialogada com o entendimento husserliano (1912/2005), do animal carente da dimensão espiritual, mas ainda assim constituído organicamente e psiquicamente, podem forçar a nossa percepção e intuição direta sobre aspectos referentes à constituição corpórea e à possibilidade de sensibilidade que nos conecte diretamente com a nosso âmbito instintiva, conforme reconhecida por Husserl e E. Stein (ALES BELLO, 2000; STEIN, 1932/2003).

O contato com os animais parece, neste sentido, permite a saída da atitude ingênua acerca dos nossos próprios corpos e sentidos, e em contato com nossos processos psicológicos ligados aos estados fundamentalmente orgânicos como a fome, a sede e a nossa agressividade (ALES BELLO, 2000; HUSSERL, 1913/2005; STEIN, 1932/2003). Para sustentar este posicionamento, instaurei uma hierarquia acerca dos enfoques dados durante as diversas intervenções narradas nos artigos: presença, interação e vínculo, respectivamente.

A começar pela dimensão da presença, situo o único artigo cuja intervenção com animal pode ter seguida exclusivamente em propiciar com que houvesse, por parte do participante, a mera percepção de um animal não-humano. No estudo de Hediger et al. (2019a), foram realizados os seguintes procedimentos:

Todas as sessões foram filmadas e, ao final de cada sessão, o comportamento dos pacientes foi avaliado, pelos terapeutas, por meio da Avaliação do Estado Vegetativo de Basler. Antes do início do estudo, um animal adequado foi selecionado para cada paciente de acordo com sua preferência e habilidades. As espécies incluídas foram cães, porquinhos-da-índia e coelhos. Todos os animais foram treinados para AAT, tiveram experiência em trabalhar com pacientes em um estado minimamente consciente, e foram mantidos e manuseados de acordo com o IAHAIO padrões [9]. Porquinhos-da-índia e coelhos foram colocados em uma gaiola de mesa onde poderiam interagir com os pacientes ou retire-se à vontade. Durante as sessões de AAT, atividades terapêuticas foram realizadas guiando fisicamente as mãos do paciente de acordo com o conceito de Affolter [15]. Exemplos das atividades terapêuticas foram: escovar um cachorro, cortar vegetais e alimentá-los com os coelhos ou porquinhos-da-índia, ou abrindo uma caixa com ervas e alimentando os coelhos ou porquinhos-da-índia. As sessões de controle paralelas consistiram em intervenções terapêuticas com atividades básicas selecionadas de uma série de atribuições de terapia ocupacional. Essas atividades também foram realizadas de acordo com o conceito Affolter. Exemplos correspondentes de atividades de controle foram: escovação uma pele falsa, preparando a comida cortando vegetais e colocando-os em uma tigela, ou abrindo uma caixa vazia e enchê-la. (HEDIGER et al., 2019a, p. 4, tradução nossa)



Desse modo, explícito que pessoas com níveis de consciências mínimos são aquelas que não apresentam completa ausência de respostas à estimulação, como no estado vegetativo. Mas que, apesar de emitir respostas, principalmente fisiológicas e reflexas, como movimento dos olhos e alterações da frequência cardíaca, não são capazes de interações ou respostas complexas com o meio (BRANDALISE, 2014).

Desse modo, diante da ausência de evidências de tais níveis de consciência, diante da falta de evidência de uma regência psíquica e intencional sobre os corpos destes participantes, é seguro apenas situar que, por meio da intervenção proposta, a eles foi possibilitada a percepção de animais não-humanos. E, quando o estudo considerou as outras atividades de controle paralelas, evidencia-se a diferença de efeitos propiciados pelo contato perceptivo com os animais (HEDIGER et al., 2019a).

Desse modo, já se evidencia que há uma diferença fundamental quando visasse um objeto inorgânico e um animal vivo. Como a interação e o vínculo dependem da percepção deste animal não humano, considere a presença deste animal como um aspecto mais primordial da tese que estou apresentando.

Diante de tal presença, é possível considerar a interação como o desenvolvimento de atividades realizadas na presença e dirigidas intencionalmente, como por exemplo, toques ou diálogos hipotéticos (JONES, 2018). É claro que tais interações não podem ser sustentadas mediante o modo como dois seres humanos se relacionam e interagem. Isso implica dizer que o animal, por exemplo, é incapaz de utilizar-se plenamente dos sentidos da linguagem verbal, mas é capaz de lidar com a interação com a postura, entonação e com os aspectos não-verbais dessa comunicação.

Um exemplo paralelo é a tentativa de comunicação entre duas pessoas que não compartilham um idioma em comum: não a apreensão do conteúdo, mas sim dos aspectos corporais que evidenciam os afetos e as intenções desses dois seres humanos. Assim, como ambos os corpos compartilham esse mundo objetivo, intersubjetivamente fundado e disponível a partir do mundo primordial de cada um dos participantes do processo de comunicação (HUSSERL, 1931/2001), os comunicadores utilizam o corpo, que em um primeiro momento assume o caráter de corpo enquanto objeto, para efetivar a evidenciação necessária para a comunicação.

Observo que durante este processo, a dupla dimensão corpórea, do corpo compreendido enquanto corpo vivo, permite também a vivência de uma nova forma de expressão. Assim, diante da impossibilidade da comunicação verbal, há a utilização do corpo enquanto objeto material, e esta utilização propicia a vivência, a partir do corpo-vivido, de um

modo de expressão diferente, e esse modo de expressão diferenciado evidencia aspectos comumente naturalizados.

Destarte, mediante esse modelo de expressão e de comunicação entre o homem e o animal não humano, há a evidenciação de fenômenos pertinentes ao corpo e aos nossos estados emocionais. De modo semelhante, como há a evidenciação e abertura para a compreensão empática sobre o outro a partir da sua própria vivência corporal.

E então, há, diante dessa possibilidade de compreensão, a possibilidade de vinculação. Tal possibilidade pode nos levar assim a valorizar, reconhecer e aceitar a dimensão do corpo vivido do animal, que é tão diferente do nosso, mas que mesmo assim, remete ao nosso próprio corpo e às nossas próprias vivências em determinados aspectos (HUSSERL, 1931/2001).

Logo, somos capazes de compreender o animal como uma expressão de um corpo vivo, regido psiquicamente, e que se apresenta fora da dimensão espiritual e cujo corpo é a fonte direta de evidenciação. Portanto, a vinculação e a eventual aceitação deste animal dependem, por sua vez, da interação, que por sua vez depende da percepção da presença deste animal.

### **Fenômenos ocultados e abertura para novas possibilidades nas IAAs**

Uma vez que já tenha exposto a crítica das manifestações de cuidado evidenciadas nos artigos elencados, resta-me focar nos dois últimos aspectos que gostaria de apresentar para compor o quadro geral das análises e críticas desenvolvidas neste capítulo. Assim, é necessário destacar que a hegemonia dos estudos elencados demonstra uma visão limitante diante de outras possibilidades de se realizar as Intervenções Assistidas por Animais e o ocultamento do vínculo e de outros fenômenos que fogem aos preceitos do método das ciências naturais.

Sobre as demais possibilidades de se realizar as Intervenções Assistidas por Animais, é preciso demarcar primeiramente que existe uma hegemonia epistemológica nos artigos elencados: estudos quantitativos, que recorrem usualmente às explicações fisiológicas de como as IAA's funcionam, com evidências adquiridas a partir de estudos empíricos analisados por procedimentos estatísticos, e constantemente voltados para a área da saúde.

Diante disso, houve alguns artigos específicos que evidenciaram outras possibilidades de exercer as IAAs, diferentemente desse modelo hegemônico. As diferenças se estabeleceram nos seguintes âmbitos: Diante do conceito de *One Health*, da Organização Mundial de Saúde, que traduzo aqui como saúde única, e que preconiza a impossibilidade de exercer cuidado para os seres humanos sem cuidar necessariamente da saúde dos animais (HEDIGER et al., 2019b; MENNA et al., 2019); no exercício das IAAs pautadas na metodologia de intervenções Federico II, desenvolvida na Itália (DICÉ et al., 2017); na atuação comunitária das IAAs (ARTZ;

DAVIS, 2017); e na proposta japonesa das IAAs, que difere enquanto metodologia e objetivos das propostas ocidentais (NAKAJIMA, 2017).

Sobre o conceito da saúde única (HEDIGER et al., 2019b), preconiza que existe uma conexão e interdependência entre o meio ambiente, os animais e a saúde humana. Logo, é oportuno explicitar o seguinte conceito:

a saúde única reconhece a inexorável conexão entre humanos, animais e seus ambientes e é definida como qualquer acréscimo de valor em termos de saúde e bem-estar humano e animal, redução de custos ou serviços de sustentabilidade ambiental que possam ser alcançados por cooperações estreitas entre saúde humana e animal e outras disciplinas que não possam ser alcançados em setores trabalhando de modo separado. Pesquisas prévias, por exemplo, de campanhas de vacinação, mostram que a saúde única gera um claro benefício para a saúde humana e, igualmente, animal. Nós destinamos os benefícios e possibilidades de uma estreita cooperação na saúde humana e animal no contexto das Intervenções Assistidas por Animais (HEDIGER et al., 2019b, p. 1, tradução nossa)

A principal diferença, que apresenta uma compreensão alternativa no âmbito das Intervenções Assistidas é o que foi realizado por Hediger et al. (2019b) e Menna et al. (2019), que ao invés de abordarem a saúde e bem-estar humano e animal de modos separados, como usualmente é feito, aborda-os de maneira conjunta, mediante o conceito de *díade*.

Desse modo, conforme proposto por Hediger et al. (2019b) e Menna et al. (2019), é possível abordar a saúde e bem-estar dos animais humanos e não humanos ao mesmo tempo, uma vez que a intervenção deve ser mutuamente benéfica. Assim, se alguma das partes está com o bem-estar comprometido, as outras partes também estão em risco, incluindo o profissional atuante na intervenção.

No que diz respeito à metodologia italiana Federico II, esclareço que ela possui esta nomenclatura pois foi desenvolvida na Universidade de Nápoles Federico II. A sua prerrogativa apresenta a compreensão do animal enquanto alteridade (*otherness*), própria do modelo para *PetTerapia* Federico II, que compreende as IAAs por meio da teoria da complexidade, que considera o *setting* terapêutico das IAAs como um sistema complexo entre elementos ambientais e relações interespecíficas, especialmente por considera as IAAs uma relação Zooantropologica (DICÉ et al., 2017).

Assim, o grande diferencial da perspectiva dos estudos desenvolvidos sobre IAAs na Universidade de Nápoles Federico II está na perspectiva de considerar o animal enquanto alteridade, e compreender o *setting* terapêutico como um sistema complexo. Tais entendimentos possuem implicações bem específicas na prática, como é descrito:

Nós consideramos, como nosso modelo base, o conceito de Referência Animal, considerados em sua alteridade [...] como uma atividade parte de um processo de cura e presumidamente da interação com isso, principalmente baseada em jogos, comandos para comunicações livres de preconceções que

é mais espontânea e ajuda os usuários a encontrar confiança neles mesmos (DICÉ et al., 2017, p. 3, tradução nossa).

Situo também que escolhi abordar primeiramente a noção da *One Health* e das pesquisas conforme a proposta de Federico II, devida interlocução já estabelecida entre ambos (MENNA et al., 2019). Como exemplo do diferencial dessas diferentes possibilidades de lidar e compreender as IAAs, posso citar a situação da preocupação com as zoonoses.

Na grande maioria dos artigos a preocupação com a incidência de zoonoses era não transmiti-las aos seres humanos, inclusive, por isso os animais coterapeutas eram aqueles submetidos aos preparos higiênicos e veterinários para evitá-las, como está evidente em Muela et al. (2017, p. 5, tradução nossa): “para garantir o bem-estar dos participantes, todos animais foram alvos de tratamentos profiláticos veterinários antes do programa de Psicoterapia Assistida por Animais (vacinação e vermifugação interna e externa para evitar risco de transmissão de zoonoses)”. Contudo, no caso de Menna et al. (2019), fundamentada pela noção da Saúde Única e pela perspectiva do modelo de Intervenção de Federico II, a zoonose é também compreendida como as patologias presentes em seres humanos e que possam, eventualmente, contaminar os animais coterapeutas.

Uma próxima proposta alternativa ao modo hegemônico de práticas as Intervenções Assistidas por Animais está na proposta de uma abordagem focada no âmbito comunitário. Especialmente, há uma demanda para isto devida à dificuldade de acesso aos serviços médicos nas áreas rurais (ARTZ; DAVIS, 2017). Assim, a proposta se difere das demais pois busca propiciar a intervenção a partir de elementos comuns ao mundo da vida (HUSSERL, 1913/2006) da comunidade rural (ARTZ; DAVIS, 2017).

O que sustenta a proposta de Artz e Davis (2017) é a perspectiva do chamado *Green Care*, ou cuidado verde, que preconiza os efeitos benéficos do contato com a natureza, sejam eles passivos, como estar em um ambiente com plantas; ou ativo, interagir cuidando dos animais ou das plantas. Os autores ainda explicitam que os efeitos do *Green Care* são percebidos nos âmbitos psicológico, educacional, social e fisiológico.

Desse modo, diferentemente dos resultados voltados majoritariamente para o campo da saúde em uma perspectiva individual (MCCULLOUGH et al., 2018; SILVA; OSÓRIO, 2018; GERMONE et al., 2019; TOURNIER; VIVES; POSTAL, 2017; WANSER; UDELL, 2019; FLYNN et al., 2019; HEDIGER et al., 2019a; MUELA et al., 2017; MUCKLE; LASIKIEWICZ, 2017; JAROLMEN; PATEL, 2018; GIULIANI; JACQUEMETTAZ, 2017; PENDRY, VANDAGRIFF; CARR, 2019; SCHMITZ et al., 2017, PENDRY; KUZARA; GEE, 2019; MUELA et al., 2019), os autores propuseram articular um fazer comunitário, pautado na

interação e no cuidado dos animais, para fins terapêuticos. Tal modalidade pode ser disponibilizada tanto no cotidiano das populações rurais, mas também por comunidades terapêuticas que se valem da estrutura bucólica para propiciar tais interações (ARTZ; DAVIS, 2017).

Outro modelo que destoa da prática hegemônica das IAAs é o caso do modelo apresentado por Nakajima (2017), que diferencia a proposta das Intervenções Assistidas no Japão daquelas empregadas no ocidente. A principal diferença elencada no artigo é o fato das IAAs no ocidente priorizarem melhoras e desenvolvimento voltados para o âmbito motor e cognitivo; enquanto o modelo japonês visa, por meio das IAAs, o desenvolvimento de valores cívicos, habilidades sociais, ensinar cuidados com a própria saúde, estimular o interesse científico, ensinar a cuidar da natureza e desenvolver empatia.

Desse modo, por mais que o artigo preconize que nem todas as crianças se interessaram de modo semelhante pelos animais, o contato com eles é estimulado. E o estabelecimento de uma relação de cuidado e respeito, no qual as crianças assumem responsabilidades sobre os animais com quem convivem (Ibdem).

Um exemplo desse cuidado é quando as crianças levam os animais para suas respectivas casas, sendo instruídas a usarem luvas e máscaras para manuseá-los, tendo a tarefa de alimentá-los e protegê-los do frio e do calor. É uma iniciativa das escolas e do governo estimularem este tipo de contato continue ocorrendo, e para isso são adotados protocolos específicos (Ibdem).

A partir do cuidado com os animais, as crianças desenvolvem respeito pela natureza e pelo outro, reconhecem limites, aprendem sobre empatia e entendem suas responsabilidades mediante a natureza e os demais animais. Nesse modo de exercer as Intervenções Assistidas, o foco está na formação de cidadãos comprometidos com o meio ambiente, empáticos e responsáveis, cientes dos impactos de suas ações para a comunidade em geral (Ibdem).

Ademais, para que elas possam aprender mais sobre o próprio corpo a partir dos animais cuja constituição física seja mais próxima à nossa. Ao mesmo tempo, animais com constituições físicas diferentes, como insetos, são inseridos para fomentar o interesse científico (Ibdem).

Destaco também que o modelo de Intervenção realizado por Nise da Silveira (1981) também se difere radicalmente das propostas hegemônicas evidenciadas na literatura elencada. Não houve na literatura mais recente elencada, apesar do sucesso da experiência no Hospital Dom Pedro II, nenhuma referência aos conceitos estabelecidos pela psiquiatra, e abordo-a como mais uma proponente de um modelo de IAAs que difere das propostas atuais.

Destarte, além de tais modo, uma vez que demonstradas algumas possibilidades de propor as IAAs, diferentes dos modelos hegemônicos, destaco também que aspectos do vínculo e de outros fenômenos escapam ao método das ciências naturais. Isto ocorre devido à inefetividade dos métodos das ciências naturais em abarcarem o aspecto vivencial, portanto, subjetivo, de certos fenômenos.

Assim, prezo por esclarecer que, além do vínculo, o aspecto vivencial do estresse, do contato, da interação e das próprias intervenções estão pouco evidenciadas na literatura analisada. Especificamente, situo que apesar de alguns autores pretendem abrir espaço para o relato subjetivo das pessoas que foram participantes das IAAs (KAZDIN, 2017), outros ainda negam tais narrativas como evidências científicas, o que se evidencia também pelo uso da matemática estatística enquanto recurso que apresenta congruência com tal ideal de ciência (GERMONE et al., 2019)

### **Os objetivos alcançados e respectivas conclusões e inconclusões**

Diante do exposto anteriormente, apresento uma síntese das discussões fomentadas até este momento, para que possamos compreender como os capítulos se conectam. Também delimitar de modo definitivo o que pôde ser alcançado em relação aos objetivos estabelecidos anteriormente e esperados no desenvolvimento desta pesquisa,

Conforme trabalhado no primeiro capítulo, a pesquisa foi apresentada e foram explicitadas quais inquietações e movimentos, relacionadas ao meu próprio mundo da vida, que incentivaram à escrita deste trabalho. Além de demonstrar como encontrei este tópico que me causou inquietação, explicito também a aproximação com a fenomenologia, especificamente a de base husserliana.

Além disso, é também justificada a importância e relevância do tema pesquisado, e o porquê deste trabalho dever ser, necessariamente, uma pesquisa fenomenológica, tendo em vista o caráter de crítica epistemológica e a sua crítica ao naturalismo. Uma vez que o leitor tenha compreendido isto, o caminho esperado e coerente seria um aprofundamento metodológico, tanto para um desenvolvimento da proposta fenomenológica e de suas temáticas, mas também para esclarecer como pretendi alcançar os objetivos.

Durante o segundo capítulo houve um aprofundamento no âmbito da fenomenologia, especificamente a husserliana, de modo que foi possível estabelecer e aprofundar a relação entre o método fenomenológico e o objetivo desta pesquisa, explicitado no primeiro capítulo. Foi apresentado também outros aspectos da fenomenologia husserliana, de modo que se ultrapassou o método fenomenológico e foi aberto o campo da sua crítica epistemológica (HUSSERL,

1911/1965) e da sua compreensão sobre o campo da ética, enquanto disciplina racionalmente fundamentada e prática do correto agir (HUSSERL, 1924/2020).

No terceiro capítulo, uma vez que já foi apresentada a fenomenologia e aspectos pertinentes à filosofia de E. Husserl, abordamos a discussão entre animalidade e humanidade. Deste modo, encontramos as duas principais compreensões, gradualista e essencialista, que versam sobre as distinções entre o ser humano e os demais animais (INGOLD, 1995; MORIN, 1973; SINGER, 1975). Assim, apresentei como e por quais modos a questão do animal pôde ser compreendida fenomenologicamente, e que não se pode abandonar a perspectiva essencialista, mas que abre margem para considerações que versem sobre pontos em comum da constituição humana enquanto também condizente com um caráter de animalidade, uma vez que é animada, detentora de *Anima*, Alma (HUSSERL, 1913/2005).

No quarto capítulo, adentramos no exercício de compor uma fenomenologia do cuidado, no qual chegamos a uma primeira redução eidética do cuidado enquanto uma disposição ao bem-querer, enquanto ato propriamente intencional. E marcamos a situação da relação entre o ser humano e os demais animais, especificamente no modo como a experiência dos outros, e aqui entendido também os animais, pode se constituir fenomenologicamente para nós (HUSSERL, 1931/2001).

No quinto capítulo, ocorre uma retomada dos procedimentos metodológicos adotados na pesquisa, o que resulta em uma primeira sistematização e descrição dos artigos encontrados a analisados. Nesta pesquisa, encontramos que há uma predominância de certas compreensões naturalizadas no campo das IAAs.

Especialmente, verifiquei uma compreensão bem delimitada de empírico, marcadamente hegemônica e naturalista; verifiquei também uma preponderância de compreensões biológicas e fisiológicas, e amplo uso de recursos estatísticos como forma de garantir o rigor epistemológico. Ademais, destaco a necessidade, evidenciada mediante a ausência, de estudos qualitativos.

Entretanto, verifiquei também que apesar disso, há sim manifestações voltadas para o cuidado dos animais envolvidos, demonstrando que ele não foi ocultado pelo caráter apriorístico do naturalismo, apesar deste cuidado evidenciado muitas vezes estarem fundados em concepções naturalizadas.

Neste último capítulo, discuti de modo mais aprofundado os achados descritos e sintetizados no capítulo quinto, para demonstrar outras possibilidades de exercer as Intervenções Assistidas por Animais. Também me propus a evidenciar aspectos subjetivos de determinados fenômenos, usualmente encobertos pelos vieses naturalistas.

Assim, foi primeiro necessário apresentar o intuito da pesquisa, seu objetivo e sua problemática, primeiro capítulo, para em seguida aprofundar-nos na metodologia que seria capaz de permitir-nos buscar respostas para a problemática elencada, segundo capítulo. Ademais, foi necessária uma discussão teórica sobre os temas que circundavam a problemática, que diz respeito à nossa relação com os animais presentes nas Intervenções Assistidas por Animais na prática do psicólogo. Para isto, foi necessário discutir o âmbito da ética, no segundo capítulo, a temática da animalidade no terceiro capítulo, e a temática do cuidado, no quarto capítulo.

Apenas após tais discussões terem sido realizadas, foi que abordei as publicações elencadas na pesquisa para sua correta revisão e problematização, munidos das compreensões e críticas husserlianas. Portanto, foi primeiro suspender os *a priori* e descrever o que foi encontrado, elencando de que modo a produção de conhecimento sobre as IAAs se organizava, capítulo quinto, para em seguida, realizar a averiguação das manifestações do cuidado e da ética, e sua consequente crítica.

Desse modo, compreendo que o objetivo geral da pesquisa: Discutir a manifestação dos fenômenos da ética e do cuidado na literatura que aborde as Intervenções Assistidas por Animais na área da Psicologia foi devidamente alcançado. Uma vez que foram evidenciados e descritos tais fenômenos nos 37 artigos analisados, e que também constatamos os vieses naturalizados em várias dessas publicações.

Logo, o primeiro objetivo específico que consistia em analisar produções científicas que abordem as Intervenções Assistidas por Animais como prática do Psicólogo foi alcançado. Os artigos foram devidamente analisados e evidenciados os fenômenos previstos no objetivo geral.

Considero que o objetivo de sistematizar os modos como os fenômenos do cuidado e da ética estão evidenciados na literatura das Intervenções Assistidas por Animais também foi alcançado. Evidenciamos que estes fenômenos manifestaram-se na literatura, conforme supracitado, por meio da: a) seleção dos animais com características que lhe causassem menor sofrimento (MCCULLOUGH et al., 2017); b) seleção dos participantes com perfis compatíveis e que reduziram a probabilidade de danos aos animais (ZILCHA-MANO, 2017); c) escalas de mensuração fisiológica e comportamental do estresse e da fadiga (MCCULLOUGH et al., 2017); d) respeito à escolha do animal em permanecer ou não em Intervenção (ZILCHA-MANO, 2017); e) prevenção de zoonoses e demais protocolos higiênicos (MUELA et al., 2017); f) gestão de riscos da Intervenção Assistidas (JONES; RICE; COTTON, 2019); comitês de ética e pesquisa (SILVA; OSÓRIO, 2018); g) menção às legislações, incluindo a declaração



de Helsinki (TOURNIER; VIVES; POSTAL, 2017); h) mecanismos hormonais que indicassem que os animais estariam também sendo beneficiados durante a interação (HEDIGER et al., 2019b); i) presença de profissionais e especialistas dedicados à saúde e bem-estar animal (MUELA et al., 2017); j) treinamento e certificação de animais e profissionais (GIULIANI; JACQUEMETTAZ, 2017); k) preparo ambiental e disponibilidade de comida e água (SILVA; OSÓRIO, 2018); e l) abertura a compreensão do animal enquanto ser senciente (BACHI; PARISH-PLASS, 2017).

Por fim, o último objetivo específico foi alcançado na medida em que ele preconizava: problematizar as Intervenções Assistidas por Animais como uma possibilidade de prática na avaliação e intervenção psicológica. Tal problematização foi executada com base no caráter naturalista de algumas práticas, que no seu caráter hegemônico, ora ocultavam o caráter subjetivo de certos fenômenos ao abordá-los pela metodologia das ciências naturais; ora encobriam outras e novas possibilidades de se exercer as Intervenções Assistidas por Animais.

Concluo assim que está evidenciado na literatura o fenômeno do cuidado, apesar da compreensão dos autores sobre este fenômeno está rotineiramente naturalizada. Esta naturalização tem ocultado os aspectos subjetivos e vivências dos fenômenos presentes durante as IAAs, também engessou o modo como as IAAs têm sido praticadas.

E também destaco que a situação dos animais, apesar de poder encontrar-se de maneira bem mais precária, ainda se encontra de modo vulnerável à certas objetificações. Porém, de todo modo, está evidente a prerrogativa ética, e que está só pode ser fundamentada diante de uma prática que cuide dos animais coterapeutas.

Como direção para pesquisas futuras, reitero o valor das pesquisas qualitativas e a diversidade metodológica e epistemológica para enriquecimento dos diálogos e debates sobre a prática profissional mediante este modelo interventivo. Finalmente, elenco o paradoxo fundamental da nossa relação com os demais animais: ao considerarmo-nos superiores, evidenciamos o potencial humano em exercer a barbárie; quando há a humildade e empatia de reconhecer-lhes o sofrimento, e quando visamos neles aspectos comuns de nossa própria e limitada condição humana, como a fome, a dor e a morte, apenas aí, estaremos prontos para agir de modo justo e valoroso, com toda grandeza e razão que outrora pensamos que nos separava dos demais seres viventes.

## REFERÊNCIAS

- ALES-BELLO, A. Mundo humano - mundo animal: uma interpretação do instinto em alguns manuscritos husserlianos tardios. In: **Paideia**. Springer, Dordrecht, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Introdução à fenomenologia** (JT Garcia & M. Mahfoud, Orgs. E Trads.). Bauru, SP: EDUSC, 2006.
- ALMEIDA, R. S.; BOEIRA, N. F. O cuidado na primeira seção de Ser e Tempo. **Existência e Arte-Revista Eletrônica do Grupo PET-Ciências Humanas, Estética e Artes**, p. 1-16, 2008. Disponível em: < [https://ufsj.edu.br/portal-repositorio/File/existenciaearte/Edicoes/4\\_Edicao/rogerio\\_almeida.pdf](https://ufsj.edu.br/portal-repositorio/File/existenciaearte/Edicoes/4_Edicao/rogerio_almeida.pdf) >. Acesso em: 01 de Setembro de 2021.
- AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION. **Manual de publicação da APA**. Porto Alegre: Penso Editora, 2012.
- ARAÚJO, G. S.; PEREIRA, S. M.; SANTOS, D. N. Revisão sobre tuberculose e transtornos mentais comuns. **Revista Eletrônica Gestão & Saúde**, v. 5, n. 2, p. 716-726, 2014. Disponível em: < <https://periodicos.unb.br/index.php/rgs/article/view/465> >. Acesso em: 01 de Setembro de 2021.
- ARTZ, B., DAVIS, D. B. Green care: A review of the benefits and potential of animal-assisted care farming globally and in rural America. **Animals**, v. 7, n. 4, p. 1-13, 2017.
- BACHI, K., PARISH-PLASS, N. Animal-assisted psychotherapy: A unique relational therapy for children and adolescents. **Clinical Child Psychology and Psychiatry**, v.22, n. 1, p. 2-8, 2017.
- BARREIRA, C. R. A. Da história da fenomenologia à ética na psicologia. **Memorandum: Memória e História em Psicologia**, 20, 135-144, 2011. Disponível em: < <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6628> >. Acesso em: 01 de Setembro de 2021.
- BASTOS, F. F. **Acompanhamento terapêutico (at), terapia assistida por animais (taa) e psicologia fenomenológica: diálogos para uma prática integrada sustentada pelo conceito de mundo-da-vida**. 2018. Monografia (programa de Graduação em Psicologia – CCH) – UFMA, São Luis, 2018.
- BASTOS, F. F.; BORBA, J. M. P. A TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS (TAA) E A PSICOLOGIA: um estudo fenomenológico das diferentes modalidades de vínculos homem animal na terapêutica. **Revista Ambivalências**, 6(11), 242-267, 2018.
- BEETZ, A. M. Theories and possible processes of action in animal assisted interventions. **Applied developmental science**, v. 21, n. 2, p. 139-149, 2017.
- BELLETATO, L.; BANHATO, E. F. Transtorno De Ansiedade Social (Tas) Ou Fobia Social: Contribuições Da Terapia Assistida Por Animais (Taa). **CADERNOS DE PSICOLOGIA**, v. 1, n. 1, 2019.

BINSWANGER, L. Sobre uma psicoterapia (1935). **Rev. latinoam. psicopatol. fundam.** São Paulo, v. 4, n. 1, p. 143-166, março de 2001. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/DJXM84Z3zh4KkRv6scQ99qL/?lang=pt> >. Acesso em: 01 de Setembro de 2021.

BOESE, A. **Elefantes em ácido: e outros experimentos bizarros.** Pan Macmillan, 2009.

BORBA, J. M. P. A "**Salvação**" dos endividados: literatura de "autoajuda" financeira e subjetividade na hipermodernidade. 2011. Tese de doutorado (programa de Pós-graduação em Psicologia Social) – UERJ, Rio de Janeiro. 2011.

\_\_\_\_\_. Saúde na infância, medicalização da existência e as intervenções assistidas com animais: alternativa ou nova tecnificação? In: DANTAS, Jurema Barros. **A infância medicalizada - discursos, práticas e saberes para o enfrentamento da medicalização da vida.** Curitiba: CRV, 2015.

BOSSARD, J. H. S. The mental hygiene of owning a dog. **Mental hygiene**, v. 28, p. 408-413, 1944.

BRANDALISE, A. A aplicação da música, realizada por musicoterapeutas e por outros profissionais da saúde, com pessoas em estados de baixo limiar de atenção: uma revisão sistemática. **Brazilian Journal of Music Therapy**, 2014

BRELSFORD, V. L., MEINTS, K., GEE, N. R., PFEFFER, K. Animal-Assisted Interventions in the Classroom—a systematic review. **International journal of environmental research and public health**, v. 14, n. 7, p. 1-33, 2017.

BROWEN, J. **Um gato de rua chamado Bob.** Ribeirão Preto, SP: Editora Novo Conceito: 2013.

CAETANO, E. C. S. **As contribuições da TAA – terapia assistida por animais à Psicologia.** 2010. 69 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2010. Disponível em: < <https://silo.tips/download/as-contribuioes-da-taa-terapia-assistida-por-animais-a-psicologia> >. Acesso em: 01 de Setembro de 2021.

CANGUILHEM, G. O que é a psicologia (1958). **Tempo Brasileiro**, 30(31), 104-123, 1973.

CARDOSO, C. D. R. D.; MASSIMI, M. Fundamentação da psicologia enquanto ciência da subjetividade: contribuições da fenomenologia de Edith Stein. **Edith Stein e a psicologia: teoria e pesquisa**, 2013.

CASTRO NETO, P. **O crime de omissão de socorro em face do dever de solidariedade.** 2013. 61 f. Monografia (Graduação em Direito) - Faculdade de Direito, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013

CASTRO, T. G.; GOMES, W. B. Movimento fenomenológico: controvérsias e perspectivas na pesquisa psicológica. **Psicologia: teoria e pesquisa.** Brasília. Vol. 27, n. 2, p. 233-240. 2011.

CHANDLER, C. K. Human-animal relational theory: A guide for animal-assisted counseling. **Journal of Creativity in Mental Health**, v. 13, n. 4, p. 429-444, 2018.

CHELINI, M. O.; OTTA, E. **Terapia assistida por animais**. Barueri, SP: Manole, 2016.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Código de Ética Profissional do Psicólogo**. Brasília, 2014.

CROSSMAN, M. K., KAZDIN, A. E. Perceptions of animal-assisted interventions: The influence of attitudes toward companion animals. **Journal of clinical psychology**, v. 74, n. 4, p. 566-578, 2018.

DERRIDA, J. **O animal que logo sou**. Trad. Fábio Landa. São Paulo: Unesp, 2002.

DESCARTES, R. **O Discurso do Método** (1637). São Paulo: Martins Fontes, 2007.

DESMOND, A; MOORE, J. **A Causa Sagrada de Darwin**. Rio de Janeiro. São Paulo: Record, 2009.

DICÉ, F., SANTANIELLO, A., GERARDI, F., MENNA, L. F. Meeting the emotion! Application of the Federico II Model for pet therapy to an experience of Animal Assisted Education (AAE) in a primary school. **Pratiques psychologiques**, v. 23, n. 4, p. 455-463, 2017.

DOTTI, J. **Terapia e animais**. São Paulo: Livrus, 2014.

EVERETT, D. L. **Linguagem**: a história da maior invenção da humanidade. São Paulo: Editora Contexto, 2019.

FABRI, M. A Atualidade Da Ética Husserliana. **Veritas**, 51(2), 2006.

FERRER, U.; SÁNCHEZ-MIGALLÓN, S. **La ética de Edmund Husserl**. Madrid: Thémata, 2011.

FINE, A. H., BECK, A. M., ZENITHSON, N. G. The state of animal-assisted interventions: addressing the contemporary issues that will shape the future. **International journal of environmental research and public health**, v. 16, n. 20, p. 1-18, 2019.

FLYNN, E. et al.. A randomized controlled trial of animal-assisted therapy as an adjunct to intensive family preservation services. **Child maltreatment**, v. 24, n. 2, p. 161-168, 2019.

FUCHS, H. **O animal em casa (Dissertação de Doutorado em Ciências)**. Instituto de Psicologia, USP: São Paulo, 1987.

GADAMER, H. G. **O caráter oculto da saúde**. Tradução de Antônio Luz Costa. Rio de Janeiro (RJ): Vozes; 2006.

GARCÍA, M. V. Presentación. In: HUSSERL, E. **Introducción a la Ética** (1924). Madrid: Editorial Trotta, 2020

GERMONE, M. M., GABRIELS R. L., GUÉRIN, N. A., PAN, Z., BANKS, T., O'HAIRE, M. E. Animal-assisted activity improves social behaviors in psychiatrically hospitalized youth with autism. **Autism**, v. 23, n. 7, p. 1740-1751, 2019.

GIULIANI, F.; JACQUEMETTAZ, M. Animal-assisted therapy used for anxiety disorders in patients with learning disabilities: An observational study. **European Journal of Integrative Medicine**, v. 14, p. 13-19, 2017.

GOMES, A. Uma ciência do psiquismo é possível? A psicologia empírica de Kant e a possibilidade de uma ciência do psiquismo. **Revista do Departamento de Psicologia UFF**, 17(1), 103-111, 2005. Disponível em: <  
<https://www.scielo.br/j/rdpsi/a/5SzJGG3dLfHDDVBSNBDyLwH/abstract/?lang=pt> >.  
 Acesso em: 01 de Setembro de 2021.

GONÇALVES, R. R. et al.. Merleau-Ponty, Sartre e Heidegger: três concepções de fenomenologia, três grandes filósofos. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 8, n. 2, p. 402-435, 2008. Disponível em: <  
[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-42812008000200019](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812008000200019) >.  
 Acesso em: 01 de Setembro de 2021.

GOTO, T. A. **A (re) constituição da Psicologia Fenomenológica em Edmund Husserl**. Tese de doutorado, GOTO, Tommy Akira et al.. PUC, Campinas, 2007.

\_\_\_\_\_. **Introdução à Psicologia Fenomenológica – A Nova Psicologia de Edmund Husserl**. São Paulo: Paulus, 2015.

GUBERT, P. G. Sobre o conceito de Ética Formal em Husserl. **Cognitio-Estudos: revista eletrônica de filosofia**, 12(2), 232-241, 2015. Disponível em: <  
<https://revistas.pucsp.br/index.php/cognitio/article/view/22284> >. Acesso em: 01 de Setembro de 2021.

GUIMARÃES, A. C. Aproximação aos conceitos básicos da fenomenologia. **Cadernos da EMARF, Fenomenologia e Direito**: Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, 2013.

GURGEL, L. L.; UZIEL, A. P. “E se essa Criança for Gay?”: Heteronormatividade e Homoparentalidade em Cena. **PSI UNISC**, v. 3, n. 2, p. 17-34, 2019.

HEDIGER, K., MEISSER, A., ZINSSTAG, J. A one health research framework for animal-assisted interventions. **International journal of environmental research and public health**, v. 16, n. 4, p. 1-6, 2019a.

HEDIGER, K., PETIGNAT, M., MARTI, R., GEORGIADIS, M. H. Animal-assisted therapy for patients in a minimally conscious state: A randomized two treatment multi-period crossover trial. **PloS one**, v. 14, n. 10, p. 1-12, 2019b.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo (1927)**. tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2002.

HINES, L. M. Perspectivas históricas sobre o vínculo humano-animal. **American Behavioral Scientist**, 47 (1), 7-15, 2003.

HOLLTUM, S. Pets, animal-assisted therapy and social inclusion. **Mental Health and Social Inclusion**, v. 22, n. 2, p. 65-71, 2018.

HOSEY, M. M., JASKULSKI, J., WEGENER, S. T., CHLAN, L. L., NEEDHAM, D. M. Animal-assisted intervention in the ICU: a tool for humanization. **Critical Care**, v. 22, n. 22, p. 1-4, 2018.

HUSSERL, E. **Philosophy of arithmetic: Psychological and logical investigations with supplementary texts from 1887–1901** (Vol. 10). Springer Science & Business Media, 2012.

\_\_\_\_\_. **Filosofia Dell'Aritmetica** (1891). Milano: Studi Bonpiani, 2001.

\_\_\_\_\_. **Investigações Lógicas: prolegômenos** (1900). Rio de Janeiro: Forense, 2014.

\_\_\_\_\_. **A ideia da fenomenologia** (1906). Tradução Artur Morão. Rio de Janeiro: Edições 70, 2000.

\_\_\_\_\_. **A filosofia como ciência de rigor** (1911). Lisboa: Atlântida, 1965.

\_\_\_\_\_. **Ideias relativas a uma fenomenología pura y una filosofia fenomenológica: investigaciones fenomenológicas sobre la constitución** (1913). México: UNAM, Instituto de Investigaciones Filosóficas, 2005.

\_\_\_\_\_. **Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: introdução geral à fenomenologia pura** (1913). Tradução de Márcio Suzuki. Aparecida: Idéias & Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. **Renovação seu problema e método** (1923). Tradutor: Pedro M. S. Alves. Coleção Textos Clássicos de Filosofia: Covilhã, 2008a.

\_\_\_\_\_. **Introducción a la Ética** (1924). Madrid: Editorial Trotta, 2020.

\_\_\_\_\_. El Artículo Fenomenologia de da Enciclopédia Británica (1927). In: **Invitácio a la fenomenologia**. Paidós, Barcelona, 1992, p. 35-73.

\_\_\_\_\_. **Meditações cartesianas: introdução à fenomenologia** (1931). São Paulo: Madras, 2001.

\_\_\_\_\_. A ingenuidade da ciência (1934). **Scientiae Studia**, v. 7, n. 4, p. 659-667, 2009.

\_\_\_\_\_. **A Crise da Humanidade Europeia e a Filosofia** (1935). Tradutor: Pedro M. S. Alves. Coleção Textos Clássicos de Filosofia: Covilhã, 2008b.

\_\_\_\_\_. **A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental** (1936). Rio de Janeiro: Forense, 2012.

INGOLD, T. Humanidade e animalidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 28, n. 10, 1995.

INTERNATIONAL ASSOCIATION OF HUMAN-ANIMA INTERACTION ORGANIZATION (IAHAIO). **IAHAIO's Position Statement regarding Domestic Violence And Relate Animal Abuse**. 2018. Disponível em: < <https://iahaio.org/wp/wp-content/uploads/2018/06/iahaio-position-statement-regarding-domestic-violence-and-related-animal-abuse-final-2.pdf> >. Acesso em: 02 de Junho de 2020.

ITARD, J. Dissertação sobre os primeiros desenvolvimentos de Victor de l'Aveyron. **Paris: Goujon**, 1801.

JAROLMEN, J.; PATEL, G. The effects of animal-assisted activities on college students before and after a final exam. **Journal of Creativity in Mental Health**, v. 13, n. 3, p. 264-274, 2018.

JEGATHEESAN, B. et al.. **As definições da IAHAIO para intervenção assistida por animais e atividade assistida por animais e diretrizes para o bem-estar dos animais envolvidos**. 2018.

JONAS, H. **O princípio vida: fundamentos para uma biologia filosófica** (1966). Trad. Carlos Almeida Pereira. Petrópolis: Vozes, 2004.

JONES, M. G., RICE, S. M., COTTON, S. M. Incorporating animal-assisted therapy in mental health treatments for adolescents: A systematic review of canine assisted psychotherapy. **PloS one**, v. 14, n. 1, p. 1-27, 2019.

JONES, M. Innovative Therapeutic Intervention for Children: Animal-assisted therapy in South Australia. **Childhood Education**, v. 94, n. 1, p. 50-54, 2018

KANT, I. Prefácio à segunda edição da Crítica da razão pura (1781). Em: **Immanuel Kant: textos seletos – 3º Ed.** – Petrópolis: Vozes, 2005. P. 23-45.

\_\_\_\_\_. **Princípios metafísicos da ciência da natureza (1786)**. Lisboa: Edições 70, 1990.

KAZDIN, A. E. Strategies to improve the evidence base of animal-assisted interventions. **Applied developmental science**, v. 21, n. 2, p. 150-164, 2017.

KORELC, M. Crença e Razão na Fenomenologia de Husserl. **Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea**. Brasília, v. 3, nº. 2, 2015. Disponível em: < <https://periodicos.unb.br/index.php/fmc/article/view/12510> >. Acesso em: 01 de Setembro de 2021.

KRUG, F. D. M. et al.. Intervenções assistidas por animais em pacientes com transtornos mentais/Animal assisted interventions in patients with mental disorders. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 2, n. 6, p. 4926-4936, 2019.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. D. A. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

LÉVINAS, Emmanuel. **Descobrendo a existência com Husserl e Heidegger** (1947). Tradução Fernanda Oliveira, Lisboa–Portugal: Instituto Piaget, 1998.

LEVINSON, B. M. O cão como "co-terapeuta". **Higiene Mental**. Nova York, 1962.

\_\_\_\_\_. Pet psychotherapy: use of household pets in the treatment of behavior disorder in childhood. **Psychological Reports**, 17(3), 695-698, 1965.

\_\_\_\_\_. **Pet-oriented Child Psychotherapy** (1969). 2. ed. Springfield: Charles Thomas Publisher, 1997.



\_\_\_\_\_. **Pets and human development**. Illinois: Charles C Thomas. 1972.

\_\_\_\_\_. Pets and personality development. **Psychological Reports**, 42(3\_suppl), 1031-1038, 1978.

\_\_\_\_\_. Human/companion animal therapy. **Journal of Contemporary Psychotherapy**, 14(2), 131-144, 1984.

LIMA, T. C. S. D.; MIOTO, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista Katálysis**, 2007.

Disponível em: < <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=179613967004> >. Acesso em: 01 de Setembro de 2021.

LOURENÇO, D. B.; OLIVEIRA, F. C. S. Sustentabilidade, economia verde, direito dos animais e ecologia profunda: algumas considerações. **Revista Brasileira de Direito Animal**, 7(10), 2012. Disponível em: < <https://periodicos.ufba.br/index.php/RBDA/article/view/8403> >. Acesso em: 01 de Setembro de 2021.

LUZ, R. D.; OLIVEIRA, M. J. C. **A influência da depressão na mortalidade de pacientes em hemodiálise: revisão integrativa**. 2019.

MALLON, G. P. A generous spirit: The work and life of Boris Levinson. **Anthrozoös**, 7(4), 224-231, 1994.

MARQUES, M. I. D. et al.. Eficácia de intervenções assistidas por animais na prevenção da violência de doentes psiquiátricos agudos hospitalizados. **Rev. Enf. Ref.**, Coimbra, v. ser IV, n. 5, p. 47-56, jun. 2015.

MARTINS, R. C. et al.. Efeitos da associação da Terapia Assistida por Animais com o tratamento fisioterápico na funcionalidade e humor de indivíduos com demência. **Fisioterapia Brasil**, v. 20, n. 1, p. 119-130, 2019.

MCCULLOUGH, A. et al.. Physiological and behavioral effects of animal-assisted interventions on therapy dogs in pediatric oncology settings. **Applied Animal Behaviour Science**, v. 200, p. 86-95, 2018.

MCCUNE, S., ESPOSITO, L., GRIFFIN, J. A. Introduction to a thematic series on animal assisted interventions in special Populations. **Applied Developmental Science**, v. 21, n. 2, p. 136-138, 2017.

MENNA, L. F., SANTANIELLO, A., TODISCO, M., AMATO, A. The Human–Animal relationship as the focus of Animal-Assisted Interventions: A one health approach. **International journal of environmental research and public health**, v. 16, n. 19, p. 1-10, 2019.

MERLEAU-PONTY, M. **Uma estrutura de comportamento** (1942). Belo Horizonte: Interlivros , 1975.

\_\_\_\_\_. **Fenomenologia da percepção** (1945). São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. **Conversas** (1948). São Paulo: Martins Fontes, 2004.



MISSAGGIA, J. O conceito husserliano de corpo: Sua Dualidade e função nas experiências perceptivas. **Problemata: Revista Internacional de Filosofia**, 8(3), 196-208, 2017.

MOHANTY, J. N. Kant and Husserl. **Husserl Studies**, v. 13, n. 1, p. 19-30, 1996.

MOREIRA, V. A contribuição de Jaspers, Binswanger, Boss e Tatossian para a psicopatologia fenomenológica. **Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**, 17(2), 172-184, 2011.

MORIN, E. **O paradigma perdido: a natureza humana**. Europa América: 1973.

MOURA, C. A. R. Prefácio. In: HUSSERL, E. **Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica**: introdução geral à fenomenologia pura (1913). Aparecida: Idéias & Letras, 2006.

MUCKLE, J., LASIKIEWICZ, N. An exploration of the benefits of animal-assisted activities in undergraduate students in Singapore. **Asian Journal of Social Psychology**, v. 20, n. 2, p. 75-84, 2017.

MUELA, A., AZPIROZ, J., CALZADA, N., SOROA, G., ARITZETA, A. Leaving a mark, an animal-assisted intervention programme for children who have been exposed to gender-based violence: A pilot study. **International journal of environmental research and public health**, v. 16, n. 21, p. 1-12, 2019.

MUELA, A., BALLUERKA, N., AMIANO, N., CALDENTEY, M. A., ALIRI, J. Animal-assisted psychotherapy for young people with behavioural problems in residential care. **Clinical psychology & psychotherapy**, v. 24, n. 6, p. 1-10, 2017.

NAGEL, T. Como é ser um morcego? (1974). **Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**, 19(1), 109-115, 2013.

NAKAJIMA, Y. Comparing the effect of Animal-Rearing education in Japan with Conventional Animal-Assisted education. **Frontiers in veterinary science**, v. 4, p. 1-15, 2017.

NOBRE, M. O. et al.. Projeto pet terapia: intervenções assistidas por animais-uma prática para o benefício da saúde e educação humana. **Expressa Extensão**, v. 22, n. 1, p. 78-89, 2017.

NOGUEIRA, M. T. D. et al.. Terapia Assistida Por Animais Como Estratégia Pedagógica Para Crianças Que Apresentam O Transtorno Do Espectro Autista. **Revista GepesVida**, v. 5, n. 13, 2019.

OLIVEIRA, C. A. B. et al.. Perfil da vítima e características da violência contra a mulher no estado de Rondônia-Brasil. **Revista Cuidarte**, v. 10, n. 1, 2019.

OWENBY, B. E. The potential of animal-assisted therapy within the supervisory alliance. **Journal of Creativity in Mental Health**, v. 12, n. 1, p. 146-159, 2017.

PAGE, M. J. et al.. The PRISMA 2020 statement: an updated guideline for reporting systematic reviews. **Bmj**, 2021.

PAINTER, C. M. Appropriating the Philosophies of Edmund Husserl and Edith Stein: Animal psyche, empathy and moral subjectivity. In: PAINTER, C.; LOTZ, C. **Phenomenology and the Non-Human Animal**. Springer, Dordrecht, 2007.

PEIXOTO, A. J.; HOLANDA, A. F. **Fenomenologia do cuidado e do cuidar: perspectivas multidisciplinares**. Curitiba: Juruá, p. 26, 2011.

PENDRY, P., KUZARA, S., GEE, N. R. Evaluation of undergraduate students' responsiveness to a 4-week university-based animal-assisted stress prevention program. **International journal of environmental research and public health**, v. 16, n. 18, p. 1-16, 2019.

PENDRY, P., VANDAGRIFF, J. L., CARR, A. M. Clinical depression moderates effects of animal-assisted stress prevention program on college students' emotion. **Journal of Public Mental Health**, v. 18, n. 2, p. 94-101, 2019.

PEREIRA, J. G. T.; MEIRELLES, R. L. P. Fenomenologia Husserliana: O Projeto Fenomenológico. **CES Revista**, 33(1), 190-208, 2019. Disponível em: < <http://seer.uniacademia.edu.br/index.php/cesRevista/article/view/2109> >. Acesso em: 01 de Setembro de 2021.

PEREIRA, V. R. **Intervenções Assistidas por Animais com crianças em contextos de vulnerabilidade social: utilizando o método photovoice**. 2017. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pelotas. Disponível em: < <https://pesquisa.bvsalud.org/bvs-vet/resource/pt/vtt-206682> >. Acesso em: 01 de Setembro de 2021.

PERES, S. P. Husserl e o projeto de psicologia descritiva e analítica em Dilthey. **Memorandum: Memória e História em Psicologia**, 27, 12-28, 2014. Disponível em: < <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6506> >. Acesso em: 01 de Setembro de 2021.

PET PARTNERS. **Annual Report**. 2017. Disponível em: <[https://petpartners.org/wp-content/uploads/2018/07/petpartners\\_2017\\_annual-report-F\\_web.pdf](https://petpartners.org/wp-content/uploads/2018/07/petpartners_2017_annual-report-F_web.pdf)>. Acesso em: 02 de Junho de 2020.

PUENTE, F. R. **Os filósofos e o suicídio**. Editora UFMG, 2008.

REZENDE JÚNIOR, G. C. **Impacto das campanhas publicitárias contra o tabagismo no comportamento do consumidor**. 2013. Dissertação (Mestrado em Publicidade e Marketing) – Instituto Politécnico de Lisboa, Lisboa.

ROCHA, C. F. P. G.; MUÑOZ, P. O. L.; ROMA, R. P. S. História do Relacionamento entre animais humanos e não humanos e da TAA. In: **Terapia Assistida Por Animais**. São Paulo: Editora Manole Ltda, 2016.

RODRIGUES, C. R. **Distribuição De Polimorfismos Neandertais No Genoma Mitocondrial Humano**. 2018. Dissertação de Mestrado (Ciências Biológicas) – Universidade Federal de São Paulo, São Paulo.

SABADINI, A. A. Z. P.; SAMPAIO, M. I. C.; KOLLER, S. H. **Publicar em psicologia: um enfoque para a revista científica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

SANTOS, R. P. V.; MACIEL, J. C. Anotações para uma genealogia da desconstrução: Derrida lendo Husserl. **Multitemas**, 169-183, 2019.

SARTRE, J. P. **O imaginário: Psicologia fenomenológica da imaginação** (1940). São Paulo: Ática, 1996.

SCHELER, M. A Diferença Essencial entre o Homem e o Animal (1928). In: **A situação do Homem no Cosmo**. Texto & Grafia: Lisboa, 2008.

SCHLEDER, K. S.; HOLANDA, A. Nise da Silveira e o enfoque fenomenológico. **Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**, 21(1), 49-61, 2015. Disponível em: < [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S1809-68672015000100006](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1809-68672015000100006) >. Acesso em: 01 de Setembro de 2021.

SCHMITZ, A., BEERMANN, M., MACKENZIE, C. R., FETZ, K., QUACH, C. S. Animal-assisted therapy at a University Centre for Palliative Medicine—a qualitative content analysis of patient records. **BMC palliative care**, v. 16, n. 1, p. 1-13, 2017.

SENRA, A. **Husserl e as Ciências: a fenomenologia e os paradigmas atuais da epistemologia**. Curitiba: CRV, 2020.

SHANI, L. Animal-assisted dyadic therapy: A therapy model promoting development of the reflective function in the parent–child bond. **Clinical child psychology and psychiatry**, v. 22, n. 1, p. 46-58, 2017.

SHEN, R. Z. Z. et al. “We need them as much as they need us”: A systematic review of the qualitative evidence for possible mechanisms of effectiveness of animal-assisted intervention (AAI). **Complementary therapies in medicine**, v. 41, p. 203-207, 2018.

SILVA, A. C. P. **Efeito das Intervenções Assistidas por Animais na ativação de emoções positivas em idosos institucionalizados**. 2018. Tese de Doutorado (Mestrado em Gerontologia) – Escola Superior de Educação, Coimbra.

SILVA, Bruna Guimarães de Sousa e. **Uma Fenomenologia das Intervenções Clínicas com arte e interação humano-animal em Nise da Silveira**. 2020. 106 f. Dissertação( Programa de Pós-Graduação em Psicologia./CCH) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2020

SILVA, L. V. C. **Diálogos entre as intervenções assistidas por animais – IAA’S e a psicopatologia fenomenológica: possibilidades clínicas de intervenção em Psicologia**. 2019. 146 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Psicologia/CCH) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís.

SILVA, N. B.; OSÓRIO, F. L. Impact of an animal-assisted therapy programme on physiological and psychosocial variables of paediatric oncology patients. **PLoS One**, v. 13, n. 4, p. 1-15, 2018.

SILVEIRA, N. D. **Imagens do inconsciente**. 4º Ed. Rio de Janeiro: Alhambra, 1981.

SILVEIRA, A. S. et al.. **A perspectiva fenomenológica aplicada ao estudo de caso – Análise ideográfica e nomotética de uma experiência de dor e sofrimento do ser com câncer**. Fortaleza: Atas - Investigação Qualitativa em Saúde, 2018.

SINGER, P. **Libertação Animal (1975)**. Tradução Marly Winckler, Marcelo B. Cipolla. Revisão técnica Rita Paixão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

\_\_\_\_\_. All animals are equal. **Philosophic Exchange**, 5(1), 6, 1974.

\_\_\_\_\_. Equality for animals? (1979). In S. J. Armstrong, & R. G. Botzler (Eds.), **Environmental ethics: Divergence and convergence**. New York: McGraw-Hill, 1979.

SOARES, M. C. F. Uma Análise Sobre Depressão, Melancolia e Suicídio. **Psicologado**, 2019.

SOUZA, L. V. A. L.; KARLS, C. E. O impacto das vitórias de Jesse Owens nas olimpíadas de 1936 na Alemanha nazista. **Revista Brasileira de Iniciação Científica**, v. 7, n. 3, p. 110-130, 2020.

SPIEGELBERG, H. **The Phenomenological Movement – a historical introduction**. Netherlands: Martinus Nijhoff/ The Hague, 1965.

STEIN, E. Estructura de La Persona Humana (1932). In: Stein, E. **Obras Completas IV: Escritos Antropológicos e Filosóficos**. Burgos: Editorial Monte Carmelo; Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad, 2003.

TAIBO, C. Colapso: capitalismo terminal, transición ecosocial, ecofascismo. **Los libros de la Catarata**, 2020.

TEODORO, P. P.; KOGA, T. M.; NAKASU, M. V. P. Investigação dos padrões relacionais do vínculo mãe-filha envolvidos na obesidade feminina. **Revista de Medicina**, v. 96, n. 2, p. 63-72, 2017.

THACKERAY, W. M. **O Livro dos Esnobes** (1846). Porto Alegre: RS, P&M, 2010.

TITCHENER, E. B. Brentano and Wundt: Empirical and experimental psychology. **The American Journal of Psychology**, 32(1), 108-120, 1921.

TOADVINE, T. “Strange Kinship”: Merleau-Ponty on the Human–Animal Relation. In: **Phenomenology of Life from the Animal Soul to the Human Mind**. Springer: Dordrecht, 2007.

TOURINHO, C. D. C. A consciência e o mundo na fenomenologia de Husserl: influxos e impactos sobre as ciências humanas. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 12, n. 3, p. 852-866, 2012. Disponível em: < [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1808-42812012000300008&script=sci\\_abstract](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1808-42812012000300008&script=sci_abstract) >. Acesso em: 01 de Setembro de 2021.

TOURNIER, I., VIVES, M. F., POSTAL, V. Animal-assisted intervention in dementia. **Swiss Journal of Psychology**, v. 76, n. 2, p. 51-58, 2017.

TREVISAM, E.; JUNIOR, J. C. Princípios Ruggie E A Proteção De Direitos Humanos Dos Seres Não Humanos. **Relações Internacionais no Mundo Atual**, 1(26), 109-121, 2020.

ULIANA, R. S.; CUNHA, M. C. Intervenções Assistidas por Animais na expressão psíquica de Deficientes Intelectuais Adultos (IAA e Deficiência intelectual). **Distúrbios da Comunicação**, 32(1), 114-123, 2020.

WAITE, T. C., HAMILTON, L., O'BRIEN, W. A meta-analysis of Animal Assisted Interventions targeting pain, anxiety and distress in medical settings. **Complementary therapies in clinical practice**, v. 33, p. 49-55, 2018.

WANSER, S. H., UDELL, M. A. R. Does attachment security to a human handler influence the behavior of dogs who engage in animal assisted activities? **Applied Animal Behaviour Science**, v. 210, p. 88-94, 2019.

YAMAMOTO, K. C. M. et al.. Avaliação fisiológica e comportamental de cães utilizados em terapia assistida por animais (TAA). **Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia**, p. 568-576, 2012.

ZAHAVI, D. **Fenomenologia para iniciantes**. Rio de Janeiro: Via Verita, 2019.

ZILCHA-MANO, S. Resolution of alliance ruptures: The special case of animal-assisted psychotherapy. **Clinical Child Psychology and Psychiatry**, v. 22, n. 1, p. 34-45, 2017.

## **APÊNDICE**

**APÊNDICE 1**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE A**

<b>IDENTIFICAÇÃO</b>	
<b>Título:</b> Perceptions of animal-assisted interventions: The influence of attitudes toward companion animals	
<b>Autor:</b> M. K. Crossman; A.E. Kazdin	
<b>Ano:</b> 2017	<b>País:</b> EUA
<b>Afiliação Institucional:</b> Universidade de Yale.	
<b>Tipo de pesquisa</b> <input type="checkbox"/> Ensaio teórico <input type="checkbox"/> Revisão bibliográfico <input type="checkbox"/> Relato de experiência <input checked="" type="checkbox"/> Estudos empíricos <input type="checkbox"/> Estudos metodológicos <input type="checkbox"/> Outro: _____	
<b>Contextos</b> <input type="checkbox"/> Hospitalar <input type="checkbox"/> Clínica <input type="checkbox"/> Clínica infantil <input type="checkbox"/> Jurídica <input type="checkbox"/> Institucional <input type="checkbox"/> Social e comunitária <input type="checkbox"/> Organizacional e do trabalho  <input checked="" type="checkbox"/> Não se aplica, Justificativa: <u>A pesquisa visa compreender o conhecimento e as expectativas do público em geral em relação às Intervenções Assistidas por Animais, logo não trata de um contexto específico</u> <input type="checkbox"/> Outro: _____	
<b>Objetivo:</b> “Nós testamos se as pessoas são propensas a possuírem percepções positivas acerca das IAAs. Ademais, avaliamos se esse efeito é mais forte para pessoas que possuem uma atitude positiva acerca da companhia animal” (p. 1).	
<b>Palavras-chave:</b> Intervenção Assistida por Animais, expectativa, atitudes, interação homem-animal, aceitabilidade do tratamento.	
<b>Tipo de intervenção:</b> ( x ) TAA ( ) AAA ( x ) EAA	
<b>Animal coterapeuta:</b> Não especificado, mas ocorrem menções específicas à figura do cachorro.	
<b>Referencial teórico/epistemológico claramente evidenciado? ?</b> <input type="checkbox"/> Não ( X ) Sim, qual? <u>estatístico</u>	

**APÊNDICE 1**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE B**

<b>ASPECTOS OPERACIONAIS E FORMAIS QUE ANUNCIAM UMA PREOCUPAÇÃO ÉTICA E DE CUIDADO</b>
<p><b>Menção aos riscos envolvidos nas IAAs e outras limitações:</b>            Sim, o artigo apresenta que a visão que o público em geral tem sobre as IAAs é demasiadamente distante da prática e da compreensão dos especialistas; que o fato de haver animais envolvidos pode influenciar pessoas com uma atitude positiva em relação aos animais em supervalorizar os benefícios das IAAs; alega que, conforme a orientação epistemológica dos autores, há a necessidade de mais evidências e rigor para sustentação da prática.</p>
<p><b>Menção à comitê de ética e pesquisa:</b> Não</p>
<p><b>Menção aos critérios de seleção do animal coterapeuta:</b> Não.</p>
<p><b>Menção ao preparo higiênico e protocolos de intervenção:</b> Não.</p>
<p><b>Menção à legislação de bem-estar animal:</b> Não.</p>
<p><b>Menção à organizações nacionais ou internacionais que regulamentem a prática:</b> Sim, há menção à IAHAIO, em nota de roda-pé.</p>
<p><b>Menção à equipe multidisciplinar?</b>            ( ) Sim, que outros profissionais : _____             ( X ) Não</p>



**APÊNDICE 1**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE C**

**EVIDÊNCIAS E ASPECTOS DOS FENÔMENOS DO CUIDADO E A  
ÉTICA**

**Sobre a evidência de preocupação e cuidado com os seres humanos:**

A preocupação e o cuidado com os seres humanos se evidencia pela preocupação do rigor científico natural da produção que apresenta as IAAs como alternativa terapêutica.

O artigo ao defender que “participantes que possuem atitudes positivas a respeito de animais de companhia talvez possam se beneficiar mais com as IAA’s do que indivíduos que possuam uma postura mais negativa em relação à companhia animal, in parte porque eles percebem as IAA’s dão mais credibilidade” (p. 11), demonstra uma preocupação em delimitar a população que melhor fará proveito das IAA’s.

**Sobre a evidência de preocupação e cuidado com os animais coterapueta:**

Não há. Mesmo que pudesse fazer menção à segurança do animal coterapeuta em ser direcionado apenas para pessoas que já predisponham de uma postura positiva acerca dos demais animais, essa menção não ocorre.

**Notas adicionais:** O animal comparece no texto sempre como um elemento constituinte das IAA’s, com o qual as pessoas podem possuir uma postura positiva ou negativa. Contudo, a relação é compreendida de modo naturalizado e reificado, é compreendida mediante teorias prévias, como a da estigmatização por associação. A atitude em relação aos animais de estimação é metrificada no estudo por meio da *Pet attitude scale-Modified*.

O artigo busca metrificar e objetificar, com a finalidade de encontrar um respaldo científico e estatístico, para endossar aquilo que já evidente no mundo-da-vida: que as IAA’s são intervenções mais interessantes para indivíduos que compreendem o vínculo homem-animal como positivo.

**APÊNDICE 2**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE A**

<b>IDENTIFICAÇÃO</b>	
<b>Título:</b> Animal-assisted Psychotherapy: a unique relational Therapy for children and adolescents	
<b>Autor:</b> Keren Bahi; Nancy Parish-Plass	
<b>Ano:</b> 2017	<b>País:</b> EUA e Israel
<b>Afiliação Institucional:</b> Psychiatry and Neuroscience, Icahn School of Medicine at Mount Sinai, USA; School of Social Work, University of Halifa, in Israel; AHAVA: Emergency Shelter for At-Risk Children, in Israel	
<b>Tipo de pesquisa</b> <input checked="" type="checkbox"/> Ensaio teórico <input type="checkbox"/> Revisão bibliográfico <input type="checkbox"/> Relato de experiência <input type="checkbox"/> Estudos empíricos <input type="checkbox"/> Estudos metodológicos <input type="checkbox"/> Outro: _____	
<b>Contextos</b> <input type="checkbox"/> Hospitalar <input checked="" type="checkbox"/> Clínica <input checked="" type="checkbox"/> Clínica infantil <input type="checkbox"/> Jurídica <input type="checkbox"/> Institucional <input type="checkbox"/> Social e comunitária <input type="checkbox"/> Organizacional e do trabalho  <input type="checkbox"/> Não se aplica, Justificativa: _____  <input type="checkbox"/> Outro: _____	
<b>Objetivo:</b> “apresentar a um pouco dessa modalidade única de psicoterapia, demonstrando a abrangência e profundidade deste campo, por meio de pontos da teoria, pesquisa e prática”.	
<b>Palavras-chave:</b> não possui.	
<b>Tipo de intervenção:</b> <input checked="" type="checkbox"/> TAA <input type="checkbox"/> AAA <input type="checkbox"/> EAA	
<b>Animal coterapeuta:</b> Inespecífico, mas há menções à cães e cavalos.	
<b>Referencial teórico/epistemológico claramente evidenciado? ?</b> <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/> Sim, qual? <u>Neurociência (bases biológicas) e uma compreensão interrelacional e sócio-construtivista não especificada.</u>	

**APÊNDICE 2**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE B**

<b>ASPECTOS OPERACIONAIS E FORMAIS QUE ANUNCIAM UMA PREOCUPAÇÃO ÉTICA E DE CUIDADO</b>
<b>Menção aos riscos envolvidos nas IAAs e outras limitações:</b> Sim, menciona os riscos envolvidos por psicoterapeutas não treinados em se proporem a atuar com este modelo interventivo; menciona as dificuldades éticas e clínicas que se interpõe enquanto obstáculos na execução de pesquisas na área.
<b>Menção à comitê de ética e pesquisa:</b> Não, mas menciona que há obstáculos éticos na prática e na pesquisa.
<b>Menção aos critérios de seleção do animal coterapeuta:</b> Não, mas situa que deve haver a possibilidade de um vínculo homem-animal para o processo terapêutico.
<b>Menção ao preparo higiênico e protocolos de intervenção:</b> Não, apenas menciona a importância de capacitação do terapeuta que se propuser a atuar neste campo.
<b>Menção à legislação de bem-estar animal:</b> Não.
<b>Menção à organizações nacionais ou internacionais que regulamentem a prática:</b> Não.
<b>Menção à equipe multidisciplinar?</b> ( ) Sim, que outros profissionais : _____  ( X ) Não

**APÊNDICE 2**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE C**

<b>EVIDÊNCIAS E ASPECTOS DOS FENÔMENOS DO CUIDADO E A ÉTICA</b>
<p><b>Sobre a evidência de preocupação e cuidado com os seres humanos:</b></p> <p>São evidenciadas relações de preocupação e cuidado com os seres humanos, na medida em que promover saúde é o objetivo central da TAA, e o que justifica a inserção de animais neste contexto:</p> <p>“Várias modalidades de intervenções tomam vantagem do vínculo Homem-Animal para promover o desenvolvimento de saúde e melhorar condições de adoecimento em humanos” (p. 1);</p> <p>“Psicoterapia assistida por animais é utilizada em várias populações ao longo das etapas da vida, bem como em crianças e jovens em risco, que sofrem desordens no desenvolvimento; pacientes psiquiátricos; veteranos de guerra e população presidiária” (p. 1-2)</p> <p>“Apesar disso, a psicoterapia assistida por animais não tem como objetivo primeiro promover a experiência de bem-estar, causada pelo rebaixamento do nível de cortisol, a redução do cortisol pode permitir que criança e se acalme o suficiente para entrar no processo psicoterapêutico. Um efeito calmante paralelo, causado pela presença do animal, é reportado também pelos próprios terapeutas quando os clientes compartilham os acontecimentos traumáticos” (p. 3)</p>
<p><b>Sobre a evidência de preocupação e cuidado com os animais coterapeutas:</b> O mais próximo que se tem de evidências da preocupação com os animais coterapeutas, e que é abordado aqui como algo positivo no texto, é o próprio reconhecimento destes enquanto: “Seres vivos que efetivamente comem, se movem, demonstram emoções, procriam, adoecem e eventualmente morrem” (p.2); “psicoterapia assistida por animais como modelo didático [...] via duas ferramentas centrais: uma instância ética do terapeuta que vê o animal como um parceiro completo na situação de terapia; e a comunicação não verbal com os animais” (p. 3).</p> <p>Além disso, quando os autores abordam a questão da pesquisa, interpõe “obstáculos clínicos e éticos” (p. 3), que podem fazer ou não menção à uma preocupação com os animais, uma vez que estes obstáculos não são especificados. Do mesmo modo, a preocupação com terapeutas inexperientes que se valham das TAA’s.</p>
<p><b>Notas adicionais:</b></p> <p>Não há evidências de reificação, na medida em que o animal é visto como ser vivo, e como um parceiro na terapia, por mais que não possa ser considerado um terapeuta já que, segundo argumentam os autores, não está consciente dos objetivos terapêuticos da intervenção.</p> <p>O vínculo homem-animal é compreendido como importantíssimo para o desenvolvimento da terapia, uma vez que: “a presença do animal expande o espaço potencial da criança, necessário para a auto-expressão” (p. 2); “que a criança tende a identificar-se com o animal” (p.2); “facilita o estabelecimento da relação terapêutica” (p. 2); “o animal representa a realidade, por mais que em uma distância psicológica segura” (p. 2). Os autores apresentam o vínculo homem-animal como aspecto fundamental das TAA’s</p> <p>Apesar do artigo reconhecer a importância do vínculo para o processo da Psicoterapia Assistida por Animais, compreendendo o caráter senciente do animal, este ainda é posto como meio para um fim: a saúde e o cuidado do humano. Também se encontra uma naturalização dos processos psicológicos, tanto do estresse, quanto do sofrimento e demais danos causados por maus-tratos infantis: apresenta uma visão neurológica e biológica. Há certo contato e abertura ao mundo-da-vida, no reconhecimento do animal e do lugar do vínculo, mas não quando se trata do processo interventivo em si, que continua em visar prioritariamente o humano.</p>

**APÊNDICE 3**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE A**

<b>IDENTIFICAÇÃO</b>	
<b>Título:</b> Resolution of alliance ruptures: The special case of animal-assisted psychotherapy.	
<b>Autor:</b> Sigal Zilcha-Mano	
<b>Ano:</b> 2017	<b>País:</b> Israel
<b>Afiliação Institucional:</b> University of Haifa	
<b>Tipo de pesquisa</b>	
<input checked="" type="checkbox"/> Ensaio teórico <input type="checkbox"/> Revisão bibliográfico <input type="checkbox"/> Relato de experiência <input type="checkbox"/> Estudos empíricos <input type="checkbox"/> Estudos metodológicos <input type="checkbox"/> Outro: _____	
<b>Contextos</b>	
<input type="checkbox"/> Hospitalar <input checked="" type="checkbox"/> Clínica <input checked="" type="checkbox"/> Clínica infantil <input type="checkbox"/> Jurídica <input type="checkbox"/> Institucional <input type="checkbox"/> Social e comunitária <input type="checkbox"/> Organizacional e do trabalho <input type="checkbox"/> Não se aplica, Justificativa: _____ <input type="checkbox"/> Outro: _____	
<b>Objetivo:</b> Descrever o processo impar de resolução da ruptura de aliança terapêutica nas Psicoterapias Assistidas por Animais.	
<b>Palavras-chave:</b> Psicoterapia Assistida por Animais; processo de resolução de ruptura; apego animal; ruptura de alianças.	
<b>Tipo de intervenção:</b> ( X ) TAA ( ) AAA ( ) EAA	
<b>Animal coterapeuta:</b> Em nota de roda-pé faz menção aos cães.	
<b>Referencial teórico/epistemológico claramente evidenciado? ?</b>	
<input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/> Sim, qual? <u>Teoria do Apego de Bowlby</u>	

**APÊNDICE 3**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE B**

<b>ASPECTOS OPERACIONAIS E FORMAIS QUE ANUNCIAM UMA PREOCUPAÇÃO ÉTICA E DE CUIDADO</b>
<b>Menção aos riscos envolvidos nas IAAs e outras limitações:</b> Sim, tanto na limitação do perfil de quem poderia efetivamente ser beneficiado pelas IAA's ; "Diferenças individuais na orientação do apego talvez estejam ignorando a compreensão de quem realmente pode se beneficiar da relação com um pet" (p. 4), quanto na possibilidade do "paciente dirigir expressão de raiva ou insatisfação com o terapeuta, o animal ou com algum aspecto da terapia" (p. 5). Também há a limitação de não haver vínculo, ou ainda, haver uma ruptura, na relação da pessoa atendida com o animal. Risco do paciente interpretar a ação do animal como ameaçadora.
<b>Menção à comitê de ética e pesquisa:</b> Não.
<b>Menção aos critérios de seleção do animal coterapeuta:</b> Sim, em nota de roda-pé, resalta que a escolha do cão de terapia, que deve ser um animal certificado, deve-se basear muito mais "no temperamento básico do cachorro (amigável e não ansioso, agressivo ou intrusivo) é importante, e menos ênfase no lugar da obediência" (p. 9)
<b>Menção ao preparo higiênico e protocolos de intervenção:</b> Não
<b>Menção à legislação de bem-estar animal:</b> Não
<b>Menção à organizações nacionais ou internacionais que regulamentem a prática:</b> Não
<b>Menção à equipe multidisciplinar?</b> ( ) Sim, que outros profissionais : _____  ( X ) Não

**APÊNDICE 3**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE C**

<b>EVIDÊNCIAS E ASPECTOS DOS FENÔMENOS DO CUIDADO E A ÉTICA</b>
<p><b>Sobre a evidência de preocupação e cuidado com os seres humanos:</b> O objetivo da IAA trabalhada em questão é de ensinar novos padrões de apego aos beneficiários; bem como o próprio artigo propõe-se a apontar maneiras de intervir caso o vínculo homem-animal esteja comprometido.</p>
<p><b>Sobre a evidência de preocupação e cuidado com os animais coterapueta:</b> As evidências de tais cuidados originam-se nas menções dos riscos reconhecidos durante a prática: agressividade dirigida ao animal; foco no perfil do animal e não na sua obediência; a seleção do público apto à participar das IAAs (aplicação da escala PAQ – Pet Attachment Questionnaire); e manejo da liberdade do animal em sua disponibilidade de estar ou não interagindo com a pessoa atendida, por exemplo: “o paciente [...] exibe hostilidade toda vez que o animal deixa o paciente para buscar água” (p. 8).</p>
<p><b>Notas Adicionais:</b> O animal por vezes é apresentado como um elemento, uma ferramenta da qual dispõe o terapeuta para atingir seus fins, reduzido as suas características que possibilitam o apego: “Animais podem assim serem vistos como figuras de apego” (p. 3); “[...] o animal pode suprir a necessidade de uma base segura para o paciente quando há ruptura da aliança com o terapeuta” (p. 4).</p> <p>Os autores apresentam uma modalidade de compreensão em que é pelo próprio vínculo que a terapêutica vai se desenvolver, deixando claro, inclusive, em uma nota de rodapé, que a “importância do relacionamento pessoal do terapeuta com o animal presente no setting terapêutico” (p. 9).</p> <p>Tomada <i>a priori</i> da teoria do apego para definir de antemão as modalidades de desenvolvimento dos vínculos, bem como apresentar de modo naturalista, os pré-requisitos necessários para que o animal possa ser uma figura de apego para o paciente. A tomada da teoria do apego no estudo é algo que, de modo prévio, conduz a prática das IAAs, delimitando os tipos de apegos existentes possíveis entre a pessoa atendida e o animal coterapeuta.</p>

**APÊNDICE 4**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE A**

<b>IDENTIFICAÇÃO</b>	
<b>Título:</b> Physiological and behavioral effects of animal-assisted interventions on therapy dogs in pediatric oncology settings	
<b>Autor:</b> McCullough, Amy, Jenkins, Molly A., <b>Ruehrdanz, Ashleigh (Psicóloga)</b> , Gilmer, Mary Jo , Olson, Janice, Pawar, Anjali, Holley, Leslie e , Sierra-Rivera, Shirley e , Linder, Deborah E., Pichette, Danielle, Grossman, Neil J., Hellman, Cynthia, Guérin, Noémie A., O’Haire, Marguerite E.	
<b>Ano:</b> 2017	<b>País:</b> U.S.A
<b>Afiliação Institucional:</b> American Humane; Monroe Carell Jr. Children's Hospital; Randall Children’s Hospital; UC Davis Comprehensive Cancer Center; St. Joseph’s Children’s Hospital; Cummings School of Veterinary Medicine ; UMass Memorial Children’s Medical Center; Center for the Human-Animal Bond/Purdue University, College of Veterinary Medicine.	
<b>Tipo de pesquisa</b> <input type="checkbox"/> Ensaio teórico <input type="checkbox"/> Revisão bibliográfico <input type="checkbox"/> Relato de experiência <input checked="" type="checkbox"/> Estudos empíricos <input type="checkbox"/> Estudos metodológicos <input type="checkbox"/> Outro: _____	
<b>Contextos</b> <input checked="" type="checkbox"/> Hospitalar <input type="checkbox"/> Clínica <input type="checkbox"/> Clínica infantil <input type="checkbox"/> Jurídica <input type="checkbox"/> Institucional <input type="checkbox"/> Social e comunitária <input type="checkbox"/> Organizacional e do trabalho  <input type="checkbox"/> Não se aplica, Justificativa: _____ <input type="checkbox"/> Outro: _____	
<b>Objetivo:</b> “O presente estudo mensura indicadores comportamentais e fisiológicos de estresse em cães que participam de sessões de Intervenções Assistidas por Animais no contexto da oncologia pediátrica, enuanto também examina os efeitos psicossociais para os pacientes e seus pais. Este manuscrito descreve os estudo dos achados sobre o estresse canino” (p. 2).	
<b>Palavras-chave:</b> Intervenção Assistida por Animais, cinoterapia, estresse, cortisol salivar, comportamento, bem-estar animal.	
<b>Tipo de intervenção:</b> ( X ) TAA ( ) AAA ( ) EAA	
<b>Animal coterapeuta:</b> Cães	
<b>Referencial teórico/epistemológico claramente evidenciado? ?</b> <input type="checkbox"/> Não ( X ) Sim, qual? <u>Estatístico, biologicista e comportamental</u> .	



**APÊNDICE 4**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE B**

<b>ASPECTOS OPERACIONAIS E FORMAIS QUE ANUNCIAM UMA PREOCUPAÇÃO ÉTICA E DE CUIDADO</b>
<p><b>Menção aos riscos envolvidos nas IAAs e outras limitações:</b> Sobre os riscos, menciona: “Enquanto a sensibilidade elevada sobre condição humana é provavelmente vantajosa para se conectar com beneficiários de IAA, também pode representar riscos importantes para o bem-estar dos cães de terapia. Por exemplo, os cães exibiram respostas fisiológicas semelhantes às respostas de estresse dehumanos após ouvir o choro do bebê [...] tal exibição externa de sofrimento humano costumam ocorrer em ambientes terapêuticos, cães de terapia podem ser vulneráveis a estresse durante a participação da IAA [...] os cães de terapia registrados são treinados para calmamente tolerar interações que, de outra forma, poderiam ser desgastantes [...] tutores podem achar difícil notar o sofrimento em seus cães, que já podem estar inclinados a agradar [...] a pesquisa sobre a experiência de cães de terapia em IAAs foi informativa, mas permanece limitada. A maioria das medidas de terapia de bem-estar de cães dependem de medidas fisiológicas (cortisol), comportamentais (relacionadas ao estresse) e/ou indicadores observacionais (perspectiva do tutor)” (p. 4). Ademais, sobre as limitações, menciona, por exemplo: “uma grande prevalência de comportamentos de estresse em cães de terapia durante interações com crianças menores de 12 anos, cujo comportamento errático talvez incomode os cães” (p. 4), e também que “o nível de cortisol dos cães de terapia aumentam consideravelmente quando estão em lugares novos, em comparação quando estão em lugares familiares [...]” (p. 5)</p>
<p><b>Menção à comitê de ética e pesquisa:</b> Sim, “ Todos os protocolos e questionários foram aprovados pelo Comitê Institucional de Uso e Cuidado de Animais e pelo Comitê de Revisão Institucional da <i>American Humane</i>, bem como de cada hospital participante” (p. 5).</p>
<p><b>Menção aos critérios de seleção do animal coterapeuta:</b> Sim, “todos os cães de terapia passaram por uma avaliação comportamental e de saúde [...] Os cães precisavam de, no mínimo, um (1) ano de idade e ter pelo menos seis meses de experiência com o tutor inscrito no estudo” (p. 6)</p>
<p><b>Menção ao preparo higiênico e protocolos de intervenção:</b> Sim, verifica-se inclusive a preparação dos tutores, visto que “todos os tutores precisavam ter completado o treinamento para serviço voluntário no hospital e o processo de credenciamento, e aderir às orientações e políticas rigorosas de saúde, segurança no local dos seus respectivos hospitais .” (p. 6)</p>
<p><b>Menção à legislação de bem-estar animal:</b> Não há menção direta, mas os autores defendem que as políticas e estudos sobre bem-estar animal, especialmente diante das avaliações realizadas e das guidelines de várias organizações, não são fidedignos.</p>
<p><b>Menção à organizações nacionais ou internacionais que regulamentem a prática:</b> Sim, há menção direta à Pet Partners e IAHAIO; e também a outras entidades que se ocupam da causa animal como: Morris Animal Foundation e Human-Animal Bond Research Institute. Há menção inespecífica à “organização nacional que requer rigoroso treino e políticas de avaliação” (p. 6) para os tutores.</p>
<p><b>Menção à equipe multidisciplinar?</b> ( X ) Sim, que outros profissionais : <u>Tutores, enfermeiras, e membros do corpo médico hospitalar em geral (não especificado)</u>  ( ) Não</p>

**APÊNDICE 4**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE C**

**EVIDÊNCIAS E ASPECTOS DOS FENÔMENOS DO CUIDADO E A  
ÉTICA**

**Sobre a evidência de preocupação e cuidado com os seres humanos:**

Sim, há evidência de preocupação e cuidado com humanos, reconhecendo inclusive que a interação com animais visa o benefício humano. Por exemplo, evidencia-se: “Quando incluímos juntamente com medicação e tratamentos em saúde mental, interações com animais tem demonstrado aliviar ansiedade, reduzir a percepção de dor, motivar a participação terapêutica, normalizar ambientes clínicos e melhorar o relacionamento do terapeuta com o cliente, e proporcionar suporte social” (p. 3).

**Sobre a evidência de preocupação e cuidado com os animais coterapietas:**

“posto simplesmente, a prática da IAA deve ser para benefício mútuo e considerar tanto a ética quando a eficácia, e tutores devem continuar o trabalho para garantir as necessidades de bem-estar e o tratamento humano que participam da terapia com animais [...] dado o potencial do estresse canino durante as IAAs, e também as ausências de acordo resguardando se e como as IAAs afetam o bem-estar animal, pesquisas adicionais são essenciais para compreender como oferecer melhor suporte para os cães de terapia na medida em que eles se envolvem em tratamentos de saúde humana” (p. 5)

**Notas Adicionais:**

O animal é, muitas vezes durante o texto, reduzido ao seu comportamento ou às questões biológicas e hormonais (especialmente acerca do efeito do cortisol). Há uma matematização e naturalização da noção de bem-estar.

A ênfase na relação homem-animal é abordada do ponto de vista pragmático, situando estudos que visem os seus benefícios, e de uma compreensão historicista que visa explicar como essa relação, especialmente no caso dos cães, começou.

Há uma tomada de compreensões apriores, tanto na seleção dos cães, como no caso da testagem: “adestradores de cães de terapia completaram o C-BARQ para seus cães que estariam participando do estudo. Este instrumento de 100-questões padronizado é completamente online e solicita para os tutores dos cães indicarem como seus cachorros tipicamente respondem aos eventos comuns e estímulos de seus ambientes” (p. 8); quanto na compreensão de bem-estar, pautada em uma epistemologia comportamental e biológica, especialmente situada bastante no orgânico, vide o papel e a ênfase dada ao cortisol. Por mais, que reconheçam que apenas o ponto de vista fisiológico é insuficiente para abordar a situação do estresse.

Há, como um todo, uma tentativa de dizer sobre a experiência deste animal com base em sinais biológicos e comportamentais, mas não em intuição direta as demonstrações de estresse dadas pelo cão, especialmente por serem cães adestrados. Ademais, por mais que tenham feito uso de diversas raças, percebe-se o predomínio de algumas, como Golden e Labrador, o que pode-se dever à apriores teóricos sobre o papel das raças na elegibilidade de certos tipos de cães para o trabalho terapêutico.

**APÊNDICE 5**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE A**

<b>IDENTIFICAÇÃO</b>	
<b>Título:</b> Animal-assisted dyadic therapy: A therapy model promoting development of the reflective function in the parent–child bond	
<b>Autor:</b> Liat Shani	
<b>Ano:</b> 2017	<b>País:</b> Israel
<b>Afiliação Institucional:</b> Associação Israelense de Psicoterapia Assistida por Animais.	
<b>Tipo de pesquisa</b> <input checked="" type="checkbox"/> Ensaio teórico <input type="checkbox"/> Revisão bibliográfico <input type="checkbox"/> Relato de experiência <input type="checkbox"/> Estudos empíricos <input type="checkbox"/> Estudos metodológicos <input checked="" type="checkbox"/> Outro: <u>Apresenta também relatos de casos, que poderiam configurar a pesquisa como estudo de caso.</u>	
<b>Contextos</b> <input type="checkbox"/> Hospitalar <input checked="" type="checkbox"/> Clínica <input checked="" type="checkbox"/> Clínica infantil <input type="checkbox"/> Jurídica <input type="checkbox"/> Institucional <input type="checkbox"/> Social e comunitária <input type="checkbox"/> Organizacional e do trabalho  <input type="checkbox"/> Não se aplica, Justificativa: _____ <input checked="" type="checkbox"/> Outro: <u>Terapia Familiar</u>	
<b>Objetivo:</b> “Este artigo fornece um levantamento de desenvolvimentos teóricos e de pesquisas constituindo uma base para o desenvolvimento de abordagens terapêuticas, para uma melhoria na dinâmica pais-filhos, seguida por uma descrição de um modelo de terapia diádica de um tratamento baseado em mentalização originado de uma orientação psicanalítica-relacional” (p. 1)	
<b>Palavras-chave:</b> Psicoterapia Assistida por Animais, terapia diádica, mentalização, terapia de pais e filhos, comunicação não-verbal.	
<b>Tipo de intervenção:</b> <input checked="" type="checkbox"/> TAA <input type="checkbox"/> AAA <input type="checkbox"/> EAA	
<b>Animal coterapeuta:</b> Aborda animais no geral, mas com menções a hamsters e cães.	
<b>Referencial teórico/epistemológico claramente evidenciado? ?</b> <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/> Sim, qual? <u>Psicanalítico-relacional, com menções à teoria do apego de Bowlby e as objetos transicionais de Winnicott.</u>	

**APÊNDICE 5**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE B**

<b>ASPECTOS OPERACIONAIS E FORMAIS QUE ANUNCIAM UMA PREOCUPAÇÃO ÉTICA E DE CUIDADO</b>
<b>Menção aos riscos envolvidos nas IAAs e outras limitações:</b> Sim, ao informar que a saúde do animal em terapia depende dos conhecimentos e preparos do terapeuta, evidencia a possibilidade de danos ao animal.
<b>Menção a comitê de ética e pesquisa:</b> Não, mas menciona que houve consentimento para disponibilização de exemplos clínicos, por mais que tais consentimentos não estejam anexados ao artigo.
<b>Menção aos critérios de seleção do animal coterapeuta:</b> Sim, mas não de modo sistemático. O principal critério é a relação de confiança entre as partes, o conhecimento do terapeuta sobre o animal e “de acordo com esta postura, os animais estão relacionados como seres separados com suas próprias necessidades e desejos que nem sempre estão alinhados com as do cliente, e o terapeuta é responsável por seu bem-estar físico e mental com base em conhecimento sobre os animais em geral, bem como no conhecimento pessoal das necessidades e comportamento do animal com o qual se trabalha” (p. 5).
<b>Menção ao preparo higiênico e protocolos de intervenção:</b> Não.
<b>Menção à legislação de bem-estar animal:</b> Não.
<b>Menção à organizações nacionais ou internacionais que regulamentem a prática:</b> Não.
<b>Menção à equipe multidisciplinar?</b> ( ) Sim, que outros profissionais : _____  ( X ) Não

**APÊNDICE 5**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE C**

**EVIDÊNCIAS E ASPECTOS DOS FENÔMENOS DO CUIDADO E A  
ÉTICA**

**Sobre a evidência de preocupação e cuidado com os seres humanos:**

Pesquisadores e profissionais de saúde mental têm visto as vantagens especiais e a benéfica influência dos animais no sofrimento de toda uma variedade de dificuldades, como desordens de atenção, transtornos mentais e dificuldades psiquiátricas. Isto foi descoberto que as interações terapêuticas com animais ajudam a reduzir ansiedade e estresse e reduzem a anedonia em populações psiquiátricas. Contato com animais conforto, acalma e resulta em um sentimento geral de bem-estar psicológico” (p. 5)

**Sobre a evidência de preocupação e cuidado com os animais coterapuetas:**

“O primeiro é a postura ética do terapeuta, que vê os animais como parceiros plenos na a situação terapêutica, respeitando-os como sujeitos com necessidades, desejos e pensamentos próprios. A segunda ferramenta combina a comunicação não verbal com os animais juntamente com o relacionamento, em o aqui e agora, para a compreensão e decodificação da linguagem corporal de todos no cenário” (p. 1).

**Notas adicionais:**

O autor enfatiza a relação entre o terapeuta, o animal e a pessoa atendida, no caso, cliente, enquanto uma relação ética, empática e de alteridade. Desse modo, conforme os exemplos discutidos, é justamente o ato empático dos clientes para com os animais e o reconhecimento de outridade que permite os ganhos terapêuticos.

“Essa parceria é acompanhada por uma questão ética única influenciando o modo como nós agimos diante de todos os presentes no *setting* terapêutico. Na Psicoterapia Assistida por Animais, o terapeuta dá ênfase ao bem-estar animal. De acorod com essa instância, animais se relacionam como seres com suas próprias necessidades e desejos, que não não sempre alinhados com os do cliente, e o terapeuta é responsável por seu bem-estar físico e mental com base em conhecimento sobre os animais em geral, bem como no conhecimento pessoal das necessidades e comportamento do animal com o qual se trabalha” (p. 5).

Os animais apenas são objetificados mediante algumas articulações teóricas, como quando compreendidos enquanto responsáveis por aspectos transicionais, segundo a teoria de Winnicott; ou quando são vistos pela segurança psicológica que eles fornecem às pessoas, ao passo que são seres vivos, assim, sendo reduzidos nesse momento a um objeto de apego, conforme teoria do apego de Bowlby.

E mais, o autor abre que o caminho para a compreensão da outridade do animal perpassa pelo seu corpo:

“De fato o animal não fala, mas ainda tem linguagem não verbal que nos leva à tarefa de compreender, resolver e regular a comunicação não verbal entre nós e eles. Para se aproximar de um animal, o cliente aprende a estar ciente das características da linguagem corporal do animal, suas necessidades e personalidade única” (p. 5)

**APÊNDICE 6**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE A**

<b>IDENTIFICAÇÃO</b>	
<b>Título:</b> Impact of an animal-assisted therapy programme on physiological and psychosocial variables of paediatric oncology patients	
<b>Autor:</b> Nathiana B. Silva, Flávia L. Osório	
<b>Ano:</b> 2018	<b>País:</b> Brasil
<b>Afiliação Institucional:</b> Fundação Pio XII – Hospital do cancer de Barretos, São Paulo, Brazil; e Departamento de Neurociências e ciências comportamentais, faculdade de medicina de Ribeirão Preto – USP.	
<b>Tipo de pesquisa</b> <input type="checkbox"/> Ensaio teórico <input type="checkbox"/> Revisão bibliográfico <input type="checkbox"/> Relato de experiência <input checked="" type="checkbox"/> Estudos empíricos <input type="checkbox"/> Estudos metodológicos <input type="checkbox"/> Outro: _____	
<b>Contextos</b> <input checked="" type="checkbox"/> Hospitalar <input type="checkbox"/> Clínica <input type="checkbox"/> Clínica infantil <input type="checkbox"/> Jurídica <input type="checkbox"/> Institucional <input type="checkbox"/> Social e comunitária <input type="checkbox"/> Organizacional e do trabalho <input type="checkbox"/> Não se aplica, Justificativa: _____ <input type="checkbox"/> Outro: _____	
<b>Objetivo:</b> “O objetivo deste estudo foi de propor uma intervenção e um protocolo segura para executar a Terapia Assistida por Animais (TAA) e avaliar sua eficácia em crianças no ambulatório oncológico, sob tratamento baseado em indicadores psicológico, fisiológico e qualidade de vida para as crianças e os cuidadores” (p. 1)	
<b>Palavras-chave:</b> Não possui.	
<b>Tipo de intervenção:</b> <input checked="" type="checkbox"/> TAA <input type="checkbox"/> AAA <input type="checkbox"/> EAA	
<b>Animal coterapeuta:</b> Cães	
<b>Referencial teórico/epistemológico claramente evidenciado?</b> <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/> Sim, qual? <u>Estatístico e naturalista</u>	

**APÊNDICE 6**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE B**

<b>ASPECTOS OPERACIONAIS E FORMAIS QUE ANUNCIAM UMA PREOCUPAÇÃO ÉTICA E DE CUIDADO</b>
<p><b>Menção aos riscos envolvidos nas IAAs e outras limitações:</b> Sim, inclusive, menciona “Possíveis episódios de mordidas e/ou arranhões dos cães nos participantes” (p. 5); também menciona que “os resultados de estudos sobre TAA são promissores, apesar da falta de padronização dos números, duração e frequência da sessão, as atividades executadas e a mensuração de segurança para os animais e os pacientes” (p. 2).</p>
<p><b>Menção a comitê de ética e pesquisa:</b> Sim, “de pesquisa animal (Comitê de Ética no Uso de Animais do IRCAD América Latina—Process No. 054/2015) e de pesquisa em seres humanos (Comitê de Ética em Pesquisa—Fundação Pio XII— Hospital de Câncer de Barretos—Process No. 1009960)” (p. 3).</p>
<p><b>Menção aos critérios de seleção do animal coterapeuta:</b> “Um labrador retriever e um golden retriever saudáveis que foram cuidadosamente selecionados para este estudo, participaram da intervenção, pois atenderam aos seguintes critérios: a) Docilidade, obediência e socialização; b) Aprovação de cirurgiões veterinários e especialistas em comportamento animal (adestradores) após avaliação específica; c) Registros atualizados de imunização e tratamento anti-parasitário; d) Exames clínicos trimestrais (hematológicos e bioquímicos) por um veterinário; e) Alimentação exclusiva em ração animal (alimentos secos). O tutor/adestrador era fisioterapeuta (NBA) com formação acadêmica adicional na TAA, que também era o dono dos animais. Os animais e o tutor tinham experiência prévia neste tipo de atividade” (p. 5).</p>
<p><b>Menção ao preparo higiênico e protocolos de intervenção:</b> Sim, propõe um protocolo de intervenção que leva em conta tanto o bem-estar humano, quanto animal. Apresenta também possibilidades de ação caso ocorra acidentes como mordidas ou arranhões nos pacientes.</p>
<p><b>Menção à legislação de bem-estar animal:</b> Faz menção às diretrizes fornecidas pela IAHAIO e à comitê de ética no uso de animais.</p>
<p><b>Menção à organizações nacionais ou internacionais que regulamentem a prática:</b> Sim, menção à IAHAIO</p>
<p><b>Menção à equipe multidisciplinar?</b> ( X ) Sim, que outros profissionais : <u>Menciona a atuação da enfermagem, equipe de limpeza, fisioterapeuta, cirurgiões, tutores/adestradores e o corpo médico hospitalar em geral</u>  ( ) Não</p>

**APÊNDICE 6**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE C**

**EVIDÊNCIAS E ASPECTOS DOS FENÔMENOS DO CUIDADO E A ÉTICA**

**Sobre a evidência de preocupação e cuidado com os seres humanos:**

Evidência a preocupação com humanos na falta de padronização das TAAs nos estudos elencados, demonstrando atenção à saúde e segurança dos participantes: “os resultados de estudos sobre TAA são promissores, apesar da falta de padronização dos números, duração e frequência da sessão, as atividades executadas e a mensuração de segurança para os animais e os pacientes” (p. 2).

Também apresenta preocupação e cuidado com seres humanos na narrativa de benefícios que as TAAs podem trazer para a nossa espécie. Como: aumento da sensação de bem-estar durante hospitalizações, redução de sintomas depressivos, e melhor adaptação às terapias propostas. (p. 2-3)

Também nos critérios de inclusão e exclusão dos participantes, verifica-se o cuidado no desenho da pesquisa para não causar danos às crianças, excluindo àquelas com “alergia aos animais” (p. 3), por exemplo.

“a) criança não estava interessada na intervenção ou com medo dos animais; b) criança com severas condições cognitivas que pudessem causar danos os animais e que fossem mais propensas a eventos indesejados; c) alergia aos animais; d) Inviabilidade em participar das sessões e/ou não atendimento a primeira sessão avaliativa; e) incapacidade em responder os instrumentos; e f) não completude do programa de TAA” (p. 3)

**Sobre a evidência de preocupação e cuidado com os animais coterapietas:**

A preocupação com o cuidado animal se evidencia na preocupação com os estudos anteriores e a falta de padronização em “mensurar a segurança para animais e pacientes” (p. 2), também quando propõe a suspensão do animal por 7 dias, quando este apresentar: “i) estresse, fadiga e/ou agressão, ii) estro, imunodepressão, infecção ou feridas abertas, ou iii) episódios de diarreia, vômitos ou incontinência urinária/fecal” (p. 5). Também quando foram excluídas do estudo “Crianças com problemas mentais/cognitivos severos que pudessem causar prejuízos/inconveniências aos animais [...]” (p.3)

**Notas adicionais:**

Há poucas evidências de objetificação. Elas comparecem nas explicações naturalísticas do vínculo homem-animal, como: “A proximidade filogenética e/ou física, comportamental, e similaridades cognitivas entre humanos e outros animais são apenas alguns fatores que facilitam essa relação” (p. 2); na relação com a testagem e na escolha das raças de cães, que podem apresentar uma compreensão naturalizada geral de preconceitos sobre o conceito de raça.

É dada pouca ênfase. Reconhece-se como importante para as TAAs. Porém, é teoricamente explicada: “a hipótese da biofilia sugere que é inato à tendência biológica do humano interagir e formar conexões próximas e vínculos emocionais com outras formas de vida natural, incluindo com animais, começando na infância”(p.2), também entendendo de modo naturalista que: “sessões de TAA podem estar diretamente relacionadas com benefícios da relação homem-animal, que favorece mudanças psicológicas e endócrinas no corpo humano” (p. 10).

Reconhece-se a importância do vínculo para a TAA, mas a compreensão dada ao vínculo é naturalista, procurando explicar este vínculo e reduzindo a vivência da relação a uma série de fatores históricos, hormonais e psicológicos. Por exemplo: “companhia animal, especialmente de cães, pode contribuir para o estabelecimento de um vínculo homem-animal. [...] os efeitos psicológicos e psicofisiológicos associados com a interação homem-animal também resultam na ativação do sistema ocitocinérgico e/ou facilitam a relação humano-animal” (p. 2); “outros fatores, como a estética animal, e características antropomórficas e a similaridade morfológica e comportamental no trato com crianças, mantem entre esses um acréscimo da atratividade para humanos, especialmente crianças” (p. 2); “Companhia animal, especialmente cães, podem contribuir para o estabelecimento do vínculo homem



animal que é similiar a relação mãe-bebê em termos comportamental e neurohormonal” (p. 2). Também apresenta uma compreensão estatística matematizante, valendo-se inclusive, de testes para avaliar os benefícios trazidos pela TAA, em uma tentativa de lidar com a vivência dessas intervenções, ao invés de recorrer prontamente a ela.

**APÊNDICE 8**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE A**

<b>IDENTIFICAÇÃO</b>	
<b>Título:</b> Animal-assisted activity improves social behaviors in psychiatrically hospitalized youth with autism	
<b>Autor:</b> Monique M Germone; Robin L Gabriels; Noémie A Guérin; Zhaoxing Pan; Tiffany Banks and Marguerite E O’Haire	
<b>Ano:</b> 2019	<b>País:</b> EUA
<b>Afiliação Institucional:</b> University of Colorado, USA; Children’s Hospital Colorado, USA; Purdue University, USA	
<b>Tipo de pesquisa</b> <input type="checkbox"/> Ensaio teórico <input type="checkbox"/> Revisão bibliográfico <input type="checkbox"/> Relato de experiência <input checked="" type="checkbox"/> Estudos empíricos <input type="checkbox"/> Estudos metodológicos <input type="checkbox"/> Outro: _____	
<b>Contextos</b> <input checked="" type="checkbox"/> Hospitalar <input type="checkbox"/> Clínica <input checked="" type="checkbox"/> Clínica infantil <input type="checkbox"/> Jurídica <input type="checkbox"/> Institucional <input type="checkbox"/> Social e comunitária <input type="checkbox"/> Organizacional e do trabalho  <input type="checkbox"/> Não se aplica, Justificativa: _____  <input type="checkbox"/> Outro: _____	
<b>Objetivo:</b> “O estudo investigo os benefícios da AAA com cães em jovens hospitalizados no âmbito psiquiátrico, com desordem do espectro autista” (p. 1)	
<b>Palavras-chave:</b> atividade assistida por animais, autismo, comunicação, cães, comportamentos sociais.	
<b>Tipo de intervenção:</b> <input type="checkbox"/> TAA <input checked="" type="checkbox"/> AAA <input type="checkbox"/> EAA	
<b>Animal coterapeuta:</b> Cães, mas faz menções a estudos de IAA’s com roedores.	
<b>Referencial teórico/epistemológico claramente evidenciado? ?</b> <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/> Sim, qual? <u>    Estatístico,    </u> <u>Comportamental.</u>	

**APÊNDICE 8  
QUADRO DESCRITIVO  
PARTE B**

<b>ASPECTOS OPERACIONAIS E FORMAIS QUE ANUNCIAM UMA PREOCUPAÇÃO ÉTICA E DE CUIDADO</b>
<b>Evidência de riscos envolvidos nas IAAs e outras limitações:</b> Não. Apesar de excluírem participantes com histórico de maus-tratos a animais, e de apresentarem as limitações metodológicas.
<b>Comitê de ética e pesquisa:</b> Não.
<b>Crterios de seleção do animal coterapeuta:</b> Sim, os animais selecionados para o estudo faziam parte do programa de IAA do hospital no qual o estudo foi aplicado. Todos cães de raça, puros ou mestiços, “ Golden Retriever (2), Border Collie/Golden Retriever mestiços (1), King Charles Spaniel mestiço (1), and Labrador mestiços (2)” (p. 3).
<b>Evidência do preparo higiênico e protocolos de intervenção:</b> “Estes times são rigorosamente triados, treinados e registrados como Animais de Terapia, conforme a <i>Pet Partners</i> , e recebem avaliações dos veterinários voluntários do hospital. Este programa exige que todos os cães tomem banho antes de visitar o hospital e usem camisas ou aventais para reduzir a disseminação de pelos e pelos de cachorro quando estiver perto de pacientes” (p. 3)
<b>Legislação de bem-estar animal:</b> Não.
<b>Evidência à organizações nacionais ou internacionais que regulamentem a prática:</b> Sim, faz menção à <i>Pet Partness</i> (p. 3)
<b>Evidência de equipe multidisciplinar?</b> ( X ) Sim, que outros profissionais: <u>Veterinários, tutores/adestradores,</u> <hr/> ( ) Não

**APÊNDICE 8**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE C**

**EVIDÊNCIAS E ASPECTOS DOS FENÔMENOS DO CUIDADO E A  
ÉTICA**

**Sobre a evidência de preocupação e cuidado com os seres humanos:**

O próprio objetivo evidencia que, ao investigar os benefícios propiciados pela AAA, especialmente no que tange a maior frequência de comportamentos de comunicação e socialização. Ademais, o “critério de exclusão de cuidadores ou crianças que possuíssem medo ou alergia a cães” (p. 2) também evidencia determinado cuidado e preocupação.

**Sobre a evidência de preocupação e cuidado com os animais coterapeuta:**

As únicas evidências de preocupação e cuidado com animais são: 1- a exclusão de crianças com histórico de violência contra animais; e 2- os cuidados higiênicos que, de forma clara no texto, visam imediatamente e prioritariamente o cuidado humano.

**Notas adicionais:**

O animal é objetificado ao longo de todo o texto. Não há evidências de que o animal, expressamente, seja compreendido na sua categoria de senciência, ou enquanto um ser volitivo. Ele é reduzido a parte objetiva do processo.

A relação homem-animal é abordada em virtude de seus critérios objetivos, como mensuração comportamental. Especificamente, observando a frequência dos comportamentos por meio de vídeo e do sistema chamado “Observação de interação humana-animal para pesquisa “Observation of Human-Animal Interaction for Research (OHAIRE)” (p. 2).

O estudo questiona pesquisas passadas que contam apenas com auto-relato. É claro que, por um viés cético como o das ciências naturais, há limitações nos auto-relatos, que é um método muito comum para abordar a eficácia das IAAs. Porém, o ponto de reduzir as evidências do estudo há aspectos quantificáveis, como frequência, perde de vista o ponto central, possível de ser desvelado pela crítica husserliana: a vivência.

O estudo aborda, por exemplo, que as crianças com a AAA sorriem mais, e choram menos. Contudo, por mais que se possa argumentar o sorrir como evidência intuitiva da agradabilidade da intervenção, abordar o puro sorrir não é abordar a vivência da alegria, da agradabilidade ou da felicidade.

Este horizonte vivencial, juntamente com o horizonte da relação com o animal baseada no seu reconhecimento enquanto ser de alteridade está perdido.

**APÊNDICE 11**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE A**

<b>IDENTIFICAÇÃO</b>	
<b>Título:</b> Pets, animal-assisted therapy and social inclusion: The long relationship between domesticated animals and humans	
<b>Autor:</b> Sue Holttum	
<b>Ano:</b> 2018	<b>País:</b> Não especificado
<b>Afiliação Institucional:</b> Não especificado	
<b>Tipo de pesquisa</b> <input type="checkbox"/> Ensaio teórico <input checked="" type="checkbox"/> Revisão bibliográfico <input type="checkbox"/> Relato de experiência <input type="checkbox"/> Estudos empíricos <input type="checkbox"/> Estudos metodológicos <input type="checkbox"/> Outro: _____	
<b>Contextos</b> <input type="checkbox"/> Hospitalar <input checked="" type="checkbox"/> Clínica <input checked="" type="checkbox"/> Clínica infantil <input type="checkbox"/> Jurídica <input type="checkbox"/> Institucional <input type="checkbox"/> Social e comunitária <input type="checkbox"/> Organizacional e do trabalho  <input type="checkbox"/> Não se aplica, Justificativa: _____  <input type="checkbox"/> Outro: _____	
<b>Objetivo:</b> “O propósito deste artigo é discutir artigos recentes sobre pets e Intervenções Assistidas por cães, e os seus achados que se relacionem com inclusão social” (p. 1).	
<b>Palavras-chave:</b> Inclusão social, apego, teorias, terapia assistida por cães, donos de pets,	
<b>Tipo de intervenção:</b> ( X ) TAA ( X ) AAA ( X ) EAA	
<b>Animal coterapeuta:</b> Aborda genericamente todos os domesticados, mas com grande ênfase nos cães. Menciona diretamente, uma única vez, a título de exemplo, cavalos.	
<b>Referencial teórico/epistemológico claramente evidenciado?</b> <input type="checkbox"/> Não ( X ) Sim, qual? <u>ênfase em aspectos biológicos para compreender os fenômenos psicológicos.</u> _____	

**APÊNDICE 11**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE B**

<b>ASPECTOS OPERACIONAIS E FORMAIS QUE ANUNCIAM UMA PREOCUPAÇÃO ÉTICA E DE CUIDADO</b>
<b>Menção aos riscos envolvidos nas IAAs e outras limitações:</b> Menção ao caso de pessoas alérgicas e fóbicas em relação aos animais; e a limitação de que pessoas com histórico de possuírem pets ou terem afetos dirigidos a animais possam ser mais receptivas e beneficiadas as IAA's.
<b>Menção à comiter de ética e pesquisa:</b> Não.
<b>Menção aos critérios de seleção do animal coterapeuta:</b> Não.
<b>Menção ao preparo higiênico e protocolos de intervenção:</b> Não.
<b>Menção à legislação de bem-estar animal:</b> Não.
<b>Menção à organizações nacionais ou internacionais que regulamentem a prática:</b> Não.
<b>Menção à equipe multidisciplinar?</b> <input checked="" type="checkbox"/> Sim, que outros profissionais : <u>faz menção a atuação de voluntários que atuariam executando as atividades com os cães; a figura do fisioterapeuta; e a profissionais aptos para colher dados físicos: exames dos níveis de cortisol, pressão sanguínea, e etc.</u>
<input type="checkbox"/> Não

**APÊNDICE 11**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE C**

<b>EVIDÊNCIAS E ASPECTOS DOS FENÔMENOS DO CUIDADO E A ÉTICA</b>
<p><b>Sobre a evidência de preocupação e cuidado com os seres humanos:</b> O artigo recolhe de várias fontes benefícios que as IAA's podem propiciar aos seres humanos, crianças ou não.</p>
<p><b>Sobre a evidência de preocupação e cuidado com os animais coterapuetas:</b> Não evidenciado.</p>
<p><b>Notas Adicionais:</b> Historicização e teorização sobre o porque o homem pode se beneficiar da interação com animais. Antecipação teórica, <i>a priori</i>, sobre o vínculo. “cinco teorias possíveis de porque os animais podem ser terapêuticos: 1- ajudar pessoas a construir relacionamentos sociais com outros; 2- o vínculo de apego do animal é diretamente suportivo; 3- animais são fofos, então pessoas se apegam a eles de uma forma semelhante que se apegariam às crianças, e isto é agradável; 4- animais são especialmente bons em distrair-nos do distresse; 5- todas as anteriores” (p. 1).</p> <p>A ênfase nos vínculos é naturalizada, e não compreendida a partir do vínculo em sí, mas do que, teoricamente, julgam ser suas causas. A vivência direta do vínculo entre homem-animal não comparece no texto; o animal não comparece em sua possibilidade de alteridade, de outridade. O caráter descritivo do artigo toma como ponto de partida aspectos teóricos <i>a priori</i>, explicando os fenômenos em relações causais, principalmente em termos biológicos e hormonais, mas não compreendendo-os.</p>

**APÊNDICE 12**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE A**

<b>IDENTIFICAÇÃO</b>	
<b>Título:</b> Animal-Assisted Intervention in Dementia	
<b>Autor:</b> Isabelle Tournier, Marie-Frédérique Vives, and Virginie Postal	
<b>Ano:</b> 2017	<b>País:</b> Publicado na suíça. Pesquisa executada na França.
<b>Afiliação Institucional:</b> 1- Unidade de pesquisa integrativa sobre desenvolvimento social e individual, Universidade de Luxemburgo, Esch-sur-Alzette, Luxemburgo; 2- instalação de alojamento para os idosos dependentes os jardins de Jovinius, Jonzac, França; 3- Laboratório de Psicologia da Saúde e Qualidade de vida, Universidade de Bordeaux, França.	
<b>Tipo de pesquisa</b> <input type="checkbox"/> Ensaio teórico <input type="checkbox"/> Revisão bibliográfico <input type="checkbox"/> Relato de experiência <input checked="" type="checkbox"/> Estudos empíricos <input type="checkbox"/> Estudos metodológicos <input type="checkbox"/> Outro: _____	
<b>Contextos</b> <input type="checkbox"/> Hospitalar <input type="checkbox"/> Clínica <input type="checkbox"/> Clínica infantil <input type="checkbox"/> Jurídica <input checked="" type="checkbox"/> Institucional <input type="checkbox"/> Social e comunitária <input type="checkbox"/> Organizacional e do trabalho <input type="checkbox"/> Não se aplica, Justificativa: ____ <input checked="" type="checkbox"/> Outro: <u>Especificamente público idoso, acometido de demencia.</u>	
<b>Objetivo:</b> “O presente trabalho busca avaliar a eficácia de um programa de Terapia Assistidas por Animais na redução de sintomas neuropsiquiátricos em idosos com demência moderada à severa” (p. 51)	
<b>Palavras-chave:</b> Terapia Assistida por Animais, demência severa, sintomas comportamentais e psiquiátricos	
<b>Tipo de intervenção:</b> ( X ) TAA ( ) AAA ( ) EAA	
<b>Animal coterapeuta:</b> “Um animal (usualmente cachorro, mas também cavalos, pássaros, gatos, etc” (p. 51). Na pesquisa, cães foram os animais coterapeutas participantes.	
<b>Referencial teórico/epistemológico claramente evidenciado?</b> <input type="checkbox"/> Não ( X ) Sim, qual? <u>Estatístico e comportamental.</u>	



**APÊNDICE 12**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE B**

<b>ASPECTOS OPERACIONAIS E FORMAIS QUE ANUNCIAM UMA PREOCUPAÇÃO ÉTICA E DE CUIDADO</b>
<p><b>Menção aos riscos envolvidos nas IAAs e outras limitações:</b> Não há evidenciação dos riscos. Contudo, há menção à limitações da intervenção. Especificamente a perda de interesse, por parte dos idosos, nos animais com o passar das intervenções. Justificadas pela familiarização com a intervenção, perdendo o teor de novidade, ou pelo fato da interação dos idosos com outros humanos aumentar no decorrer das intervenções.</p>
<p><b>Menção a comitê de ética e pesquisa:</b> Sim, “esta intervenção seguiu as diretrizes demarcadas na Declaração de Helsinki e foi aprovada pelo conselho de revisão ética da Universidade de Bordeaux e pela equipe da diretoria do asilo. O consentimento foi obtido de todos os participantes e seus responsáveis legais” (p. 52)</p>
<p><b>Menção aos critérios de seleção do animal coterapeuta:</b> “O psicólogo foi certificado em TAA e completou vários programas de treinamento com seu cachorro. Seu cão, um Labrador retriever, com 7 anos de idade satisfez vários requerimentos de comportamento canino (e.x. sociabilidade, não agressividade, calma) e foi certificado com cão de terapia. Esse par treinador-cachorro, tiveram várias experiências prévias com TAA em asilos e unidades para pessoas deficientes” (p. 52-53)</p>
<p><b>Menção ao preparo higiênico e protocolos de intervenção:</b> Sim, há menção a protocolos de intervenção, com descrição de tempo e frequência, equipe e atividades desenvolvidas. E menção ao preparo de um “Psicólogo especializado e treinado em Intervenções Assistidas por Animais” (p. 52).</p>
<p><b>Menção à legislação de bem-estar animal:</b> Não.</p>
<p><b>Menção à organizações nacionais ou internacionais que regulamentem a prática:</b> Não.</p>
<p><b>Menção à equipe multidisciplinar?</b> ( X ) Sim, que outros profissionais : “ O time de TAA foi composto pelo psicólogo, seu próprio cão, e, pelo menos, um mebro da esquipe de enfermagem” (p. 52).  ( ) Não</p>

**APÊNDICE 12**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE C**

<b>EVIDÊNCIAS E ASPECTOS DOS FENÔMENOS DO CUIDADO E A ÉTICA</b>
<p><b>Sobre a evidência de preocupação e cuidado com os seres humanos:</b>            Além da própria proposta do estudo buscar melhorar a qualidade de vida de idosos institucionalizados, e validar ainda mais, diante da comunidade científica, a eficácia de uma nova modalidade terapêutica, evidencia-se que: “Durante a sessão com o animal de terapia (ou seja, o cachorro) o psicólogo continuamente verificou se os participantes apresentavam algum sinal de medo ou rejeição” (p. 52)</p>
<p><b>Sobre a evidência de preocupação e cuidado com os animais coterapuetas:</b> Não evidenciada.</p>
<p><b>Notas Adicionais:</b> O animal comparece como elemento do processo, mas não enquanto ser vivo, senciante. É descrita sua participação, teoriza-se sobre ele, mas não aborda-o.            Vista sob a perspectiva do apego, que possibilita ganhos para o ser humano. Apesar de ser compreendido como elemento primordial da TAA, ela visa apenas o bem-estar humano.            A crítica husserliana, aqui, pode pautar-se tanto no pragmatismo, visto que o animal, objetificado, é extirpado da sua multiplicidade de sentidos no mundo-da-vida e reduzido a um elemento em uma intervenção de saúde; até a redução do ocorrido à dados estatísticos, deixando de lado a vivência própria desses idosos institucionalizados.</p>

**APÊNDICE 13**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE A**

<b>IDENTIFICAÇÃO</b>	
<b>Título:</b> Theories and possible processes of action in animal assisted interventions	
<b>Autor:</b> Andrea M. Beetz	
<b>Ano:</b> 2017	<b>País:</b> Áustria
<b>Afiliação Institucional:</b> University of Rostock; University of Vienna	
<b>Tipo de pesquisa</b> <input checked="" type="checkbox"/> Ensaio teórico <input type="checkbox"/> Revisão bibliográfico <input type="checkbox"/> Relato de experiência <input type="checkbox"/> Estudos empíricos <input type="checkbox"/> Estudos metodológicos <input type="checkbox"/> Outro: _____	
<b>Contextos</b> <input type="checkbox"/> Hospitalar <input type="checkbox"/> Clínica <input type="checkbox"/> Clínica infantil <input type="checkbox"/> Jurídica <input type="checkbox"/> Institucional <input type="checkbox"/> Social e comunitária <input type="checkbox"/> Organizacional e do trabalho <input type="checkbox"/> Não se aplica, Justificativa: ____ <input checked="" type="checkbox"/> Outro: <u>Educação e cuidados terapêuticos de crianças em condições especiais, com dificuldades médicas e psicossociais.</u>	
<b>Objetivo:</b> “Compreender como animais podem afetar positivamente os settings terapêuticos e educacionais, em particular para indivíduos com condições médicas e psicossociais, e encontrando qual indicações especiais para IAA existem, e que pré-condições de aprendizado no cliente ou no <i>setting</i> podem ser potencialmente evidenciadas, possam prover não apenas uma melhor relação para as IAAs, mas também sua eficácia” (p.1).	
<b>Palavras-chave:</b> Não possui	
<b>Tipo de intervenção:</b> ( X ) TAA ( ) AAA ( X ) EAA	
<b>Animal coterapeuta:</b> Aborda, prioritariamente o cachorro. Mas se refere aos animais, muitas vezes, de modo geral.	
<b>Referencial teórico/epistemológico claramente evidenciado?</b> <input checked="" type="checkbox"/> Não ( ) Sim, qual? _____	

**APÊNDICE 13**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE B**

<b>ASPECTOS OPERACIONAIS E FORMAIS QUE ANUNCIAM UMA PREOCUPAÇÃO ÉTICA E DE CUIDADO</b>
<p><b>Menção aos riscos envolvidos nas IAAs e outras limitações:</b>            Apresenta limitações, especialmente na compreensão de estatuto de sua eficácia, ao tratar que os estudos possuem “a tendência de não publicar resultados que não foram significativos (por exemplo, sem demonstrar feitos positivos da interação com animais) podem contribuir para superestimar a quantidade de dados que apóiam os efeitos positivos dos animais”. (p.2)</p>
<p><b>Menção a comitê de ética e pesquisa:</b> Não, mas não era necessário.</p>
<p><b>Menção aos critérios de seleção do animal coterapeuta:</b> Não, mas não era necessário.</p>
<p><b>Menção ao preparo higiênico e protocolos de intervenção:</b> Não, mas não era necessário.</p>
<p><b>Menção à legislação de bem-estar animal:</b> Não.</p>
<p><b>Menção à organizações nacionais ou internacionais que regulamentem a prática:</b> Não.</p>
<p><b>Menção à equipe multidisciplinar?</b>            ( ) Sim, que outros profissionais : _____             ( X ) Não</p>

**APÊNDICE 13**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE C**

**EVIDÊNCIAS E ASPECTOS DOS FENÔMENOS DO CUIDADO E A**  
**ÉTICA**

**Sobre a evidência de preocupação e cuidado com os seres humanos:**

Sim, especialmente por abordar como a Interação homem-animal pode propiciar os ganhos que sustentam práticas como as IAAs. Por exemplo: “Em particular na educação especial, onde é comum que crianças tenham experienciado repetidas vezes feedbacks negativos sobre suas habilidades e falhas, e tenham desenvolvido medos, uma expectativa de fracasso, ou atitudes negativas sobre trabalho ou tarefas difíceis; isto cria um ciclo vicioso dificultando o sucesso, e um aprendizado positivo. Animais tem o potencial de quebrar esse ciclo vicioso, de motivar clientes a participar, mesmo em programas e tarefas que eles anteriormente evitavam” ( p. 7)

**Sobre a evidência de preocupação e cuidado com os animais coterapuetas:**

Não evidenciado no texto.

**Notas Adicionais:**

Não propriamente reifica o animal, mas apresente algumas teorias que podem vir a reduzir o animal a uma figura de apego, ou a um estímulo familiar que produz ocitocina na população humana.

Sim, vista como imprescindível às IAAs a relação homem-animal, evidenciada a partir da interação homem-animal, aparece e evidencia-se constantemente, inclusive enquanto perspectivas empáticas, reconhecendo o animal enquanto ser vivo, sensciente, do qual podemos perceber, por exemplo, a dor. A autora apresenta uma série de teorias que visam entender como o vínculo homem-animal pode propiciar ganhos nos contextos educacionais e terapêuticos. Nesse processo, perde-se de vista o caráter pré-científico do contato humano entre seres humanos e demais animais. Seu sentido no mundo-da-vida permanece parcialmente ocultado.

**APÊNDICE 14**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE A**

<b>IDENTIFICAÇÃO</b>	
<b>Título:</b> Strategies to improve the evidence base of animal-assisted interventions	
<b>Autor:</b> Alan E. Kazdin	
<b>Ano:</b> 2017	<b>País:</b> Estados Unidos da América
<b>Afiliação Institucional:</b> Universidade de Yale	
<b>Tipo de pesquisa</b> <input type="checkbox"/> Ensaio teórico <input type="checkbox"/> Revisão bibliográfica <input type="checkbox"/> Relato de experiência <input type="checkbox"/> Estudos empíricos <input checked="" type="checkbox"/> Estudos metodológicos <input type="checkbox"/> Outro: _____	
<b>Contextos</b> <input type="checkbox"/> Hospitalar <input type="checkbox"/> Clínica <input type="checkbox"/> Clínica infantil <input type="checkbox"/> Jurídica <input type="checkbox"/> Institucional <input type="checkbox"/> Social e comunitária <input type="checkbox"/> Organizacional e do trabalho  <input type="checkbox"/> Não se aplica, Justificativa: ____  <input checked="" type="checkbox"/> Outro: <u>Pesquisa.</u> _____	
<b>Objetivo:</b> “O objetivo deste artigo é promover uma nova avaliação científica das IAA’s para melhorar a saúde mental, concebida de um modo amplo” (p. 151)	
<b>Palavras-chave:</b> Não Possui	
<b>Tipo de intervenção:</b> <input checked="" type="checkbox"/> TAA <input checked="" type="checkbox"/> AAA <input checked="" type="checkbox"/> EAA	
<b>Animal coterapeuta:</b> “pássaros, gatos, vacas, cães, golfinhos, burros, fazenda animais, furões, porquinhos-da-índia, cavalos, lamas e coelhos” (p. 153)	
<b>Referencial teórico/epistemológico claramente evidenciado?</b> <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim, qual? _____	

**APÊNDICE 14**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE B**

<b>ASPECTOS OPERACIONAIS E FORMAIS QUE ANUNCIAM UMA PREOCUPAÇÃO ÉTICA E DE CUIDADO</b>
<p><b>Menção aos riscos envolvidos nas IAAs e outras limitações:</b> Sim, especialmente quanto à validação científica das IAAs: “Essa crítica não só levanta questões científicas, mas também éticas: devemos ser usando intervenções com uma base científica fraca quando existem alternativas viáveis onde a base de pesquisa é Muito mais forte?” (p. 161).</p>
<p><b>Menção à comiter de ética e pesquisa:</b> Não.</p>
<p><b>Menção aos critérios de seleção do animal coterapeuta:</b> Não, mas propõe que sejam feitos estudos experimentais para determinar se: “Existem certos tipos de combinações (características do cachorro e do cliente) que especialmente conduzem à mudança e se existirem, quais são eles? Há alguma característica especial do participante (personalidade, idade, habilidades sociais) ou do cachorro (por exemplo, temperamento, nível de agitação) ou na interação (por exemplo, vínculo, relacionamento, quantidade de contato, que faz diferença na reação do participante na interação com animais?” (p. 158)</p>
<p><b>Menção ao preparo higiênico e protocolos de intervenção:</b> Não, e crítica exatamente a heterogeneidade dos estudos e das intervenções realizadas, que não possuem suficiente padronização para estabelecer um caráter científico mais sólido às IAAs.</p>
<p><b>Menção à legislação de bem-estar animal:</b> Não.</p>
<p><b>Menção às organizações nacionais ou internacionais que regulamentem a prática:</b> Não, mas há menção às entidades, que inclusive financiaram o estudo, e que se dedicam à proteção animal de um modo mais amplo: Laura J. Niles Foundation, a Humane Society of America, e uma bolsa concedida pela Morris Animal Foundation.</p>
<p><b>Menção à equipe multidisciplinar?</b> ( X ) Sim, que outros profissionais :”<u>Profissional de saúde mental, tutor/adestrador, instrutor de cavalgada</u>” (p. 154). ( ) Não</p>

**APÊNDICE 14**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE C**

<b>EVIDÊNCIAS E ASPECTOS DOS FENÔMENOS DO CUIDADO E A ÉTICA</b>
<p><b>Sobre a evidência de preocupação e cuidado com os seres humanos:</b> Evidenciado duas vezes: tanto pela preocupação com o estatuto científico das IAAs, quanto com os benefícios que esta prática podem trazer à saúde e ao bem-estar humano.</p>
<p><b>Sobre a evidência de preocupação e cuidado com os animais coterapeuta:</b> Pouquíssimas evidências sobre a preocupação com os animais, apesar de haverem no texto, pequenos trechos que nos permitem evidenciá-la, como por exemplo:  “Esses recursos exigem padrões adicionais para práticas de pesquisa, de segurança e de tratamento ético dos participantes (clientes), animais e equipe (tutor, terapeuta)” (p. 160)</p>
<p><b>Notas Adicionais:</b></p> <p>Reificado na medida em que se propõe a explicar a interação homem-animal por meio de estudos biológicos, como os de neuroimagem, ou por meio das observações experimentais. Apesar do ponto de partida do autor ser a relação crescente dos animais de estimação dentro dos lares americanos, o que nos remete às vivências originárias do mundo da vida; e ao autor orientar-nos para a necessidade de pesquisas qualitativas, a visão científica permanece, em seu cerne, naturalista.</p> <p>Sim, apesar de propor modelos explicativos para justificar tal relação; e de dar mais ênfase à simples interação do que ao vínculo homem-animal. Reconhece, entretanto que a vinculação dos seres humanos e demais animais inicia-se e estende-se originariamente no mundo.</p> <p>A crítica husserliana se institui logo na própria proposta do artigo e da pesquisa: melhor fundamentar as IAA's do ponto de vista das ciências naturais, especialmente por meio de estudos experimentais e da lógica naturalista. O intuito dessa pesquisa, do modo como é apresentada, parte do contrasenso cético, uma vez que bota em questão o estatuto científico da IAA por meio da dúvida de sua eficácia, ao invés de ser motivado pelo que já é autoevidente:</p> <p>“O apelo, a crença compartilhada, e a experiência cotidiana dos benefícios das IAAs são uma força e uma responsabilidade por desenvolver as bases científicas das IAA's. A força baseia-se no enorme interesse e na experiência pessoal direta desses benefícios, e em extensão, as vidas que foram melhoradas por tais benefícios. A responsabilidade baseia-se na aceitação universal dos benefícios da IAA, e com a talvez menos percebida necessidade de documentar o que talvez pareça óbvio. Entretanto, respostas para as questões mais críticas dificilmente são óbvias (p. 151)”.</p> <p>Se tomarmos como base a proposta husserliana de um novo sentido para o conhecimento, fundamentado no mundo-da-vida, as novas formas de pesquisa propostas pelo autor em questão, pela via experimental, por exemplo, distanciam o conhecimento produzido dos sentidos mais originários, que primordialmente motivaram a pesquisa. Assim, os experimentos e as teorias daí formuladas visam abordar e explicar um fenômeno do qual distanciam-se epistemologicamente. Não se pode, é verdade, menosprezar ou invalidar o conhecimento obtido por métodos naturais, mas há de se questionar sempre o sentido deste conhecimento em sua relação com o mundo-da-vida.</p> <p>Entretanto, um ponto fortíssimo do autor é o reconhecimento e o convite à mais pesquisas qualitativas sobre as IAAs. É nítido, neste ponto, que o autor também reconhece a importância dos fenômenos vivenciados pelos sujeitos enquanto elemento de rigor no processo da pesquisa científica. Afinal: “O processo é de examinar profundamente a experiência dos participantes sendo estudados e compartilhar como sua experiência foi sentida, percebida e interpretada” (p. 156).</p>



**APÊNDICE 17**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE A**

<b>IDENTIFICAÇÃO</b>	
<b>Título:</b>	
Does Attachment Security to a Human Handler Influence the Behavior of Dogs Who Engage in Animal Assisted Activities?	
<b>Autor:</b> Shelby H. Wanser, <b>Monique A.R. Udell</b>	
<b>Ano:</b> 2018	<b>País:</b> Estados Unidos da América
<b>Afiliação Institucional:</b> Department of Animal and Rangeland Sciences, Oregon State University	
<b>Tipo de pesquisa</b>	
<input type="checkbox"/> Ensaio teórico <input type="checkbox"/> Revisão bibliográfico <input type="checkbox"/> Relato de experiência <input checked="" type="checkbox"/> Estudos empíricos <input type="checkbox"/> Estudos metodológicos <input type="checkbox"/> Outro: _____	
<b>Contextos</b>	
<input type="checkbox"/> Hospitalar <input checked="" type="checkbox"/> Clínica <input type="checkbox"/> Clínica infantil <input type="checkbox"/> Jurídica <input type="checkbox"/> Institucional <input type="checkbox"/> Social e comunitária <input type="checkbox"/> Organizacional e do trabalho  <input type="checkbox"/> Não se aplica, Justificativa: ____ <input type="checkbox"/> Outro: _____	
<b>Objetivo:</b> Verificar se o padrão de apego do cão ao seu tutor influencia nas Atividades Assistidas por Animais.	
<b>Palavras-chave:</b> Atividade Assistida por Animais, Cães, efeito de bases seguras, apego, olhar.	
<b>Tipo de intervenção:</b> ( ) TAA (X) AAA ( ) EAA	
<b>Animal coterapeuta:</b> Cães	
<b>Referencial teórico/epistemológico claramente evidenciado?</b>	
<input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/> Sim, qual? <u>Estatístico, naturalista, menção à teoria do apego.</u>	

**APÊNDICE 17**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE B**

<b>ASPECTOS OPERACIONAIS E FORMAIS QUE ANUNCIAM UMA PREOCUPAÇÃO ÉTICA E DE CUIDADO</b>
<b>Evidência de riscos envolvidos nas IAAs e outras limitações:</b> Há expressão das limitações da AAA na medida em que o padrão de apego do cão influencia na intervenção, e na medida em que os animais propícios para a prática necessitam de determinadas características para lidarem bem com o processo.
<b>Comitê de ética e pesquisa:</b> Sim, aprovado por comite da Universidade Estadual do Oregon: IACUC (ACUP #4444)
<b>Critérios de seleção do animal coterapeuta:</b> “Treinamento de cães aptos para as AAA precisam demonstrar excelente obediência, aptidão para se envolver com pessoas desconhecidas, e respostas apropriadas e confiáveis a potenciais estímulos, incluindo lugares, objetos desconhecidos, sons, e cheiros, e comportamento atípico de adultos e crianças, como toque incomum e acariciando comportamento e vocalizações” (p. 4)
<b>Preparo higiênico e protocolos de intervenção:</b> Sim, há menção aos moldes das interações, ao posicionamento dos participantes, ao posicionamento dos elementos da sala (cadeiras, coleira e etc) e aos equipamentos utilizados no estudo. Não há menção ao preparo higiênico.
<b>Legislação de bem-estar animal:</b> Não.
<b>Evidência de organizações nacionais ou internacionais que regulamentem a prática:</b> Sim, IAHAIO é citada.
<b>Evidência de equipe multidisciplinar?</b> ( X ) Sim, que outros profissionais : <u>Tutores</u>  ( ) Não

**APÊNDICE 17  
QUADRO DESCRITIVO  
PARTE C**

**EVIDÊNCIAS E ASPECTOS DOS FENÔMENOS DO CUIDADO E A  
ÉTICA**

**Sobre a evidência de preocupação e cuidado com os seres humanos:**

“A força do vínculo homem-animal é o porquê dos cães, às vezes, serem usados para promover bem-estar de pessoas em uma variedade de contextos na forma das Intervenções Assistidas por Animais” (p. 4). Promover bem-estar de humanos hospitalizados, em reabilitação ou que sofreram traumas também são exemplos abordados no texto.

“Primeiro, animais são mais adequados para realizarem seus trabalhos bem se eles estiverem bem adequados à tarefa e não demonstrarem sinais de estresse sem seus ambientes de trabalho. Segundo, o nível de conforto do animal no desempenho de vários papéis de trabalho tem várias implicações para a segurança e bem-estar dos humanos envolvidos. Isto parece ser especialmente verdade nos casos da AAA nos quais espera-se que os animais trabalhem com populações vulneráveis, nas quais ferimentos ou até a rejeição de um animal nervoso pode ter sérias implicações. De qualquer forma, para considerar o comportamento e o bem estar do animal trabalhador nos seus próprios direitos. Fazer isso então permitirá entendermos melhor quais aspectos das suas vidas estão melhores adequados para, quais aspectos podem estar causando estresse ou mesmo prejuízos, assim como quais conhecimento, métodos e práticas resultam em um quadro mais positivo para ambos, cães e pessoas, assim como para a melhor interação homem-animal possível”. (p. 16)

**Sobre a evidência de preocupação e cuidado com os animais coterapuetas:**

“Dada a natureza desse trabalho, é necessário de os cães engajados em AAA não apenas se seintam confortáveis em ambientes novos ou ‘estranhos’, mas que estejam confortáveis em abandonar a proximidade com seu tutor em certas situações de interação com indivíduos não familiares” (p. 4-5).

“Primeiro, animais são mais adequados para realizarem seus trabalhos bem se eles estiverem bem adequados à tarefa e não demonstrarem sinais de estresse sem seus ambientes de trabalho. Segundo, o nível de conforto do animal no desempenho de vários papéis de trabalho tem várias implicações para a segurança e bem-estar dos humanos envolvidos. Isto parece ser especialmente verdade nos casos da AAA nos quais espera-se que os animais trabalhem com populações vulneráveis, nas quais ferimentos ou até a rejeição de um animal nervoso pode ter sérias implicações. De qualquer forma, para considerar o comportamento e o bem estar do animal trabalhador nos seus próprios direitos. Fazer isso então permitirá entendermos melhor quais aspectos das suas vidas estão melhores adequados para, quais aspectos podem estar causando estresse ou mesmo prejuízos, assim como quais conhecimento, métodos e práticas resultam em um quadro mais positivo para ambos, cães e pessoas, assim como para a melhor interação homem-animal possível”. (p. 16)

**Notas adicionais:**

**APÊNDICE 18**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE A**

<b>IDENTIFICAÇÃO</b>	
<b>Título:</b> Human-animal Relational Theory: a Guide for Animal-assisted Counseling	
<b>Autor:</b> Cynthia K. Chandler	
<b>Ano:</b> 2018	<b>País:</b> EUA
<b>Afiliação Institucional:</b> Department of Counseling & Higher Education, University of North Texas, Denton, TX, USA	
<b>Tipo de pesquisa</b> <input checked="" type="checkbox"/> Ensaio teórico <input type="checkbox"/> Revisão bibliográfico <input checked="" type="checkbox"/> Relato de experiência <input type="checkbox"/> Estudos empíricos <input type="checkbox"/> Estudos metodológicos <input type="checkbox"/> Outro: _____	
<b>Contextos</b> <input type="checkbox"/> Hospitalar <input checked="" type="checkbox"/> Clínica <input type="checkbox"/> Clínica infantil <input type="checkbox"/> Jurídica <input type="checkbox"/> Institucional <input type="checkbox"/> Social e comunitária <input type="checkbox"/> Organizacional e do trabalho  <input type="checkbox"/> Não se aplica, Justificativa: ____  <input type="checkbox"/> Outro: _____	
<b>Objetivo:</b> Apresentar o desenvolvimento de uma teoria chamada Teoria da relacional homem-animal, desenvolvida pela própria autora, para dar conta de guiar a prática e supervisão no campo do aconselhamento quando Assistido por Animais. A teoria é apresentada com exemplos de casos.	
<b>Palavras-chave:</b> Aconselhamento Assistido por Animais; Terapia Assistida por Animais; Educação de Conselheiros; Criatividade no Aconselhamento.	
<b>Tipo de intervenção:</b> <input checked="" type="checkbox"/> TAA <input type="checkbox"/> AAA <input type="checkbox"/> EAA	
<b>Animal coterapeuta:</b> não específica, mas cita cães e cavalos.	
<b>Referencial teórico/epistemológico claramente evidenciado?</b> <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/> Sim, qual? <u>Psicodinâmica e neurobiologia.</u>	

**APÊNDICE 18**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE B**

<b>ASPECTOS OPERACIONAIS E FORMAIS QUE ANUNCIAM UMA PREOCUPAÇÃO ÉTICA E DE CUIDADO</b>
<p><b>Menção aos riscos envolvidos nas IAAs e outras limitações:</b>            “Assim, animais podem experimentar distresse de interações sociais negativas de modo muito próximo ao dos humanos. Ademais, quando o comportamento do animal reflete a resposta da pessoa, o animal serve como um espelho para o indivíduo, refletindo a atitude e comportamento do cliente. Um animal talvez possa refletir a atitude e comportamento do conselheiro presente. Muitas espécies de animais demonstrarão sinais de deslocamento, sinais de alerta ou sinais calmantes quando o animal experiência estresse ou percebe distresse em outro ser” (p.2) logo, há o risco do animal apresentar distresse nessa relação ou ainda reagir com agressividade mediante um cliente agressivo.</p> <p>Os animais, assim, nem sempre serão cooperativos, podendo desencadear sentimentos negativos nos clientes, como no caso de: “um adolescente cuidando de um cavalo pode se frustrar caso o cavalo não coopere levantando o casco para limpeza” (p. 7).</p>
<p><b>Menção à comiter de ética e pesquisa:</b> não</p>
<p><b>Menção aos critérios de seleção do animal coterapeuta:</b>            “Para utilizar efetivamente a interação homem-animal é preciso conhecimento sobre conhecimento animal e comunicação relativa às espécies e também a personalidade única dos animais envolvidos”. (p.2)</p> <p>Preferência por espécies que possam lidar com sistemas sociais complexos e que apresentem abertura para os seres humanos, como cães e cavalos.</p>
<p><b>Menção ao preparo higiênico e protocolos de intervenção:</b> A autora propõe um modelo interventivo para o aconselhamento assistido por animais, como proposta dentro da TAA, chamado de HART.</p>
<p><b>Menção à legislação de bem-estar animal:</b> não</p>
<p><b>Menção à organizações nacionais ou internacionais que regulamentem a prática:</b> não</p>
<p><b>Menção à equipe multidisciplinar?</b>            ( ) Sim, que outros profissionais : _____             ( X ) Não</p>

**APÊNDICE 18**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE C**

**EVIDÊNCIAS E ASPECTOS DOS FENÔMENOS DO CUIDADO E A ÉTICA**

**Sobre a evidência de preocupação e cuidado com os seres humanos**

“O mecanismo de recompensa de resposta social fundamenta o desejo de um animal de buscar e fornecer engajamento que pode ser muito benéfico para um cliente. Por meio da ativação do sistema de resposta social, um animal pode servir no papel de ‘nutridor’ para participantes humanos durante a interação humano-animal. Da mesma forma, um participante humano tem a oportunidade de servir como ‘nutridor’ do animal” (p. 2)

“Sabe-se que dentro de alguns minutos do início da interação social positiva com um animal de terapia, os hormônios humanos associados à experiência de bem-estar (por exemplo, dopamina, endorfinas e ocitocina) irão aumentar” (p.2).

“No papel de nutridor e detector de sofrimento emocional, um animal é um estímulo social eficaz. Mesmo alguns dos RMs mais simples podem ter um grande impacto. Por exemplo, ser saudado por um cão de terapia pode contribuir para uma atmosfera terapêutica mais calorosa. Acariciar um cão de terapia pode aliviar a ansiedade dos clientes, permitindo-lhes estar mais presentes, genuínos e menos protegidos em uma sessão, permitindo-lhes formar uma aliança terapêutica mais forte com o conselheiro” (p. 5).

“Enquanto o conselheiro é o facilitador do AAT-C, a modalidade funciona melhor se o conselheiro honrar, valorizar e respeitar o estado natural do animal e trabalhar dentro desses parâmetros. No entanto, é importante que um conselheiro estabeleça limites para o comportamento humano e animal, a fim de preservar a segurança e o bem-estar dos animais e humanos envolvidos na terapia. O estado, atitude, necessidades, desejos, habilidades ou deficiência de humanos e animais devem ser levados em consideração durante o AAT-C” (p. 8).

**Sobre a evidência de preocupação e cuidado com os animais coterapeuta:**

“Animais, como cães e cavalos, podem experimentar a interação e o contato com os humanos, como nutridor de modo semelhante” (p.2)

“O mecanismo de recompensa de resposta social fundamenta o desejo de um animal de buscar e fornecer engajamento que pode ser muito benéfico para um cliente. Por meio da ativação do sistema de resposta social, um animal pode servir no papel de ‘nutridor’ para participantes humanos durante a interação humano-animal. Da mesma forma, um participante humano tem a oportunidade de servir como ‘nutridor’ do animal” (p. 2)

“animal não deve ser considerado um mero objeto a ser usado em terapia, pois esse ponto de vista desvaloriza muito o animal e, conseqüentemente, limita os benefícios potenciais que podem ser obtidos por ter um animal de terapia em sessão. Um conselheiro deve apreciar o animal como um ser social e um estímulo social, honrando as contribuições que o animal pode fazer para a psicodinâmica da atividade de aconselhamento” (p. 8).

“Enquanto o conselheiro é o facilitador do AAT-C, a modalidade funciona melhor se o conselheiro honrar, valorizar e respeitar o estado natural do animal e trabalhar dentro desses parâmetros. No entanto, é importante que um conselheiro estabeleça limites para o comportamento humano e animal, a fim de preservar a segurança e o bem-estar dos animais e humanos envolvidos na terapia. O estado, atitude, necessidades, desejos, habilidades ou deficiência de humanos e animais devem ser levados em consideração durante o AAT-C” (p. 8)

**Notas adicionais:**

**APÊNDICE 19**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE A**

<b>IDENTIFICAÇÃO</b>	
<b>Título:</b> A Randomized Controlled Trial of Animal-Assisted Therapy as an Adjunct to Intensive Family Preservation Services	
<b>Autor:</b> Erin Flynn, Julia Roguski, Julie Wolf, Kate Trujillo, Philip Tedeschi and Kevin N. Morris	
<b>Ano:</b> 2018	<b>País:</b> EUA
<b>Afiliação Institucional:</b> Universidade de Denver, Savio House (instituição), Wolf Biostat (empresa)	
<b>Tipo de pesquisa</b> <input type="checkbox"/> Ensaio teórico <input type="checkbox"/> Revisão bibliográfico <input type="checkbox"/> Relato de experiência <input checked="" type="checkbox"/> Estudos empíricos <input type="checkbox"/> Estudos metodológicos <input type="checkbox"/> Outro: _____	
<b>Contextos</b> <input type="checkbox"/> Hospitalar <input type="checkbox"/> Clínica <input checked="" type="checkbox"/> Clínica infantil <input type="checkbox"/> Jurídica <input type="checkbox"/> Institucional <input type="checkbox"/> Social e comunitária <input type="checkbox"/> Organizacional e do trabalho  <input type="checkbox"/> Não se aplica, Justificativa: ____  <input type="checkbox"/> Outro: _____	
<b>Objetivo:</b> Examinar os efeitos da TAA entregue como um complemento aos cuidados padrões no serviço intensivo de preservação familiar, comparado com o usual cuidado sozinho.	
<b>Palavras-chave:</b> preservação familiar, desenvolvimento infanto-juvenil, relação parental, estudo clínico randômico, serviços de proteção às crianças	
<b>Tipo de intervenção:</b> <input checked="" type="checkbox"/> TAA <input type="checkbox"/> AAA <input type="checkbox"/> EAA	
<b>Animal coterapeuta:</b> Cachorro	
<b>Referencial teórico/epistemológico claramente evidenciado?</b> <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/> Sim, qual? <u>Estatístico e psicométrico</u>	

**APÊNDICE 19**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE B**

<b>ASPECTOS OPERACIONAIS E FORMAIS QUE ANUNCIAM UMA PREOCUPAÇÃO ÉTICA E DE CUIDADO</b>
<p><b>Menção aos riscos envolvidos nas IAAs e outras limitações:</b>  “Critério de exclusão inclui histórico familiar de abuso animal, alergia a cães [...]” (p. 3)  “Uma revisão sistemática demonstrou que os benefícios de incluir animais em contextos clínicos superavam muito os riscos” (p. 2)</p>
<p><b>Menção a comitê de ética e pesquisa:</b> Não.</p>
<p><b>Menção aos critérios de seleção do animal coterapeuta:</b> Não, apesar dos “tutores” (handlers) serem voluntários treinados da Pet Partners</p>
<p><b>Menção ao preparo higiênico e protocolos de intervenção:</b> Sim ao protocolo, incluindo uma etapa para conferir se o ambiente é seguro e para pôr água para o cachorro. Não há menção ao preparo do animal.</p>
<p><b>Menção à legislação de bem-estar animal:</b> Não.</p>
<p><b>Menção à organizações nacionais ou internacionais que regulamentem a prática:</b> Sim, menção de reconhecimento à Pet Partners e agradecimento à figura de Amy McCullough.</p>
<p><b>Menção à equipe multidisciplinar?</b>  ( X ) Sim, que outros profissionais : <u>”tutor” (handler) voluntário</u>  ( ) Não</p>



**APÊNDICE 19**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE C**

<b>EVIDÊNCIAS E ASPECTOS DOS FENÔMENOS DO CUIDADO E A ÉTICA</b>
<p><b>Sobre a evidência de preocupação e cuidado com os seres humanos</b> “Estudos acharam que tais intervenções podem reduzir efetivamente a depressão, sintomas de estresse pós-traumático, ansiedade e medo e melhorar a função cognitiva, bem-estar emocional, empatia e motivação” (p.2) Foco em melhorar as habilidades parentais de famílias cujas crianças estavam em risco de experimentar abuso ou negligência.</p>
<p><b>Sobre a evidência de preocupação e cuidado com os animais coterapuetas:</b> Apresenta-se uma preocupação tímida com o bem-estar animal. Seja pela escolha dos procedimentos e tutores, seja por escolher pessoas sem histórico de abuso animal para o experimento. Mas não apresenta como selecionou os animais e o enfoque de bem estar é bem mais evidente voltado para os seres humanos.</p>
<p><b>Notas adicionais:</b></p>

**APÊNDICE 20**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE A**

<b>IDENTIFICAÇÃO</b>	
<b>Título:</b> The Potential of Animal-Assisted Therapy Within the Supervisory Alliance	
<b>Autor:</b> Bill E. Owenby	
<b>Ano:</b> 2017	<b>País:</b> EUA
<b>Afiliação Institucional:</b> Departamento de Aconselhamento, Universidade de Akron	
<b>Tipo de pesquisa</b> <input type="checkbox"/> Ensaio teórico <input checked="" type="checkbox"/> Revisão bibliográfico <input type="checkbox"/> Relato de experiência <input type="checkbox"/> Estudos empíricos <input type="checkbox"/> Estudos metodológicos <input type="checkbox"/> Outro: _____	
<b>Contextos</b> <input type="checkbox"/> Hospitalar <input checked="" type="checkbox"/> Clínica <input type="checkbox"/> Clínica infantil <input type="checkbox"/> Jurídica <input type="checkbox"/> Institucional <input type="checkbox"/> Social e comunitária <input type="checkbox"/> Organizacional e do trabalho  <input type="checkbox"/> Não se aplica, Justificativa: ____  <input type="checkbox"/> Outro: _____	
<b>Objetivo:</b> A intenção deste artigo é apresentar o potencial dos benefícios da TAA dentro do processo de supervisão de profissionais em saúde mental.	
<b>Palavras-chave:</b> Terapia Assistida por Animais; criatividade em supervisão, supervisão de aliança terapêutica, barreiras de supervisão, criatividade em aconselhamento.	
<b>Tipo de intervenção:</b> ( X ) TAA ( ) AAA ( ) EAA	
<b>Animal coterapeuta:</b> há menção a vários durante a contextualização histórica, como passáros, mas o artigo não aborda nenhum especificamente.	
<b>Referencial teórico/epistemológico claramente evidenciado?</b> <input checked="" type="checkbox"/> Não ( ) Sim, qual? _____	

**APÊNDICE 20**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE B**

<b>ASPECTOS OPERACIONAIS E FORMAIS QUE ANUNCIAM UMA PREOCUPAÇÃO ÉTICA E DE CUIDADO</b>
<p><b>Menção aos riscos envolvidos nas IAAs e outras limitações:</b>            Não. Há menção a uma sustentação estatística dos dados que nos indicam certas limitações, mas a TAA é abordada muito mais como uma saída às limitações da supervisão e do aconselhamento psicológico.</p>
<p><b>Menção a comitê de ética e pesquisa:</b> Não.</p>
<p><b>Menção aos critérios de seleção do animal coterapeuta:</b> Não, mas o autor reitera que a seleção do tipo de animal não é o enfoque do artigo.</p>
<p><b>Menção ao preparo higiênico e protocolos de intervenção:</b> Não.</p>
<p><b>Menção à legislação de bem-estar animal:</b> Não.</p>
<p><b>Menção à organizações nacionais ou internacionais que regulamentem a prática:</b> Não.</p>
<p><b>Menção à equipe multidisciplinar?</b>            ( ) Sim, que outros profissionais : _____             ( X ) Não</p>

**APÊNDICE 20**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE C**

<b>EVIDÊNCIAS E ASPECTOS DOS FENÔMENOS DO CUIDADO E A ÉTICA</b>
<p><b>Sobre a evidência de preocupação e cuidado com os seres humanos:</b> Sustenta em evidências históricas e estatísticas os benefícios que as TAAs podem propiciar à saúde mental humana, especificamente em determinados contextos e populações, como por exemplo, com crianças dentro do espectro autista.</p>
<p><b>Sobre a evidência de preocupação e cuidado com os animais coterapuetas:</b> Não evidenciado, mas o autor retoma que adentrar no modo como a intervenção (TAA) fosse realizada não era o objetivo do artigo.</p>
<p><b>Notas adicionais:</b> Animal visado como uma ponte para construir o vínculo terapêutico entre a pessoa assistida e o profissional, ou para melhorar a motivação e engajamento na sessão.</p>

**APÊNDICE 21**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE A**

<b>IDENTIFICAÇÃO</b>	
<b>Título:</b>	
Animal-assisted therapy for patients in a minimally conscious state: A randomized two treatment multi-period crossover trial	
<b>Autor:</b> Karin Hediger, Milena Petignat, Rahel Marti, Margret Hund-Georgiadis	
<b>Ano:</b> 2019	<b>País:</b> Suíça
<b>Afiliação Institucional:</b> Departamento de Psicologia clínica e psicoterapia, Universidade de Basel, Suíça; Clínica de neuroreabilitação e paraplegia, REHAB Basel, Basel, Suíça; Departamento de Epidemiologia e Saúde Pública, Basel, Suíça; Instituto para pesquisa interdisciplinar da relação homem-animal, Basel, Suíça.	
<b>Tipo de pesquisa</b>	
<input type="checkbox"/> Ensaio teórico <input type="checkbox"/> Revisão bibliográfico <input type="checkbox"/> Relato de experiência <input checked="" type="checkbox"/> Estudos empíricos <input type="checkbox"/> Estudos metodológicos <input type="checkbox"/> Outro: _____	
<b>Contextos</b>	
<input checked="" type="checkbox"/> Hospitalar <input type="checkbox"/> Clínica <input type="checkbox"/> Clínica infantil <input type="checkbox"/> Jurídica <input type="checkbox"/> Institucional <input type="checkbox"/> Social e comunitária <input type="checkbox"/> Organizacional e do trabalho  <input type="checkbox"/> Não se aplica, Justificativa: ____  <input type="checkbox"/> Outro: _____	
<b>Objetivo:</b> Investigar se TAA leva a níveis de consciência mais elevados em pacientes com estados mínimos de consciência durante a sessão de terapia, mensurados por reação comportamental, frequência cardíaca e variabilidade da frequência cardíaca.	
<b>Palavras-chave:</b> Não há	
<b>Tipo de intervenção:</b> <input checked="" type="checkbox"/> TAA <input type="checkbox"/> AAA <input type="checkbox"/> EAA	
<b>Animal coterapeuta:</b> Cahorros, Coelhos e Porquinhos da Índia.	
<b>Referencial teórico/epistemológico claramente evidenciado?</b>	
<input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/> Sim, qual? <u>Estatístico</u>	

**APÊNDICE 21**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE B**

<b>ASPECTOS OPERACIONAIS E FORMAIS QUE ANUNCIAM UMA PREOCUPAÇÃO ÉTICA E DE CUIDADO</b>
<p><b>Menção aos riscos envolvidos nas IAAs e outras limitações:</b>            Sim, pois o estudo relata que não houveram incidentes (o que evidencia essa possibilidade), e também relatou que houve a possibilidade para as sessões de TAA continuarem, situando as implicações de interrompimento dessas intervenções.</p>
<p><b>Menção a comitê de ética e pesquisa:</b> Sim, a pesquisa teve aprovação tanto do comitê de ética do Nordeste e Centro da Suíça (Ethics Committee for Northwest and Central Switzerland) para pesquisa com seres humanos; e a aprovação do escritório veterinário de Canton Basel-Stadt, Suíça (Veterinary Office of the Canton Basel-Stadt, Switzerland)</p>
<p><b>Menção aos critérios de seleção do animal coterapeuta:</b> Sim, “[...] um animal adequado foi selecionado para cada paciente, de acordo com suas preferências e habilidades. [...]. Todos os animais foram treinados e possuíam experiência de trabalho com pacientes com mínimos estados de consciência, e eram mantidos e ‘manuseados’ [handled] conforme os padrões da IAHAIO” (p. 4).</p>
<p><b>Menção ao preparo higiênico e protocolos de intervenção:</b> Sim, há menção a protocolos internacionais de intervenção.</p>
<p><b>Menção à legislação de bem-estar animal:</b> Não.</p>
<p><b>Menção à organizações nacionais ou internacionais que regulamentem a prática:</b> Sim, IAHAIO é citada e seus procedimentos são seguidos.</p>
<p><b>Menção à equipe multidisciplinar?</b>            ( X ) Sim, que outros profissionais : <u>Médicos, Psicólogos e veterinários que aprovaram o estudo.</u>             ( ) Não</p>

**APÊNDICE 21**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE C**

<b>EVIDÊNCIAS E ASPECTOS DOS FENÔMENOS DO CUIDADO E A ÉTICA</b>
<p><b>Sobre a evidência de preocupação e cuidado com os seres humanos:</b> O desenho do estudo se propõe a investigar a eficácia das TAA no cenário de pacientes com baixa consciência, visando o benefício humano. Tal prerrogativa se sustenta em estudos prévios que apresentam os benefícios das TAAs para a saúde humana. Foram respeitados protocolos internacionais de IAAs e comitês de ética para garantir o bem estar.</p>
<p><b>Sobre a evidência de preocupação e cuidado com os animais coterapeutas:</b> “TAA foi executada de acordo com as normas da Associação Internacional das Organizações de Interação homem-animal (IAHAIO), para garantir bem estar humano e animal” (p. 3). O atendimento às diretrizes internacionais; aos comitês de ética, especialmente o veterinário; a preocupação com incidentes e o treinamento e seleção dos animais evidenciam a preocupação e o cuidado com os animais envolvidos no processo”.</p>
<p><b>Notas adicionais:</b></p>

**APÊNDICE 22**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE A**

<b>IDENTIFICAÇÃO</b>	
<b>Título:</b> Animal-assisted psychotherapy for young people with behavioural problems in residential care	
<b>Autor:</b> Alexander Muela, Nekane Balluerka, Nora Amiano, Miguel Angel Caldentey, Jone Aliri	
<b>Ano:</b> 2017	<b>País:</b> Espanha
<b>Afiliação Institucional:</b> Departamento de personalidade avaliação e tratamento psicológico e Departamento de Psicologia Social e metodologia das ciências do comportamento, Universidade do País Basco, UPV, EHU, São Sebastião, Espanha; Associação das Terapias Assistidas por Animais e Natureza (ANOTHE); Instituto de Pesquisa em Saúde Biodonostia.	
<b>Tipo de pesquisa</b> <input type="checkbox"/> Ensaio teórico <input type="checkbox"/> Revisão bibliográfico <input type="checkbox"/> Relato de experiência <input checked="" type="checkbox"/> Estudos empíricos <input type="checkbox"/> Estudos metodológicos <input type="checkbox"/> Outro: _____	
<b>Contextos</b> <input type="checkbox"/> Hospitalar <input checked="" type="checkbox"/> Clínica <input type="checkbox"/> Clínica infantil <input type="checkbox"/> Jurídica <input type="checkbox"/> Institucional <input type="checkbox"/> Social e comunitária <input type="checkbox"/> Organizacional e do trabalho <input type="checkbox"/> Não se aplica, Justificativa: ____ <input type="checkbox"/> Outro: _____	
<b>Objetivo:</b> Avaliar os impactos do programa de Psicoterapia Assistida por Animais em sintomas clínicos, ajustamento pessoal e habilidades adaptativas em um grupo de adolescentes em cuidado residencial que tenham experienciado traumas na infância e que apresentam problemas de saúde mental e dificuldade de se adaptar ao ambiente de cuidado residencial.	
<b>Palavras-chave:</b> Psicoterapia Assistida por Animais, saúde mental e cuidado residencial.	
<b>Tipo de intervenção:</b> (X) TAA ( ) AAA ( ) EAA	
<b>Animal coterapeuta:</b> Cães e cavalos como animais de terapia, porém foram permitidas no ambiente interações com ovelhas, cabras, galinhas e porcos.	
<b>Referencial teórico/epistemológico claramente evidenciado?</b> <input type="checkbox"/> Não (X) Sim, qual? <u>estatístico e epistemologias de matrizes comportamentais.</u>	



**APÊNDICE 22**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE B**

<b>ASPECTOS OPERACIONAIS E FORMAIS QUE ANUNCIAM UMA PREOCUPAÇÃO ÉTICA E DE CUIDADO</b>
<b>Menção aos riscos envolvidos nas IAAs e outras limitações:</b> Sim, relata a possibilidade de agressividade e imprevisibilidade dos animais, situando inclusive que um cão e um cavalo foram excluídos do programa por apresentarem tais características. Também reconheceu o risco de transmissão de zoonoses. Foram levantadas questões sobre a possibilidade de adoecimento dos animais.
<b>Menção a comitê de ética e pesquisa:</b> Não.
<b>Menção aos critérios de seleção do animal coterapeuta:</b> Sim, foram selecionados por um etologista e treinados por adestradores (horse-breaker e adestrador canino). No caso dos cães, foram treinados por meio de reforço positivo.
<b>Menção ao preparo higiênico e protocolos de intervenção:</b> Sim, preparo higiênico: “para garantir o bem-estar dos participantes, todos animais foram alvos de tratamentos profiláticos veterinários antes do programa de Psicoterapia Assistida por Animais (vacinação e vermifugação interna e externa para evitar risco de transmissão de zoonoses)” (p. 5) e sim, seguiu protocolos de atuação explícitos e estruturados.
<b>Menção à legislação de bem-estar animal:</b> Não
<b>Menção à organizações nacionais ou internacionais que regulamentem a prática:</b> Não.
<b>Menção à equipe multidisciplinar?</b> <input checked="" type="checkbox"/> Sim, que outros profissionais : <u>Psiquiatras, staff da intervenção e veterinários</u> <input type="checkbox"/> Não

**APÊNDICE 22**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE C**

<b>EVIDÊNCIAS E ASPECTOS DOS FENÔMENOS DO CUIDADO E A ÉTICA</b>
<p><b>Sobre a evidência de preocupação e cuidado com os seres humanos</b></p> <p>O objetivo do estudo sustenta a preocupação com a saúde humana, na medida em que visa garantir saúde e qualidade de vida para os adolescentes envolvidos na pesquisa, mediante uma compreensão prévia dos benefícios da TAA.</p>
<p><b>Sobre a evidência de preocupação e cuidado com os animais coterapueta:</b></p> <p>“Deve ser notado todas as vezes, todas as medidas necessárias foram mensuradas para salvaguardar o bem-estar dos animais. Para este fim, foram monitoradas sinais possíveis de estresse em seus comportamentos (como mudanças na dieta, em suas explorações, brincadeiras, e comportamentos de interação; ou nos seus comportamentos de resguardar conforto e higiene), assim como os sintomas de patologias orgânicas. No caso da cão de terapia que vivia com os adolescentes, esse animal foi permitido de se separar do grupo e do resto em uma área de convivência inacessível para os participantes” (p.5)</p>
<p><b>Notas adicionais:</b></p> <p>Animal não ocupa local de coterapueta.</p>

**APÊNDICE 23**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE A**

<b>IDENTIFICAÇÃO</b>	
<b>Título:</b> Introduction to a thematic series on animal assisted interventions in special populations	
<b>Autor:</b> Sandra McCune, <b>Layla Esposito</b> , James A. Griffin	
<b>Ano:</b> 2017	<b>País:</b> Reino Unido
<b>Afiliação Institucional:</b> Waltham centro de nutrição de Pets; Instituto nacional de saúde, Instituto Nacional de Saúde infantil e desenvolvimento humano Eunice Kennedy Shriver	
<b>Tipo de pesquisa</b> <input checked="" type="checkbox"/> Ensaio teórico <input type="checkbox"/> Revisão bibliográfica <input type="checkbox"/> Relato de experiência <input type="checkbox"/> Estudos empíricos <input type="checkbox"/> Estudos metodológicos <input type="checkbox"/> Outro: _____	
<b>Contextos</b> <input type="checkbox"/> Hospitalar <input type="checkbox"/> Clínica <input type="checkbox"/> Clínica infantil <input type="checkbox"/> Jurídica <input type="checkbox"/> Institucional <input type="checkbox"/> Social e comunitária <input type="checkbox"/> Organizacional e do trabalho  <input checked="" type="checkbox"/> Não se aplica, Justificativa: <u>Aborda as IAA's teoricamente em vários contextos.</u>  <input type="checkbox"/> Outro: _____	
<b>Objetivo:</b> “Este documento apresenta uma série especial de artigos que abordam teorias e processos propostos que sustentam efeitos protenciais das IAA's. Recomendamos estratégias para melhorar a base de evidências das IAA's, fornecendo exemplos em populações especiais (crianças com transtorno de espectro autista, por exemplo). Consideramos os desafios na pesquisa das IAA's e sugerir direções para pesquisas futuras” (p. 1)	
<b>Palavras-chave:</b> Não há.	
<b>Tipo de intervenção:</b> ( X ) TAA ( X ) AAA ( X ) EAA	
<b>Animal coterapeuta:</b> Não especifica, mas menciona cachorros.	
<b>Referencial teórico/epistemológico claramente evidenciado?</b> <input checked="" type="checkbox"/> Não ( ) Sim, qual? _____	

**APÊNDICE 23**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE B**

<b>ASPECTOS OPERACIONAIS E FORMAIS QUE ANUNCIAM UMA PREOCUPAÇÃO ÉTICA E DE CUIDADO</b>
<b>Menção aos riscos envolvidos nas IAAs e outras limitações:</b> Menção a fragilidade das evidências que sustentam as IAAs enquanto prática complementar na promoção de saúde e bem-estar. Também menciona a dificuldade de financiamento.
<b>Menção a comitê de ética e pesquisa:</b> Não.
<b>Menção aos critérios de seleção do animal coterapeuta:</b> Não.
<b>Menção ao preparo higiênico e protocolos de intervenção:</b> Não.
<b>Menção à legislação de bem-estar animal:</b> Não.
<b>Menção à organizações nacionais ou internacionais que regulamentem a prática:</b> Sim, menção à Waltham (petcare science institute) e referência textos da IAHAIO.
<b>Menção à equipe multidisciplinar?</b> <input type="checkbox"/> Sim, que outros profissionais : _____  <input checked="" type="checkbox"/> Não

**APÊNDICE 23**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE C**

<b>EVIDÊNCIAS E ASPECTOS DOS FENÔMENOS DO CUIDADO E A ÉTICA</b>
<b>Sobre a evidência de preocupação e cuidado com os seres humanos:</b> Evidencia-se ao passo em que discorre sobre a preocupação com a base de evidências que sustentam as IAAs enquanto práticas eficazes na promoção de saúde para seres humanos.
<b>Sobre a evidência de preocupação e cuidado com os animais coterapuetas:</b> Não há.
<b>Notas adicionais:</b>

**APÊNDICE 25**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE A**

<b>IDENTIFICAÇÃO</b>	
<b>Título:</b> An exploration of the benefits of animal-assisted activities in undergraduate students in Singapore	
<b>Autor:</b> Jolene Muckle; Nicola Lasikiewicz	
<b>Ano:</b> 2017	<b>País:</b> Singapura
<b>Afiliação Institucional:</b> James Cook University, Singapura.	
<b>Tipo de pesquisa</b> <input type="checkbox"/> Ensaio teórico <input type="checkbox"/> Revisão bibliográfico <input type="checkbox"/> Relato de experiência <input checked="" type="checkbox"/> Estudos empíricos <input type="checkbox"/> Estudos metodológicos <input type="checkbox"/> Outro: _____	
<b>Contextos</b> <input type="checkbox"/> Hospitalar <input checked="" type="checkbox"/> Clínica <input type="checkbox"/> Clínica infantil <input type="checkbox"/> Jurídica <input checked="" type="checkbox"/> Institucional <input type="checkbox"/> Social e comunitária <input type="checkbox"/> Organizacional e do trabalho <input type="checkbox"/> Não se aplica, Justificativa: ____ <input type="checkbox"/> Outro: _____	
<b>Objetivo:</b> Explora os benefícios psicológicos e fisiológicos das AAA em uma amostra de estudantes universitários.	
<b>Palavras-chave:</b> Atividade Assistida por Animais, percepção do estresse, autoestima, cães de terapia e estudantes universitários.	
<b>Tipo de intervenção:</b> <input type="checkbox"/> TAA <input checked="" type="checkbox"/> AAA <input type="checkbox"/> EAA	
<b>Animal coterapeuta:</b> Cães.	
<b>Referencial teórico/epistemológico claramente evidenciado?</b> <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/> Sim, qual? <u>Estatístico</u>	

**APÊNDICE 25**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE B**

<b>ASPECTOS OPERACIONAIS E FORMAIS QUE ANUNCIAM UMA PREOCUPAÇÃO ÉTICA E DE CUIDADO</b>
<b>Menção aos riscos envolvidos nas IAAs e outras limitações:</b> A indicação de AAA's para pessoas com uma atitude positiva mediante os animais. Assim, outras limitações para os benefícios das AAA's são: o potencial para auto-estima e o estresse percebido para moderar as relações.
<b>Menção a comitê de ética e pesquisa:</b> Sim, comitê de ética para pesquisas em seres humanos da Universidade James Cook.
<b>Menção aos critérios de seleção do animal coterapeuta:</b> Sim, os cães envolvidos foram treinados e experienciaram TAA's anteriormente, estando acostumados com várias situações e a lidar com indivíduos com contextos muito diferentes.
<b>Menção ao preparo higiênico e protocolos de intervenção:</b> Sim, há menção à protocolos.
<b>Menção à legislação de bem-estar animal:</b> Não.
<b>Menção à organizações nacionais ou internacionais que regulamentem a prática:</b> Sim, menção a Therapy Dogs Singapore (TDS), que auxiliaram no processo de organização das AAA's.
<b>Menção à equipe multidisciplinar?</b> <input checked="" type="checkbox"/> Sim, que outros profissionais : <u>Tutores (handlers)</u> <input type="checkbox"/> Não

**APÊNDICE 25**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE C**

<b>EVIDÊNCIAS E ASPECTOS DOS FENÔMENOS DO CUIDADO E A ÉTICA</b>
<b>Sobre a evidência de preocupação e cuidado com os seres humanos:</b> Comitê de ética direcionado para seres humanos, protocolos que visam primordialmente benefício humano, investigações para melhorar a qualidade de vida de universitários (humanos).
<b>Sobre a evidência de preocupação e cuidado com os animais coterapuetas:</b> Seleção de pessoas com atitude positiva para com os animais e preparação dos animais para o processo. Sem grandes evidências de preocupações com os animais.
<b>Notas adicionais:</b> Comite de ética visando apenas pesquisa em seres humanos.



**APÊNDICE 27**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE A**

<b>IDENTIFICAÇÃO</b>	
<b>Título:</b> A meta-analysis of Animal Assisted Interventions targeting pain, anxiety and distress in medical settings	
<b>Autor:</b> Tabitha C. Waite, Lindsay Hamilton, William O'Brien	
<b>Ano:</b> 2018	<b>País:</b> EUA
<b>Afiliação Institucional:</b> Bowling Green State University	
<b>Tipo de pesquisa</b> <input type="checkbox"/> Ensaio teórico <input checked="" type="checkbox"/> Revisão bibliográfico <input type="checkbox"/> Relato de experiência <input type="checkbox"/> Estudos empíricos <input type="checkbox"/> Estudos metodológicos <input type="checkbox"/> Outro: _____	
<b>Contextos</b> <input checked="" type="checkbox"/> Hospitalar <input type="checkbox"/> Clínica <input type="checkbox"/> Clínica infantil <input type="checkbox"/> Jurídica <input type="checkbox"/> Institucional <input type="checkbox"/> Social e comunitária <input type="checkbox"/> Organizacional e do trabalho  <input type="checkbox"/> Não se aplica, Justificativa: ____  <input type="checkbox"/> Outro: _____	
<b>Objetivo:</b> “Objetivos: Pesquisas sugerem que as IAA’s reduzem efeitos negativos advindos de ambientes médicos. Porém, faltam estudos quantitativos sobre seus efeitos em efeitos negativos como dor, ansiedade e distresse”. (p.1)	
<b>Palavras-chave:</b> Ansiedade, Distresse psicológico, dor, IAA’s, medicina complementar e alternativa.	
<b>Tipo de intervenção:</b> <input checked="" type="checkbox"/> TAA <input checked="" type="checkbox"/> AAA <input type="checkbox"/> EAA	
<b>Animal coterapeuta:</b> Cães foram os únicos animais usados nas IAAs dos estudos que compuseram a meta-análise realizada.	
<b>Referencial teórico/epistemológico claramente evidenciado?</b> <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/> Sim, qual? <u>Estatístico</u>	

**APÊNDICE 27**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE B**

<b>ASPECTOS OPERACIONAIS E FORMAIS QUE ANUNCIAM UMA PREOCUPAÇÃO ÉTICA E DE CUIDADO</b>
<b>Menção aos riscos envolvidos nas IAAs e outras limitações:</b> Principais menções de limitações referem-se às limitações metodo-epistemológicas dos estudos analisados.
<b>Menção a comitê de ética e pesquisa:</b> Não, mas como foi pesquisa bibliográfica não era necessário.
<b>Menção aos critérios de seleção do animal coterapeuta:</b> Não, apenas cita que foram cães usualmente treinados.
<b>Menção ao preparo higiênico e protocolos de intervenção:</b> Não.
<b>Menção à legislação de bem-estar animal:</b> Não.
<b>Menção à organizações nacionais ou internacionais que regulamentem a prática:</b> Não.
<b>Menção à equipe multidisciplinar?</b> <input checked="" type="checkbox"/> Sim, que outros profissionais : <u>profissionais de saúde em geral.</u> <input type="checkbox"/> Não

**APÊNDICE 27**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE C**

<b>EVIDÊNCIAS E ASPECTOS DOS FENÔMENOS DO CUIDADO E A ÉTICA</b>
<b>Sobre a evidência de preocupação e cuidado com os seres humanos:</b> Cita vários benefícios aos seres humanos, dentre os quais pode-se exemplificar os seguintes: melhora na pressão sanguínea, percepção de dor e percepção de saúde. Ademais, relata evidências de melhora no apetite e na fadiga, recorrentes dos procedimentos médicos. Há nítida preocupação acerca da base de evidências sobre a qual sustentam-se as IAA's.
<b>Sobre a evidência de preocupação e cuidado com os animais coterapuetas:</b> Não.
<b>Notas adicionais:</b>

**APÊNDICE 29**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE A**

<b>IDENTIFICAÇÃO</b>	
<b>Título:</b> The Effects of Animal-Assisted Activities on College Students Before and After a Final Exam	
<b>Autor:</b> JoAnn Jarolmen; <b>Gunjan Patel</b>	
<b>Ano:</b> 2018	<b>País:</b> EUA
<b>Afiliação Institucional:</b> Kean University, Departamento de Assistência Social.	
<b>Tipo de pesquisa</b> <input type="checkbox"/> Ensaio teórico <input type="checkbox"/> Revisão bibliográfico <input type="checkbox"/> Relato de experiência <input checked="" type="checkbox"/> Estudos empíricos <input type="checkbox"/> Estudos metodológicos <input type="checkbox"/> Outro: _____	
<b>Contextos</b> <input type="checkbox"/> Hospitalar <input type="checkbox"/> Clínica <input type="checkbox"/> Clínica infantil <input type="checkbox"/> Jurídica <input checked="" type="checkbox"/> Institucional <input type="checkbox"/> Social e comunitária <input type="checkbox"/> Organizacional e do trabalho <input type="checkbox"/> Não se aplica, Justificativa: ____ <input type="checkbox"/> Outro: _____	
<b>Objetivo:</b> Explorar os efeitos das AAAs ansiedade provocada por provas, por meio da leitura da pressão sanguínea, antes e depois das interação com cães.	
<b>Palavras-chave:</b> Vínculo homem-animal; AAA; TAA; cães de terapia; estresse provocado por provas; diferenças de gênero; criatividade no aconselhamento.	
<b>Tipo de intervenção:</b> <input type="checkbox"/> TAA <input checked="" type="checkbox"/> AAA <input type="checkbox"/> EAA	
<b>Animal coterapeuta:</b> Cães	
<b>Referencial teórico/epistemológico claramente evidenciado?</b> <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/> Sim, qual? <u>biologicista, estatístico</u> _____	

**APÊNDICE 29**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE B**

<b>ASPECTOS OPERACIONAIS E FORMAIS QUE ANUNCIAM UMA PREOCUPAÇÃO ÉTICA E DE CUIDADO</b>
<b>Menção aos riscos envolvidos nas IAAs e outras limitações:</b> Não.
<b>Menção a comitê de ética e pesquisa:</b> Não.
<b>Menção aos critérios de seleção do animal coterapeuta:</b> “o cachorro deve também ser confiante, paciente, calmo, gentil, e suscetível ao treinamento. Ele deve ser capaz de se dar bem com pessoas e outros cães e passar por um programa de treinamento para que possa se qualificar enquanto um cão de terapia” (p. 267, tradução nossa). “os cães foram assegurados pela Bright and Beautiful Dog Therapies, Inc. [...] Esta organização proveu treinamento, avaliação e certificação para os cães de terapia” (p. 270, tradução nossa). A maioria eram cães de raças, grandes e pequenas.
<b>Menção ao preparo higiênico e protocolos de intervenção:</b> “os cães foram assegurados pela Bright and Beautiful Dog Therapies, Inc. [...] Esta organização proveu treinamento, avaliação e certificação para os cães de terapia” (p. 270, tradução nossa).
<b>Menção à legislação de bem-estar animal:</b> Não.
<b>Menção à organizações nacionais ou internacionais que regulamentem a prática:</b> Não.
<b>Menção à equipe multidisciplinar?</b> ( ) Sim, que outros profissionais : _____  ( X ) Não

**APÊNDICE 29**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE C**

<b>EVIDÊNCIAS E ASPECTOS DOS FENÔMENOS DO CUIDADO E A ÉTICA</b>
<p><b>Sobre a evidência de preocupação e cuidado com os seres humanos:</b> Melhora nos sintomas depressivos e ansiosos; melhora no bem-estar; melhora na pressão sanguínea. Relata benefícios em contexto acadêmico.</p>
<p><b>Sobre a evidência de preocupação e cuidado com os animais coterapuetas:</b>  “de acordo com a Associação Americana de Medicina Veterinária: o vínculo homem-animal é mutualmente benéfico e uma relação dinâmica entra pessoas e animais que influenciam em seus comportamentos que são essenciais para saúde e bem-estar de ambos. Isto inclui, mas não é limitada a interações emocionais, psicológicas e físicas de pessoas, animais e ambiente” (p. 265, tradução nossa).</p>
<p><b>Notas adicionais:</b> Mesmo uma autora sendo Assistente Social Clínica, não houveram menções aos profissionais que pudessem valer-se das IAAs abordadas.</p> <p>O estudo focou na AAA, mas cita a TAA.</p>

**APÊNDICE 33**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE A**

<b>IDENTIFICAÇÃO</b>	
<b>Título:</b> Animal-assisted therapy used for anxiety disorders in patients with learning disabilities: An observational study	
<b>Autor:</b> F. Giuliana, M. Jacquemetta	
<b>Ano:</b> 2017	<b>País:</b> Suíça
<b>Afiliação Institucional:</b> Seção de Psiquiatria e desenvolvimento mental, departamento de Psiquiatria do Hospital Universitário de Vaud, Lausane, Suíça; e Instituto de Psicologia, Universidade de Lausane, Suíça.	
<b>Tipo de pesquisa</b> <input type="checkbox"/> Ensaio teórico <input type="checkbox"/> Revisão bibliográfico <input type="checkbox"/> Relato de experiência <input checked="" type="checkbox"/> Estudos empíricos <input type="checkbox"/> Estudos metodológicos <input type="checkbox"/> Outro: _____	
<b>Contextos</b> <input checked="" type="checkbox"/> Hospitalar <input checked="" type="checkbox"/> Clínica <input type="checkbox"/> Clínica infantil <input type="checkbox"/> Jurídica <input checked="" type="checkbox"/> Institucional <input type="checkbox"/> Social e comunitária <input type="checkbox"/> Organizacional e do trabalho  <input type="checkbox"/> Não se aplica, Justificativa: ____  <input type="checkbox"/> Outro: _____	
<b>Objetivo:</b> Verificar a TAA como uma possibilidade de Intervenção para reduzir sintomas ansiosos na população com deficiência intelectual.	
<b>Palavras-chave:</b> Deficiência intelectual; cachorro; TAA; transtornos da ansiedade; déficit de aprendizagem,	
<b>Tipo de intervenção:</b> <input checked="" type="checkbox"/> TAA <input type="checkbox"/> AAA <input type="checkbox"/> EAA	
<b>Animal coterapeuta:</b> cachorro	
<b>Referencial teórico/epistemológico claramente evidenciado?</b> <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/> Sim, qual? <u>Estatístico</u>	

**APÊNDICE 33**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE B**

<b>ASPECTOS OPERACIONAIS E FORMAIS QUE ANUNCIAM UMA PREOCUPAÇÃO ÉTICA E DE CUIDADO</b>
<b>Menção aos riscos envolvidos nas IAAs e outras limitações:</b> Alergia ou aversão aos cachorros.
<b>Menção a comitê de ética e pesquisa:</b> Sim.
<b>Menção aos critérios de seleção do animal coterapeuta:</b> “o cachorro e o terapeuta foram treinados pela Swiss Romande Cynology Federation (autorização nb OVF 08/0008)” (p. 14, tradução nossa). Foi utilizado um Border Collie..
<b>Menção ao preparo higiênico e protocolos de intervenção:</b> Sim, protocolo inspirado em pesquisas anteriores e “Um pedido de autorização para usar cães no espaço do Hospital Cery foi feito” (p. 14, tradução nossa)
<b>Menção à legislação de bem-estar animal:</b> Não.
<b>Menção à organizações nacionais ou internacionais que regulamentem a prática:</b> Sim, Federação de Cinologia da Romande Suíça.
<b>Menção à equipe multidisciplinar?</b> ( X ) Sim, que outros profissionais : <u>Além dos psicólogos, foram feitas menções aos psiquiatras (funções diagnósticas).</u>  ( ) Não



**APÊNDICE 33**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE C**

<b>EVIDÊNCIAS E ASPECTOS DOS FENÔMENOS DO CUIDADO E A ÉTICA</b>
<b>Sobre a evidência de preocupação e cuidado com os seres humanos:</b> Promoção de saúde e bem-estar para seres humanos. Apresenta evidências estatísticas que corroboram para a compreensão da melhora da ansiedade em pacientes com deficiências intelectuais por meio da TAA.
<b>Sobre a evidência de preocupação e cuidado com os animais coterapuetas:</b> Poucas menções, além dos protocolos de intervenção e seleção; e à menção ao treinamento.
<b>Notas adicionais:</b> Compreensão biológica e estatística acerca de como a presença do animal não-humano propicia benefícios.

**APÊNDICE 35**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE A**

<b>IDENTIFICAÇÃO</b>	
<b>Título:</b> Meeting the emotion! Application of the Federico II Model for pet therapy to an experience of Animal Assisted Education (AAE) in a primary school	
<b>Autor:</b> F. Dicé , A. Santaniello, F. Gerardi, L.F. Menna, M.F. Freda	
<b>Ano:</b> 2017	<b>País:</b> Itália
<b>Afiliação Institucional:</b> SInAPSi University Center, University of Naples Federico II, Via Giulio Cesare Cortese 29, 80133 Naples, Italy; Department of Veterinary Medicine and Animal Productions, University of Naples Federico II, Via Mezzocannone 8, 80134 Naples, Italy; Department of Human Studies, University of Naples Federico II, Via Porta di Massa 1, 80133 Naples, Italy	
<b>Tipo de pesquisa</b> <input type="checkbox"/> Ensaio teórico <input type="checkbox"/> Revisão bibliográfico <input checked="" type="checkbox"/> Estudo de caso <input type="checkbox"/> Estudos empíricos <input type="checkbox"/> Estudos metodológicos <input type="checkbox"/> Outro: _____	
<b>Contextos</b> <input type="checkbox"/> Hospitalar <input type="checkbox"/> Clínica <input type="checkbox"/> Clínica infantil <input type="checkbox"/> Jurídica <input checked="" type="checkbox"/> Institucional <input type="checkbox"/> Social e comunitária <input type="checkbox"/> Organizacional e do trabalho <input type="checkbox"/> Não se aplica, Justificativa: ____ <input type="checkbox"/> Outro: _____	
<b>Objetivo:</b> Discutir os critérios úteis para a EAA em uma escola primária, visando promover, para as crianças, interações com animais, ajudando-as a conhecer as suas emoções e as emoções alheias.	
<b>Palavras-chave:</b> EAA; Psicologia da saúde; interação homem-animal; abordagem multidisciplinar; Intervenção na escola; emoções.	
<b>Tipo de intervenção:</b> <input type="checkbox"/> TAA <input type="checkbox"/> AAA <input checked="" type="checkbox"/> EAA	
<b>Animal coterapeuta:</b> cachorro e burros.	
<b>Referencial teórico/epistemológico claramente evidenciado?</b> <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim, qual? _____	

**APÊNDICE 35**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE B**

<b>ASPECTOS OPERACIONAIS E FORMAIS QUE ANUNCIAM UMA PREOCUPAÇÃO ÉTICA E DE CUIDADO</b>
<b>Menção aos riscos envolvidos nas IAAs e outras limitações:</b> Sem ênfases ou evidências de riscos e limitações para as IAA's.
<b>Menção a comitê de ética e pesquisa:</b> Não, apesar de apresentarem certos procedimentos éticos, como assinatura de termos de consentimento.
<b>Menção aos critérios de seleção do animal coterapeuta:</b> Sim, animais de terapia treinados, cujas espécies sejam compreendidas como portadoras de características interessantes e propícias para desenvolvimento da pesquisa. Especificamente no caso da cadela selecionada, existiram atributos físicos, mas também de conduta que propiciaram sua escolha.
<b>Menção ao preparo higiênico e protocolos de intervenção:</b> “o cachorro foi treinado particularmente para IAA's com crianças, por meio do programa educacional do Centro Educacional para Cães, La Voce del Cane, seguindo as diretrizes do Centro Nacional de Esportes Educacionais (CSEN cinofilia). Todos os procedimentos necessários para garantir um alto padrão de bem-estar animal para cães foi considerado. A relação entre a veterinária e Lola (cadela) apresentou uma tendência para reforçar intimidade e um código comunicativo de gestos e sons, baseados na linguagem não verbal” (p. 4, tradução nossa).
<b>Menção à legislação de bem-estar animal:</b> Não.
<b>Menção às organizações nacionais ou internacionais que regulamentem a prática:</b> Italian National Educational Sports Center (CSEN chinophilia); La Voce Del Cane (a voz dos cães, Nápoles, Itália).
<b>Menção à equipe multidisciplinar?</b> ( X ) Sim, que outros profissionais : <u>Além dos psicólogos, treinadores e veterinários.</u>
( ) Não

**APÊNDICE 35**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE C**

**EVIDÊNCIAS E ASPECTOS DOS FENÔMENOS DO CUIDADO E A**  
**ÉTICA**

**Sobre a evidência de preocupação e cuidado com os seres humanos:**

“Atividades psicológicas com animais promovem o desenvolvimento cognitivo e de habilidades emocionais, que permite para o estudante simplificar sua orientação e definição para objetivos futuros [...] A interação com animais também vem sendo considerada pela psicologia da saúde como um fator protetivo contra estados marcados por estresse, ansiedade e dificuldades em programas de treinamento: também é apropriada para crianças com distúrbios comportamentais e emocionais, que podem aumentar as condições de dificuldades emocionais, como rebaixamento do humor, solidão e depressão, ligadas com o contexto escolar ou com fracasso na aprendizagem” (p. 2-3, tradução nossa).

**Sobre a evidência de preocupação e cuidado com os animais coterapeuta:** A preocupação e cuidado com a situação dos animais se evidencia em dois âmbitos: o primeiro, naquilo que concerne ao respeito as diretrizes, que visam promover bem-estar durante a prática das IAAs, por mais que se limite a orientações sobre o cachorro; a segunda diz respeito a compreensão do animal enquanto alteridade (otherness), oriunda do Modelo para Pet Terapia Federico II, que compreende as IAAs por meio da teoria da complexidade, que considera o *setting* terapêutico das IAAs como um sistema complexo entre elementos ambientais e relações interespecíficas, especialmente por considera as IAAs uma relação Zooantropológica.

**Notas adicionais:**

“Nós consideramos, como nosso modelo base, o conceito de Referência Animal, considerados em sua alteridade [...] como uma atividade parte de um processo de cura e presumidamente da interação com isso, principalmente baseada em jogos, comandos para uma comunicações livre de preconceções que é mais espontânea e ajuda os usuários a encontrar confiança neles mesmos” (p. 3, tradução nossa). Essa compreensão é referenciada pelo Modelo para pet-terapia Federico II.

Apesar de não estar devidamente explicitado o referencial epistemológico da pesquisa, reconhece-se que se trata de uma pesquisa com certa natureza experimental, uma vez que parte dos procedimentos ocorrem no Centro Experimental Federico II para aves e coelhos, Nápoles. Mas também há certos aspectos de uma pesquisa ação, já que o procedimento metodológico consiste em intervenções. Não é descrito como as informações e/ou dados provenientes dessas intervenções são analisados.

**APÊNDICE 36**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE A**

<b>IDENTIFICAÇÃO</b>	
<b>Título:</b> “We need them as much as they need us”: A systematic review of the qualitative evidence for possible mechanisms of effectiveness of Animal-Assisted Intervention (AAI) in participants’ overall conditions	
<b>Autor:</b> Ruth Z.Z. Shen; Peng Xion; Un I Chou; Brian J. Hall	
<b>Ano:</b> 2018	<b>País:</b> China.
<b>Afiliação Institucional:</b> Global and Community Mental Health Research Group, Department of Psychology, University of Macau, Macao, People’s Republic of China; Global and Community Mental Health Research Group, Department of Psychology, University of Macau, Macao, People’s Republic of China.	
<b>Tipo de pesquisa</b> <input type="checkbox"/> Ensaio teórico <input checked="" type="checkbox"/> Revisão bibliográfico <input type="checkbox"/> Relato de experiência <input type="checkbox"/> Estudos empíricos <input type="checkbox"/> Estudos metodológicos <input type="checkbox"/> Outro: _____	
<b>Contextos</b> <input type="checkbox"/> Hospitalar <input type="checkbox"/> Clínica <input type="checkbox"/> Clínica infantil <input type="checkbox"/> Jurídica <input type="checkbox"/> Institucional <input type="checkbox"/> Social e comunitária <input type="checkbox"/> Organizacional e do trabalho  <input checked="" type="checkbox"/> Não se aplica, Justificativa: <u>Revisão bibliográfica, não delimitou-se uma área específica</u> <input type="checkbox"/> Outro: _____	
<b>Objetivo:</b> A revisão objetiva sintetizar pesquisas qualitativas para identificar os fatores que possam contribuir para a eficácia das IAAs	
<b>Palavras-chave:</b> Qualitativa, Intervenções Assistidas por Animais, Revisão sistemática, eficácia.	
<b>Tipo de intervenção:</b> ( X ) TAA ( X ) AAA ( X ) EAA	
<b>Animal coterapeuta:</b> Relata que nos estudos, os mais comuns eram cães.	
<b>Referencial teórico/epistemológico claramente evidenciado?</b> <input checked="" type="checkbox"/> Não ( ) Sim, qual? _____	

**APÊNDICE 36**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE B**

<b>ASPECTOS OPERACIONAIS E FORMAIS QUE ANUNCIAM UMA PREOCUPAÇÃO ÉTICA E DE CUIDADO</b>
<b>Menção aos riscos envolvidos nas IAAs e outras limitações:</b> Relata que do universo de artigos analisados, nesta meta-análise, apenas dois apresentam pequenas barreiras às IAAs: condições físicas/médicas, como alergias; ou atitude negativa frente aos animais.
<b>Menção ao comitê de ética e pesquisa:</b> Não.
<b>Menção aos critérios de seleção do animal coterapeuta:</b> Não.
<b>Menção ao preparo higiênico e protocolos de intervenção:</b> Não.
<b>Menção à legislação de bem-estar animal:</b> Não.
<b>Menção à organizações nacionais ou internacionais que regulamentem a prática:</b> Não.
<b>Menção à equipe multidisciplinar?</b> <input checked="" type="checkbox"/> Sim, que outros profissionais : <u>Treinadores de animais profissionais, pesquisadores e etc</u> (outros trabalhadores: fazendeiros, voluntários...) <hr/> <input type="checkbox"/> Não

**APÊNDICE 36**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE C**

**EVIDÊNCIAS E ASPECTOS DOS FENÔMENOS DO CUIDADO E A  
ÉTICA**

**Sobre a evidência de preocupação e cuidado com os seres humanos:**

“Vínculos homem-animal melhoram saúde física e psicológica: estudos mostram quão forte é acariciar e conversar com cães quando se trata de diminuir a pressão arterial e aumentar a os níveis de dopamina. Comparados com pessoas que não tem pets, os donos de pes tem mais atividades físicas espontâneas e mais interações sociais. Além disso, o vínculo homem-animal aumenta a satisfação com a vida, calma e melhora as habilidades de enfrentamento como redução de estresse, sensibilidade interpessoal e emoções negativas” (p. 4, tradução nossa)

**Sobre a evidência de preocupação e cuidado com os animais coterapuetas:** ausência de evidências.

**Notas adicionais:**

Bastante ênfase no contato físico entre homem-animal como elemento que corrobora para eficácia da prática.

Ênfase no vínculo homem-animal com importante para o processo.

Excluiu exatamente os artigos que tinham como foco o bem-estar animal (n=4).

**APÊNDICE 38**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE A**

<b>IDENTIFICAÇÃO</b>	
<b>Título:</b> Clinical depression moderates effects of animal-assisted stress prevention program on college students' emotion	
<b>Autor:</b> Patricia Pendry, <b>Jaymie L. Vandagriff</b> and Alexa Marie Carr	
<b>Ano:</b> 2019	<b>País:</b> EUA
<b>Afiliação Institucional:</b> Departamento de desenvolvimento humano, Universidade do estado de Washington, Pullman, Washington.	
<b>Tipo de pesquisa</b> <input type="checkbox"/> Ensaio teórico <input type="checkbox"/> Revisão bibliográfica <input type="checkbox"/> Relato de experiência <input checked="" type="checkbox"/> Estudos empíricos <input type="checkbox"/> Estudos metodológicos <input type="checkbox"/> Outro: _____	
<b>Contextos</b> <input type="checkbox"/> Hospitalar <input checked="" type="checkbox"/> Clínica <input type="checkbox"/> Clínica infantil <input type="checkbox"/> Jurídica <input checked="" type="checkbox"/> Institucional <input type="checkbox"/> Social e comunitária <input type="checkbox"/> Organizacional e do trabalho  <input type="checkbox"/> Não se aplica, Justificativa: _____  <input type="checkbox"/> Outro: _____	
<b>Objetivo:</b> O objetivo deste artigo é examinar se os níveis clínicos de depressão dos alunos universitários é moderada pelos estados emocionais momentâneos dos alunos (por exemplo, sentir-se contente, ansioso, irritado e deprimido) em resposta a condições comumente experimentadas durante os Programas Universitários de Visitação de Animais (AVPs) universais (p. 94, tradução nossa).	
<b>Palavras-chave:</b> Atividades Assistidas por animais situadas em universidades, testagem randomizada, prevenção de estresse, emoções de estudantes.	
<b>Tipo de intervenção:</b> <input type="checkbox"/> TAA <input checked="" type="checkbox"/> AAA <input type="checkbox"/> EAA	
<b>Animal coterapeuta:</b> cães e gatos	
<b>Referencial teórico/epistemológico claramente evidenciado?</b> <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/> Sim, qual? <u>Estatístico, naturalista.</u>	



**APÊNDICE 38**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE B**

<b>ASPECTOS OPERACIONAIS E FORMAIS QUE ANUNCIAM UMA PREOCUPAÇÃO ÉTICA E DE CUIDADO</b>
<b>Menção aos riscos envolvidos nas IAAs e outras limitações:</b> Situa os limites da pesquisa e do cenário atual sobre a falta de evidência acerca da redução de estresse em populações distintas. Os autores alegam que como as pesquisas no contexto universitário abrangem diversas vezes grupos muito heterogêneos, os resultados em sujeitos com níveis mais altos de depressão podem ser, por exemplo, diferentes.
<b>Menção à comitê de ética e pesquisa:</b> Sim, comitê de padrões éticos das pesquisas institucionais e do comitê de cuidado e uso de animais.
<b>Menção aos critérios de seleção do animal coterapeuta:</b> Não.
<b>Menção ao preparo higiênico e protocolos de intervenção:</b> O protocolo de intervenção apresenta o tempo da intervenção e o tipo de interação proposto (petting/acariciando).
<b>Menção à legislação de bem-estar animal:</b> Sim, menção à declaração de Helsinki, que embora citada a versão de 1964, faz menção aos modos de manejo dos animais utilizados em pesquisa.
<b>Menção à organizações nacionais ou internacionais que regulamentem a prática:</b> Não.
<b>Menção à equipe multidisciplinar?</b> <input type="checkbox"/> Sim, que outros profissionais : _____.  <input checked="" type="checkbox"/> Não

**APÊNDICE 38**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE C**

<b>EVIDÊNCIAS E ASPECTOS DOS FENÔMENOS DO CUIDADO E A ÉTICA</b>
<p><b>Sobre a evidência de preocupação e cuidado com os seres humanos:</b> O estudo foi proposto para garantir melhora na qualidade de vida, promoção e prevenção em saúde, voltada para seres humanos.</p>
<p><b>Sobre a evidência de preocupação e cuidado com os animais coterapuetas:</b> Não apresenta, além da menção da declaração de Helsinki e dos comitês de ética.</p>
<p><b>Notas adicionais:</b> O artigo se propõe a um estudo sobre as AAA, mas avalia melhoras terapêuticas dessa modalidade de intervenção, e parece tomar essas melhoras como objetivo. Apesar do pouco tempo de interação e da não diretividade nestas interações, o modelo desenhado parece confuso em relação à distinção entre TAA e AAA.</p>

**APÊNDICE 39**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE A**

<b>IDENTIFICAÇÃO</b>	
<b>Título:</b> Animal-assisted intervention in the ICU: a tool for humanization	
<b>Autor:</b> Megan M. Hosey, Janice Jaskulski, Stephen T. Wegener, Linda L. Chlan, Dale M. Needham.	
<b>Ano:</b> 2018	<b>País:</b> EUA
<b>Afiliação Institucional:</b> Departamento de Medicina e Reabilitação, divisão de reabilitação psicológica e neuropsicológica e Grupo de resultados após doenças críticas e cirurgia da Universidade de Medicina Johns Hopkins, Baltimore, MD, USA.	
<b>Tipo de pesquisa</b> <input checked="" type="checkbox"/> Ensaio teórico <input type="checkbox"/> Revisão bibliográfico <input type="checkbox"/> Relato de experiência <input type="checkbox"/> Estudos empíricos <input type="checkbox"/> Estudos metodológicos <input type="checkbox"/> Outro: _____	
<b>Contextos</b> <input checked="" type="checkbox"/> Hospitalar <input type="checkbox"/> Clínica <input type="checkbox"/> Clínica infantil <input type="checkbox"/> Jurídica <input type="checkbox"/> Institucional <input type="checkbox"/> Social e comunitária <input type="checkbox"/> Organizacional e do trabalho <input type="checkbox"/> Não se aplica, Justificativa: ____ <input type="checkbox"/> Outro: _____	
<b>Objetivo:</b> 1- sugerir um modelo conceitual para o uso de intervenções não farmacológicas para redução de sofrimento e promoção de recuperação em um ambiente de UTI mais humanizado; 2- Descrever as Intervenções Assistidas por Animais como um exemplo de intervenção não farmacológica que proporciona um modelo conceitual para a utilidade desta intervenção; 3- discutir os princípios básicos da introdução de intervenções não-farmacológicas nos programas da UTI.	
<b>Palavras-chave:</b> Não há.	
<b>Tipo de intervenção:</b> <input checked="" type="checkbox"/> TAA <input checked="" type="checkbox"/> AAA <input checked="" type="checkbox"/> EAA	
<b>Animal coterapeuta:</b> Não especifica necessariamente que deva ser um cachorro, mas é o único animal especificamente mencionado.	
<b>Referencial teórico/epistemológico claramente evidenciado?</b> <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim, qual? _____	

**APÊNDICE 39**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE B**

<b>ASPECTOS OPERACIONAIS E FORMAIS QUE ANUNCIAM UMA PREOCUPAÇÃO ÉTICA E DE CUIDADO</b>
<b>Menção aos riscos envolvidos nas IAAs e outras limitações:</b> Sim, menciona riscos de acidentes, e que devem ser priorizados pacientes com chances mais altas de sucesso: sem delirium, doenças transmissíveis ou contaminados com microorganismos resistentes aos remédios. Tudo isso para que se crie confiança no programa.
<b>Menção a comitê de ética e pesquisa:</b> Sim, apesar de situar que não houve necessidade de submeter a pesquisa.
<b>Menção aos critérios de seleção do animal coterapeuta:</b> Sim, identificando grupos vinculados a organizações com credibilidade para atuação das IAAs no ambiente hospitalar.
<b>Menção ao preparo higiênico e protocolos de intervenção:</b> Sim, inclusive em casos de acidentes e o processo de avaliação.
<b>Menção à legislação de bem-estar animal:</b> Não.
<b>Menção à organizações nacionais ou internacionais que regulamentem a prática:</b> Sim, Pet Partners e Assistance Dogs International.
<b>Menção à equipe multidisciplinar?</b> (X) Sim, que outros profissionais : <u>Menção direta à equipe treinadora dos cães, e apesar de situar o desenvolvimento das IAAs em um contexto hospitalar, que pressupõe uma diversidade de profissionais, não especifica-os.</u> _____
( ) Não

**APÊNDICE 39**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE C**

<b>EVIDÊNCIAS E ASPECTOS DOS FENÔMENOS DO CUIDADO E A ÉTICA</b>
<b>Sobre a evidência de preocupação e cuidado com os seres humanos:</b> A proposta é pensada para melhorar os cuidados dos seres humanos em hospitalizados em UTI. Propiciando novas estratégias.
<b>Sobre a evidência de preocupação e cuidado com os animais coterapuetas:</b> Apesar de propor animais treinados, avaliações periódicas e protocolos em casos de acidentes, não há menção direta de preocupação com os animais.
<b>Notas adicionais:</b>

**APÊNDICE 40**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE A**

<b>IDENTIFICAÇÃO</b>	
<b>Título:</b> Innovative Therapeutic Intervention for Children: Animal-assisted therapy in South Australia	
<b>Autor:</b> Mel Jones (Melaine Jones)	
<b>Ano:</b> 2018	<b>País:</b> Austrália
<b>Afiliação Institucional:</b> Organização: Together 4 Kids.	
<b>Tipo de pesquisa</b> <input type="checkbox"/> Ensaio teórico <input type="checkbox"/> Revisão bibliográfico <input checked="" type="checkbox"/> Relato de experiência <input type="checkbox"/> Estudos empíricos <input type="checkbox"/> Estudos metodológicos <input type="checkbox"/> Outro: _____	
<b>Contextos</b> <input type="checkbox"/> Hospitalar <input type="checkbox"/> Clínica <input type="checkbox"/> Clínica infantil <input type="checkbox"/> Jurídica <input checked="" type="checkbox"/> Institucional <input type="checkbox"/> Social e comunitária <input type="checkbox"/> Organizacional e do trabalho <input type="checkbox"/> Não se aplica, Justificativa: ____ <input checked="" type="checkbox"/> Outro: .__ Escolar. _____	
<b>Objetivo:</b> Apresentar os efeitos terapêuticos da presença de Animais no acolhimento de crianças que experienciaram violência doméstica.	
<b>Palavras-chave:</b> Não há.	
<b>Tipo de intervenção:</b> (X) TAA ( ) AAA ( ) EAA	
<b>Animal coterapeuta:</b> Cão	
<b>Referencial teórico/epistemológico claramente evidenciado?</b> <input checked="" type="checkbox"/> Não ( ) Sim, qual? _____	

**APÊNDICE 40**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE B**

<b>ASPECTOS OPERACIONAIS E FORMAIS QUE ANUNCIAM UMA PREOCUPAÇÃO ÉTICA E DE CUIDADO</b>
<b>Menção aos riscos envolvidos nas IAAs e outras limitações:</b> Não.
<b>Menção a comitê de ética e pesquisa:</b> Não.
<b>Menção aos critérios de seleção do animal coterapeuta:</b> Sim, treinado e certificado, “capaz de ficar calmo e confortável, e apropriado em todos tipos de ambientes” (p. 54, tradução nossa).
<b>Menção ao preparo higiênico e protocolos de intervenção:</b> Sem menção ao preparo higiênico, mas delimita os modos de interação e contato entre as crianças e os cachorros, em interação direta, como acariciar; ou em exercícios de conversação hipotéticos. A equipe da Relationships Australia South Australia e a Together 4 Kids possuem uma política de procedimentos seguros para que toda organização seja capaz de dispor de um cão de terapia certificado.
<b>Menção à legislação de bem-estar animal:</b> Não.
<b>Menção à organizações nacionais ou internacionais que regulamentem a prática:</b> Apesar da menção a importância da certificação e treinamento. Não.
<b>Menção à equipe multidisciplinar?</b> ( X ) Sim, que outros profissionais : <u>Tutores, “praticantes” e voluntários.</u>
( ) Não

**APÊNDICE 40**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE C**

<b>EVIDÊNCIAS E ASPECTOS DOS FENÔMENOS DO CUIDADO E A ÉTICA</b>
<p><b>Sobre a evidência de preocupação e cuidado com os seres humanos:</b> Sim, no processo de promoção de saúde das crianças, mas também em “Isso é para garantir que certas salvaguardas estão em vigor para proteger a segurança do animal, bem como dos clientes. Consentimento escrito e informado dos pais e clientes são necessários, bem como gerenciamento de riscos processos para garantir a adequação de incorporando terapia assistida por animais em planos de cuidados terapêuticos” (p. 54, tradução nossa).</p>
<p><b>Sobre a evidência de preocupação e cuidado com os animais coterapeutas:</b> O único momento em que é abordada alguma preocupação com os animais é no seguinte parágrafo: Isso é para garantir que certas salvaguardas estão em vigor para proteger a segurança do animal, bem como dos clientes. Consentimento escrito e informado dos pais e clientes são necessários, bem como gerenciamento de riscos processos para garantir a adequação de incorporando terapia assistida por animais em planos de cuidados terapêuticos” (p. 54, tradução nossa).</p>
<p><b>Notas adicionais:</b> O artigo mais parece um anúncio promocional do trabalho interventivo realizado, não tem objetivos claros.</p>
<p><b>É curiosa a descrição de que a mera presença do animal, apesar da interação ou não, possui seus efeitos.</b> Apresenta a dimensão da alteridade, em frente a da vinculação afetiva, como vimos e Nise da Silveira, e da interação, como os estudos mais naturalistas apresentam.</p>



**APÊNDICE 43**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE A**

<b>IDENTIFICAÇÃO</b>	
<b>Título:</b> Incorporando terapia assistida por animais em tratamentos de saúde mental para adolescentes: uma revisão sistemática da psicoterapia assistida por cães	
<b>Autor:</b> Melaine G. Jones; Simon M. Rice; Susan M. Cotton.	
<b>Ano:</b> 2019	<b>País:</b> Austrália
<b>Afiliação Institucional:</b> Orygen The National Centre of Excellence in Youth Mental Health, Parkville, Victoria, Australia; The University of Melbourne, Parkville, Victoria, Australia; Lead The Way Institute, Boronia, Victoria, Australia; Norwegian University of Science and Technology, NORWAY	
<b>Tipo de pesquisa</b> <input type="checkbox"/> Ensaio teórico <input checked="" type="checkbox"/> Revisão bibliográfico <input type="checkbox"/> Relato de experiência <input type="checkbox"/> Estudos empíricos <input type="checkbox"/> Estudos metodológicos <input type="checkbox"/> Outro: _____	
<b>Contextos</b> <input type="checkbox"/> Hospitalar <input checked="" type="checkbox"/> Clínica <input type="checkbox"/> Clínica infantil <input type="checkbox"/> Jurídica <input type="checkbox"/> Institucional <input type="checkbox"/> Social e comunitária <input type="checkbox"/> Organizacional e do trabalho <input type="checkbox"/> Não se aplica, Justificativa: ____ <input type="checkbox"/> Outro: _____	
<b>Objetivo:</b> “Os objetivos deste estudo foram identificar as características das intervenções da PAC, seus impactos e sua aceitabilidade, tolerabilidade e viabilidade para adolescentes com transtornos de saúde mental” (p.1).	
<b>Palavras-chave:</b> Não há.	
<b>Tipo de intervenção:</b> <input checked="" type="checkbox"/> TAA <input type="checkbox"/> AAA <input type="checkbox"/> EAA	
<b>Animal coterapeuta:</b> Foca nos Cães, primordialmente. Mas menciona gatos, equinos, animais de fazenda e aves.	
<b>Referencial teórico/epistemológico claramente evidenciado?</b> <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim, qual? _____	

**APÊNDICE 43**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE B**

<b>ASPECTOS OPERACIONAIS E FORMAIS QUE ANUNCIAM UMA PREOCUPAÇÃO ÉTICA E DE CUIDADO</b>
<p><b>Menção aos riscos envolvidos nas IAAs e outras limitações:</b> “A tolerabilidade é frequentemente usada no contexto do gerenciamento de riscos à saúde (por exemplo, quão bem é tolerado um medicamento) e refere-se amplamente a consequências adversas ou não intencionais decorrentes da intervenção, versus resultados pretendidos. Embora consequências adversas ou não intencionais tenham sido descritas em alguns estudos da AAI, há uma falta geral de informações sobre tolerabilidade. Trabalhar com animais também levanta questões de viabilidade. Em um contexto clínico, viabilidade refere-se à extensão em que uma atividade é ‘ fisicamente , culturalmente ou financeiramente prática ou possível dentro de um determinado contexto’ Existem também requisitos logísticos, financeiros e de treinamento adicionais para seres humanos e animais na AAI, o que exige uma maior divulgação de restrições, como limitações externas na pesquisa da AAI” (p. 5).</p> <p>Também menciona a dificuldade de acesso a animais e adestradores devidamente treinados, com facilitadores em treinamento e supervisão. A avaliação das questões caninas e sobre a responsabilidades também devem ser abordadas.</p>
<p><b>Menção a comitê de ética e pesquisa:</b> Não.</p>
<p><b>Menção aos critérios de seleção do animal coterapeuta:</b> Sim, inclusive estabelece uma crítica sobre a falta de padronização na seleção dos animais, e aponta para uma seleção pautada no temperamento do animal. Aborda também artigos que versam sobre animais treinados.</p>
<p><b>Menção ao preparo higiênico e protocolos de intervenção:</b> Sim, inclusive criticando a forma leviana como muitos estudos abordam os protocolos de intervenção.</p>
<p><b>Menção à legislação de bem-estar animal:</b> Não.</p>
<p><b>Menção à organizações nacionais ou internacionais que regulamentem a prática:</b> Menciona Pet Partners</p>
<p><b>Menção à equipe multidisciplinar?</b>  <input type="checkbox"/> Sim, que outros profissionais : <u> voluntários, Assistentes sociais, funcionários de hospitais psiquiátricos.</u>  <input type="checkbox"/> Não</p>

**APÊNDICE 43**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE C**

**EVIDÊNCIAS E ASPECTOS DOS FENÔMENOS DO CUIDADO E A  
ÉTICA**

**Sobre a evidência de preocupação e cuidado com os seres humanos:** Inúmeras evidências da promoção de saúde em seres humanos por meio das IAAs.

**Sobre a evidência de preocupação e cuidado com os animais coterapietas:** Sem evidências de preocupações diretas com os animais. Apesar de levantar a questão acerca da responsabilidade sobre tais e sobre os acontecimentos eventuais durante a intervenção.

**Notas adicionais:**

“Enquanto todas as revisões mencionadas examinaram todas as variáveis psicológicas e / ou psicossociais, apenas uma se concentrou especificamente na AAT, explorando o impacto da AAP nos sintomas relacionados ao trauma ao longo da vida [ 14 ]. Na maioria das revisões, os autores falharam em delinear a presença simples de animais, a partir de tratamentos terapêuticos de saúde mental que incorporavam animais. Sem essas distinções claras, é praticamente impossível estabelecer uma base de evidências para os diferentes tipos de AAI's [ 6 , 29 ]. Com exceção de Germain, Wilkie [ 14], os autores compararam interações não estruturadas muito breves, frequentemente facilitadas por um manipulador voluntário, com terapias abrangentes, como aconselhamento em grupo facilitado por um terapeuta e animal treinado, a fim de tirar conclusões sobre a eficácia da AAT no tratamento de determinada saúde mental ( ou outras) condições. Kamioka, Okada [ 10 ] definiu o AAT de maneira tão ampla que comparou breves interações não estruturadas, trabalho estruturado em fazendas, intervenções terapêuticas focadas em objetivos, vivendo com um pássaro de companhia e vivendo com um cão de serviço. Hoagwood, Acri [ 15 ] afirmou que sua definição era AAT, mas a revisão da literatura também incluiu interações não estruturadas e baseadas em voluntários, em vez de terapia " dirigida por prestadores de serviços de saúde e humanos como parte de sua profissão"[ 30 ] e “ no âmbito da prática dos profissionais” [ 5 ]. Especificamente, não havia técnicas ou teorias psicoterapêuticas incorporadas à terapia. Nenhuma dessas análises foi específica da espécie, incluindo uma ampla variedade de animais, como equídeos, caninos, felinos (gatos), animais de fazenda e aves. Consequentemente, não há síntese da literatura e, portanto, não há consenso atual sobre a eficácia ou efetividade da inclusão canina em tratamentos de saúde mental ou psicoterapia.” (p. 3). Não há correta delimitação do que é TAA, EAA ou AAA. Muitas vezes, naquilo que se chama de TAA não há teorias ou técnicas psicoterapêuticas incorporadas.

Três estudos indicaram que as interações canino-participante eram o princípio central da terapia, que ou seja, todo o conteúdo terapêutico foi centrado em atividades relacionadas com caninos [71, 72, 74], enquanto em outros, o canino estava presente apenas por partes da terapia [76]. É importante explorar mais a fundo, já que a integração significativa de caninos no processo terapêutico demonstrou aumentar a eficácia

**APÊNDICE 44**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE A**

<b>IDENTIFICAÇÃO</b>	
<b>Título:</b> Animal-Assisted Interventions in the Classroom— A Systematic Review	
<b>Autor:</b> Victoria L. Brelsford, Kerstin Meints, Nancy R. Gee, and Karen Pfeffer.	
<b>Ano:</b> 2017	<b>País:</b> Reino Unido
<b>Afiliação Institucional:</b> School of Psychology, University of Lincoln, Brayford Pool, Lincoln, Lincolnshire LN6 7TS, UK; Department of Psychology, State University of New York, Fredonia, NY 14063, USA; WALTHAM™ Centre for Pet Nutrition, Waltham-on-the-Wolds, Melton Mowbray, Leicstershire LE14 4RT, UK	
<b>Tipo de pesquisa</b> <input type="checkbox"/> Ensaio teórico <input checked="" type="checkbox"/> Revisão bibliográfico <input type="checkbox"/> Relato de experiência <input type="checkbox"/> Estudos empíricos <input type="checkbox"/> Estudos metodológicos <input type="checkbox"/> Outro: _____	
<b>Contextos</b> <input type="checkbox"/> Hospitalar <input type="checkbox"/> Clínica <input type="checkbox"/> Clínica infantil <input type="checkbox"/> Jurídica <input type="checkbox"/> Institucional <input type="checkbox"/> Social e comunitária <input type="checkbox"/> Organizacional e do trabalho  <input type="checkbox"/> Não se aplica, Justificativa: ____  <input checked="" type="checkbox"/> Outro: .__escolar_____	
<b>Objetivo:</b> O objetivo dessa revisão sistemática é escrutinar as pesquisas empíricas que abordem as IAAs nos ambientes educacionais.	
<b>Palavras-chave:</b> Intervenção Assistida por Animais, cão, sala de aula, crianças, aprendizado.	
<b>Tipo de intervenção:</b> <input type="checkbox"/> TAA <input type="checkbox"/> AAA <input checked="" type="checkbox"/> EAA	
<b>Animal coterapeuta:</b> Foco nos cachorros, mas menciona porquinhos da Índia, cavalos, coelhos e animais de fazenda.	
<b>Referencial teórico/epistemológico claramente evidenciado?</b> <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim, qual? _____	

**APÊNDICE 44**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE B**

<b>ASPECTOS OPERACIONAIS E FORMAIS QUE ANUNCIAM UMA PREOCUPAÇÃO ÉTICA E DE CUIDADO</b>
<b>Menção aos riscos envolvidos nas IAAs e outras limitações:</b> Sim, cita alergias, cuidados com o bem-estar do animal e a possibilidade de uma má interpretação acerca dos sinais comportamentais emitidos pelo cachorro. Menção a riscos Éticos, de saúde e Legais, e menciona a necessidade de aborda-los ainda no desenho da pesquisa.
<b>Menção a comitê de ética e pesquisa:</b> Não, apesar de versar sobre a importância de termos de consentimentos, por exemplo.
<b>Menção aos critérios de seleção do animal coterapeuta:</b> Sim, a artigo avalia isso. Alguns estudos levantados valeram-se de cães e adestradores certificados e avaliados pelo STEX (Standards of Excellence – Padrões de Excelência), renovados a cada dois anos, requeridos pela organização PAWS. Outros critérios de avaliação dos animais incluíram animais da própria comunidade. E há menção de cães não treinados participando de estudos, mas com protocolos de segurança mais estritos desenhados.
<b>Menção ao preparo higiênico e protocolos de intervenção:</b> Sim, a pesquisa bibliográfica avalia esse aspecto, e há um caso em que as crianças são orientadas a não interagirem com o cachorro quando este ainda não tivesse comido ou dormido, por exemplo. Os autores consideram muito importante a mensuração de marcadores fisiológicos nos animais durante o processo para garantias de segurança e bem-estar dos animais.
<b>Menção à legislação de bem-estar animal:</b> Não.
<b>Menção à organizações nacionais ou internacionais que regulamentem a prática:</b> Organização PAWS; e a WALTHAM, que financiou a pesquisa.
<b>Menção à equipe multidisciplinar?</b> ( X ) Sim, que outros profissionais : <u>Professores, adestradores,</u> <u>enfermeiras</u>  ( ) Não

**APÊNDICE 44**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE C**

<b>EVIDÊNCIAS E ASPECTOS DOS FENÔMENOS DO CUIDADO E A ÉTICA</b>
<p><b>Sobre a evidência de preocupação e cuidado com os seres humanos:</b> Há, tanto nos processos de promoção de saúde, quanto nos processos de educação e de psicoeducação. Também evidencia-se o desenvolvimento de habilidades intermediadas pelo contato com os animais.</p>
<p><b>Sobre a evidência de preocupação e cuidado com os animais coterapuetas:</b>  Evidencia-se de maneira clara pela discussão efetuada sobre como os artigos analisados abordavam esse tema (ética e bem-estar). Apesar de uma preponderância de uma visão biológica sobre o bem-estar, e a segurança do processo ser majoritariamente destinada a proteger as crianças de quaisquer incidentes. O bem-estar animal visa evitar acidentes.</p>
<p><b>Notas adicionais:</b> Aborda um artigo que propõe que, para garantir o bem estar das crianças, trabalhe-se com coelhos, pois estes podem ser facilmente substituídos por outros de mesmo tamanho e cor quando falecem. Não há lugar para o vínculo e nem para trabalhar a temática da finitude.</p> <p>O artigo ainda apresenta a importância do vínculo, apesar de tentar compreendê-lo por meio de teorizações naturalistas.</p>

**APÊNDICE 45**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE A**

<b>IDENTIFICAÇÃO</b>	
<b>Título:</b> Comparing the Effect of Animal-Rearing Education in Japan with Conventional Animal-Assisted Education	
<b>Autor:</b> Yuka Nakajima	
<b>Ano:</b> 2017	<b>País:</b> Japão.
<b>Afiliação Institucional:</b> Departamento de Estudos Sociais Modernos, Universidade de Otemae, Nishinomiya, Hyogo, Japão.	
<b>Tipo de pesquisa</b> <input type="checkbox"/> Ensaio teórico <input checked="" type="checkbox"/> Revisão bibliográfico <input type="checkbox"/> Relato de experiência <input type="checkbox"/> Estudos empíricos <input type="checkbox"/> Estudos metodológicos <input type="checkbox"/> Outro: _____	
<b>Contextos</b> <input type="checkbox"/> Hospitalar <input type="checkbox"/> Clínica <input type="checkbox"/> Clínica infantil <input type="checkbox"/> Jurídica <input type="checkbox"/> Institucional <input type="checkbox"/> Social e comunitária <input type="checkbox"/> Organizacional e do trabalho  <input type="checkbox"/> Não se aplica, Justificativa: ____  <input checked="" type="checkbox"/> Outro: <u>Educacional e Escolar.</u>	
<b>Objetivo:</b> O estudo objetiva identificar métodos efetivos para usar animais na educação, focando os benefícios do modo japonês de educar cuidando do animal.	
<b>Palavras-chave:</b> Educação cuidando de animais; animais de escola, educação assistidas por animais, sistema educacional japonês, desenvolvimento intelectual e emocional.	
<b>Tipo de intervenção:</b> <input type="checkbox"/> TAA <input type="checkbox"/> AAA <input checked="" type="checkbox"/> EAA	
<b>Animal coterapeuta:</b> São citados coelhos, galinhas, passaros pequenos, patos, hamsters, porquinhos da Índia, peixinhos dourados, lagostas e cachorros.	
<b>Referencial teórico/epistemológico claramente evidenciado?</b> <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim, qual? _____	

**APÊNDICE 45**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE B**

<b>ASPECTOS OPERACIONAIS E FORMAIS QUE ANUNCIAM UMA PREOCUPAÇÃO ÉTICA E DE CUIDADO</b>
<b>Menção aos riscos envolvidos nas IAAs e outras limitações:</b> Sim, nem todos os alunos se relacionam de modo profundo a estabelecer relações de cuidado com os animais, alguns interagem pouco com eles; há a possibilidade do animal morrer, e quando isso ocorre, no Japão, os alunos são incentivados a participar do enterro; é particularmente difícil definir quanto a presença dos animais influencia no aprendizado. As crianças quando levam os animais para casa devem usar máscaras e luvas para evitar doenças (especialmente de gripes aviárias) e devem mantê-los nos ambientes próprios para protegê-los do frio e calor.
<b>Menção a comitê de ética e pesquisa:</b> Não.
<b>Menção aos critérios de seleção do animal coterapeuta:</b> Cita os motivos das escolhas de certos animais, como a natureza gentil dos coelhos e galinhas, ou a natureza imprevisível dos cachorros. O enfoque principal é dado à natureza do animal. Porém também cita cães que foram treinados.
<b>Menção ao preparo higiênico e protocolos de intervenção:</b> Sim, inclusive existem protocolos nacionais para se manter animais nas escolas no Japão. Exemplo, as crianças quando levam os animais para casa devem usar máscaras e luvas para evitar doenças (especialmente de gripes aviárias) e devem mantê-los nos ambientes próprios para protegê-los do frio e calor.
<b>Menção à legislação de bem-estar animal:</b> Não.
<b>Menção à organizações nacionais ou internacionais que regulamentem a prática:</b> Sim, IAHAIO
<b>Menção à equipe multidisciplinar?</b> ( X ) Sim, que outros profissionais <u>Veterinários e professores. Cita brevemente os adestradores (handlers)</u>  ( ) Não



**APÊNDICE 45**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE C**

<b>EVIDÊNCIAS E ASPECTOS DOS FENÔMENOS DO CUIDADO E A ÉTICA</b>
<p><b>Sobre a evidência de preocupação e cuidado com os seres humanos:</b> Sim, tanto no desenvolvimento motor e cognitivo, mas também no desenvolvimento de habilidades sociais e aspectos mais cívicos. O desenvolvimento de empatia e valores, como respeito pela vida. De um modo em geral, este artigo apresenta, além dos cuidados com saúde e desenvolvimento de habilidades cognitivas e motoras, o desenvolvimento de empatia, curiosidade científica, respeito e valores que propiciam uma existência pacífica em sociedade.</p>
<p><b>Sobre a evidência de preocupação e cuidado com os animais coterapuetas:</b> Há preocupação na medida em que as crianças são ensinadas e incentivadas a cuidarem deles. O animal é compreendido e respeitado em sua natureza.</p>
<p><b>Notas adicionais:</b> A proximidade anatômica entres os corpos incentiva a compreensão empática, segundo o autor, e também o próprio conhecimento do corpo humano. Os corpos mais divergentes, como dos insetos, estimula a curiosidade científica.</p>

**APÊNDICE 46**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE A**

<b>IDENTIFICAÇÃO</b>	
<b>Título:</b> Green Care: A Review of the Benefits and Potential of Animal-Assisted Care Farming Globally and in Rural America	
<b>Autor:</b> Brianna Artz e Doris Bitler Davis	
<b>Ano:</b> 2017	<b>País:</b> EUA
<b>Afiliação Institucional:</b> Departamento de Psicologia, Universidade George Mason.	
<b>Tipo de pesquisa</b> <input type="checkbox"/> Ensaio teórico <input checked="" type="checkbox"/> Revisão bibliográfica <input type="checkbox"/> Relato de experiência <input type="checkbox"/> Estudos empíricos <input type="checkbox"/> Estudos metodológicos <input type="checkbox"/> Outro: _____	
<b>Contextos</b> <input type="checkbox"/> Hospitalar <input checked="" type="checkbox"/> Clínica <input checked="" type="checkbox"/> Clínica infantil <input type="checkbox"/> Jurídica <input type="checkbox"/> Institucional <input checked="" type="checkbox"/> Social e comunitária <input type="checkbox"/> Organizacional e do trabalho  <input type="checkbox"/> Não se aplica, Justificativa: ____  <input type="checkbox"/> Outro: _____	
<b>Objetivo:</b> Propor modos, baseados nas comunidades, pelos quais os métodos de cuidado verde possam ser utilizados sem recorrer aos seguros de saúde.	
<b>Palavras-chave:</b> Cuidado verde, cuidado na fazenda, horticultura terapêutica, comunidades terapêuticas, cuidados em comunidade, Estados Unidos da América rurais.	
<b>Tipo de intervenção:</b> <input checked="" type="checkbox"/> TAA <input checked="" type="checkbox"/> AAA <input checked="" type="checkbox"/> EAA	
<b>Animal coterapeuta:</b> Animais de fazenda (cavalos, vacas, bodes, lhamas, porcos, burros e galinhas).	
<b>Referencial teórico/epistemológico claramente evidenciado?</b> <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim, qual? _____	

**APÊNDICE 46**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE C**

<b>EVIDÊNCIAS E ASPECTOS DOS FENÔMENOS DO CUIDADO E A ÉTICA</b>
<p><b>Sobre a evidência de preocupação e cuidado com os seres humanos:</b> O cuidado com seres humanos é evidente pela perspectiva de benefícios alcançados por meio das Intervenções em diversas populações humanas distintas.</p>
<p><b>Sobre a evidência de preocupação e cuidado com os animais coterapueta:</b> Apesar de ver o animal enquanto coterapueta, e capaz de ajudar os seres humanos a desenvolver empatia por meio de relações de cuidado, sem menções diretas ao bem estar animal.</p> <p>Contudo, friso que o estudo destaca na literatura revisada que os pacientes com interesse no bem-estar dos animais possuem certos ganhos específicos e as intervenções são mais eficazes.</p>
<p><b>Notas adicionais:</b></p> <p>Apesar de não possuir referencial epistemológico claro, os autores privilegiam os aspectos quantitativos dos estudos que levantaram, assim como destacam muito os aspectos comportamentais das intervenções.</p> <p>Destaco também a compreensão do animal não-humano como pertencente a uma natureza, e que o cuidado aqui proposto foca, mas não se limita ao cuidado com esses animais.</p>

**APÊNDICE 47**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE A**

<b>IDENTIFICAÇÃO</b>	
<b>Título:</b> Animal-assisted therapy at a University Centre for Palliative Medicine – a qualitative content analysis of patient records	
<b>Autor:</b> Andrea Schmitz, Melanie Beermann, Colin R. MacKenzie, Katharina Fetz and Christian Schulz-Quach	
<b>Ano:</b> 2017	<b>País:</b> Alemanha
<b>Afiliação Institucional:</b> 1 Centro Interdisciplinar de Medicina Paliativa, Hospital Universitário Heinrich de Dusseldorf, Dusseldorf, Alemanha; LVR Clinica of Psiquiatria, Psicossomática e Psicoterapia para crianças e adolescentes, Viersen, Alemanha.	
<b>Tipo de pesquisa</b> <input type="checkbox"/> Ensaio teórico <input type="checkbox"/> Revisão bibliográfico <input type="checkbox"/> Relato de experiência <input checked="" type="checkbox"/> Estudos empíricos <input type="checkbox"/> Estudos metodológicos <input type="checkbox"/> Outro: _____	
<b>Contextos</b> <input checked="" type="checkbox"/> Hospitalar <input type="checkbox"/> Clínica <input type="checkbox"/> Clínica infantil <input type="checkbox"/> Jurídica <input type="checkbox"/> Institucional <input type="checkbox"/> Social e comunitária <input type="checkbox"/> Organizacional e do trabalho <input type="checkbox"/> Não se aplica, Justificativa: ____ <input type="checkbox"/> Outro: _____	
<b>Objetivo:</b> Descrever o primeiro ano de prática e a experiência das TAA após sua implementação como parte integral das opções de terapias auxiliares oferecidas em um centro acadêmico de cuidados paliativos.	
<b>Palavras-chave:</b> Cuidado paliativo, TAA, cães.	
<b>Tipo de intervenção:</b> <input checked="" type="checkbox"/> TAA <input type="checkbox"/> AAA <input type="checkbox"/> EAA	
<b>Animal coterapeuta:</b> Cães.	
<b>Referencial teórico/epistemológico claramente evidenciado?</b> <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/> Sim, qual? <u>Apesar de se tratar de um estudo qualitativo, dá muita ênfase aos dados quantitativos, foco no aspecto biológico e aborda técnicas (ativação comportamental) típicas do behaviorismo.</u>	

**APÊNDICE 47**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE B**

<b>ASPECTOS OPERACIONAIS E FORMAIS QUE ANUNCIAM UMA PREOCUPAÇÃO ÉTICA E DE CUIDADO</b>
<b>Menção aos riscos envolvidos nas IAAs e outras limitações:</b> Sim, alergias e aversão a cães por parte dos pacientes. Pacientes também apresentaram dor, cansaço, perda de concentração e ansiedade ao encerrar o vínculo com o cão.
<b>Menção à comitê de ética e pesquisa:</b> Sim, comitê de ética da Faculdade de Medicina da Universidade Heinrich Heine.
<b>Menção aos critérios de seleção do animal coterapeuta:</b> Não, fez mais menção a certificação e treinamento dos profissionais e das equipes.
<b>Menção ao preparo higiênico e protocolos de intervenção:</b> Diretrizes fornecidas pelas ESAAT,
<b>Menção à legislação de bem-estar animal:</b> Não.
<b>Menção à organizações nacionais ou internacionais que regulamentem a prática:</b> Sim, IAHAIO, European Society for Animal Assisted Therapy (ESAAT), International Society for Animal Assisted Therapy (ISAAT).
<b>Menção à equipe multidisciplinar?</b> <input checked="" type="checkbox"/> Sim, que outros profissionais : <u>médico, psiconologista ou psicoterapeuta,</u> <u>adestrador.</u> <input type="checkbox"/> Não

**APÊNDICE 47**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE C**

<b>EVIDÊNCIAS E ASPECTOS DOS FENÔMENOS DO CUIDADO E A ÉTICA</b>
<b>Sobre a evidência de preocupação e cuidado com os seres humanos:</b> A preocupação com o cuidado humano se evidencia de modo diferenciado, na medida em que aborda o cuidado na esfera da palição. O preparar para o melhor morrer possível, e para aproveitamento dos últimos momentos de vida com qualidade.
<b>Sobre a evidência de preocupação e cuidado com os animais coterapietas:</b> O seguimento das diretrizes da ESAAT e da ISAAT como garantia de bem-estar dos animais envolvidos, com base em critérios qualitativos. Especialmente para detectar sinais de desconforto e cansaço.
<b>Notas adicionais:</b>

**APÊNDICE 48**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE A**

<b>IDENTIFICAÇÃO</b>	
<b>Título:</b> A One Health Research Framework for Animal-Assisted Interventions	
<b>Autor:</b> Karin Hediger, Andrea Meisser and Jakob Zinsstag	
<b>Ano:</b> 2019	<b>País:</b> Suíça
<b>Afiliação Institucional:</b> Departamento de Epidemiologia e Saúde Pública, Instituto Suíço de Saúde Pública e Tropical; Departamento de Psicologia da Universidade de Basel, Suíça; Instituto para Pesquisa Interdisciplinar das Relações Homem-Animal.	
<b>Tipo de pesquisa</b> <input checked="" type="checkbox"/> Ensaio teórico <input type="checkbox"/> Revisão bibliográfico <input type="checkbox"/> Relato de experiência <input type="checkbox"/> Estudos empíricos <input type="checkbox"/> Estudos metodológicos <input type="checkbox"/> Outro: _____	
<b>Contextos</b> <input checked="" type="checkbox"/> Hospitalar <input checked="" type="checkbox"/> Clínica <input type="checkbox"/> Clínica infantil <input type="checkbox"/> Jurídica <input type="checkbox"/> Institucional <input type="checkbox"/> Social e comunitária <input type="checkbox"/> Organizacional e do trabalho  <input type="checkbox"/> Não se aplica, Justificativa: ____  <input checked="" type="checkbox"/> Outro: <u>Psicologia da saúde</u>	
<b>Objetivo:</b> Propor considerações sobre a avaliação integrada da saúde humana e animal, assim como o uso de tal integração nas pesquisas. Baseados nas pesquisas já existentes, argumentamos por um aprofundamento da compreensão sobre os mecanismos das Intervenções Assistidas por Animais, paralelamente aos desígnios de pesquisas requeridos.	
<b>Palavras-chave:</b> IAAs, TAAs, bem-estar animal, relação homem-animal, unidade em saúde.	
<b>Tipo de intervenção:</b> <input checked="" type="checkbox"/> TAA <input checked="" type="checkbox"/> AAA <input checked="" type="checkbox"/> EAA	
<b>Animal coterapeuta:</b> Porquinhos da Índia, cavalos e cães.	
<b>Referencial teórico/epistemológico claramente evidenciado?</b> <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim, qual? _____	

**APÊNDICE 48**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE B**

<b>ASPECTOS OPERACIONAIS E FORMAIS QUE ANUNCIAM UMA PREOCUPAÇÃO ÉTICA E DE CUIDADO</b>
<b>Menção aos riscos envolvidos nas IAAs e outras limitações:</b> Sim, aumenta o nível de estresse para o profissional que lida com o Animal coterapeuta, e para o próprio animal. Ademais, há uma escassez metodológica para avaliar os impactos das IAAs na díade homem-animal.
<b>Menção à comitê de ética e pesquisa:</b> Não.
<b>Menção aos critérios de seleção do animal coterapeuta:</b> Respeito às características individuais de cada animal, e da espécie.
<b>Menção ao preparo higiênico e protocolos de intervenção:</b> Sim, especialmente fazendo referências às diretrizes de organizações específicas, e focando no bem-estar animal.
<b>Menção à legislação de bem-estar animal:</b> Sim, menciona a regulação legislativa italiana.
<b>Menção à organizações nacionais ou internacionais que regulamentem a prática:</b> Sim, À IAHAIO, Sociedade Internacional de terapia assistida por animais e a associação veterinária de proteção animal alemã.
<b>Menção à equipe multidisciplinar?</b> ( X ) Sim, que outros profissionais : <u>adestradores, _____</u>  ( ) Não



**APÊNDICE 48**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE C**

<b>EVIDÊNCIAS E ASPECTOS DOS FENÔMENOS DO CUIDADO E A ÉTICA</b>
<p><b>Sobre a evidência de preocupação e cuidado com os seres humanos:</b> Sim, está presente evidente pelo próprio objetivo das IAAs, mas também por considerá-la como interligada à saúde dos demais animais.</p>
<p><b>Sobre a evidência de preocupação e cuidado com os animais coterapuetas:</b> Sim, de modo muito evidente, especialmente diante da proposta da One Health, que compreende a saúde humana como interligada a dos demais animais. Há preocupação evidente no texto em buscar quais os benefícios das IAAs para os animais coterapuetas, e traz-se a noção da ocitocina também liberada nos seus respectivos sistemas nervosos; mas também pensa-se sobre os riscos de exaustão e estresse, e de como há a necessidade de mais estudos dirigidos a isso.</p>
<p><b>Notas adicionais:</b> Artigo mais condizente com a proposta da pesquisa, apresenta a concepção de One Health, sobre a qual versa a OMS.</p>

**APÊNDICE 50**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE A**

<b>IDENTIFICAÇÃO</b>	
<b>Título:</b> The Human–Animal Relationship as the Focus of Animal-Assisted Interventions: A One Health Approach	
<b>Autor:</b> Lucia Francesca Menna, Antonio Santaniello, Margherita Todisco , Alessia Amato, Luca Borrelli, Cristiano Scandurra e Alessandro Fioretti	
<b>Ano:</b> 2019	<b>País:</b> Itália
<b>Afiliação Institucional:</b> Universidade de Nápoles Federico II	
<b>Tipo de pesquisa</b> <input checked="" type="checkbox"/> Ensaio teórico <input type="checkbox"/> Revisão bibliográfico <input type="checkbox"/> Relato de experiência <input type="checkbox"/> Estudos empíricos <input type="checkbox"/> Estudos metodológicos <input type="checkbox"/> Outro: _____	
<b>Contextos</b> <input type="checkbox"/> Hospitalar <input type="checkbox"/> Clínica <input type="checkbox"/> Clínica infantil <input type="checkbox"/> Jurídica <input type="checkbox"/> Institucional <input type="checkbox"/> Social e comunitária <input type="checkbox"/> Organizacional e do trabalho  <input checked="" type="checkbox"/> Não se aplica, Justificativa: <u>Aborda as IAAs de modo geral, sem restringir a nenhum contexto.</u>  <input type="checkbox"/> Outro: _____	
<b>Objetivo:</b> Este artigo objetiva contribuir para o estudo das relações interespecíficas nas IAAs por meio de considerações teóricas.	
<b>Palavras-chave:</b> IAA, uma saúde, relação interespecífica, apego interespecífico, riscos de zoonoses, segurança na administração do cuidado.	
<b>Tipo de intervenção:</b> (X) TAA (X) AAA (X) EAA	
<b>Animal coterapeuta:</b> Sugere cães e cavalos, embora os autores acreditem que a IAA funcionaria também com animais não convencionais como furões e coelhos.	
<b>Referencial teórico/epistemológico claramente evidenciado?</b> <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim, qual? _____	

**APÊNDICE 50**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE B**

<b>ASPECTOS OPERACIONAIS E FORMAIS QUE ANUNCIAM UMA PREOCUPAÇÃO ÉTICA E DE CUIDADO</b>
<b>Menção aos riscos envolvidos nas IAAs e outras limitações:</b> Sim, desde limitações à escolha do animal, de modo que os autores defendem que alguns sejam mais indicado do que outros; até a o risco de zoonose, que não apenas inclui infecções transmitidas, mas qualquer dano causado entre o ser humano e o animal não-humano (vice e versa).
<b>Menção a comitê de ética e pesquisa:</b> O estudo não necessitou.
<b>Menção aos critérios de seleção do animal coterapeuta:</b> Sim, com o foco na espécie do animal, indicando animais com uma história evolutiva próxima aos humanos. Mas, também frisa individualidades de cada animal, vínculo com os profissionais e com o beneficiário do serviço e treinamento dispensado ao animal.
<b>Menção ao preparo higiênico e protocolos de intervenção:</b> Sim, especialmente, destaca-se a orientação de uma análise de riscos antes da intervenção, já que o tutor, o animal e o beneficiário estão todos em risco. E Também a recomendação de profissionais experientes para intervir em tempo real.
<b>Menção à legislação de bem-estar animal:</b> Sim, a legislação segue orientações e preceitos da Society Healthcare Epidemiology of America (SHEA)
<b>Menção à organizações nacionais ou internacionais que regulamentem a prática:</b> Sim, IAHAIO e Pet Partners
<b>Menção à equipe multidisciplinar?</b> ( X ) Sim, que outros profissionais : <u>Adestradores, veterinários</u>  ( ) Não

**APÊNDICE 50**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE C**

<b>EVIDÊNCIAS E ASPECTOS DOS FENÔMENOS DO CUIDADO E A ÉTICA</b>
<b>Sobre a evidência de preocupação e cuidado com os seres humanos:</b> Cuidados com zoonoses, promoção de saúde, incremento na qualidade de vida, treinamento e preparo da equipe e dos animais para prestação desse serviço, escolha dos animais baseado na etologia.
<b>Sobre a evidência de preocupação e cuidado com os animais coterapuetas:</b> Recomenda que o humano seja uma base segura para o animal; entende que o animal também está em risco; visa a relação como díade, na qual o animal também deve vincular-se aos profissionais e pacientes; respeita peculiaridades dos animais no processo.
<b>Notas adicionais:</b>

**APÊNDICE 51**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE A**

<b>IDENTIFICAÇÃO</b>	
<b>Título:</b> The State of Animal-Assisted Interventions: Addressing the Contemporary Issues that will Shape the Future	
<b>Autor:</b> Aubrey H. Fine, Alan M. Beck, Zenithson Ng	
<b>Ano:</b> 2019	<b>País:</b> EUA
<b>Afiliação Institucional:</b> Universidade Politécnica do Estado da Califórnia – Departamento de Educação, EUA; Centro de vínculo homem-animal, faculdade de medicina veterinária da Universidade de Purdue, EUA; Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade do Tennessee, EUA.	
<b>Tipo de pesquisa</b> <input checked="" type="checkbox"/> Ensaio teórico <input type="checkbox"/> Revisão bibliográfico <input type="checkbox"/> Relato de experiência <input type="checkbox"/> Estudos empíricos <input type="checkbox"/> Estudos metodológicos <input type="checkbox"/> Outro: _____	
<b>Contextos</b> <input type="checkbox"/> Hospitalar <input type="checkbox"/> Clínica <input type="checkbox"/> Clínica infantil <input type="checkbox"/> Jurídica <input type="checkbox"/> Institucional <input type="checkbox"/> Social e comunitária <input type="checkbox"/> Organizacional e do trabalho <input checked="" type="checkbox"/> Não se aplica, Justificativa: <u>Aborda as IAA's sem nenhum contexto específico.</u> <input type="checkbox"/> Outro: _____	
<b>Objetivo:</b> Este artigo fornecerá uma visão geral da história da AAI e dos principais marcos pelos quais o campo passou. O estado atual da pesquisa de AAI será examinado e as áreas que justificam um estudo mais aprofundado serão recomendadas. Atenção especial será dada ao estado atual do bem-estar animal na AAI, a pesquisa que tem sido feita na área e a prática diretrizes que salvaguardam o bem-estar animal. Este artigo irá então discutir como com base em evidências diretrizes de pesquisa e bem-estar animal informam o desenvolvimento de profissionais abrangentes padrões e influenciar mudanças nas políticas públicas relacionadas à AAI. As percepções dos autores sobre o trajetória futura do campo será apresentada, que incluirá soluções para mover o campo no direção que melhor avança o vínculo humano-animal na pesquisa, prática e percepção pública (p.1, tradução nossa).	
<b>Palavras-chave:</b> IAA's; bem-estar animal; profissionalização, políticas públicas e interação homem-animal.	
<b>Tipo de intervenção:</b> <input checked="" type="checkbox"/> TAA <input checked="" type="checkbox"/> AAA <input checked="" type="checkbox"/> EAA	
<b>Animal coterapeuta:</b> Cães, cavalos, animais de fazenda em geral, repteis, porquinhos da Índia, pássaros e, menos comumente, gatos.	
<b>Referencial teórico/epistemológico claramente evidenciado?</b> <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim, qual? _____	

**APÊNDICE 51**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE B**

<b>ASPECTOS OPERACIONAIS E FORMAIS QUE ANUNCIAM UMA PREOCUPAÇÃO ÉTICA E DE CUIDADO</b>
<p><b>Menção aos riscos envolvidos nas IAAs e outras limitações:</b> Sim, especialmente riscos aos animais que podem contrair zoonoses dos humanos e estão sujeitos ao estresse e tensões do trabalho. Também há risco dos animais serem colonizados com bactérias resistentes, no âmbito hospitalar, e contaminarem outros pacientes, mesmo que os animais não adoeçam. O animal também pode demonstrar agressividade. Também aponta os riscos de tutores inadequados e erros nos cuidados com os animais.</p>
<p><b>Menção a comitê de ética e pesquisa:</b> Sim, afirma que todo estudo em seres vivos deve passar por comitê de ética, mesmo que esse estudo em si não tenha necessitado por ser um estudo teórico.</p>
<p><b>Menção aos critérios de seleção do animal coterapeuta:</b> Sim, relatando observação comportamental que endosse sua estabilidade e obediência frente às pessoas estranhas e situações novas; os comportamentos do animal devem demonstrar um interesse em interagir com humanos. Apesar de alegar necessitarem de mais estudos que consigam selecionar melhor os animais mais apropriados para as IAAs, o que significa animais que sofrerão menos no processo. Inclusive, compreender quando o animal pedir para ser retirado.</p>
<p><b>Menção ao preparo higiênico e protocolos de intervenção:</b> Sim, especialmente ressalta as diretrizes das IAHAIO</p>
<p><b>Menção à legislação de bem-estar animal:</b> Sim, na medida em que aborda as políticas públicas, apesar de não mencionar legislações específicas.</p>
<p><b>Menção às organizações nacionais ou internacionais que regulamentem a prática:</b> Sim, menciona a IAHAIO, o Institutional Animal Care and Use Committee (IACUC), National Center for Complementary and Alternative Medicine (NCCAM) e <i>Pet Partners</i></p>
<p><b>Menção à equipe multidisciplinar?</b>  <input checked="" type="checkbox"/> ( X ) Sim, que outros profissionais : <u>veterinários, tutores, aborda estudos da medicina e enfermagem.</u>  <input type="checkbox"/> ( ) Não</p>

**APÊNDICE 51**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE C**

<b>EVIDÊNCIAS E ASPECTOS DOS FENÔMENOS DO CUIDADO E A ÉTICA</b>
<p><b>Sobre a evidência de preocupação e cuidado com os seres humanos:</b> “ Porque o propósito das IAAs é usar o animal diretamente para benefício humano” (p. 4, tradução nossa). Seres humanos compreendidos como aqueles diretamente beneficiados e cuidados pelos serviços de IAAs.</p>
<p><b>Sobre a evidência de preocupação e cuidado com os animais coterapuetas:</b>  Os animais entendidos como respeitados, e como possíveis de sofrerem danos durante os processos de cuidados das IAAs. O cuidado ao animal não humano entendido como um campo do saber a ser mais explorado e defendido durante o processo das IAAs.</p>
<p><b>Notas adicionais:</b> Reconhece a importância ética de continuar com os estudos sobre como as IAAs e a interação homem-animal funcionam;</p> <p>“Posto simplesmente, não existe IAA sem animais. Assim, é crítico que nós possamos avaliar a saúde e bem-estar desses seres vivos em todos os aspectos das IAAs. Porque o propósito das IAAs é usar o animal diretamente para benefício humano, logo é de máxima importância que o animal não seja afetado negativamente. Na história da relação homem-animal, animais tem sido utilizados largamente de um ponto de vista utilitário. A questão mudou de ‘o que podemos fazer dos nossos animais’ para ‘o que nós podemos fazer por nossos animais’. Enquanto benefícios para humanos nas IAAs estão se tornando mais claros, <b>os benefícios e consequências para os animais nem sempre são claros ou mensuráveis</b>” (p. 4, tradução nossa, grifo nosso) – Aqui a importância desta pesquisa, e o motivo da fenomenologia.</p> <p>Os efeitos das sessões terapêuticas são percebidas por vários parâmetros fisiológicos (mais comumente o cortisol) e sinais comportamentais e são os aspectos mais frequentemente estudados sobre o bem-estar animal (p. 6, tradução nossa).</p>

**APÊNDICE 52**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE A**

<b>IDENTIFICAÇÃO</b>	
<b>Título:</b> Evaluation of Undergraduate Students' Responsiveness to a 4-Week University-Based Animal-Assisted Stress Prevention Program	
<b>Autor:</b> Patricia Pendry, Stephanie Kuzara and Nancy R. Gee	
<b>Ano:</b> 2019	<b>País:</b> EUA
<b>Afiliação Institucional:</b> Departamento de desenvolvimento humano, faculdade de ciências de recursos agrícolas, humanos e naturais, Universidade do estado de Washington, Pullman, EUA; Centro de interação homem-animal, faculdade de medicina, Universidade Comunitária da Virginia, EUA.	
<b>Tipo de pesquisa</b> <input type="checkbox"/> Ensaio teórico <input type="checkbox"/> Revisão bibliográfico <input type="checkbox"/> Relato de experiência <input checked="" type="checkbox"/> Estudos empíricos <input type="checkbox"/> Estudos metodológicos <input type="checkbox"/> Outro: _____	
<b>Contextos</b> <input type="checkbox"/> Hospitalar <input checked="" type="checkbox"/> Clínica <input type="checkbox"/> Clínica infantil <input type="checkbox"/> Jurídica <input checked="" type="checkbox"/> Institucional <input type="checkbox"/> Social e comunitária <input type="checkbox"/> Organizacional e do trabalho  <input type="checkbox"/> Não se aplica, Justificativa: _____  <input checked="" type="checkbox"/> Outro: <u>Escolar</u> _____	
<b>Objetivo:</b> Avaliar o efeito das IAAs no gerenciamento do estresse em estudantes.	
<b>Palavras-chave:</b> Interação homem-animal; prevenção ao estresse; programa de avaliação.	
<b>Tipo de intervenção:</b> <input type="checkbox"/> TAA <input checked="" type="checkbox"/> AAA <input type="checkbox"/> EAA	
<b>Animal coterapeuta:</b> Cães, embora cite a possibilidade de realizar trabalhos com outros animais, como gatos.	
<b>Referencial teórico/epistemológico claramente evidenciado?</b> <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/> Sim, qual? <u>estatístico, naturalista e cognitivo-comportamental.</u> _____	



**APÊNDICE 52**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE B**

<b>ASPECTOS OPERACIONAIS E FORMAIS QUE ANUNCIAM UMA PREOCUPAÇÃO ÉTICA E DE CUIDADO</b>
<b>Menção aos riscos envolvidos nas IAAs e outras limitações:</b> Não apresentou os riscos inerentes à prática da IAA; embora tenha desvelado uma limitação: a IAA sozinha é menos eficaz do que a IAA associada a treino de prevenção de estresse. Inclusive, o estudo evidenciou que alguns participantes viam os animais como distratores e incômodos às intervenções, embora fossem a minoria.
<b>Menção a comitê de ética e pesquisa:</b> Sim, aprovado pelo comitê de ética e cuidado com os animais institucional da Universidade; pelo Conselho de Revisão para proteção dos sujeitos humanos institucional da Universidade; e pelo o Conselho de revisores Institucionais da Universidade sobre bem-estar e ética animal.
<b>Menção aos critérios de seleção do animal coterapeuta:</b> Sim, animais selecionados foram treinados e já possuíam experiência como cães de terapia. As raças utilizadas foram majoritariamente Labradores e Goldens, embora houvessem também mestiços.
<b>Menção ao preparo higiênico e protocolos de intervenção:</b> Sem menção ao preparo higiênico, mas houve menção aos protocolos de intervenção: quantificáveis e cronometráveis, destacando-se pela preponderância da interação. Havia um estudante pesquisador com diploma em comportamento animal para avaliar sinais de estresse. Os tutores poderiam retirar os animais a qualquer momento que estivessem preocupados com o bem-estar destes animais.
<b>Menção à legislação de bem-estar animal:</b> Não.
<b>Menção à organizações nacionais ou internacionais que regulamentem a prática:</b> Sim, Pet Partners. Ademais, houveram agradecimentos à outras organizações que cederam voluntários e recursos para a pesquisa.
<b>Menção à equipe multidisciplinar?</b> ( X ) Sim, que outros profissionais : <u>estudante pesquisador com diploma em comportamento animal,</u> e tutores voluntários.  ( ) Não

**APÊNDICE 52**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE C**

<b>EVIDÊNCIAS E ASPECTOS DOS FENÔMENOS DO CUIDADO E A ÉTICA</b>
<p><b>Sobre a evidência de preocupação e cuidado com os seres humanos:</b> O desenho da pesquisa é voltado para promoção de saúde e bem-estar em seres humanos. O desenvolvimento das intervenções avaliadas sugerem sempre um benefício ao ser-humano e uma expressa preocupação com sua saúde, o que também justifica e embasa a necessidade da pesquisa.</p>
<p><b>Sobre a evidência de preocupação e cuidado com os animais coterapuetas:</b> Sobre evidência de cuidado com os aniumais coterapuetas temos o submetimento da pesquisa ao comitê de ética e bem-estar animal; a presença de tutores, cuja liberdade para retirar os animais a qualquer momento em que se preocupassem com eles foi assegurada; e o pesquisador com diploma em comportamento animal, também disponível para avaliar sinais de estresse. <b>(percebe-se que o cuidado depende sempre da compreensão de um ser humano sobre como o animal está experenciando aquele momento interventivo).</b></p>
<p><b>Notas adicionais:</b></p>

**APÊNDICE 53**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE A**

<b>IDENTIFICAÇÃO</b>	
<b>Título:</b> Leaving A Mark, An Animal-Assisted Intervention Programme for Children Who Have Been Exposed to Gender-Based Violence: A Pilot Study	
<b>Autor:</b> Alexander Muela; Josune Azpiroz; Noelia Calzada ; Goretti Soroa and Aitor Aritzeta	
<b>Ano:</b> 2019	<b>País:</b> Espanha
<b>Afiliação Institucional:</b> Departamento de personalidade, avaliação e tratamento psicológico, universidade do país basco UPV/EHU, Espanha; Biak Bat Associação; Departamento de processos psicológicos básicos e desenvolvimento, Universidade do País Basco, Espanha.	
<b>Tipo de pesquisa</b> <input type="checkbox"/> Ensaio teórico <input type="checkbox"/> Revisão bibliográfico <input type="checkbox"/> Relato de experiência <input checked="" type="checkbox"/> Estudos empíricos <input type="checkbox"/> Estudos metodológicos <input type="checkbox"/> Outro: _____	
<b>Contextos</b> <input type="checkbox"/> Hospitalar <input type="checkbox"/> Clínica <input checked="" type="checkbox"/> Clínica infantil <input type="checkbox"/> Jurídica <input type="checkbox"/> Institucional <input type="checkbox"/> Social e comunitária <input type="checkbox"/> Organizacional e do trabalho  <input type="checkbox"/> Não se aplica, Justificativa: _____  <input type="checkbox"/> Outro: _____	
<b>Objetivo:</b> O objetivo deste estudo foi o de implementar o programa de IAAs, chamado de <i>deixando uma marca</i> , para crianças que foram expostas à violência de gênero, e examinar os seus efeitos associados aos sintomas clínicos.	
<b>Palavras-chave:</b> Violencia de gênero; violência de parceiro intimo; violência doméstica, IAA, TAA.	
<b>Tipo de intervenção:</b> <input checked="" type="checkbox"/> TAA <input type="checkbox"/> AAA <input type="checkbox"/> EAA	
<b>Animal coterapeuta:</b> cães, mas citou cavalos, gatos, golfinhos e animais de fazenda.	
<b>Referencial teórico/epistemológico claramente evidenciado?</b> <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/> Sim, qual? <u>Estatístico, comportamental e faz menção breve à teoria do apego.</u> _____	

**APÊNDICE 53**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE B**

<b>ASPECTOS OPERACIONAIS E FORMAIS QUE ANUNCIAM UMA PREOCUPAÇÃO ÉTICA E DE CUIDADO</b>
<b>Menção aos riscos envolvidos nas IAAs e outras limitações:</b> Risco de transmissão de zoonoses. Considera que o bem-estar do animal possa ser afetado pela IAA.
<b>Menção a comitê de ética e pesquisa:</b> Sim, foi aprovado pelo comitê de revisão ética da Universidade do País Basco.
<b>Menção aos critérios de seleção do animal coterapeuta:</b> Sim, cães de raça (Labrador e Golden Retriever), treinados como cães de terapia por um especialista por meio de reforço positivo.
<b>Menção ao preparo higiênico e protocolos de intervenção:</b> Sim, inclusive os cães foram expostos a tratamentos veterinários de profilaxia antes do programa começar. A intervenção é estruturada e descrita.
<b>Menção à legislação de bem-estar animal:</b> Não.
<b>Menção à organizações nacionais ou internacionais que regulamentem a prática:</b> Não.
<b>Menção à equipe multidisciplinar?</b> <input checked="" type="checkbox"/> Sim, que outros profissionais : <u>treinadores e veterinários.</u>  <input type="checkbox"/> Não

**APÊNDICE 53**  
**QUADRO DESCRITIVO**  
**PARTE C**

<b>EVIDÊNCIAS E ASPECTOS DOS FENÔMENOS DO CUIDADO E A ÉTICA</b>
<b>Sobre a evidência de preocupação e cuidado com os seres humanos:</b> O estudo visa, principalmente, avaliar os benefícios das IAAs em seres humanos, especificamente diante dos prejuízos causados pela violência de gênero.
<b>Sobre a evidência de preocupação e cuidado com os animais coterapuetas:</b> resume-se a “deve ser notado que todas as medições necessárias foram tomadas para garantir o bem-estar animal” (p. 5, tradução nossa).
<b>Notas adicionais:</b> Foco na interação como explicação causal dos benefícios das IAAs, atribuindo às características inatas dos animais.